

THE
NOVELTY
POST
CARD

GILT EDGE
POST CARD

PUBLISHED BY M. T. SHEAHAN
297 CONGRESS ST. BOSTON.

PLACE STAMP
HERE
UNITED STATES
AND CANADA
ONE CENT
FOREIGN
TWO CENTS

THIS SIDE FOR MESSAGE

THIS SIDE FOR ADDRESS

O ÁLBUM

Toda sexta-feira, um cartão-postal. Toda sexta-feira, um poema.
Toda sexta-feira, por 60 anos.



TIMOTHY LEWIS





Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e um](#)

[Capítulo Vinte e dois](#)

[Capítulo Vinte e três](#)

[Capítulo Vinte e quatro](#)

[Capítulo Vinte e cinco](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota do Autor](#)

O ÁLBUM

TIMOTHY LEWIS

Tradução:
Ana Paula Corradini



Título original: *Forever Friday*

© 2013 by Timothy Lewis

Publicado sob acordo com WaterBrook Press, um selo de
Crown Publishing Group, uma divisão de Random House LLC

© 2015 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção Editorial:

Equipe Novo Conceito

Design da capa: Mark D. Ford

Fotos da capa: © Kevin Cruff/Corbis; Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lewis, Timothy

O Álbum / Timothy Lewis ; tradução Ana Paula Corradini. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: *Forever friday*.

ISBN 978-85-8163-738-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-03231 | CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Save the Children

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: www.fundabrinq.org.br



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Dinah: minha esposa, minha alma gêmea, minha menina para sempre.

A esperança não é um pedido atendido ou um favor realizado; não, é muito maior que isso. É uma dependência simplória e imprevisível de um Deus que adora nos surpreender.

– Max Lucado, *God Came Near*

Prólogo

Verão de 2006
Adam Colby

Alguns grandes romances que valem a pena contar nunca são contados, e os amantes saem de fininho pelas rachaduras da vida, marcadas pelo tempo, sendo substituídos pelo lixo do dia anterior. Como dono de uma pequena empresa que vende pertences de famílias, já fui testemunha de anos da vida amorosa de vários casais. Então, aprendi a peneirar as pilhas de lembranças esquecidas. E aprendi a analisar as coisas pela segunda vez... e talvez acalmar um pouco a minha dor.

Foi assim que eu descobri os cartões-postais.

Caçadores de pechinchas e tesouros empurraram com força a porta da frente, tão pesada, da amada casa de Gabe e Pearl Alexander antes de sair correndo em busca do próximo achado nos classificadores. Compradores de antiguidades, que geralmente são mais atentos, não viram os cartões-postais porque eles estavam camuflados em meio a álbuns de fotos idênticos. Com suas capas castanho-avermelhadas de vinil, esses álbuns não continham fotos de família, como era de esperar, mas centenas de cartões-postais coloridos que revelavam seis décadas de um casamento cheio de paixão gravadas em rimas, ao lado de selos postais cancelados há muito tempo.

Surpreso ao encontrar poemas em cartões-postais em vez de fotos, comecei a lê-los enquanto esperava pelos clientes. Sou um homem de trinta e oito anos que certa vez já se comprometeu “para sempre”, e fiquei intrigado. Qual era o segredo daquele casal? Em um mundo fast-food de relacionamentos abreviados, que poção do amor sobrenatural conseguiu manter Gabe e Pearl apaixonados um pelo outro por mais de meio século?

Continuei lendo no meu horário de almoço e nos momentos de calma durante as vendas à tarde. Eu não sabia se ainda acreditava no amor, principalmente no amor no casamento, mas me peguei ficando mais envolvido a cada minuto. Apesar de os Alexanders terem vivido juntos na mesma casa, Gabe mandou cartões-postais ao longo dos anos para Pearl, começando em 1926. Cada cartão era assinado com “Para sempre, Gabe”, e tinha um poema que ligava um episódio do amor dos dois à imagem na frente.

Acho que Gabe morreu no meio da década de 80, porque foi nessa época que os cartões-postais pararam de chegar.

Um dos primeiros cartões datava de 4 de setembro de 1927. Na frente, uma imagem de duas conchas coloridas. No verso, este poema:

Duas conchinhas, juntas lado a lado,

*Indo e voltando ao sabor do mar abalado.
Duas conchinhas que um homem recolheu.
Duas partes, um belo camafeu.
Duas conchinhas, delicadas e orgulhosas,
Criadas pelo Autor de obras maravilhosas.
E as duas conchinhas são enviadas a você por mim,
Porque eu sei que compreende as maravilhas de Deus
no mar sem fim.*

*Para sempre,
Gabe*

Fiquei curioso: será que ele tinha mandado o cartão para Pearl com as duas conchas de verdade? Nesse caso, o que teria acontecido com as conchas? Tenho certeza de que ela as teria guardado com carinho, mas as únicas conchas entre os pertences do casal eram grandes e tinham obviamente sido compradas. O mar deve ter tido um papel importante no casamento deles, porque havia vários cartões com veleiros e cenas da praia, e com Galveston *tão perto*.

– Que tipo de homem investe tanto tempo assim em um casamento? – perguntei em voz alta, me sentindo um pouco traído por um cara que não tinha conhecido. O amor não é uma competição, mas Gabe teria me deixado comendo poeira lá atrás, assim como teria feito com a maioria dos homens. Homens que amam suas esposas, ou pelo menos diziam amar, apesar de muitas vezes suas ações provarem o contrário.

Pelo menos eu não era um hipócrita.

Ou era?

Pouco antes de a venda terminar, um cliente se apresentou como vizinho dos Alexanders, então perguntei com toda a discrição sobre o interesse do casal pelo mar.

– Sei lá – ele disse e então deu de ombros. – Gabe morreu pouco tempo depois que comprei a casa. Pearl conversava comigo por cima da cerca no quintal, mas nunca tivemos conversas muito profundas.

– Por que não?

– Acho que a privacidade era importante para ela – ele deu de ombros de novo. – Ela passou o último ano da sua vida confusa, num asilo.

– O que mais você sabe sobre os dois? – perguntei.

– Pearl tinha um apelido estranho.

– Apelido?

– É, um apelido de homem, mas não me lembro. – O vizinho fez uma pausa. – Você sabe o que aconteceu com o carro deles? Um Oldsmobile grande dos anos 1940. Em perfeito estado.

Fiz que não com a cabeça, pensando se os cartões-postais traziam o apelido de Pearl.

– A velhinha provavelmente precisou de dinheiro e vendeu o carro – o homem continuou. – Uma pena. Eu teria comprado. – Ele coçou o queixo. – Tem alguma ferramenta sobrando?

– Na garagem – respondi.

– Os Alexanders eram gente boa – o homem completou antes de ir. – É uma pena que você não os tenha conhecido.

O vizinho tinha razão. Eu não havia conhecido os dois, mas o advogado que me contratou disse que eles não tinham filhos e iriam doar a maior parte dos seus bens para instituições de caridade. No entanto, o testamento do casal incluía instruções detalhadas para que certos itens sentimentais fossem entregues a vários parentes ainda vivos na área de Houston, no Texas. Eu geralmente contrato uma empresa de mudanças para essa parte do trabalho, mas a casa dos Alexanders ficava a apenas alguns quilômetros da minha, e os itens eram pequenos, então eu me ofereci para entregá-los. Depois de ler os cartões-postais, me senti estranhamente ligado a Gabe e Pearl e fiquei mais do que feliz em poder fazer isso.

Nas semanas seguintes, fiz as entregas e também algumas perguntas. Uma parte das pessoas achou esquisito um estranho se interessar tanto pelos seus parentes. Outros contaram sem pestanejar tudo o que sabiam, e até mesmo desenterraram cartas já amareladas. Eu, egoísta, decidi não mencionar os cartões-postais a não ser que alguém perguntasse sobre eles – e ninguém perguntou. Então cheguei à conclusão de que eles tinham sido mantidos em segredo. De certa maneira, parecia que os cartões tinham sido escritos para mim. Mas eu não ficaria com eles, não com a consciência tranquila. Ao final da minha busca, eu os entregaria para um parente dos Alexanders dizendo que “não os tinha visto antes”.

A máquina de escrever de Gabe ficou com a sua sobrinha, Alice Davis. Alice tinha acabado de passar por uma cirurgia no joelho e, em suas próprias palavras, estava “convalescendo numa boa”. Passei uma tarde chuvosa enroscado nas lembranças profundas dela. Ela me contou sobre a empregada dos Alexanders, que já tinha morrido havia muito tempo, Priscilla Galloway, cuja filha, Yvette, havia cuidado de Pearl no último ano de vida dela. Entrei em contato com Yvette e marquei um horário para me encontrar com ela na semana seguinte. Acho que a minha obsessão pelos cartões-postais também tinha tudo a ver com o meu momento. A solidão dolorida do meu divórcio ainda estava por ali, a dor brusca de um casamento fracassado. Ao mandar um e-mail de confirmação para uma Yvette meio relutante, meus olhos se voltaram para a pasta onde eu tinha salvado os e-mails da minha ex-mulher. Cliquei sobre ela e abri o seu último e-mail. Apesar de ter sido enviado dois anos antes, me senti arrasado de novo, como se estivesse lendo a mensagem pela primeira vez.

Adam,

Agora tudo acabou oficialmente. Obrigada por respeitar meus desejos. Se você ainda espera que eu mude de ideia, desista. Você precisa seguir em frente. Então, por favor, não me faça mais perguntas. Quando eu parei de te amar? Não sei ao certo. Existe outra pessoa? Sim. Foi por isso que não pedi a casa. Eu nunca quis machucar você.

Haley

As palavras “outra pessoa” ainda eram as mais doloridas, como era de esperar.

Outra pessoa?

Em doze anos de casamento, tivemos nossa parcela de dificuldades, mas todo mundo não passa por isso? Eu nunca havia duvidado do nosso amor, nem enxergado uma vida sem ela. Além daquilo que não tinha conserto mesmo, onde foi que erramos? O que poderíamos ter feito para evitar esse desastre? Quanto mais eu me debruçava sobre os cartões-postais dos Alexanders, mais ficava pensando se um dia seria capaz de amar outra mulher. Pior ainda: depois de fracassar no meu casamento, será que eu merecia uma segunda chance?

Eu não sabia. Eu achava que tinha o melhor que o mundo poderia oferecer até a mulher que eu amava sair da minha vida. No começo, eu a culpava. Mas depois coloquei a culpa em mim. Uma coisa ficou bem clara: Pearl e Gabe sabiam de algo que Haley e eu deixamos escapar. Então, decidi buscar a fonte da sabedoria dos Alexanders. E aprender com os erros do passado. No fundo, eu sentia que o tempo era meu amigo *e* meu inimigo. Se eu me perdesse na minha busca, o desespero poderia cicatrizar como amargura.

Anos atrás, descobri que registrar rapidamente meus pensamentos no papel, e depois digitar tudo no computador, ajudava a me organizar. A processar. Então, ao registrar a história dos Alexanders, eu esperava descobrir o segredo deles. Eu suspeitava que o que Gabe chamava de “Divisão Longa” nos poemas havia sido crucial para a longevidade de seu casamento. Mas eu ainda tinha os cartões-postais para contemplar, juntamente com algumas cartas emprestadas e as informações que eu conseguiria obter com Yvette. Se eu tivesse coragem, poderia até preencher as lacunas na história dos Alexanders com as minhas próprias interpretações... ou desejos.

Eu seria capaz dar um giro de cento e oitenta graus depois de marchar na direção errada por mais de doze anos?

A essa altura, só podia esperar que sim.

Asilo de Bayshore, 2004
Senhora Alexander

A Senhora Alexander estava deitada em sua cama no Asilo de Bayshore e sonhava acordada que estava em qualquer outro lugar que não aquele. Ela desprezava a comida sem graça e a porcaria incessante do talk-show na televisão do outro lado da sala. Morar no mesmo prédio com um grupo de velhinhos era cansativo, para dizer o mínimo.

Para piorar, ela estava listada na relação de pacientes como Pearl Garnet Alexander. Ela havia odiado aquele nome durante boa parte de seus noventa e nove anos. *Não Alexander. Alexander era seu nome de casada, desde 1926. Antes daquilo ela tinha sido uma Huckabee.*

Pearl Garnet Huckabee.

Ter nome de joia já era terrível, e ela tinha que aguentar dois (em inglês, “Garnet” significa “Granada”, um conjunto de pedras preciosas). E assim foi até o seu sétimo aniversário, quando ela decidiu que a família deveria chamá-la de Huck.

Huck Huckabee.

Sua mãe, Annise, a princípio se recusou, dizendo que havia passado muitas horas preciosas pensando em um nome sofisticado para cada um de seus treze filhos. E agora sua filha mais nova insistia em ser chamada por um nome simples como Huck. Um nome de menino. As pessoas se lembrariam daquele pobre órfão no romance de Mark Twain que fumava, bebida e fazia a festa subindo e descendo o Mississippi com um escravo fugido.

Mas Pearl argumentou que a escravidão, ainda bem, tinha chegado ao fim no século anterior e que emprestar um nome de uma grande história como *Huckleberry Finn* tornaria a pessoa tão incrível quanto o próprio livro.

Então, quando ela tinha sete anos e meio, o nome Huck pegou.

Pegou como os carocinhos grudentos do mingau que serviam na escola, tão cremoso quando servido e que endurecia com o tempo. Mais ou menos no meio do ano, a gloriosa transição aconteceu. Primeiro na família, depois entre os amigos. Quando o Dia de Ação de Graças chegou, usar o nome verdadeiro dela tinha se tornado impensável.

Huck se sentou na cama. Ela adorava o nome “Huck”: a aura livre e aventureira dele também a definia. Lamar, seu irmão gêmeo de boa índole, que era seis minutos mais velho que ela, também queria um apelido, mas nada pegou de verdade até o ensino médio. Ele tinha um talento natural para o beisebol, principalmente para rebater bolas baixas e fortes. Como as bolas que vinham baixas,

perto do chão, e com velocidade eram chamadas de “corta-margarida”, Huck imediatamente começou a chamá-lo de Cutter, o corte. Alguns colegas mais levados da escola tinham tentado chamá-lo de Margarida, mas não deu certo. Ele foi chamado de Cutter até o fim da vida. Depois que Huck se casou com Gabe Alexander, o casal acompanhou de perto a carreira de Cutter das ligas menores até as principais.

Então, onde estava o Senhor Gabe Alexander? Era uma sexta-feira. Ele iria sair do trabalho logo e ela estaria pronta. As enfermeiras tinham mentido sobre o cartão-postal da semana passada. Disseram que não tinha chegado nada pelo correio, apesar de ela ter ouvido pedacinhos da verdade salpicados entre sussurros condescendentes. E era sexta mais uma vez. Haveria um cartão com uma bela imagem. No verso, um poema maravilhoso escrito especialmente para ela. Ao longo dos anos, Gabe havia perdido uma única sexta... a semana terrível em que ele dormira sozinho na UTI.

Huck espiou pela janela. O brotar de uma mistura de azaleias brancas e cor-de-rosa anunciava o fim do inverno ameno de Houston. Ela sorriu, se lembrando de um lindo dia de primavera muitos anos atrás. Ela havia subido em um bondinho na Rua Principal noiva de Clark Richards e descido enamorada por Gabe, se apaixonando para sempre naquela noite, em uma praia deserta de Galveston. A cada vez que ele quase perdia o fôlego ao dizer o nome dela, os olhos dele brilhavam. Mesmo sessenta anos depois, ele mal conseguia recuperar o fôlego.

Ela voltou a se concentrar no interior do quarto e foi pegar o telefone, agradecida por recebê-lo de volta. As enfermeiras tinham levado o aparelho embora até que ela promettesse a elas – e a Yvette – que quaisquer ligações futuras seriam feitas de maneira responsável. Era vergonhoso incomodar aquela criança tão gentil com problemas tão triviais. Mas um mês inteiro sem ir ao cabeleireiro era uma emergência de verdade. O estilo e a cor do cabelo de uma senhora definiam a sua imagem.

A situação atual dos cartões-postais era igualmente terrível, e Yvette tinha que concordar. Esconder a correspondência particular de alguém era a mesma coisa que roubo. Era um crime federal, e só havia uma única coisa responsável a fazer.

Pela segunda vez em uma semana, Huck Alexander ligou para a polícia.

Em minutos o som das sirenes chegou aos seus ouvidos. Ela se espreguiçou e sorriu... e se lembrou da primeira vez que viu Gabe.

Dois

*Quando nossos olhos se encontraram,
Sua beleza acendeu o fogo lento do desejo.
As brasas da paixão nunca se apagaram.
Ainda vejo o meu amor quando a vejo.*

*Para sempre,
Gabe*

*Março de 1926
Houston, Texas
Huck*

— *C*om licença, o senhor tem ostras?

O rapaz atrás do balcão exibiu um sorriso fácil como resposta.

— Ostras? Mas é claro. Com ou sem pérolas?

— Sem — Huck respondeu. Ela nunca havia gostado de pérolas por causa do seu nome.

— Difícil demais de mastigar?

Ela fez que sim com a cabeça.

— E ainda mais de engolir.

— Ainda bem que as ostras não dão diamantes — ele olhou de relance para o dedo dela. — Não que a se senhorita precise, ou queira... Hum... — ele pigarreou.

Ela segurou a risada. Como as intenções dos homens eram transparentes. O sorriso bem barbeado e as respostas rápidas e charmosas do atendente a deixaram intrigada, apesar de o comentário ter sido amigável demais. Como professora de inglês da nova e prestigiosa escola de ensino médio Sidney Lanier, sua reputação era frágil. E, apesar de não usar um anel de diamante, ela estava noiva, *sim*.

Foi então que ela notou os olhos dele.

Olhos de horizonte. Olhos da cor do céu tocando o mar.

Ela deveria ter saído correndo do Mercado de Peixe e Empório de Frutos do Mar do Cecil. Correr

para o ponto do bondinho na Market Square e nunca mais olhar para trás. Deveria, mas não correu. Poderia, mas não foi.

O sorriso fácil dele voltou, agora adoravelmente torto.

– Meu nome é Gabe Alexander.

– Bom, Gabe Alexander, eu gostaria de uma porção pequena das ostras mais frescas que você tiver, por favor.

Os olhos de céu e mar se aproximaram.

– Eu já a vi a senhorita aqui antes, Senhorita...?

– Sem a concha.

– Meio quilo de ostras para a Senhorita Senhaconcha – Gabe berrou para outro atendente, que dava risada.

– Devo dizer que alguém pescou um peixinho engraçado – Huck respondeu. – Qual foi a sua isca inteligente?

– A mais linda de todas.

Preso no olhar dela, ele colocou o vidro em um saco de papel e o empurrou lentamente sobre o balcão esmaltado.

Huck sentiu as bochechas esquentarem.

– Quanto devo?

– O seu nome. Depois vamos pechinchar o preço.

Ela abriu a bolsa para ganhar tempo. Qual o problema de uma paquerinha inocente? Seria o primeiro e último flerte entre os dois.

– É Huck. Huck Huckabee.

– Que tal deixar o jantar de hoje à noite por minha conta, Senhorita Huck Huckabee?

Ela fechou a bolsa e pegou o saco de papel, e então deu um sorriso calculado.

– Ah, Senhor Gabe, foi exatamente isso que o senhor acabou de fazer.

Ao longo das semanas seguintes, o vento gelado de início da primavera deu lugar às chuvas mornas de abril, e a lembrança de Gabe Alexander invadiu os pensamentos mais íntimos de Huck. A testa lisa e clara dele, com o cabelo recuando de leve, os cachos de menino, de um loiro cor de areia.

O rosto gentil apoiado sobre o queixo forte. Mas os olhos de Gabe é que tinham marcado Huck para sempre, invadindo seus sonhos. Mas do que mera beleza, eles traziam uma mistura de honestidade e gentileza. Uma profundidade “do Senhor Jack”, ela se lembrava, onde os corações se encontravam e também as almas.

Aos dez anos, ela tinha encontrado o Senhor Jack algumas semanas depois de descobrir um vale estreito e secreto ao longo dos bancos de um ancoradouro cercado de árvores que ficava entre a propriedade de seus pais e o bosque do General Sam Houston, o herói do Texas. Banhado em luz do sol e céu azul, o vale se tornou seu próprio palco shakespeariano, seu piso circular coberto de grama macia. Ali, ela interpretaria cenas de *Sonho de uma Noite de Verão* ou *Romeu e Julieta*.

Um dia, depois de uma interpretação particularmente inspirada do discurso da morte de Julieta, ela foi espiar uma pequena moita nos limites do vale, coberta de flores cor-de-rosa pálido que estavam desabrochando. Ela se aproximou da moita lentamente, nunca tendo notado o arbusto ali antes, sua beleza simples, porém resoluta e intrigante.

– É orquídea – explicou uma voz repentina e agradável do outro lado.

Assustada, Huck se virou para encarar uma jardineira sem camisa por baixo sob um rosto digno de confiança com olhos claros. Sua boca aberta só encontrou o ar.

O estranho tirou o chapéu de palha de aba larga castigado pelo tempo e riu.

– Acho que a senhorita perdeu a voz depois de recitar as palavras chique do Senhor Shakespeare.

– As *palavras chiques*, você quer dizer – Huck respondeu, sabendo que não era educado corrigir os mais velhos, mas sem conseguir se segurar. – E a gente diz: “*essas são orquídeas*”.

– Num foi o que eu falei? – ele passou, descalço, e se agachou ao lado das orquídeas. – É orquídea anacacho. Se a senhorita quisé sabê.

Ele trazia uma bengala lisa com naipes de paus, ouros, copas e espadas gravados no cabo, mas não mancava. O suor brilhava na careca dele como gotas pesadas de orvalho. Principalmente por ser uma menina, Huck tinha sido avisada com cuidado para não conversar com estranhos. Todo ano seu pai era contratado como guarda montado na penitenciária estadual ali perto quando a colheita era deixada para secar. “Um homem desconhecido pode ser um prisioneiro fugido”, ele sempre dizia. “Alguns prisioneiros são assassinos, outros têm problemas mentais, outros ainda são estupradores.” Quando Huck perguntou o que era “estuprador”, ele grunhiu e então resmungou: “Uma bala é a melhor cura para eles”. Huck não perguntou mais nada. No entanto, ela logo contou sobre a conversa para o irmão gêmeo. “Eu provavelmente não deveria falar nada”, Cutter tinha sussurrado, “mas estuprador é um cara que não usa roupas”.

Como o estranho estava usando uma jardineira, Huck não tinha que se preocupar com isso. Mas havia um boato sobre um velho que perambulava pela cidade. As descrições eram vagas, e ninguém sabia ao certo onde ele estava.

O estranho tirou uma bandana vermelha da coroa do chapéu.

– Quando eu tinha a sua idade, tinha uma cabeleira cheinha de cacho – ele enxugou a careca. – Mas meu cabelo não era da mesma cor que os zoio. Os seus combina direitinho.

Huck fez cara feia. Não apenas o cabelo dela era liso como era castanho-escuro e sem graça. Além disso, ela daria qualquer coisa para ter olhos azuis.

– Quem é você?

– Acho que sô um tipo de professor.

– Um professor?

– Talvez. Depende do que você qué que eu ensine – a boca meio desdentada, porém amigável, se abriu em um sorriso.

– Você tem nome? – Huck perguntou ao estranho.

– Nome?

– Como as pessoas chamam você?

Mais uma vez, o sorriso.

– O povo me chama de tudo quanto é nome. Mas uma moça não deveria ouvir a maioria deles.

– Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe – Huck se aproximou mais um pouco. – Qual nome vem depois de “senhor”?

– Ah, isso – ele ficou pensando por um momento. – Acho que o nome que vem depois de “senhor” é Jack. Eu sou o Senhor Jack.

Huck olhou para a bengala. Parecia suspeita, fabricada em uma prisão e do mesmo pinho amarelo que um prisioneiro tinha usado para fazer um rolo de macarrão para a mãe dela.

– Por que a sua bengala tem os naipes do baralho?

– Eu achei que você nunca fosse perguntá – o Senhor Jack estudou as figuras entalhadas. – Esta bengala me ajuda a lembrá de ficá contente com a minha própria mão de carteadado. Para segurá a minha melhor carta pelo maior tempo possível e não colocá a culpa em quem distribuiu as carta se o meu jogo for por água abaixo, apesar de ser meio difícil decidir qual carta é a melhor. A questão é a seguinte... como é que você sabe qual guardá e qual jogá fora?

Mais uma vez, a boca aberta de Huck foi acompanhada pelo silêncio. Ela sabia que o Senhor Jack não estava falando de pôquer, e tinha orgulho de conseguir decifrar enigmas de adultos ditos na presença de crianças. Então, em vez de fingir ignorância, o que ela sempre fazia se segurando para

não dar risada, jogou a pergunta de volta para ele... Uma estratégia que seu pai usava quando discutia negócios. “Mande a mula de volta”, seu pai, tinha dito a ela uma vez. “O rabo pode não ser bonito, mas pelo menos o pessoal segue em frente mais rápido.”

– Então como é que você sabe com qual carta ficar e qual jogar fora? – Huck perguntou.

O Senhor Jack tirou uma comprida folha de pinheiro do bolso da frente e a usou para palitar os dentes.

– Olha bem fundo na alma de um homem e você vai vê os sonho e as esperança dele. De uma mulher também. É só olhá bem lá no fundo para vê o futuro deles, junto com todas as coisa ruim que aprontaram.

– As coisas ruins?

– Ah, mas elas existe, sim. E adoram se escondê atrás das coisa boa. Todo mundo é culpado de alguma coisa. Até você.

– Então qual é o meu futuro? – Huck perguntou, decidindo que a analogia da mula usada pelo pai não era apropriada para todas as situações.

– Hum... – o Senhor Jack coçou o queixo.

Era uma pergunta que ela fazia à cartomante todo ano na festa do condado, sabendo que a resposta seria idiota desde o começo. Ninguém era capaz de prever o futuro, pelo menos ninguém *humano*.

– O seu futuro – o Senhor Jack finalmente respondeu – tem a vê com essa moita de orquídea anacacho. O seu futuro é parente dessa moita aqui. Do jeitinho que essa moita se divide com você, você também vai se dividir com os seus filho.

– É melhor o senhor olhar mais fundo, porque eu não quero filho nenhum.

Com tantos irmãos mandões, exceto talvez por Cutter, ela tinha sonhado ser filha única. Uma casa cheia de moleques remelentos era a última coisa que Huck queria, mesmo que fossem dela.

O Senhor Jack examinou um botão de orquídea que tinha caído e o colocou no bolso com todo o cuidado.

– O seu futuro também tem a vê com esperança, porque ninguém fica nesta terra para sempre, que é o contrário do que devia sê.

– Como os filhos que morrem antes dos pais – Huck respondeu sem pensar, e então imediatamente desejou nunca ter tocado no assunto. A morte era algo que ela preferia não discutir.

– A senhorita sabe que não existe garantia nenhuma de a gente vivê bastante – o Senhor Jack respondeu, e então completou, com gentileza –, nem pra criança.

Ele tinha razão, e esse era o motivo principal pelo qual ela não queria ter filhos. Um de seus irmãos tinha morrido com algumas semanas de vida, e uma irmã aos oito anos, com o apêndice rompido. Sua mãe ainda chorava de tempos em tempos, e sempre nos aniversários deles.

O Senhor Jack continuou:

– A maioria dos jovens vira adulto, mas não antes de deixá o pai e a mãe tudo enrugado – ele sorriu de novo.

– Ou gordo – Huck respondeu, imaginando seus próprios pais e uma série de parentes enrugados como ameixas secas. Rugas eram sinônimo de “velho”, e ela não queria ter nada a ver com aquilo. – Então o único jeito de ter filho para mim vai ser arrumar um que já cresceu.

O sorriso virou uma risada efervescente.

– E o que o seu marido vai achá disso?

Pela terceira vez em seus dez anos de vida, e na mesma tarde, Huck Huckabee ficou sem palavras. Sonhar com o futuro marido era a sua tarefa mais íntima, e não é que o Senhor Jack sabia daquilo também?

– Num tem nada de errado em sonhá com a sua alma gêmea – o Senhor Jack passou os dedos sobre os símbolos na bengala. – Olha lá no fundo e você vai encontrá a sua melhor carta. Agarre a esperança e não solte nunca mais. E não esqueça do que falei sobre quem dá as cartas e o jogo – a risada explodiu de novo. – E agora fecha a boca antes que o senhor e a senhora mosca se mude praí.

Na cama naquela noite, horas depois que a risada já tinha se dissipado, Huck ficou encarando a janela aberta e pensando no Senhor Jack. Nenhum assassino do qual ela já tinha ouvido falar dava valor para olhos, Shakespeare e flores. E alguém com problemas mentais provavelmente não seria inteligente o bastante para comparar a vida a um jogo de cartas e Deus a quem dá as cartas, apesar de ela mesma não saber se o Criador gostava muito daquela história.

O que mais a intrigou, no entanto, foi o termo *alma gêmea*. Era novidade para ela, e Huck adorou no mesmo instante as implicações óbvias. Então, depois de consultar o enorme dicionário da família, que tinha ganhado o apelido de “Completo”, ela o decretou como parte de seu vocabulário e chegou a uma decisão lógica: como o Senhor Jack sabia de tantas coisas secretas sobre ela – incluindo seu sonho mais íntimo –, então ele não era humano. Portanto, ele deveria ser um anjo. Seu anjo da guarda. Ela nunca tinha pensando em anjos como professores, carregando bengalas com os naipes do baralho, usando jardineiras, nem falando errado. E, como os anjos – pelo menos os bons – sempre diziam a verdade, ela podia parar de se preocupar em virar uma velha solteirona como sua irmã mais velha, Molly Beninna. Todo mundo sabia que a maioria dos maridos queria filhos, e Huck ainda estava decidida a não ter nenhum. Mas, se o Senhor Jack fosse mesmo quem ela acreditava ser, então tinha feito Huck mudar de ideia, de certa forma. Pelo menos era o que ela esperava. Talvez essa fosse a esperança que ela esperava agarrar.

Enquanto caía no sono, Huck escutou de novo a risada incomum do Senhor Jack, dessa vez

flutuando lá em cima com a brisa da noite. Sua mãe jurava que Deus criou as galinhas porque tinha senso de humor. Se Deus ria, então seus anjos também podiam rir.

Mas Huck e o Senhor Jack tinham discutido assuntos muito mais interessantes que aves engraçadas. Talvez a risada dele possuísse um significado mais profundo e menos destemido: um sorriso celestial destinado a destruir o sorrisinho afetado do mal.

Pelos dois anos seguintes, ela voltou muitas vezes ao vale secreto, mas nunca mais viu o Senhor Jack, nem as orquídeas anacacho. Como regra, ela sempre compartilhava os acontecimentos de sua vida com Cutter. As amigas eram emotivas demais, e ela não podia confiar nas irmãs. Mas e se o seu irmão gêmeo achasse que ela estava falando bobagem ou, pior ainda, não acreditasse nela? O encontro com o anjo da guarda tinha sido pessoal demais para arriscar pouco caso ou incredulidade. Então, Huck prometeu guardar a história para a sua alma gêmea, o que tornava prioridade encontrá-la.

Ela manteve seu voto, mas, à medida que cada verão verde amadurecia em forma de outono dourado, sua vida também amadurecia em direções diferentes, confundindo os limites entre realidade adolescente e crença infantil.

Aos dezesseis anos, Huck caiu do banco que ficava onde hoje os carros têm o porta-malas e quebrou a clavícula, além de sofrer outras possíveis complicações internas. Ela foi levada às pressas para o Sanatório e Hospital Batista de Houston por causa da máquina de raio X. No topo do sexto andar ficava uma mistura de área ajardinada e creche equipada para abrigar cinquenta bebês. Parte de sua recuperação consistia em relaxar ao ar livre e à luz do sol no jardim do telhado; no entanto, as risadinhas, murmúrios e choros constantes a levaram de volta para as orquídeas anacacho e as palavras do Senhor Jack: “Você também vai se dividir com os seus filhos”. Um dia antes de Huck receber alta, Molly Beninna deu a notícia.

– O doutor disse que você nunca vai poder ter filhos – ela disse de mansinho, os olhos rasos d’água.

– Não chore, querida irmã – Huck respondeu, determinada a permanecer forte. – A mamãe já teve filhos suficientes por nós todas.

Assim que Molly Beninna saiu do quarto, Huck se virou na cama do hospital e chorou.

Depois de conhecer o Senhor Jack, ela tinha meio que aceitado a possibilidade da maternidade, que mantinha vivas as palavras de esperança dele. Que fazia o seu anjo da guarda ser real.

Até o acidente.

Por que ela tinha sido tão irresponsável? Comemorando seu último dia do segundo ano do ensino médio no banco traseiro de um carro a toda a velocidade. Dançando como quem tem coragem de andar sobre as asas de um teco-teco em pleno voo.

Duas semanas depois, em uma manhã sem brisa, Huck decidiu voltar ao vale secreto de novo.

Enquanto o sol preguiçoso se erguia por sobre a linha formada pelas árvores, ela chegou ao vale, e o lado mais distante dele estava escondido atrás de uma mistura de sombra escura e neblina úmida que desaparecia aos poucos.

– Para sua informação, Senhor “Professor do ‘depende’” – ela sussurrou sarcasticamente –, não vai haver filho nenhum. – E completou: – E provavelmente não vai ter futuro marido também – ao dar uma olhada nas flores rosa desabrochando, tão familiares.

Era a primeira vez que ela as via desde que tinha conhecido o Senhor Jack. Enquanto corria em direção às flores tão delicadas, sua mente imediatamente se voltou para as palavras dele: “São orquídeas anacacho. Se a senhorita quiser saber”.

Estendendo o braço, ela apanhou com todo o cuidado um botão perfeito e o segurou com as duas mãos. Vários momentos se passaram, atemporais, em compreensão. Ela respirou fundo e falou bem devagar:

– Assim como esta orquídea que estou segurando se divide comigo, vou me dividir com os meus filhos.

A resposta do seu “professor do talvez” havia estado ali o tempo todo. Ela se dividiria com seus “filhos” ao se tornar professora. Estudaria bastante e faria da educação a sua profissão.

E a esperança?

Esperança de que a tristeza de não poder ter filhos não durasse para sempre.

Esperança de que ela conheceria um homem que compreendesse.

Assim, com o dilema da não gravidez resolvido, Huck Huckabee se voltou para seu outro passatempo favorito: a busca por sua alma gêmea, fato conhecido apenas por ela e pelo Senhor Jack.

Três

*Seu sorriso de mulher
Mais parece uma gravura.
Para este homem, é convite
Enviado das alturas
Para desvendar com desejo
O sabor do seu beijo.*

*Para sempre,
Gabe*

*Março de 1926
Houston, Texas
Gabe*

Gabriel Robert Alexander desamarrou o avental sujo de peixe e ficou observando a mulher mais linda que já tinha visto sair do Mercado de Peixe e Empório de Frutos do Mar do Cecil. Ele respirou fundo, saboreando o perfume dela. Se um homem tivesse sorte, o perfume de uma mulher ficaria no ar por mais um segundo ou dois.

O perfume de Huck Huckabee ficou, e o fez se lembrar dos primeiros botões em flor da primavera. Era uma fragrância sedutora, de que ele jamais esqueceria.

– Você deixou a moça ir embora sem pagar – disse um atendente jovem e ansioso. – Se o velho Cecil não estivesse em Dallas, ele...

– Ele deixaria você sem salário, e estaria certo. – Gabe jogou o avental para cima do atendente desgrenhado. Escamas de peixe voaram para o chão. – Você me deixou fazer isso.

– Mas...

– Não se preocupe, Louie. O Cecil está muito mais interessado em ir ao casamento do neto do que em monitorar a sua imprudência. – Gabe deu um tapinha no ombro ossudo do atendente e sorriu. – Vou pedir para o escriturário deixar tudo certo. Ele não vai se importar.

– Senhor Alexander, o senhor é o escriturário.

– Obrigado pelo avental, Louie. Você bem que podia pensar em lavá-lo de vez em quando.

Gabe se encaminhou para seu escritório, no andar de cima, enquanto o grande relógio no topo da

Market Square mandava os houstonianos irem para casa depois de mais uma semana de trabalho. “Quem é que precisa gastar dinheiro em um relógio caro?”, Cecil sempre dizia. “Dá para ouvir esse tique-taque até em San Antonio.”

O Velho Cecil, mais conhecido como Cecil Laborde, tinha começado a carreira vendendo peixe fresco na rua, em uma banquinha alugada dentro do pátio da prefeitura de Houston, na Market Square. Depois de economizar cada centavo, ele e a esposa, Norma, compraram e reformaram um prédio de tijolinhos à vista quase decrépito dois quarteirões ao norte da esquina da Rua Principal com a Rua do Comércio, ao longo do Pântano do Búfalo. Não demorou muito para o Pântano do Búfalo ser dragado e incorporado à rede de canais de Houston, e, de repente, Cecil viu seu negócio seguir de vento em popa, bem no meio das atividades do porto. O velho senhor tinha fama de pão-duro, mas era um dos homens mais generosos que Gabe já tinha conhecido. Uma parte do estoque semanal era marcada para ser doada.

Antes de subir as escadas até o escritório, Gabe passou por um homem atarracado que levava a última porção de um carregamento de vermelhos caranhas para dentro da geladeira industrial. Era sexta-feira, e Cecil gostava de ter um bom estoque para a loucura da manhã de sábado.

– Boa tarde, Gabe.

– Olá, Charlie – Gabe sorriu. – Hoje tem bastante vermelho, hein?

– Opa se tem! Tem tanto que até eu estou ficando vermelho. – Ele bateu com tudo a porta grossa de madeira antes de secar o rosto com um lenço. – Eu trouxe mais desses peixes escorregadios do que deveria ser permitido para quem não é pescador.

– Leve uns bem gordos para o jantar. É por conta da casa.

Charlie fez que sim com a cabeça, agradecendo. Enfiou a mão no bolso da camisa e ofereceu a Gabe um cigarro enrolado a mão.

– Por que você está tão feliz?

A conversa foi pausada enquanto os dois homens acendiam seus cigarros e iam lá para fora, para a plataforma de carregamento. As buzinas e o agito dos carros no centro da cidade se misturavam ao barulho dos barcos de reboque dos canais. Gabe falou para a brisa gelada de março:

– Você já pensou bem no sorriso de uma mulher, Charlie?

– Só o sorriso?

– Foi isso mesmo que perguntei.

– De qual mulher?

– De qualquer mulher – Gabe soprou a fumaça, observando-a subir em espiral para o céu.

– Acho que não... Quer dizer, não só no sorriso dela.

– Um sorriso de mulher é um presente, Charlie. O presente mais lindo que um homem pode ganhar.

Charlie ficou pensando por um momento, e então bateu a cinza do cigarro,

– Toda vez que a minha mulher sorri, ela faz uma janta bem grande para mim e ganhamos mais um filho.

Gabe deu uma risadinha. A mulher de Charlie, Chloe, amava comida e crianças, e tinha como prova disso um bando de meninos de cabelo encaracolado. A mulher não parecia normal a não ser que estivesse grávida. Cecil tinha contratado tanto Gabe quanto Charlie como atendentes quando eles tinham dezesseis anos. Apesar do passado urbano de Charlie, bem diferente da vida rural de Gabe, os dois rapazes tinham a mesma ética de trabalho e se tornaram melhores amigos. Dois anos depois, os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, e eles lutaram lado a lado nas trincheiras cheias de gás na França; Charlie trouxe para casa uma esposa francesa.

Os dois tinham decidido se alistar depois do ultraje público do Telegrama Zimmermann. Usando um telegrama codificado, Arthur Zimmermann, secretário de relações internacionais da Alemanha, propôs que, se os Estados Unidos entrassem na guerra, o México deveria se aliar aos alemães e tomar de volta o sudoeste do País, incluindo o Texas. A mensagem chegou aos jornais norte-americanos depois de ser decodificada pelos britânicos e incitou uma resposta rápida dos Estados Unidos. O bisavô paterno de Gabe tinha sacrificado sua vida no Álamo. Qualquer exército sob a ilusão de conquistar o Estado da Estrela Solitária, ou os outros quarenta e oito, deveria ser amaldiçoado e marchar direto para os portões do inferno. Então, enquanto a maioria dos homens elegíveis no Texas se alistou imediatamente, Gabe e Charlie tiveram que esperar mais de um ano até completarem dezoito anos de idade.

Depois da guerra, Gabe voltou ao Mercado do Cecil e foi promovido a escriturário. Charlie começou a trabalhar como motorista para um atacadista que entregava a pesca diária da costa do golfo. Os dois amigos vinham compartilhando cigarros e conversas por quase uma década.

– E então... – Charlie perguntou. – A Senhorita Qualquer Mulher tem nome e telefone?

Gabe olhou de relance para o céu e deu uma última tragada.

– É Huck Huckabee – ele respondeu, o nome dela flutuando sem esforço com a fumaça. – Eu não pedi o telefone dela.

Charlie enrolou o cigarro entre o polegar e o indicador.

– Nome estranho para uma mulher. Mas eu gostei.

– Eu também – Gabe respondeu.

– E há quanto tempo você conhece a Senhorita Huckabee?

– Eu a conheci há uns vinte minutos, quando ela veio comprar ostras – Gabe jogou a bituca de cigarro na plataforma e se virou para o amigo. – Mas eu já conheço pela vida toda.

– Se você tivesse o telefone dela, sua vida toda ficaria melhor.

Gabe tirou dois cigarros de seu maço de Lucky Strike.

– Lembra que lá na França eu sempre soube que a gente iria voltar para casa?

Charlie fez que sim com a cabeça.

– Estou com o mesmo palpite nesse caso. Eu *vou* ver Huck Huckabee de novo... e logo.

– Quando isso acontecer, peça o telefone dela.

Os homens acenderam seus cigarros e o assunto mudou para o tempo. A não ser que houvesse boatos sobre a Lei Seca ou fosse ano eleitoral, a conversa deles acabava no segundo cigarro. Então, depois de discutirem a primavera mais fria que o normal, Charlie pegou seu jantar e foi embora.

Gabe foi para seu escritório no andar de cima para registrar os recibos do dia. A salinha não tinha nada de mais, apenas paredes de gesso sem acabamento e uma escrivaninha de segunda mão. No entanto, ela contava com uma janela grande que dava para a loja lá embaixo. Uma janela através da qual ele tinha olhado de relance depois de checar seu relógio de bolso exatamente às 4h46 da tarde, espiando aquela mulher notável que examinava as prateleiras. Foi então que ele correu lá para baixo e literalmente arrancou o avental do pobre Louie.

Quando Gabe fechava a loja, às seis, tinha o hábito de jantar em um café do outro lado da rua e então pegar o bonde para a viagem de três quilômetros para casa. Naquela noite, no entanto, ele não estava com muita fome e decidiu que o tempo estava mais para caminhar do que para pegar carona no bonde lotado. Além disso, ele adorava ver a agitação das calçadas na cidade e também as vitrines.

Na esquina da Rua Principal com a Franklin, ele passou pelo First National Bank. O banco estava lá havia anos, e foi ali que os pais dele tinham feito o empréstimo para seu “gado dos sonhos”. John e Maggie Alexander tomavam conta de um pequeno rancho no Condado de Fort Bend, nos campos planos da costa ao sudoeste de Houston. Eles tinham planejado comprar mais pedaços de terra, ter um rebanho gigante e passar toda a sua fortuna para o filho único. Quando era juvenzinho, Gabe aprendeu a laçar, a montar e até a cozinhar comida de tropeiro. Do primeiro ao oitavo ano, ele foi aluno de uma escola de uma sala só, e sempre foi bem em escrita e aritmética. Ele se esforçou para agradar os pais, mas achava entediante tomar conta de vacas, e vivia muito mais interessado em poesia e números do que em bezerros ou pioneiros.

Quando Gabe fez quinze anos, John tomou uma chifrada de um boi que atravessou seu pulmão direito. Ele nunca se recuperou completamente e morreu no inverno seguinte de pneumonia. Temendo pela saúde da mãe, que estava exausta, Gabe a convenceu a alugar o rancho e se mudar para a cidade. Ele estava trabalhando na peixaria do Cecil havia apenas um mês quando Maggie morreu. Algumas horas antes de sua morte, ela havia tirado a aliança da mão e a colocado na mão do filho.

“Guarde essa aliança no bolso, perto do seu coração”, ela tinha dito, num sussurro quase inaudível. “Dê este anel à mulher dos seus sonhos. O homem dos meus sonhos o deu para mim.” Gabe engoliu em seco. E vinha carregando a aliança todos os dias desde então.

Em sua caminhada pela Rua Principal, Gabe viu de relance uma foto na banca de jornal que mandou um arrepio direto para a sua espinha. Na primeira página do *Houston Chronicle* estava a foto de uma campeã local de tênis. Por um segundo ele pensou que poderia ser Huck, mas então percebeu que não era.

A conversa muito breve dos dois lembrava uma partida de tênis, ele pensou. Quando ele sacou o comentário sobre as ostras – que fora quase além dos limites –, ela respondeu sem ficar envergonhada nem gaguejar, medindo o voleio da conversa com perspicácia e inteligência. Vantagem para Huck. E, quando ele tinha quase certeza de que havia conseguido convencê-la a jantar com ele, ela veio com um *ace*, com tudo. Fim de jogo. Ele riu. Tênis era o único jogo com “amor” (ou “love”) no placar.

A distância, Gabe podia ver o enorme Rice Hotel. Em uma noite abafada, ele havia levado uma moça a um jantar dançante no hotel porque o Rice Café era o único salão público com ar-condicionado na cidade. Quando ele contou para ela, com orgulho, que o hotel havia sido construído no exato local do capitólio histórico da República do Texas, ela simplesmente bocejou, disse “Gabe, meu querido, nosso capitólio fica em Austin”, reclamou que estava com frio e pediu que ele fosse pegar sua echarpe. Ele nem se deu ao trabalho de explicar a diferença entre uma república e um estado. Também não se deu ao trabalho de convidá-la novamente para sair.

Seguindo pela Rua Principal, na vitrine da loja de departamentos Foley Brothers, Gabe viu vários manequins vestidos na moda dos anos 1920. Houston era uma cidade conhecida por suas belas mulheres, e, aos vinte e seis anos de idade, ele preferia paquerar aquelas que eram para casar. A maior parte de suas conhecidas eram “surpresas” propostas por amigos casados cheios de boas intenções. Eles o convidavam para jantar, e então a Senhorita Disponível aparecia com uma sobremesa que tinha preparado especialmente para a ocasião com uma antiga receita de família. Às vezes uma das meninas atraía sua atenção, mas o namorico não durava muito. No final, todas queriam a mesma coisa. Uma família. E ter uma família significava ter filhos. Ele não via nada de errado em povoar a Terra, mas ser pai não era prioridade. Pelo menos ainda não.

Gabe se encostou a um poste de luz e viu um jovem casal passeando por ali. Eles pararam em frente a uma vitrine que exibia um vestido de noiva e se beijaram rapidamente antes de seguir seu caminho. Ele acendeu um Lucky. Antes de tudo, ele estava à procura de um romance duradouro. O tipo de paixão sensual que a maioria dos casais que ele conhecia não tinha. Casais que começaram sua história como amantes íntimos, explorando cada curva e vale da grande estrada matrimonial, mas que, depois de vários desvios com os filhos e a carreira, seguiam mancando como viajantes platônicos cansados da estrada. Era um fenômeno que ele chamava de “Divisão Longa”. Em aritmética, a divisão longa exigia várias etapas trabalhosas que dividiam e depois multiplicavam continuamente outras divisões até o menor dividendo possível. Da mesma forma, até onde ele sabia, o casamento era cheio de obrigações que dividiam o tempo que o casal passava junto. Se ao longo dos anos aquelas divisões fossem autorizadas a se multiplicar, então as paixões que já haviam sido compartilhadas se separavam lentamente em interesses individuais.

A Divisão Longa.

Gabe não sabia ao certo como faria isso, mas se recusava a deixar esse fenômeno acontecer com ele. Se aquele fosse o caminho, ele preferia não se casar.

Na esquina seguinte, ele parou para deixar o bondinho passar. Pintada na lateral do bonde estava a nova campanha publicitária do Lucky Strike para mulheres: “Pegue um Lucky em vez de um docinho”. Ele sorriu. Nunca tinha se interessado por cigarros até se apaixonar por uma mulher que fumava. Amelia Addison foi o motivo pelo qual ele começou a fumar – e ele adotou até mesmo a marca favorita dela. Eles se conheceram no Cinema Íris dois meses antes de ele partir para a Primeira Guerra Mundial. Era uma tarde de sábado amargamente fria, incomum para Houston. Ele tinha passado o dia resolvendo pequenas coisas e entrou no cinema lotado para se esconder do vento gelado do norte. Estava passando *Lua de Mel Acidental*, uma comédia romântica que ele queria ver. O roteiro sugestivo contava a história do encontro casual entre um homem e uma mulher, estranhos que foram confundidos com um casal em lua de mel, e então forçados pelas divertidas circunstâncias a passar a noite juntos. Depois de permitir que seus olhos se ajustassem à pouca luz, Gabe finalmente encontrou um lugar vazio na fileira de trás do balcão do cinema, na seção para fumantes. Ele mal notou a moça sentada ao seu lado até que ela lhe ofereceu um cigarro.

– Quer um Lucky? – ela sussurrou.

– Não, obrigado.

Ele nunca tinha visto uma loira mais linda, e naquele momento bem que queria ser fumante.

– Histórias de amor me fazem chorar, mesmo as engraçadas. Só passo vergonha. Mas fumar ajuda. Tem certeza mesmo de que não quer um?

– Minhas mãos estão tão geladas que provavelmente vou deixar o cigarro cair.

A moça riu.

– Aposto que você vai mudar de ideia antes de chegar à parte triste.

Quando o filme acabou, Gabe já sabia que o nome dela era Amelia, que ela era secretária do departamento legal e tinha cinco anos a mais que ele. Ele também já tinha experimentado seu primeiro cigarro, logo depois de ela ter esquentado a mão dele debaixo de uma de suas pernas torneadas. Morrendo de calor e nervoso, ele souou e tossiu na parte triste do filme enquanto Amelia chorava. E então, pelas oito semanas seguintes, Gabe e Amelia passaram todas as horas em que não estavam trabalhando envolvidos em seu próprio roteiro acidental: conversando, fumando, se beijando.

Quando Gabe embarcou para a França, o cigarro não conseguiu fazer nenhum dos dois parar de chorar. Os dias de guerra eram difíceis, e as noites, assustadoras, como que saídas do inferno. Então ele fumava para provar os lábios doces de Amelia, e sentir o calor de outro carinho leve. O tabaco

era a sua sanidade. Quando os pracinhas voltaram para casa, quase um ano depois, Cecil foi buscar Gabe na estação com um bilhete. Amelia tinha se casado com um advogado de Nova York e desejava “tudo de bom” para ele.

Uma cantada de pneu trouxe os pensamentos de Gabe de volta à Rua Principal.

– Ei, amigão! – berrou um motorista. – Você vai ficar aí no meio da rua ou vai atravessar?

Gabe acenou como quem pede desculpas e subiu na guia. Ele suspirou. A mágoa por causa de Amelia tinha passado havia muito tempo; ele não tinha mais saudade dela. Mas ainda se lembrava da moça de tempos em tempos e pensava se um dia encontraria outra mulher para amar.

Até hoje.

Seu instinto dizia que ele veria Huck de novo, e seria apenas a próxima cena de uma nova e maravilhosa história que se desdobrava em sua vida. Gabe levou a mão ao bolso da camisa, agradecido por não ter dado o anel de sua mãe para Amelia.

Ele caminhou por mais um quarteirão e foi para o Benny’s Diner, um local popular que ele geralmente frequentava no café da manhã. Havia vários bancos vazios, então ele escolheu um ao lado da janela. A maior parte dos clientes da hora do jantar já tinha enchido a barriga e ido embora. Ele acendeu outro Lucky e colocou uma moeda de cinco centavos sobre a mesa para pagar sua xícara de café.

– O especial de hoje é carne enlatada com repolho – disse uma garçonete que ele não conhecia, com os olhos inchados e vermelhos. – Só sobrou isso mesmo.

– Só um café, por favor.

– Estou passando um agora mesmo, então vai demorar um minutinho.

Gabe ficou olhando enquanto a garçonete trabalhava. Ela devia ter a idade dele, era bonita e parecia que estava chorando. Ele não sabia ao certo por quê, mas seu instinto o mandava resgatar mulheres aos prantos do que ou quem quer que tivesse feito algo de errado com elas. Na verdade, ele já tinha tentado fazer esse resgate duas vezes, e falhado em ambas. A primeira moça não estava chorando – apenas sofria de alergia e chorou ainda mais porque ele tinha notado. A segunda moça estava chorando, sim. O pior é que ela estava grávida e se descabelou ainda mais alto por causa da generosidade de Gabe. Depois daquilo, ele tinha prometido a si mesmo não se meter na vida dos outros, se possível, e sempre checar se a moça estava usando um anel. A garçonete usava uma aliança dourada fina de casamento. O dedo de Huck Huckabee estava deliciosamente despido.

A garçonete voltou com um café forte e um sorriso fraco.

– Se você mudar de ideia sobre o especial, é só falar.

Gabe inalou o vapor inebriante. Antes mesmo de ter idade suficiente para andar, ele já chupava um café denso de caubói de uma colher de chá cheia de açúcar. Uma de suas lembranças favoritas da

infância era viajar com seus pais para o cais de Galveston. Se o vento estivesse soprando na direção certa, ele sentia o aroma denso de grãos de café ainda crus antes de os navios aportarem. Quando seu pai morreu, ele já tomava várias xícaras por dia, torrando os grãos à perfeição em uma frigideira de ferro e moendo só o suficiente para um bule por vez. Muito antes do cigarro, o café havia ajudado a fazer a vida valer mais a pena. E hoje ele tinha conhecido uma moça cujos cabelos e olhos combinavam com a cor exótica da bebida.

Ao tomar um gole, ele olhou de relance pela janela... já estava quase escuro. Do outro lado da rua ele podia ver as bases da obra de um edifício novo e gigante, o Gulf Building. Quando estivesse pronto, seria uma obra-prima *art déco* com design parecido com o de um castelo gótico, ostentando o arranha-céu mais alto e impressionante a oeste do Mississippi. Diziam os boatos que a Gulf Oil Corporation iria contratar uma multidão de escriturários. Como ele já tinha chegado aonde podia chegar na peixaria do Cecil, Gabe tinha se candidatado. Trabalhar para uma grande empresa petrolífera nunca tinha sido a sua paixão, mas a Gulf pagava bem. Qualquer homem sensato deveria estar disposto a expandir seu futuro financeiro. Especialmente um homem que queria poder oferecer coisas bonitas a uma mulher como Huck.

– O Gulf Building vai ser um espetáculo, não? – resmungou uma voz que lembrava o coaxar de um sapo com cascalho entalado na garganta. Um cozinheiro barrigudo de meia-idade tinha se instalado na mesa oposta à de Gabe. – Eu vi o projeto do arquiteto ontem no *Chronicle*. Parecia um bolo de aniversário medieval.

– Senta aí, Benny.

– Já tenho um lugar. Só queria que fosse grande o bastante para as minhas calças caberem aqui – ele riu.

Uma garçonete diferente apareceu, o bule de café na mão.

– Quer esquentar o seu café? – ofereceu. Sem esperar por uma resposta, ela encheu de novo a xícara de Gabe, serviu outra para Benny e desapareceu.

– Estou vendo que você ainda assusta as mulheres – Benny tirou um charuto barato fumado pela metade de detrás da orelha e então o acendeu. – Por onde você anda, Gabe? Achou uma moça para fazer café para você?

– Estou trabalhando dois turnos. O Cecil está em Dallas desde o final de semana passado. O neto dele vai se casar.

Benny fez cara feia.

– Acontece com os melhores... E os piores.

– Pelo jeito você contratou umas meninas novas. O que aconteceu com a minha primeira garçonete?

– Ela recebeu um cartão-postal do marido na semana passada. O cafajeste largou a coitada depois de oito anos. Fugiu para o Caribe com outra.

Gabe fez que sim com a cabeça.

– Eu achei mesmo que ela estivesse chorando.

– E você também não estaria? – Benny tomou o café fazendo barulho e com o charuto ainda entre os dentes. – Hoje foi o primeiro turno dela. A mulher não parava de olhar para a aliança. Nem tirava o anel também. Finalmente eu a mandei ir para casa mais cedo. Ela nunca tinha trabalhado fora na vida e tem três filhos.

A segunda garçonete voltou:

– Um entregador chegou com os ovos para amanhã. Onde você quer que a gente os coloque?

Benny se levantou e arrumou a calça.

– Onde eles não quebrem, dessa vez. Aqui só tem ovo quebrado e coração partido – ele apertou a mão de Gabe. – Vê se aparece mais.

Fora do Benny's Diner, o trânsito de sexta à noite estava ficando mais pesado. Em meia hora, a Rua Principal se tornaria uma fila sem fim de faróis e buzinas procurando vaga para estacionar – carros se arrastando impacientemente, como gado barulhento em busca de um lugar para dormir. Gabe terminou de tomar seu café e foi até a porta. A fumaça poderosa dos escapamentos se misturava ao odor pungente dos bondes elétricos. Os postes de luz brilhavam brancos sob placas coloridas de restaurantes e cinemas. As lojas ficavam abertas até mais tarde para atender à multidão de houstonianos loucos para gastar dinheiro.

Ao se lembrar de que precisava de uma fita nova para sua máquina de escrever, Gabe entrou em uma loja de material de escritório. Ele preferia datilografar, apesar de já terem dito a ele mais de uma vez que sua letra era excelente. Ao passar por um display de cartões-postais com fotos, ele se lembrou do comentário de Benny sobre a garçonete e seu marido. Terminar um casamento de oito anos com um cartão-postal era cruel. O homem era um covarde sem coração. Ele provavelmente tinha mandado para ela a foto de uma praia deserta para simbolizar sua própria deserção. Era bem capaz de o fim do casamento deles ter sido mais uma baixa da Divisão Longa.

Um cartão-postal em particular chamou sua atenção. Uma moça jovem e bonita, o rosto tinindo de antecipação, estava quase alcançando a caixa de correio. A legenda dizia: “Seria um bilhete do meu querido?”. Gabe deu uma risadinha. É claro que haveria um bilhete, a não ser que o namorado da menina fosse cego e imbecil. Os objetos de posse mais valorizados por qualquer mulher eram suas cartas de amor. Depois que a mãe de Gabe morreu, ele descobriu uma pequena pilha de envelopes amarrados com uma fita e guardados a salvo no fundo de seu baú de cedro. Ele sentiu um pouco de culpa ao ler as cartas, apesar de a maioria discutir os planos de seus pais para o rancho. Era óbvio que ela tinha lido uma carta mais que as outras, porque aquela era a mais desbotada e continha um poema composto pelo pai dele. Gabe não fazia a menor ideia de que o pai escrevia poesia e

conseguia se lembrar apenas dos dois últimos versos:

Lá fora, onde coiotes e

cães insistem em vagar,

nosso trabalho e nosso amor

vão construir um lar.

Ele sorriu. O homem que raramente mostrava seu lado mais sensível tinha criado um poema simples de amor, que a sua esposa tinha acalentado por décadas. E se ele tivesse escrito um poema para cada ano? Se o marido da garçonete tivesse mandado alguns cartões-postais românticos no começo do casamento, ele poderia ter chegado mais perto de olhar para o outro lado quando a tentação chegasse. Aquilo fazia sentido. Um homem cujos pensamentos sobre sua alma gêmea permaneciam numa escrita tão bonita estaria menos propenso a pular a cerca.

E se o marido da garçonete tivesse mandado um cartão-postal para ela todos os meses?

E se *ela* fosse Huck Huckabee, e *ele*, Gabe, fosse o marido que mandaria os postais?

Um arrepio aqueceu a alma solitária de Gabe Alexander. Ele protegeria o relacionamento deles com cartões-postais e poesia. A Divisão Longa ficaria em ruínas aos pés de Huck Huckabee. Ele começou a imaginar. Começando na primeira semana depois de seu casamento, ele comporia um poema curto sobre o amor deles no verso de um cartão-postal cheio de significado, e então o colocaria no correio para que fosse entregue no final da semana. Com cinquenta e duas sextas-feiras por ano, a ligação dos dois se multiplicaria em um milhão de conexões que jamais seriam quebradas.

Depois de olhar bastante, Gabe achou um postal que mostrava um homem e uma mulher olhando um nos olhos do outro. Perfeito. Ele estava decidido.

– Você já encontrou o que precisava? – um atendente perguntou.

– Com certeza. A não ser que você tenha algum cartão-postal com ostras.

– Ostras, senhor? E qual é a ocasião?

Gabe sorriu.

– Eu vou me casar.

Quatro

Abril de 1926

Houston, Texas

Huck

Huck abriu com cuidado a tampa de seu porta-joias e espiou dentro dele. Seu anel de noivado ainda estava lá, claro.

Esperando.

Pacientemente.

Ela escutou o tique-taque do despertador sobre a cômoda e suspirou com a insensatez de sua própria irritação.

– Quanto tempo tenho que esperar por uma resposta? – Huck sussurrou. Ela não tinha voltado à peixaria do Cecil naquele abril úmido de Houston, propositalmente para evitar Gabe enquanto buscava conselhos divinos sobre se casar com seu noivo, Clark Richards. Ele não esperava ver o Senhor Jack de novo, mas tinha oferecido várias orações por dia em troca de sabedoria, e então concentrou seus pensamentos nos momentos agradáveis que tinha passado com Clark. Afinal, era o anel dele que às vezes circundava o dedo dela.

Às vezes porque ela era canhota e o anel arranhava a lousa na escola Sidney Lanier. Às vezes por causa de suas tarefas diárias. Seria uma bobagem lavar louça ou fazer faxina usando um diamante de um quilate. Ela poderia perdê-lo. Assim, o anel morava no quarto dela na pensão da Senhora Thompson, a não ser quando Clark vinha visitá-la. Dias inesperados como hoje, ou noites.

Era segunda-feira, e ela tinha ficado na escola até mais tarde orientando os alunos e corrigindo trabalhos. Ela ainda tinha que passar todas as notas para seu caderno antes de ir dormir, assim como preparar o almoço para o dia seguinte. Além disso, ela não via a hora de passar parte da noite de molho em um banho quente e lavando o cabelo. Estava quase chegando à cintura e demorava um tempão para secar. No entanto, no momento em que ela chegou de volta à pensão, encontrou um bilhete preso à sua porta. Clark estava na cidade a trabalho e passaria para buscá-la às oito da noite. Ele não via a hora de experimentar o restaurante mais chique da cidade, o Pickwicks.

– Vou ter que lavar o cabelo outro dia – Huck resmungou, com desgosto.

Ela enfiou a mão no porta-joias. O anel parecia pesado e até maior do que na tarde em que Clark o dera para ela. Ela o ergueu contra a luz e estudou o brilho multifacetado da pedra. Era lindo mesmo, e, apesar de ela saber que era impossível um diamante crescer, todo o resto no relacionamento dos dois havia encolhido, especialmente os sentimentos dela. Clark sempre se gabava de ter o maior e o

melhor. Às vezes ele agia como se a possuísse também.

Huck colocou o anel no dedo. As ideias materialistas do noivo eram realmente frustrantes. Mas, na família Richards, presentes caros mediam o tamanho do amor e da devoção por alguém. Clark jamais teria dado um diamante tão lindo para ela se não a amasse com todo o seu coração.

Ela olhou de relance para o relógio. Trinta e três minutos de folga. Então, ela se recostou na cama e apoiou as pernas sobre dois travesseiros. Talvez Clark fosse diferente dessa vez. Ele nem sempre tinha se comportado de um jeito tão sério. Na verdade, ela nunca tinha conhecido alguém tão agradavelmente engraçado. Além disso, ele a conhecia melhor do que qualquer um na casa dos Huckabee – melhor até mesmo que Cutter.

Ela suspirou. Clark sabia na hora quando ela estava sendo sincera, ou quando não contava *toda a verdade*. Mesmo assim, ela nunca tivera coragem de contar para ele sobre seu anjo da guarda.

Huck fechou os olhos. Após o encontro com o Senhor Jack, ela vinha pensando se Clark seria sua alma gêmea. Mas os pensamentos sobre seu encontro com Gabe ainda vagavam por sua mente. Será que ela tinha se enganado?

Tanto Huck quanto Clark tinham crescido a pouco mais de cem quilômetros, ao norte da comunidade de Huntsville, ao leste do Texas e repleta de pinheiros. Eles começaram o primeiro ano da escola juntos e frequentavam a mesma igreja. Em toda a vida juntos na escola, Clark havia escrito e passado dezenas de bilhetinhos de amor, mas nunca havia feito nada de muito romântico até as aulas de ensino bíblico no sétimo ano. Era o Dia da Memorização da Bíblia, e as meninas faziam par com as meninas e os meninos com meninos. Não havia o mesmo número de meninas e meninos, então Clark sugeriu fazer par com Huck. Em vez de decorar o Salmo 23, ele sussurrou uma passagem especialmente ousada do Cântico dos Cânticos, colocando os nomes dos dois e enfatizando as palavras descritivas. Se ele não tivesse engasgado ao dizer “seios”, a velha Senhora Hudge – mais conhecida como “a avó de Matusalém” – jamais teria desconfiado. Até então, todo mundo achava que os ouvidos dela tinham desistido de funcionar na virada do século. Então, em vez do almoço de domingo com um delicioso frango frito, Clark teve que se contentar em encher a boca de sabão e sofrer uma boa cintada dada com a alça da navalha como sobremesa, e passou o resto do dia à porta do banheiro entre um ataque e outro do sabão. Huck nunca tinha ouvido falar de ninguém no Condado de Walker ter sido punido por recitar as Escrituras Sagradas, e não tinha a menor ideia se Deus sabia o que “seios” quer dizer, ou que gente casada fazia aquilo. Então ela leu o cântico inteiro à luz da lua depois que a família foi dormir.

No ensino médio, Clark era zagueiro no futebol americano, e mais parecia um gladiador; foi eleito como o mais lindo da escola. Ela era capitã das líderes de torcida, naturalmente bonita, e também tinha sido escolhida como a mais bela da escola. E ele era tão amigo quanto namorado: despreocupado, ousado e sempre interessante. Quando os trens lentos de frete passavam pela cidade, ela e Clark às vezes pulavam em um vagão vazio e fingiam ser sem-teto. Eles se sentavam sem maiores preocupações à porta do vagão, e Clark roubava um beijo ou dois. Quando o trem começava a ganhar velocidade, eles se davam as mãos e pulavam para fora do vagão. Certa vez, um homem viu os dois e ameaçou denunciá-los para as autoridades da estrada de ferro. Então, eles inventaram uma história maluca sobre terem vindo a bordo do trem desde Tampa, na Flórida, em busca de sua família

perdida. O homem deu um dólar para os dois e lhes desejou boa sorte. Por dias depois disso, Clark sussurrava “Tampa” no ouvido de Huck e os dois caíam na gargalhada.

No Sam Houston Normal Institute – ou SHNI, a faculdade local –, Huck se formou em educação e Clark ainda era um superatleta. Eles iam juntos às festas depois dos jogos e a outros eventos da faculdade, e logo evoluíram para um “casal provável” – o que às vezes agradava e desagradava Huck na mesma medida. Clark era um cavalheiro em um minuto e bruto no outro. De certa maneira, ele sempre agia como uma sombra perto dela, mesmo na igreja. Quando ela finalmente aceitou um namoro formal, no último ano da faculdade, sua mãe ficou muito agradecida.

– Ele é um menino bem-educado – Annise disse certa noite, enquanto guardava a louça do jantar.

– Eu sei, mãe – Huck empilhava os pratos e os passava para a mãe. – Mas há muitos homens educados por aí.

– E... ainda tem uma sujeirinha neste aqui. E ele é membro da nossa congregação. O Irmão Ralph Leggett diz que Clark nunca perdeu uma missa, não que ele se lembre.

Huck inspecionou o prato.

– O mesmo Irmão Leggett que não consegue se lembrar de abotoar os suspensórios, e então pagou o pato no domingo passado cantando “Levante-se para Jesus”?

Annise ignorou o comentário.

– Você sabe o que estou dizendo. Deus me perdoe se você se casar com alguém de outra religião. Não se esqueça do seu irmão.

– O Cutter ainda é solteiro, mãe. Tem alguma coisa acontecendo com ele que eu deveria saber? – Huck sorriu e olhou de relance para a mãe, que permaneceu sem expressão.

– Estou falando da mulher do seu irmão mais velho, a Helen, minha única nora que se recusou a trocar de igreja depois de descobrir a verdade.

Huck colocou o prato por baixo da última pilha. Ele não estava sujo, só tinha uma cor diferente. Helen provavelmente era mais próxima de Deus que qualquer um no clã dos Huckabee.

Não demorou muito para Clark começar a dar indiretas sobre casamento, planejando todos os momentos que passavam juntos. Para Huck, esse relacionamento fedia a previsibilidade. Enquanto a formatura na faculdade se aproximava, ele havia começado a tratar o relacionamento como um negócio, e às vezes se mostrava dominador. Para complicar a situação, ela tinha começado a duvidar de que ele era mesmo sua alma gêmea, e vinha se esquivando de todas as tentativas de pedido de casamento.

Quando eles se formaram no SHNI e Huck conseguiu o emprego na Sidney Lanier, Clark também queria o mesmo. No entanto, seu pai era o presidente do First National Bank de Huntsville, e rapidamente ofereceu ao filho o salário e o prestígio de vice-presidente júnior. Foi quando Clark

comprou aquele diamante enorme. Huck nunca tinha pensado em aceitá-lo, mas ele pediu sua mão em casamento no meio do jogo de dominó de Natal dos Huckabee. Ethan estava no processo de acabar com vários filhos, suas esposas e uma série de netos quando Clark se apoiou sobre um joelho de repente, enfiou o anel no dedo de Huck e ofereceu sua fidelidade eterna. Antes que ela pudesse responder, sua mãe e a maioria dos presentes deram a Clark as boas-vindas à família, arrastando-o para a cozinha a fim de escolher uma sobremesa para comemorar. O pai de Huck jogou a última peça e resmungou. Então, colocou um punhado de tabaco entre os dentes e foi lá para fora mascar e cuspir. Cutter foi atrás dele.

Huck viu a porta da frente bater. Um dia seu pai e seu irmão gêmeo aceitariam Clark na família. Nada que o tempo não resolvesse – nem umas cem partidas de dominó. Alguém chamou o nome de Huck da cozinha. Ela se levantou, olhando de relance para a poltrona vazia do pai. A última pedra de dominó dele estava virada para baixo. Como ele sempre sabia qual manter e qual jogar fora? E então sua mente se encheu de pensamentos sobre o Senhor Jack. Ela tinha feito a ele a pergunta. E, de repente, a resposta dele a deixou desconfortável. “Olhe bem fundo na alma de um homem e você vai ver os sonhos e esperanças dele”. Huck estremeceu. Clark não parava de falar sobre os sonhos e esperanças dele. Mas, por algum motivo, ela nunca tinha visto nenhum dos dois nos olhos dele.

Clark chegou à pensão da Senhora Thompson às oito em ponto para levar Huck para jantar. Eles foram de carro até um prédio recém-reformado no centro, e ele estacionou bem em frente.

– Transformar esses velhos dinossauros em restaurantes para a elite é a mais nova moda – ele afirmou, orgulhoso, enquanto o valet abria a porta de Huck. – Que ótimo investimento!

A entrada sofisticada do Pickwick fez Huck se lembrar das fotos que tinha visto em livros de viagens sobre mansões elisabetanas. Em vez de uma grande sala de jantar, havia várias menores, todas aconchegantes, com lareiras e luz de velas, e cada uma elegantemente decorada.

– Mas que lindo – Huck disse quando se sentaram. E então o nome do restaurante de repente fez sentido. *As Aventuras do Senhor Pickwick* foi o primeiro romance de Charles Dickens. Ela respirou fundo. Talvez a noite fosse acabar melhor do que ela esperava.

Um ajudante de garçom de luvas brancas serviu água gelada enquanto outro colocava um guardanapo bordado sobre o colo de Huck. Um garçom apareceu com os menus, e seus movimentos eram tão engomados quanto seu uniforme.

– Fiquem à vontade – o garçom disse. – Costela é a especialidade da casa. Volto em seguida para anotar seus pedidos.

Clark fixou o olhar na mão esquerda de Huck.

– Adoro vir a Houston ver meu anel de diamante – ele disse, casualmente.

Huck olhou para baixo, já que considerava o anel *dela*.

– Só o anel? – ela reposicionou o guardanapo sobre o colo.

– Você sabe o que eu quis dizer. Também adoro ver quem vem junto com o anel – ele riu e começou a estudar o cardápio.

– Uma mulher extremamente cansada vem junto com o anel – Huck disse. – Vou registrar notas enquanto durmo hoje à noite, pelo jeito. Minhas turmas vêm esquematizando frases nas últimas duas semanas. Tentei arranjar um jeito interessante de ensinar isso, mas...

– O que você acha da costela? – Clark interrompeu. – Vem com batatas e molho de vinho branco.

– Prefiro um filé menor, e bem passado. E uma salada.

– Mas você sempre pede isso.

– Costela é malpassado demais para o meu gosto. Você sabe disso.

Clark ergueu o queixo e se inclinou à frente.

– Eu acho que, como tive o trabalho de trazer você aqui, você deveria honrar a minha sugestão.

– Tudo bem – Huck estava cansada demais para discutir. E, depois do dia que havia tido, ela preferia comer a conversar mesmo.

O garçom voltou, anotou os pedidos dos dois e então girou sobre os calcanhares e saiu marchando. Huck continuou sua história:

– Como eu estava dizendo, venho ensinando as minhas turmas a formar frases do jeito certo.

– Que bom. Não que seja útil para uma carreira.

– O que você quer dizer com isso?

– Ah, Huck, não se ofenda tão fácil. Esta é a era da ciência e da indústria. Você acha que os irmãos Wright inventaram o avião enquanto definiam sujeitos e predicados?

– É claro que não, mas eles tiveram que escrever sobre suas descobertas. – Ela fez uma pausa. – Já que estamos falando sobre esse assunto, o que os bancos têm a ver com os nossos tempos modernos?

Ele riu.

– As finanças controlam tudo. Uma indústria de sucesso não depende apenas dos investidores que acreditam em ciência, mas também de nós, magos dos bancos, que somos sábios o suficiente para prover o lucro a todos os envolvidos.

Huck ficou olhando fixamente para Clark, mas sem enxergá-lo, e pensou no grande autor que havia inspirado o nome do restaurante. A prosa brilhante dele ainda estava viva, intocada pelos limites da

era industrial moderna, enquanto envolvia o coração e a alma de toda a humanidade.

– Aliás, falando em bancos – Clark disse sob as sobrancelhas erguidas – adivinhe o que aconteceu no trabalho hoje.

Huck fez cara feia.

– O banco foi assaltado e não há mais dinheiro para a ciência e a indústria?

– Nada disso – Clark olhou de relance para a sala e baixou a voz. – Por favor, considere as implicações dos seus comentários. É assim que começam os boatos.

– Clark, meu querido. Eu não estava falando sério.

– Obviamente – ele pigarreou. – E não estava sendo muito inteligente também. Não se vire para olhar, mas acho que um dos nossos acionistas acabou de entrar. É bem capaz que ele me reconheça e venha até a nossa mesa.

– Você não tem nada com que se preocupar – Huck deu um sorriso doce. – Vou fazer questão de falar em um nível que ele entenda.

– Naturalmente – Clark fez uma pausa, e então suspirou e sacudiu a cabeça. Como o homem não apareceu, Clark fez cara feia. – Você insiste em fazer comentários inapropriados quando eu tenho uma notícia monumental para contar.

Huck se inclinou à frente.

– Notícia?

– Bom... – ele sorriu. – Vou ser promovido a vice-presidente sênior.

– Ah, Clark. Mas que maravilha!

– Meu salário vai dobrar, e também vou ser empossado. É claro que terei mais responsabilidades – ele continuou, explicando cada uma delas detalhadamente até a comida chegar.

– O que quer dizer que podemos nos casar antes do planejado – ele completou assim que estavam sozinhos de novo.

Huck ficou olhando para o prato e se sentiu levemente enjoada.

– Não tínhamos marcado uma data exata.

– Exato. Mas agora já podemos. – Ele começou a comer.

Uma data definitiva era a última coisa que Huck queria discutir, mas Clark parecia decidido, e aquela provavelmente tinha sido a razão verdadeira pela qual havia insistido em levá-la para jantar.

Talvez ela conseguisse mudar o rumo da conversa.

– E então? – ele perguntou, entre uma garfada e outra. – Que tal...

Huck falou mais alto:

– Antes do casamento, eu estava pensando em cortar o cabelo.

Ele engoliu.

– O seu cabelo?

– Um corte curto, de melindrosa. É a última moda.

Clark ficou mais vermelho que a carne.

– Eu proíbo você de cortar um único fio – ele disse, abruptamente.

– Você o quê? – Em toda a sua vida, ela nunca tinha visto seu pai “proibir” sua mãe de fazer qualquer coisa. Ele poderia até discordar e citar vários motivos, mas ao final a decisão era da sua mãe.

Clark continuou:

– Minha futura esposa não vai parecer uma meretriz. Não vou permitir isso.

Huck se levantou lentamente e desfez o coque, deixando o cabelo cair pelas costas. As pessoas começaram a encará-los.

– O que você está fazendo? – ele sussurrou. – Você está me envergonhando. Exijo que você se sente de uma vez.

– Eu nem sonharia em envergonhar você, meu querido Clark. – Huck chacoalhou o cabelo, parecendo uma mulher selvagem, ou que tinha acabado de enfrentar uma ventania. – Viu só? Agora não haverá mais discussão sobre o que você permite, nem de sua futura esposa correr o risco de ser uma meretriz de cabelo curto.

– Você está sendo ridícula! Exijo que se sente agora e baixe a voz.

– E mais uma coisa... – Huck pegou alguns fios de cabelo. Segurando-os a um braço de distância, ela separou um único fio entre o polegar e o indicador. – Foi este aqui que você me proibiu de cortar? Ou foi um dos outros?

Clark olhou de relance ao redor da sala, se levantou e falou em tom bem baixo:

– Vou puxar a cadeira para você e você vai se sentar de novo com toda a calma.

Mas, ao esticar o braço para pegar a cadeira de Huck, ele agarrou o pulso da noiva.

– Você está me machucando; me solte.

– Solte o cabelo primeiro – ele respondeu, indiferente à dor dela.

Com a mão livre, Huck pegou sua faca para carne e cortou os fios com um único golpe. Clark tomou um susto e Huck aproveitou a deixa para se soltar. Ele deu um passo para trás.

– Sua futura esposa não gosta de receber ordens sobre aquilo que pode ou não pode fazer. – Huck colocou a faca sobre a mesa e se aproximou um centímetro de um Clark chocado. – E, pelo menos até onde *nós* sabemos, o futuro é um substantivo que depende de como *você* investe no presente. Um investimento imprudente pode significar perda de lucros. Qualquer bom banqueiro sabe disso. – Ela soltou os fios. – Analise essa frase, meu querido.

Todos na sala assistiram enquanto os fios flutuaram até o prato dele.

Huck saiu do restaurante a passos largos. Quando Clark conseguiu chamar o garçom e pagar a conta, ela já estava a bordo do bonde, a caminho da pensão da Senhora Thompson.

Cinco

Verão de 2006
Adam Colby

— *T*enha uma boa noite, Senhor Colby – a garçonete de olhos arregalados do drive-thru me deu um refrigerante e um saco de papel oleoso. – Até amanhã e obrigada pela gorjeta.

Dei a partida no SUV e então olhei de relance para o retrovisor para vê-la entrar patinando de volta pra lanchonete.

– Uma boa noite? – sussurrei. – Quem sabe em outra oportunidade?

Havia sido uma semana difícil, mas a venda dos bens dos Gruver tinha acabado. Pelo menos eu tinha alguns dias antes de começar a avaliar a próxima.

Era isso que demorava mais.

Avaliar.

Era uma tarefa chata que Haley adorava... quando ainda me amava.

Em vez de engatar a ré, desliguei o motor, enfiei a mão no saco de papel e selecionei uma batata frita magricela.

– Tão patética quanto a minha vida – eu disse, sem expressão, para o carro estacionado ao lado do meu.

Enfiei a batata frita de volta no saco de papel com suas amigas, tomei um gole de refrigerante e chequei meu celular. Nenhuma ligação de Yvette, nem mensagens. Ela já tinha cancelado nossa reunião duas vezes, então eu não tinha muita esperança na terceira tentativa, apesar de esse ser um número místico.

Na mensagem que deixei para Yvette sobre a nossa primeira reunião, não entrei em muitos detalhes: só expliquei que estava fazendo a venda dos pertences dos Alexanders e tinha algumas perguntas. Ao marcar o segundo encontro, eu estava um pouco mais desesperado e mencionei ter encontrado os álbuns de cartões-postais. Eu achava que a mulher que havia cuidado da Senhora Alexander até seus últimos dias se animaria a falar sobre ela. Mas Yvette não sabia sobre os cartões-postais, ou não queria que eles tivessem sido encontrados.

“Tenho que cancelar” foi a mensagem que ela deixou na minha caixa postal as duas vezes. Nenhum motivo, nem um “sinto muito” de compaixão. Apenas três palavras tão frias quanto o meu jantar de *junk food*. Era como se ela soubesse exatamente quando me ligar. Exatamente quando eu estava

ocupado com um cliente e não podia atender.

Ao girar a chave na ignição de novo, dei a partida no motor e fiquei escutando o barulho. Eu tinha tentado seguir em frente, como Haley e agora outras pessoas haviam sugerido. Mas dois anos eram uma eternidade para um homem perdido. Além disso, ainda era difícil imaginar não ser mais casado... quase impensável.

Às vezes eu ficava paralisado nesses pensamentos, apesar de continuar tocando meu negócio de venda de patrimônio como se estivesse no piloto automático. A cada dia sombrio, eu me debruçava sobre os cartões-postais, em busca do segredo precioso da felicidade de Huck e Gabe Alexander. Eu passava as noites digitando a história deles no computador em meu escritório em casa – eu até dormia lá, passando pelo nosso quarto apenas a caminho do guarda-roupa. Ocasionalmente eu digitava alguma coisa sobre como os Alexanders me faziam lembrar Haley e eu, e então pagava o preço enquanto as lágrimas queimavam minhas bochechas.

Perguntas solitárias ainda atormentavam minhas noites agitadas e as transformavam em dias sem respostas. Embora eles fossem significativos, ligar cada belo verso de um cartão-postal à história da vida de Gabe e Huck não se provou apenas difícil, mas quase impossível. Havia tantas coisas íntimas às quais os cartões se referiam que eu não conseguia entender. Tantas conexões não explicadas que eu não conseguia estabelecer.

Tomei outro gole e meu celular tocou.

– Alô? Adam falando.

– É Yvette Galloway.

– Oi! Que bom finalmente falar com você.

– Que tal a gente se encontrar no Starbucks?

– Qual deles?

– Você conhece aquele na praça em Sugar Land?

– Claro. Quando?

– Amanhã. Às dez da manhã?

– Com certeza. Será que eu...

– Até amanhã – Yvette desligou.

– ... levo alguns cartões-postais? – finalmente terminei a minha pergunta, e então me olhei no retrovisor. – Bom – sussurrei. – Acho que finalmente vou conhecer Yvette.

Seis

Asilo de Bayshore, 2004
Yvette Galloway

Yvette entrou a passos largos pela porta de vidro jateado do Asilo de Bayshore e depois na recepção sofisticada. Até os lugares mais caros para idosos cheiravam a antisséptico e outros odores nos quais ela preferia não pensar. Depois de passar pela lojinha de presentes, ela seguiu em frente por uma série de portas automáticas que levavam ao posto das enfermeiras, e então sorriu para a profissional responsável por aquele turno.

– Bom dia, Judy. Recebi a sua mensagem.

– Oi, Yvette. Deve ser um bom dia em algum lugar.

Um estudante de medicina que revisava prontuários deu uma risadinha discreta.

Judy continuou:

– A Senhora Alexander não ficou muito feliz conosco ontem porque tiramos o telefone dela. Mais um escândalo.

– Ela vai receber o telefone de volta? – Yvette perguntou.

– Dessa vez, não.

Yvette ficara irritada ao saber que Huck havia ligado para a polícia mais uma vez, principalmente depois de as duas terem conversado sobre as consequências daquilo.

– Eu sinto muito.

– Agora cedo ela esqueceu o telefone, mas está acusando o Bayshore de roubo.

– A velhinha tem coragem – o estudante de medicina disse. – Eu gosto disso.

– E eu gostaria que você se referisse aos nossos pacientes com um pouco mais de respeito e terminasse logo esses prontuários. – Judy se virou para Yvette e baixou a voz. – A Senhora Alexander jura que parte da correspondência dela foi roubada e está colocando a culpa na nossa equipe. Você tem alguma ideia do que ela está falando?

– É uma longa história, mas ela acredita que o marido falecido ainda mande cartões-postais para ela.

– Jura? Mas será que alguém ainda manda postais hoje em dia?

Yevette deu de ombros.

Judy parecia pensativa.

– Você poderia garantir à Senhora Alexander que ninguém aqui no Bayshore jamais roubaria nada dela, principalmente correspondência?

– Claro. Obrigada, Judy.

Yevette seguiu pelo longo corredor. Ela não tinha ideia dos belos poemas nos postais enviados por Gabe até Huck pedir que a ajudasse a guardá-los em álbuns, uma atividade que elas sempre faziam às sextas-feiras nos últimos meses. Yevette havia aprendido mais sobre o relacionamento extraordinário de Huck e Gabe do que achava possível, mas elas haviam completado a tarefa e não havia mais postal nenhum. Em algumas sextas-feiras, elas riam até não poderem mais. Em outras, tentavam segurar as lágrimas. Duas sextas antes, tinham completado o último álbum e caído no choro.

– Não podemos ficar tristes – Huck havia afirmado bravamente. – Gabe me prometeu outro cartão, com um poema ainda mais lindo que qualquer um dos outros.

Sentindo-se chorosa, Yevette foi para uma área de espera vazia ao lado do corredor para se recompor, parando em frente a um grande aquário. Ela tinha apenas doze anos quando Gabe morreu, e se viu com saudade do seu senso de humor e simpatia de avô. Ela nem podia imaginar como Huck se sentia. E, apesar de os móveis favoritos de Huck – uma namoradeira e uma cômoda com tampo de mármore – estarem em seu quarto, Huck tinha deixado bem claro que aquele lugar não era a casa dela e nunca seria.

Yevette respirou fundo e soltou o ar lentamente. Ela havia planejado visitar Bayshore naquele dia de qualquer maneira, porque sua cabeça estava cheia de perguntas. Perguntas sobre a sua mãe. Perguntas específicas que Yevette finalmente tinha coragem de fazer. Por mais próximas que ela e Huck fossem, era melhor deixar alguns assuntos para outro dia. Mas a saúde da velha senhora estava declinando vagarosamente, e Yevette não podia mais adiar as perguntas. Ela esperava que a demência de Huck cooperasse.

Priscilla foi empregada de Huck e Gabe por vinte e seis anos, até a sua morte. Seu sonho inicial era fazer faculdade e abrir o próprio negócio. Mas, em vez disso, ela havia se casado com Rob Galloway, um piloto da Força Aérea que, dois meses depois do casamento, sofreu um acidente em uma missão de treinamento sobre o sul do Vietnã. Ele poderia ter ejetado o assento e sobrevivido, mas preferiu manobrar o avião para longe de uma área habitada. E então foi tarde demais.

– Se ele tivesse sobrevivido e sido meu pai de verdade – Yevette sussurrou –, eu não seria eu mesma.

Ela olhou para o aquário tranquilo. Os peixes-anjo eram os favoritos de Huck, o que fazia todo o sentido depois de ela explicar como tinha conhecido o Senhor Jack. Yevette nunca tinha conhecido

seu próprio anjo da guarda, mas não fazia diferença. Ao longo dos anos, Huck e Gabe haviam compartilhado com ela sua grande fé em Deus, não apenas ao falar, mas também na maneira como a amavam e como valorizavam um ao outro.

– Eu só queria poder confiar em um homem, como Huck confiava em Gabe – Yvette disse ao peixe-anjo mais bonito.

Ela tinha ficado noiva duas vezes, e nenhum dos relacionamentos havia durado, o que a fizera pensar que o fracasso estava de alguma forma ligado à desconfiança da mãe em relação aos homens depois que Rob morreu. Desde que Yvette era pequenininha, Priscilla tinha alertado a menina para confiar apenas naquilo que era genuíno, real. “A maioria dos homens não é”, ela havia dito pelo menos mil vezes. “Homens como o seu pai biológico. Você ainda não tem idade para entender, mas eu não sabia nem o nome dele.”

Quando Yvette chegou ao quarto de Huck, a porta estava entreaberta. Com uma batida leve na porta, ela espiou lá dentro. Vestida em um roupão verde-esmeralda, Huck estava sentada na namoradeira, dormindo. Como ela não conseguia sair da cama sem ajuda, alguém devia ter cuidado dela naquela manhã. No entanto, seu café permanecia na bandeja, a um braço de distância, intocado.

– Huck? – Yvette bateu com mais força.

– Gabe? É você?

– É a Yvette.

– Ah, entre, minha querida. Eu estava esperando para contar ao Gabe sobre o cartão-postal roubado e devo ter caído no sono – ela sorriu. – Ele vai chamar todos os Texas Rangers.

– Nada foi roubado.

– Eles mandaram você dizer isso? – o sorriso de Huck desapareceu.

– Nós guardamos o último postal dele no álbum duas semanas atrás, e então eu escondi os álbuns.

– Na sua casa?

– Do jeitinho que você sugeriu. No escritório do Gabe, no meio da coleção de fotos.

– E você não vai esquecer o que tem que fazer se eu nunca sair deste lugar horrível?

– Eu não vou esquecer.

Yvette deixou a cabeça cair para o lado. Huck havia insistido em terminar os álbuns antes de Gabe voltar. Mas, como os afazeres de Yvette nem sempre permitiam que ela trabalhasse nesse projeto toda semana, a insistência de Huck havia se transformado em mesquinha e tristeza. Então, algumas semanas antes, Yvette havia lembrado Huck com todo o cuidado de que Gabe já tinha falecido.

– Ele prometeu voltar e eu acredito nele – Huck respondeu, séria. – Se ele não voltar, então os postais devem ser destruídos.

– Mas será que é isso que Gabe iria querer? – Yvette perguntou, surpresa pelo fato de Huck ter sugerido aquilo.

– Nós falamos sobre isso na nossa noite de núpcias. Não queremos que eles caiam em mãos erradas.

Que mãos? Yvette queria ter perguntado. Ela sabia que Huck não estava bem da cabeça naquele dia para fazer aquela reivindicação tão horrível, mas achava melhor não insistir no assunto.

Yvette resolveu se voltar para a situação presente.

– Então por que você não tomou o seu café?

Huck deu uma batidinha no sofá ao lado dela.

– Sente-se aqui, querida.

– Não até você tomar o seu suco de laranja.

– A comida aqui não é comestível.

– Mas o suco é bom. – Yvette passou o copo para ela. – Parece espremido na hora.

– Você é tão persistente quanto a Priscilla. – Huck tomou um gole e devolveu o copo. – Uma delícia, mas é só isso que eu quero. Peça para a Priscilla preparar um para você também.

– A mamãe não está mais entre nós – Yvette disse com cuidado, e então se sentou ao lado de Huck. – Lembra?

– Sim – Huck respondeu. – Ela morreu, eu sei. Priscilla.

– Eu sei.

– Tão, tão trágico. O carro dela foi atingido por um motorista bêbado não muito tempo depois de Gabe morrer. Você se lembra de que eu queria te adotar, e prometi que ficaríamos juntas a partir de agora?

– Lembro.

“A partir de agora” tinha se tornado uma frase especial para elas.

– Como a Cynthia, irmã da Priscilla, exigiu criar você, não me deixaram.

– Já discutimos isso várias vezes. – Yvette fez uma pausa. Ela tinha morado com os tios em

Dallas até fazer dezoito anos, e então se mudou de volta para Houston. – Tenho uma pergunta sobre outra coisa.

– Pode perguntar o que quiser, querida.

– Antes de eu nascer, a minha mãe viajou?

– Acho que sim. Ela tinha um mês de férias pagas todo verão.

– Ela foi para Big Spring?

– Big Spring? – Huck ficou pensando por um momento. – Acho que ela tinha amigos lá.

– E um dos amigos dela era... um homem?

Huck fez cara feia.

– A Priscilla era amigável demais, e confiava demais.

– Ela nunca me levou para lá. Por quê?

– Era mais conveniente para você ficar com Gabe e eu. E como a gente se divertia!

– Mais conveniente? Ou ela ia para Big Spring por causa do hospital estadual para doentes mentais?

– Passe o suco para mim, querida. Acho que minha boca está seca.

– Você está evitando a pergunta, mas eu sei a resposta. Na semana passada eu estava vendo uns papéis da minha mãe e encontrei o histórico de admissão dela, e os formulários de alta.

– O luto afeta algumas pessoas mais a fundo que outras. Mesmo com seu pai tendo morrido como um herói, Priscilla tinha episódios bem sérios de depressão. Gabe insistiu que pagássemos uma avaliação e um tratamento anual para ela.

– Rob Galloway não era meu pai biológico. A minha mãe me contou, lembra?

– Aquilo era informação demais para uma criança – Huck respondeu, ríspida. – Priscilla não sabia guardar segredos. – Ela tomou mais um gole de suco e encarou a janela.

Yvette continuou:

– O meu pai foi um romance de uma noite só?

– Não faz muita diferença, querida, porque temos você. – Huck bocejou e fez um carinho na mão de Yvette. – Priscilla realmente teve um momento de fraqueza, mas Deus a abençoou mesmo assim.

“E então a levou embora”, Yvette pensou, “e a Gabe também”.

Ela olhou para o rosto enrugado de Huck e engoliu em seco.

Uma funcionária do asilo bateu à porta e entrou.

– Hora do banho, Senhora Alexander.

Yevette deu um abraço em Huck, e então se levantou.

– Vou viajar por um mês. Mas não se esqueça de que eu te amo...

– *A partir de agora* – Huck terminou a frase, e então sorriu. – Talvez quando você voltar o Gabe também se junte a nós.

– Nunca se sabe.

Yevette acenou, se despedindo. Enquanto andava em direção à recepção, pensou na mãe e na última vez em que estiveram juntas. As lembranças ainda estavam bem claras.

– Prometa para mim que vai confiar apenas naquilo que é genuíno – Priscilla havia dito –, apenas no que é real.

– Prometo – Yevette sorriu com a lembrança.

A partir de agora.

Sete

*Naquele dia mágico, em um bonde da Rua Principal,
A Mão Eterna dedilhou o destino,
E o coração cantou uma sinfonia sem igual
Para celebrar você comigo.*

*Para sempre,
Gabe*

*Maio de 1926
Houston, Texas*

Aquele primeiro dia de maio amanheceu sem nuvens, fugindo de uma frente fria que chegou tarde, já na primavera, e que havia levado toda gota de umidade de volta para o mar. Huck Huckabee saiu da cama, fechou os olhos e ergueu a cortina do seu quarto na pensão da Senhora Thompson. A luz do sol recém-chegada banhou seu rosto. Era sábado e ela não tinha que dar aula. Ela respirou fundo, enchendo os pulmões com uma fragrância doce de magnólia. Era o Dia do Trabalho, mas também o da chegada da primavera – e dos amantes.

No dia anterior, seus alunos na Sidney Lanier tinham celebrado o festival de 1º de Maio, coroando o rei e a rainha da primavera e depois dançando ao redor de um mastro cheio de fitas coloridas. Ela tinha pedido a uma das turmas para que pesquisasse “tradições pouco conhecidas” sobre o dia. Uma das tradições geralmente acontecia na noite anterior. Um homem colocava um mastro cheio de fitas na janela da amada, e então fazia uma dança ao nascer do sol para celebrar a loucura do amor.

Huck abriu os olhos. Nada de loucura. Nada além do pé de magnólia.

Mesmo se Clark Richards conhecesse aquela tradição, não teria se dado ao trabalho. Pouco tempo depois de o grande diamante aparecer no Natal, o romance desapareceu... pelo menos o tipo de romance tão espontâneo que é quase selvagem. Clark poderia até financiar o maior mastro de maio da cidade, mas jamais dançaria ao redor dele.

Equilibrando-se nas pontas dos pés, Huck rodopiou pelo quarto, vendo sua camisola fazer ondas.

Havia uma alegria especial em dançar descalça no ar gentil da manhã. Trazia uma nova animação, que a fazia se sentir bonita. E livre. A mesma animação e a mesma liberdade que ela tinha sentido naquele momento tão breve com Gabe Alexander.

Gabe Alexander. Os olhos dele ainda assombravam o coração dela.

Huck girou e parou em frente à janela. Um arrepio gelado jogou seus ombros para a frente. Não era certo uma noiva ter pensamentos atrevidos sobre outro homem. E ela sabia que era bobagem. Afinal, ela mal conhecia Gabe. Além disso, ela havia se convencido milhares de vezes de que aquele breve encontro não queria dizer nada.

– Vou me casar com Clark – ela sussurrou para si mesma. Mesmo depois do que tinha acontecido no mês anterior no Pickwicks. Ela sentiu o arrepio de novo. – É a coisa certa a fazer.

Huck continuou dançando, mas suas pernas de repente pareciam pesadas, sem jeito. Então, ela se apoiou no peitoril da janela para clarear a mente.

Mas e se casar com ele não fosse a coisa certa a fazer? Nem mesmo seu pai ou sua mãe concordavam com isso.

Por causa do que tinha acontecido no Pickwicks, ainda não havia uma data marcada.

Aquela noite tinha deixado um gosto amargo, apesar de Clark ter aparecido na pensão mais tarde para se desculpar profusamente – a Senhora Thompson permitiu que ele entrasse na sala uma hora depois do toque de recolher da casa porque ele trazia uma dúzia de rosas em uma mão e um par de brincos de ouro puro na outra. Ele tinha pensado direito no assunto e deixaria Huck cortar o cabelo porque a amava, mas será que eles poderiam chegar a um acordo? Por exemplo, na altura dos ombros?

Fechando os olhos, ela tentou esquecer o incidente, e se permitiu um momento para pensar em por que desejava conhecer Gabe melhor. O momento passou, e Huck chegou à conclusão de que, durante aquele encontro tão breve, as almas dos dois de alguma maneira tinham se tocado.

Ela abriu os olhos. Sob circunstâncias diferentes, Gabe poderia ter colocado vinte mastros sob a janela dela e dançado a loucura do amor ao redor de cada um deles.

Ignorando o cabo de guerra em sua consciência, ela sorriu com esse pensamento bobo e se permitiu pensar além, dessa vez por um momento mais longo. Quando o momento passou, ela voltou seus pensamentos para o dia à frente.

Na verdade, ela tinha acordado cedo para cumprir uma antiga tradição medieval: passar o dia em busca de flores e galhos de árvores para decorar a casa. Apesar de não poder carregar muito e de ir sozinha nessa missão, ela havia tomado essa decisão depois de ler as palavras de William Shakespeare para suas turmas:

Então se retiram para doces camas de flores:

Deitados sobre caramanchões, pensamentos se enchem de amores.

Huck riu de novo, imaginando Gabe e ela colhendo flores e serrando galhos de árvores em frente à prefeitura de Houston... uma cena ousada, que ela jamais consideraria com Clark. Ela sussurrou as palavras de Shakespeare, pensando no que ainda via no noivo. Na última carta, Clark tinha

menção vir para outra visita. Ele havia comprado um sedã novo e elegante, um Vertical Eight 1926. Era uma mudança muito luxuosa comparada ao Stutz Bearcat, e ele mal podia esperar para que ela visse o carro. A princípio ela achava que ele viesse visitá-la de carro no 1º de Maio, mas, depois de uma explicação enfadonha e detalhada sobre uma viagem de caça que ele faria com o pai, ela percebeu que ele planejava vir no sábado seguinte. Huck ficou aliviada. Agora o dia inteiro seria só para ela.

O aroma de café fresco soprava da cozinha da Senhora Thompson, no corredor. Nos fins de semana, as meninas podiam preparar suas próprias refeições; no entanto, todas as pensionistas com exceção de Huck estariam fora até a noite de sábado. Até mesmo a Senhora Thompson estaria de saída logo mais para passar a noite com uma irmã doente.

Huck se virou em direção à cozinha. Ela estava animada demais para preparar e tomar o café da manhã. A Market Square estaria lotada de barraquinhas de comida oferecendo amostras grátis. Ela adorava observar as tendas coloridas recendendo a aromas apetitosos e experimentar um pedacinho do que quer que a interessasse. E, como ela estaria perto da peixaria do Cecil, seria interessante comprar umas anchovas enlatadas para ter à mão. E ver se Gabe trabalhava aos sábados. Ver se ele ainda se lembrava dela. Fazia mais de um mês que ela havia recusado, com uma brincadeira, o convite dele para jantar. Ela tinha ouvido as outras meninas da pensão fofocar que certos homens viam a rejeição das mulheres como um desafio, e então imploravam para sair com a moça. Como aqueles homens geralmente eram pestes inseguras e arrogantes. Outros homens, elas disseram, desenvolviam uma amnésia orgulhosa, e convenientemente se esqueciam do nome da moça, fingindo nunca ter perguntado.

– Esses “certos homens” – Huck disse em voz alta – não são o Gabe. – Pelo menos era o que sua intuição lhe dizia.

Sua mãe havia ensinado que uma mulher de convicção deveria ter uma fé corajosa o bastante para fazer algo a respeito da intuição que era lhe dada por Deus. Era a coisa certa a fazer. Huck fez que sim com a cabeça, concordando com todo o respeito. Era o único caso no qual as duas concordavam cem por cento. Mesmo quando discordavam, Huck admirava a paixão da mãe e seu bom senso em geral. Se alguma mulher podia dizer que vivia pelas próprias palavras, essa mulher era Annise Huckabee.

Depois de vestir o roupão, Huck pegou uma toalha de rosto e sua escova de dentes. O banheiro ficava do outro lado do corredor. Como ela tinha tomado banho na noite anterior, não demoraria muito para lavar o rosto e escovar os dentes.

De volta a seu quarto, ela escolheu um vestido leve amarelo pastel com uma linha da cintura que caía sobre os quadris. A maioria das mulheres de mais idade considerava a cintura baixa um abuso. Huck sorriu. Pobres senhoras. Ah, se elas soubessem que um “slip” moderno tinha que ser usado por baixo do vestido em vez de uma anágua sem graça. Ela tirou a camisola e colocou o vestido pela cabeça. Serviu perfeitamente e também combinaria com seus sapatos e a bolsa.

Sentada à penteadeira, Huck arrumou o cabelo em um coque e o prendeu no lugar com grampos. Estudou seu reflexo e adicionou mais um grampo. Toda a confusão desagradável sobre o corte de

cabelo veio à sua mente de novo, e Huck fez cara feia. Clark *permitiria* que ela cortasse o cabelo na altura do ombro porque a amava? Ela deixaria o cabelo crescer até o pé antes de concordar com essa condição controladora.

E quanto à maquiagem e ao perfume? Clark já tinha deixado clara sua desaprovação em relação às novas cores e fragrâncias misteriosas do oriente. Ela abriu a gaveta com tudo e passou um batom cor de rubi, um blush bem ousado e aplicou um pouquinho de perfume de jasmim – seu novo favorito. O toque final veio de seu porta-joias. Um colar comprido de contas de vidro brilhantes que era a última moda.

Em menos de cinco minutos seriam oito da manhã. As lojinhas na Market Square já estariam abertas, incluindo uma especializada em flores e arranjos verdes nativos, que geralmente vendia tudo em algumas horas. Se ela corresse, poderia pegar o próximo bonde na Rua Bissonnet para o Montrose Boulevard, e então andar um quarteirão em direção ao leste e pegar outro bonde da Rua Principal até o centro comercial.

O bonde da Rua Bissonnet estava um pouco cheio, mas ela não teve problemas para encontrar um lugar para se sentar. Já o bonde da Rua Principal era outra história. Passageiros afoitos se empurravam e se enfiavam em qualquer espaço disponível. Mulheres equilibravam crianças no colo, enquanto os homens ficavam de pé no corredor ou se acotovelavam no degrau na traseira do bonde para fumar. Huck dividiu um assento com uma mulher segurando um bebê e dois menininhos gêmeos. O bebê não parava quieto e babava sem parar, enquanto os garotos tentavam desembulhar uma barra de chocolate amassada. A mãe parecia cansada e totalmente alheia a tudo que os cercava. Sair para fazer compras com aquela turma cheia de energia queria dizer que ela não tinha dinheiro para uma babá. Huck suspirou. Aquele era um problema com o qual ela jamais teria que se preocupar.

A imagem do Senhor Jack se infiltrou em seus pensamentos. Parecia que ela o tinha conhecido há milênios. A cada ano ficava mais difícil distinguir o que havia realmente acontecido daquilo que ela tinha conjurado em sua imaginação de criança. A experiência e a maturidade argumentavam que ele era provavelmente um andarilho forasteiro em vez de seu anjo da guarda. Mas o coração e a alma de Huck preferiam discordar.

Seu vale secreto, onde ela e o Senhor Jack conversaram naquele dia, foi destruído logo depois que ela chegou à conclusão de que deveria ser professora. Huntsville e o Estado do Texas redirecionaram o riacho para desenvolver um parque que cercasse a casa de Sam Houston. Sem poder visitar o vale de novo, ela tivera dois sonhos bem vívidos sobre o Senhor Jack e as orquídeas anacacho. No primeiro, ele estava no meio, com os braços abertos e as mãos em formato de concha, com uma orquídea sobre cada palma. O segundo sonho aconteceu na noite depois que ela conheceu Gabe. Era o mesmo cenário do primeiro, mas dessa vez o Senhor Jack juntou as mãos, e as flores se tocaram. Ele não falou nada, e seu rosto era nada mais que um borrão com um sorriso branco e largo.

– Tommy, Jimmy, não!

A consternação da mãe exausta trouxe os pensamentos de Huck de volta para o bonde, mas era tarde demais. Os meninos já tinham sujado seu vestido novo de chocolate.

– Mil desculpas – a mãe disse. – Eles só estavam tentando dividir o chocolate. Eu tirei a barra da minha bolsa para eles se entreterem um pouco. A embalagem grudou, e não achei que eles fossem conseguir abri-lo. – Ela tirou uma fralda coberta de baba do ombro, e a bebê começou a chorar. – Se a gente encontrasse um pouco de água, eu poderia...

– Tudo bem – Huck conseguiu responder enquanto o bonde parava. – Você precisa mais desse pano do que eu. – Ela fez um sinal com a cabeça para os dois meninos. – Tommy pintou o irmão dele.

– Você quer dizer Jimmy – a mãe disse.

– Sim, claro.

Quando Huck desembarcou na esquina da Rua Principal e da Preston, as três crianças estavam chorando.

Ela tentou segurar um resmungo de frustração e correu pela Rua Principal até o ponto do bonde do lado oposto, escondendo a maior parte das manchas de chocolate sob a bolsa. O vestido era sua escolha para o 1º de Maio, e ela queria que Gabe a visse usando esse traje, quer dizer, se ela por acaso o encontrasse por ali. Agora ela teria que voltar correndo para casa e deixar o vestido de molho, apesar de as manchas já terem penetrado no tecido para sempre. Uma escolha melhor, apesar de impossível, seria deixar o vestido na lavanderia mais próxima. Mas aquilo significaria andar pela rua principal de “slip”, e Clark achava que cabelo curto era a definição de “rameira”.

Andar pela cidade usando a roupa de baixo era um pensamento ousado para o qual ela não estava pronta. Huck conseguiu produzir um sorriso leve. Quase valeria a pena contar suas ideias escandalosas a Clark e ver o horror corroer o rosto dele. Mas, pensando bem, depois da confusão por causa do corte de cabelo e de como ele tinha machucado seu pulso...

Ela estremeceu,

Talvez devesse guardar aqueles pensamentos só para si.

Huck se juntou à multidão ansiosa à espera do bonde. No futuro ela tomaria mais cuidado ao escolher seu assento. Apesar de ser raro para mulheres ficar de pé no corredor ou na plataforma traseira, era melhor do que se sentar junto a crianças melequentas. Ela respirou fundo e expirou lentamente. Quando conseguisse chegar em casa, deixar o vestido de molho, lavá-lo e depois pendurá-lo para secar – isso sem contar passá-lo também –, a loja de arranjos verdes estaria fechada. E o 1º de Maio tinha amanhecido tão cheio de promessas. Dançando e imaginando. A chance de ver Gabe de novo havia sido a dança mais ousada de todas. Ela deu uma olhadinha por baixo da bolsa para ver as manchas de chocolate. Pelo menos ele não a veria nessa situação vergonhosa.

Ela conseguiu se espremer no bonde seguinte, vários passageiros atrás de uma matrona que carregava uma sacola grande de compras e uma pilha de caixas de chapéus. A mulher se jogou no próximo assento disponível. Huck não podia ver muito bem, mas ouviu uma senhora mandar o homem que estava de pé no corredor segurar suas caixas enquanto ela desenterrava alguma coisa de sua bolsa. Quando o bonde começou a andar, Huck decidiu que a plataforma traseira seria melhor que

aquele corredor abafado, e então tentou seguir naquela direção. Era difícil manter a bolsa sobre as manchas no vestido e se equilibrar ao mesmo tempo.

– Com licença – Huck disse, fazendo manobras pelo corredor lotado.

O homem que segurava as caixas de chapéus, seu rosto escondido, estava a apenas alguns centímetros de distância, bloqueando seu caminho.

– Com licença – Huck pediu de novo. A matrona, ainda cavucando dentro da bolsa, estava tagarelando alto demais para qualquer um conseguir ouvir.

Enquanto o bonde ganhava velocidade, o homem tombou de leve em direção a Huck. De repente o bonde balançou, e então sacudiu com tudo, e Huck perdeu o equilíbrio. Ela deixou a bolsa cair, se virou para agarrar o banco mais próximo e escorregou, caindo para trás e sobre o homem. Quando Huck se deu conta, estava sentada no corredor entre caixas de chapéus amassadas... no colo de um estranho.

– Meus chapéus! – gritou a mulher. – Você acabou com os meus chapéus novos!

Alguém ajudou Huck a se levantar.

– Eu sinto muito – ela disse à mulher. E então, se virando para o estranho, ela perguntou: – Você está bem? – Huck olhou para baixo. Os olhos azuis como o céu e sorriso torto do homem encontraram seu olhar.

– Que vestido bonito – Gabe Alexander disse, como quem não quer nada. – Eu adoro... hum... chocolate.

Naquela manhã de sábado, Gabe acordou em seu quarto no pequeno apartamento sobre uma garagem e não conseguiu mais dormir. Olhou de relance para o relógio ao lado da cama. Quatro da manhã. Geralmente ele acordava cedo por causa de preocupações, e então lutava contra os lençóis por quatro horas em ansiedade. Se tentasse com afínco e não permitisse a sua mente ficar ansiosa demais, então conseguia concentrar os pensamentos em algo agradável e caía no sono de novo. Mas, dessa vez, o “algo” agradável era um “alguém” – a Senhorita Huck Huckabee, para ser mais exato. Então ele ficou na cama com os olhos bem abertos por mais tempo, batendo o dedo no ritmo do tique-taque do relógio, e finalmente decidiu se levantar. Como tinha o dia de folga, Gabe decidiu passar parte de suas horas sem trabalho no escritório, esperando Huck aparecer. A maior parte das mulheres fazia as compras cedo, e esse era o dia favorito de todas para tarefas desse tipo.

Gabe jogou os lençóis para o lado, sentou-se na beirada da cama e coçou a barba por fazer. Ele não estava com muita vontade, mas havia prometido que encontraria seu amigo Charlie para tomar o café da manhã mais tarde no centro. Esfregou os olhos e suspirou. Gabe preferiria encontrar Huck.

Depois de tropeçar até a cozinha, ele colocou água para ferver enquanto tomava banho, fazia a barba e escovava os dentes, ao mesmo tempo pensando em todas as possibilidades pelas quais Huck não tinha voltado à peixaria do Cecil. Passou um pouco de loção pós-barba e se lembrou de que já

fazia mais de um mês que eles tinham se conhecido. Depois de vestir uma cueca, meias limpas e uma camisa recém-lavada, fez um bule de café e tomou duas xícaras, a primeira de café preto e a segunda com creme. Entre um gole e outro, ficou pensando, e não pela primeira vez, se o comentário sobre as ostras a ofendera de alguma forma. Talvez ela já tivesse um diamante... e um rapaz que vinha com ele.

Ele lavou o bule e a xícara e então vestiu seu terno cinza de linho. Ao lado da cômoda, olhou para o espelho e pegou uma garrafa que tinha comprado no dia anterior. O Tônico Capilar Raiz Selvagem prometia ajudar “se seu romance estivesse por um fio”.

– Que romance? – Gabe resmungou para seu reflexo. Ele esfregou uma gota de Raiz Selvagem no cabelo e penteou até todos os fios ficarem no lugar.

O chapéu e o paletó tinham sido uma boa ideia para a brisa fria da manhã, ele pensou enquanto descia as escadas de seu apartamento pouco antes das sete. O Senhor Blane, proprietário do prédio, já estava de pé, fuçando no motor de um Ford T enferrujado. O automóvel morava na garagem abaixo do apartamento de Gabe e estourava quando carregado a manivela, chacoalhando a estrutura toda. O lugar era decente e atendia às necessidades dele e da mãe. No entanto, Gabe planejava vender o pequeno rancho dos pais um dia e comprar uma bela casa nos bairros residenciais mais novos de Houston.

Gabe tentou pisar de leve, rezando para que o Senhor Blane não o visse saindo. O homem mais parecia uma aranha tagarela, capturando vítimas inocentes em sua teia de palavras e depois matando todo mundo de tédio com as mesmas histórias de sempre.

Com a fuga bem-sucedida, Gabe foi até o ponto de bonde mais próximo. Como ele já sabia, o Ford T foi carregado a manivela, e estourou de novo. Ele já tinha pensando em comprar um carro, mas decidiu que o transporte público era adequado até encontrar a mulher certa. Agora já pensava em oferecer a Huck as melhores coisas da vida. Isto é, se a visse um dia de novo.

Quando Gabe desceu do bonde, na Market Square, as barraquinhas dos vendedores já estavam cheias de atividade, o que o animou. Ele andou um quarteirão até a peixaria do Cecil, entrou por trás da loja e então subiu as escadas até o escritório sem que ninguém o visse. Geralmente Gabe não fumava antes do café da manhã, mas acendeu um Lucky e ficou olhando através de sua janela para a loja lá embaixo.

– Não há mesmo nem *uma* mulher lá embaixo que se pareça com ela – ele disse em voz alta. – Nem duas também.

Ele fez cara feia por causa da observação boba, e a esperança renovada de minutos antes estava escapando como o ar de um balão mal amarrado das mãos de uma criança. Era besteira pensar que veria Huck hoje, principalmente da janela de seu escritório. Ele sabia que não adiantava querer recapturar um momento mágico. A vida não era assim. Mas ali tinha sido o primeiro lugar onde ele havia sido atraído pela presença de espírito dela, e pela inteligência óbvia, isso para não dizer que tinha ficado eletrificado por sua beleza. Talvez ela fosse como um raio e nunca caísse duas vezes no mesmo lugar.

Às oito horas, Gabe desistiu e andou pela Rua Principal até chegar ao Benny's Diner. Na noite anterior, depois que ele e Charlie tinham terminado de fumar seus cigarros na plataforma de carregamento, Charlie sugeriu que eles se encontrassem para tomar café na manhã seguinte. Ele não disse por quê, e nunca dizia; provavelmente só queria uma folga de sua vida cansativa em casa com algo que não envolvesse trabalho. De tempos em tempos, os dois se sentavam juntos aos sábados de manhã para comer pães de minuto com molho por cima, o que geralmente significava discutir algo de interessante que havia saído no *Chronicle* na noite anterior.

A um quarteirão da lanchonete do Benny, Gabe já sentia o cheiro de bacon frito. Assim como os de pães de minuto dourando na panela de ferro, era um aroma reconfortante que normalmente queria dizer que estava tudo certo no mundo. Mas aquilo havia sido antes de ele ter perdido contato com a mulher de seus sonhos. Para falar a verdade, ele nunca havia estabelecido contato propriamente dito. Um homem lamentável o suficiente para nem ter pedido o telefone dela não merecia alguém como Huck.

Ele entrou na lanchonete enfumaçada, viu Charlie na mesa do canto e pendurou seu chapéu no cabide. A garçonete abandonada pelo marido não estava por ali, e Gabe ficou pensando se ela tinha voltado ao trabalho depois daquele dia. Ele não conseguia ver Benny, mas o ouviu latindo ordens de algum lugar lá do fundo.

– Oi. Espere só até ver isto – Charlie desviou o olhar do jornal com um sorriso esperto enquanto Gabe se sentava do outro lado da mesa. – O que foi?

– O que foi o quê? – Gabe desvirou uma caneca que estava de boca para baixo e a empurrou para a ponta da mesa.

– Parece que você está perdido.

– Eu não consegui dormir ontem à noite, só isso. – Ele ficava frustrado por não conseguir se livrar dessa obsessão por Huck e seguir em frente, pelo menos por tempo suficiente para aproveitar o café da manhã com seu melhor amigo. Mas não vê-la novamente era como perder uma moeda de ouro no meio de um oceano de moedinhas de um centavo.

Uma garçonete atraente apareceu com um bule de café fumegante.

– Os meninos vão querer o cardápio? – Ela encheu a caneca de Gabe e completou a de Charlie.

– Não, a gente já sabe o que quer – Charlie respondeu. – Dois ovos com a gema mole, salsicha, pães de minuto e molho.

Ela olhou para Gabe.

– E o senhor?

Silêncio.

– Senhor? O senhor sabe o que quer?

– Eu pensei que soubesse.

– Deixe o menino perdido para lá – Charlie piscou para a garçonete. – Ele já leu esse cardápio umas mil vezes, sabe tudo de trás para a frente. Pode trazer o mesmo para ele, mas com bacon em vez de salsicha.

A garçonete olhou de relance para Gabe.

Ele fez que sim com a cabeça.

Charlie ficou observando a garçonete ir para a cozinha.

– Que dia lindo, hein? – ele sussurrou. – Você não acha?

– Acha o quê?

– Tudo bem. – Charlie se inclinou para a frente – O que foi? Eu sei que alguma coisa aconteceu.

– Não aconteceu nada. Já faz um mês que não acontece nada.

– Ah, entendi. Você ainda está sofrendo por causa da Senhorita Huckabee. Pensei que já tivéssemos consertado essa situação... várias vezes.

Gabe fez cara feia. Eles não tinham consertado nada, mas falado sobre Huck na plataforma de carregamento na peixaria do Cecil até Gabe se cansar de ouvir a resposta pronta de Charlie. Por que os homens casados sempre achavam que havia centenas de mulheres extraordinárias só esperando para tomar o lugar da namorada de um cara solteiro que não tinha dado muito certo?

– Então, o que você queria que eu visse? – Gabe perguntou, mudando de assunto. Ele levou a xícara de café aos lábios e sentiu o gosto da cor cativante dos cabelos e dos olhos de Huck.

– Ah, é. Espere só até ler isto. – Charlie passou o jornal sobre a mesa. – Seção dos editoriais, mais ou menos no meio da página. Escrito por um bispo.

– Não estou com muita vontade de discutir a Lei Seca.

– Mas não é sobre isso – Charlie sorriu. – E vai fazer você pensar em outra coisa. É garantido.

– Então leia para mim. – Gabe deslizou o jornal de volta, e de repente parecia não ter pressa nenhuma para se esquecer de sua obsessão. – Eu não dormi bem, lembra?

Charlie baixou a voz.

– Adivinhe que dia é hoje.

– Eu sei que dia é hoje.

– Você já ouviu falar do Concurso Internacional da Pulcritude?

– Desde quando você fala latim?

– Responda a pergunta.

Gabe fez que não com a cabeça.

– Nunca ouvi falar.

– Nem eu. É porque eles mudaram o nome do concurso este ano.

– “Eles” quem?

– O pessoal que conspira junto com a minha mulher ciumenta.

– E por que a Chloe deveria se importar com um concurso de beleza?

– Porque este concurso – Charlie respondeu, fazendo graça – se tornou uma tradição maléfica que destrói o senso de modéstia da mulher.

– Você está falando do Concurso Garota Tomando Banho em Galveston?

Charlie fez um sim espalhafatoso com a cabeça.

– E a abertura da temporada de praia, Dia do Mergulho, belas damas.

– Eu fui uma vez, há muito tempo, por causa do escândalo naquela época. – Gabe pousou a caneca sobre a mesa. – Não é nada mais que umas meninas daqui vestindo trajes de banho modernos. Quem diria que, com toda a jogatina e as bebidas falsificadas aqui, o pessoal notaria um concursinho de beleza.

– Bom, este ano o escândalo vai voltar com tudo.

– Como assim?

– Porque não são as meninas daqui que vão competir – Charlie pigarreou. – E têm bem menos roupa, se você me entende. Eles também vão ter paradas e fogos de artifício e... – Charlie fez uma pausa, um sorriso aberto levantando as bochechas.

– E...? – Gabe perguntou.

Charlie pegou o jornal e baixou a voz ainda mais.

– Esse bispo está tentando convencer as mulheres a não desfilar o que ganharam de Deus por aí. Ele diz, e estas são as palavras dele. – Ele olhou para baixo para ler o jornal – “Se você vier aqui,

exigirão que você desfile de traje de banho perante uma multidão de cafajestes que irão examiná-la de perto” – Charlie arregalou os olhos. – Você sabe o que isso quer dizer?

– Que a tradição se tornou ainda pior?

– Isso quer dizer que, a alguns metros de distância, um homem pode testemunhar um decote de qualidade internacional. E algumas meninas vão usar aqueles novos trajes de banho franceses que deixam a perna inteira de fora.

– E a outra perna? — Gabe deu uma risadinha.

– Pode rir o quanto quiser, mas a vencedora leva US\$ 2.500 em dinheiro. Um par de coxas bem caro decorando a paisagem de Galveston.

– Você está sugerindo que a gente vá?

Charlie deu uma risadinha.

– Claro. Só vou ligar para a Chloe e dizer que não vou ficar em casa hoje à tarde porque vou ajudar quarenta mulheres meio peladas a destruir sua modéstia. Você não se lembra do que aconteceu da última vez que ajudei uma mulher?

– Você destruiu a modéstia dela?

– Engraçadinho. Você sabe muito bem que tudo que fiz foi levá-la a uma oficina mecânica.

Gabe tomou um gole de café. Charlie sempre ficava de olho em qualquer rabo de saia, mas jamais trairia Chloe. Vários anos atrás, ela o havia acusado de ter um caso e ameaçou mandar o marido dormir em seu caminhão de entrega – a cena do crime – até que ele conseguiu convencê-la de sua inocência. Na verdade, ele não havia feito nada além de oferecer uma carona para a mulher quando o carro dela quebrou. Para mostrar o quanto estava agradecida, a mulher o surpreendeu com um beijo, manchando a gola da camisa dele de batom.

O sorriso maroto reapareceu quando Charlie jogou o jornal de volta para Gabe por sobre a mesa.

– Isso não quer dizer que você não possa ir e depois me contar tudo sobre cada fino detalhe das moças. Então não se atrase. Começa às duas horas.

Gabe suspirou.

– Eu bem que queria ir, mas algumas coisas no escritório estão pedindo minha atenção e...

– Deixe o escritório para lá – Charlie interrompeu. – Vá comprar um chapéu de palha e passar o dia na praia de Galveston, onde estão as mulheres lindas.

– É – Gabe respondeu, pensativo. – Onde estão as mulheres lindas – ele repetiu a frase, como se estivesse ouvindo essas palavras pela primeira vez, e abrindo espaço para que elas se instalassem

entre seus pensamentos atormentados. – Onde estão as mulheres lindas – ele repetiu pela terceira vez.

Fã dos números, ele sempre fora fascinado pela lei da probabilidade. Ao jogar uma moeda, havia 50% de chance de acertar o resultado. Não era uma porcentagem muito alta. Mas apostar em algo praticamente certo, como uma boa mão de pôquer, era outra história. A chance de vencer se multiplicava.

E então ele se deu conta. Um novo plano. Um plano com probabilidades muito melhores, e com base na tradição. Em vez de tentar recapturar um momento mágico, ele criaria outro.

Para encontrar Huck, ele teria que procurar nos locais onde via a maior parte das mulheres. Ficar observando pela janela de seu escritório havia sido a mesma coisa que lançar uma moeda no ar. A Rua Principal poderia estar segurando um *royal flush*.

A garçonete apareceu com uma bandeja, servindo vários pratos quentes e completando as xícaras de café.

– O Benny disse que vai se juntar a vocês dois, foras da lei, daqui a pouco – ela sorriu. – Se precisarem de mais alguma coisa, é só chamar.

Quando ela se afastou, Gabe se levantou e deixou várias moedas sobre a mesa.

– Você não vai comer? – Charlie perguntou.

– Pode dar o meu prato para o Benny.

– Então você vai para...

– Onde estão as mulheres lindas – Gabe completou. – É uma tradição.

Ele pegou o chapéu e se encaminhou para a porta.

– Quero detalhes – Charlie gritou. – E não se esqueça do chapéu de palha. Uma aba bem larga vai proteger seus olhos do sol e você vai poder ver melhor.

Os sinos do relógio da Market Square ecoaram nove horas enquanto Gabe caminhava para o ponto de bonde mais próximo. Naquela mesma manhã ele havia se convencido a ir para o escritório para ver se Huck aparecia exatamente porque sábado era o dia mais tradicional para as mulheres fazerem suas tarefas na rua.

– *Onde estão as mulheres lindas* – ele continuou repetindo, imaginando cada detalhe da essência de Huck. Seu rosto oval e delicado. Seus lábios cheios. Seu perfume exótico. Com centenas de lojas na Rua Principal, as chances de ver alguém andando pela rua eram boas. Ela estaria bem-vestida, cheia de sacolas de compras e, com sorte, aceitaria a ajuda dele.

Então ele andaria para cima e para baixo a bordo do bonde na via pública mais lotada de Houston até encontrá-la. Ele andaria de bonde o dia inteiro se fosse preciso. E, se não a visse, faria a mesma

coisa no sábado seguinte. E no próximo. E no outro. As cartas vencedoras estavam na mão dele, e ainda não tinha chegado a hora de desistir do jogo.

Gabe embarcou em um bonde na esquina da Rua Principal com a Rusk, pagou a passagem e abriu caminho em meio à multidão em direção à plataforma traseira. Naquele ponto, ele poderia fumar e ficar de olho nos dois lados da rua facilmente. No meio do corredor lotado, um cavalheiro mais velho deixou cair uma bengala entalhada a mão, e Gabe parou para pegá-la do chão. Ele entregou a bengala de volta para o senhor enquanto uma mulher de proporções avantajadas se esforçando para carregar uma sacola de compras e uma pilha de caixas de chapéus se largou em um banco próximo. Antes que Gabe pudesse se mexer, a mulher empurrou as caixas na direção dele.

– Segure os... meus chapéus... rapaz – a mulher mandou, quase sem fôlego. – Eles são caros... então não deixe nada cair.

– Sim, senhora – Gabe respondeu, segurando as caixas alto o bastante para não encostarem em nenhum passageiro sentado.

A mulher recuperou o fôlego e começou a fuçar na sacola de compras.

– Preciso encontrar o recibo desses chapéus – ela anunciou. – Acho que me cobraram caro demais. O vendedor disse que eles estavam com vinte por cento de desconto. Mas, pensando bem agora, o chapéu que eu comprei para usar amanhã não teve desconto nenhum. Enganar uma mulher usando seu melhor vestido para ir à igreja é tão ruim quanto enganar o próprio Senhor, e aquele vendedor deveria ficar...

O bonde seguiu em frente, e Gabe ficou pensando quanto tempo ficaria preso ali no corredor, seu rosto cheio de papelão, ouvindo as reclamações de uma doida.

– Que sorte a minha – ele resmungou. Huck poderia estar na próxima esquina e ele jamais saberia.

Aquele bonde era de um modelo mais antigo, e sofria para pegar velocidade. Gabe reposicionou melhor os pés enquanto sonhava estar na plataforma. Mesmo antes de começar a fumar, ele preferia ficar na traseira do bonde e ver a cidade passando por ele. As pessoas interessantes, uma risada agradável, a brisa úmida esfriando seu rosto.

Sem aviso, o bonde avançou com tudo com um barulho de arranhão metálico, e então deu um solavanco. Ele ouviu um gritinho de mulher. Em um instante, Gabe se viu sentado no corredor com uma bela moça em seu colo. Em vez de papelão colorido, seu rosto estava pressionado contra sua nuca delicada, e o aroma primaveril de sua pele macia era...

Irresistível.

Familiar.

Cativante.

Ele pousou as mãos sobre a cinturinha dela enquanto alguém a ajudava a se levantar. E, antes que

ela pudesse se virar para olhar para ele, ele sabia...

Ele havia finalmente encontrado sua Menina Para Sempre.

Oito

*Sob as estrelas da meia-noite,
Acariciados pela pureza da primavera,
Dois amantes andavam de mãos dadas
Enquanto ondas e areia se confundiam ao luar.
Um encontro de almas.*

*Para sempre,
Gabe*

*Maio de 1926
Houston, Texas*

Depois de pegar os chapéus e garantir para a mulher que apenas as caixas estavam amassadas, Huck e Gabe saíram rapidamente do bonde. Gabe ofereceu seu braço e eles desembarcaram na calçada.

– Eu pensei que você estivesse...

– Eu tinha esperanças de que você estivesse...

Eles falaram ao mesmo tempo, e então deram risada, fazendo uma pausa para se olhar nos olhos.

– Trabalhando – Huck continuou. – Eu pensei que você estivesse trabalhando. – Ela percebeu que não estava mais segurando a bolsa para cobrir as manchas, mesmo assim tomou o braço de Gabe, sentido uma suavidade musculosa que nunca havia notado em nenhum outro homem. Segurou o braço dele por mais um segundo antes de soltá-lo.

– Eu tenho folga nos finais de semana – Gabe respondeu.

– Mas que pena.

– Por quê?

– Porque eu estava planejando ir à peixaria do Cecil comprar umas anchovas.

– É mesmo?

– A não ser que as ostras tenham comido todas.

Os dois riram de novo.

Outro bonde parou para os passageiros descerem.

– Vamos andar – Gabe disse. – Esta esquina está ficando um pouco lotada.

Huck segurou a bolsa sobre as manchas enquanto eles caminhavam pela calçada cheia de gente, com Gabe se posicionando mais próximo à rua. Incluindo o dia em que tinham se conhecido, ela só havia entrado em contato com aquele homem por alguns momentos, mas se sentia confortável ao andar ao lado dele. Ela observou que ele tinha mais de um metro e oitenta, com pernas compridas e sólidas como os homens da família dela, mas acompanhava os passos mais curtos dela sem pressa. Clark era vários centímetros mais baixo que Gabe e não tinha paciência para andar ao lado dela, quase arrastando Huck junto com ele.

Ela olhou de relance para Gabe.

– Eu pensei que você estivesse trabalhando e você tinha esperança de que eu estivesse...?

– Resolvendo umas tarefas aqui no centro – ele sorriu. – Você tem mais alguma coisa na programação além de anchovas?

– Eu estava cheia de planos até um menino no bonde decidir se tornar estilista de moda. – Ela olhou para as manchas e suspirou. – Até a hora de eu chegar em casa e tentar tirar estas manchas de chocolate, meus planos já eram.

– Que maravilhoso.

– Maravilhoso? – Huck parou de repente. – *Horrível* não seria um adjetivo melhor?

– Não tão bom quanto *admirável*. – Gabe se virou e olhou para ela, o sorriso dele meio torto e adorável. – Eu acho admirável que agora tenhamos a oportunidade de passar este belo dia juntos. Quer dizer, se você quiser.

– Então, você sabe que dia é hoje? Você conhece a tradição?

– S-Sim, acho que sim – Gabe gaguejou. – Foi um tópico muito popular durante o meu café da manhã, apesar de um pouco polêmico.

– Polêmico? Por quê? – Huck sabia que as pessoas não estavam nem aí para aquela data, mas jamais poderia sonhar que qualquer um pudesse ter um problema com o 1º de Maio.

Gabe deu risada.

– Talvez *discutível* seja uma palavra melhor nesse caso. Bem, de qualquer forma, meu amigo Charlie estava tão animado que mal conseguiu comer.

Huck deu uma risadinha.

– Todo ano, eu não vejo a hora de este dia chegar.

– É mesmo? – O sorriso voltou mais inquisitivo que torto. – Você também participa da tradição ou prefere só ficar assistindo?

– Eu participo, claro. – Ela fez cara feia. – Então, quem quer discutir?

– Um bispo – Gabe disse, dando de ombros –, mas ele provavelmente discute tudo. Vamos continuar andando.

Eles passaram por trabalhadores que estavam arrumando a rua, e o rugido dos caminhões pesados competia com o barulho surdo das marretas. Conversar era impossível. Uma animação vertiginosa movia cada passo de Huck. Passar tempo com um homem sendo noiva de outro era a questão controvertida, e não o 1º de Maio. Mas mesmo o bispo tão severo teria que concordar que um noivado não estava sujeito aos votos do casamento. A prerrogativa de uma mulher era mudar de ideia sobre quem e quando bem quisesse – o que era tanto maravilhoso quanto admirável. Por ora, ela consideraria aceitar a sugestão de Gabe de passarem o dia juntos. Principalmente depois do episódio do corte de cabelo com Clark.

Quando eles pararam para o trânsito passar na esquina seguinte, o barulho diminuiu e Huck decidiu. Ela tirou a bolsa de cima das manchas de chocolate, revelando-as.

– Não posso usar este vestido o dia todo. E, se ficar estragado mesmo, vou ter que comprar um novo.

– Que ideia brilhante – Gabe disse, enfiando as mãos nos bolsos. – A Foley Brothers não fica longe daqui, e eu estava mesmo a caminho de lá para comprar um chapéu novo. Você poderia escolher outro vestido, e então pedir para a loja entregar o vestido de chocolate na Lavanderia Burkhart. Pode ser que eles consigam salvá-lo.

Huck sentiu as bochechas corarem. Ela não tinha pensado em comprar um vestido novo *hoje*.

– Nossa, Senhor Alexander... Eu nunca comprei um vestido acompanhada por um homem.

Gabe deu risada.

– Não se preocupe. Vamos a departamentos diferentes. – Então ele se inclinou em direção a ela e baixou a voz. – Senhorita Huckabee, a senhorita pode pensar em me chamar de Gabe, já que... – ele parou no meio da frase, os olhos dele a atraindo para mais perto.

– Sim?

– Já que estaremos comprando roupas na mesma loja, alguém pode achar que somos casados.

– Nossa – Huck disse, e então engoliu em seco. – Isso seria um erro.

– Seria?

– E não? A não ser que... – As palavras dela foram de encontro a um número infinito de pensamentos não revelados, cada um deles aprisionado pelo olhar azul da cor do céu de Gabe.

– A senhorita estava dizendo?

– A não ser que... O senhor me chame de Huck.

Os dois sorriram. Huck deliberadamente entrelaçou seu braço no de Gabe e eles continuaram andando. Clark estava recebendo exatamente aquilo que merecia.

– Mas pense nisso desta maneira, Huck. Ser uma mera espectadora pode não ser exatamente aquilo que você tinha planejado, mas vamos ser o casal mais bem-vestido de Galveston Island.

– Uma espectadora em Galveston Island?

– A tradição, lembra? O Dia do Mergulho. O Concurso Internacional da Pulcritude?

Ela apertou o braço dele de leve e deu risada.

– Nossa, Gabe, acho que você arrumou um jeito de me levar para Galveston e ver algum tipo de concurso de beleza.

– Na verdade é um concurso de beleza com trajes de banho, mas não temos que ir. Há todo tipo de atividade aqui, e bailes que vão até a meia-noite.

– E não ver a última moda em trajes de banho numa ilha que a minha mãe chama de antro de perversidade? – Ela deu um tapinha divertido no braço dele. – Eu não perderia por nada no mundo. E dançar até a meia-noite seria uma maneira ousada de comemorar o 1º de Maio. A maioria dos homens nem sabe que esse dia existe.

Gabe pigarreou.

– Estou envergonhado, mas você tem razão. Ainda estamos aprendendo.

Era uma caminhada de apenas dez minutos até a loja de departamentos Foley Brothers. Eles tiveram uma conversa deliciosa até lá, fazendo as perguntas de praxe sobre trabalho e família que as pessoas geralmente fariam num jantar formal. Huck contou a ele que era professora de inglês na Sidney Lanier, morava em uma pensão com outras moças que só pensavam na carreira e tinha crescido em Huntsville. Gabe perguntou se ela tinha estudado na maior instituição de Huntsville. Quando ela disse que sim, sabia que ele estava brincando com ela, pois Gabe pareceu chocado.

– Eu não sabia que a penitenciária permitia presidiárias – ele completou.

Ela deu um tapinha no braço dele de novo, mais animado que o anterior, e contou que seu pai era fazendeiro e guarda da prisão. E que as terras de seus pais ficavam ao lado da casa histórica de Sam Houston e que ela e o irmão gêmeo eram os caçulas de treze filhos.

Na Foley Brothers, Gabe levou Huck até a entrada do departamento feminino. Um manequim mostrava um vestido moderno sem cintura, com o tecido fino tingido em uma combinação dramática de cores pastel.

– E este aqui? – Gabe perguntou, levando-a até o manequim.

– Veja, é um vestido reto e sem mangas – Huck deu uma risadinha. – Adoro essa moda nova. – Ela soltou o braço dele para tocar o tecido. – E essas cores lindas. E ele combina direitinho com a minha bolsa e meus sapatos.

– Posso ajudá-la? – Uma vendedora animada apareceu usando um terninho de verão e um sorriso largo.

– Ela gostaria de experimentar este vestido – Gabe disse, casualmente. – Na minha opinião, combinaria perfeitamente com a bolsa e os sapatos dela.

Antes que Huck pudesse responder, a vendedora se virou para ela e perguntou:

– O seu marido tem algum irmão solteiro?

– Como é?

A vendedora riu, e então continuou:

– Não quero me meter, mas a maioria dos homens nem chegaria perto do departamento feminino, e saberia menos ainda sobre moda e cores.

– Ele não tem irmãos – Huck respondeu, encarando Gabe de leve. – Felizmente ele é filho único.

– Eu preciso... hum... procurar um chapéu – Gabe conseguiu responder.

Uma hora mais tarde, Huck, Gabe e mais trinta passageiros estavam sentados no trem interurbano Galveston-Houston, indo a toda a velocidade para o Dia do Mergulho e o polêmico Concurso Internacional da Pulcritude. Gabe usava um novo chapéu de palha, e Huck, o vestido colorido; seu vestido manchado já estava nas mãos da Lavanderia Burkhart. Ela também havia deixado a maioria de seus pensamentos sobre Clark para trás. Mas uma pontada ocasional de culpa ainda invadia o que havia se tornado uma bela manhã.

– Este é o Dickinson Bayou – Gabe disse, apontando para a janela. – Esse curso de água passa perto do nosso rancho. Quando eu era criança, construí um veleiro para uma pessoa só. Eu pescava e explorava aquele riozinho salobro sempre que tinha a chance.

– Eu não sabia que estava sentada ao lado de um capitão. – Huck olhou de relance para o perfil forte de Gabe. Ele parecia mesmo um capitão de navio, com seu terno cinza imaculado e seguro de si.

– Mais um caubói/capitão do *bayou* – Gabe respondeu. – Todo ano, uma parte do nosso gado se perdia nas terras perto da água e eu tinha que ir procurar as vacas – ele riu. – Acho que meu pai sabia que eu preferia velejar a ficar sentado na sela o dia todo.

– Parece interessante. Arrebanhar o gado a bordo de um veleiro.

– As vacas eram tão mansinhas quanto cachorros de varanda, porque minha mãe as tratava como bebês. Tudo o que eu tinha que fazer era acenar e gritar. Elas se arrastavam até em casa pelo mesmo caminho.

– Eu adoraria viver uma aventura de verdade a bordo de um veleiro – Huck disse depois de um pequeno suspiro, e então ficou pensando em como seria ser o imediato do Capitão Gabe. Ela deu uma risadinha leve, se lembrando de repente do Senhor Jack e do termo que ela tinha adotado tantos anos atrás: alma gêmea.

– Então a senhorita gostaria de viver uma aventura no mar? – Gabe se aproximou dela no banco. – Um dia vamos velejar pelos sete mares, ou pelo menos nas águas mais rasas da Baía de Galveston, em um barco chamado Cleópatra.

– Cleópatra?

Ele riu.

– Os egípcios inventaram o barco a vela. Seria justo.

– Sim, Capitão! – Huck fez uma saudação brincalhona.

– E vamos tomar rum direto da garrafa e comer biscoitos secos, e quem fizer motim vai ter que andar na prancha.

– Mas, Capitão... E quanto aos piratas?

– Piratas? – Os olhos de Gabe brilharam. – Bem, maruja, então é o navio fantasma de Jean Lafitte, sem dúvida. Dizem que ele ainda assombra a baía procurando seu tesouro perdido.

– E se encontrarmos o tesouro e ele me capturar?

– Eu morreria primeiro – Gabe disse, alto o bastante para todo mundo encarar os dois.

– Morreria? – Huck perguntou baixinho, e então percebeu que suas pernas estavam tocando as dele.

– Eu jamais deixaria você ir. – Ele pegou na mão dela com leveza. Quando seus dedos se entrelaçaram nos dela, Huck sentiu seu corpo formigar com o calor. Um calor brilhante misturado com uma alegria que ela nunca tinha sentido antes.

O terminal de Galveston ficava na Rua 21, a alguns quarteirões da praia. Quando eles

desembarcaram, a brisa salgada do mar carregava um aroma delicioso de parque de diversões: carnes suculentas defumadas, nozes torradas, pipoca amanteigada. O cheiro açucarado do algodão-doce e o do caramelo feito com água salgada decidiram envolver Huck sem aviso.

– Há uma parada que começa na Broadway – alguém disse enquanto Huck e Gabe saíam da estação e se juntavam à multidão dos foliões do Dia do Mergulho. – O mestre de cerimônias é o Rei Netuno!

– Olhe só quanta gente – Huck falou sobre as vozes animadas enquanto eles atravessavam correndo um cruzamento movimentado, e então caminhavam de mãos dadas por uma rua lateral menos lotada. – Deve ter milhares de pessoas aqui.

– Segundo uma fonte, deveria haver centenas de milhares. Mas, já que estamos a caminho da Broadway, que tal vermos a parada? Isto é, se conseguirmos achar um lugar para sentar. As arquibancadas vão estar lotadas.

– Você é um capitão caubói. E você não mencionou um concurso de beleza?

– Mencionei. – Gabe parou de andar e olhou para ela. – Mas a gente não precisa ir.

– Por que não? Nunca fui a um concurso desses. Vai ser interessante.

– Você sabe que esta cidade tem uma reputação por causa de...

– ... sua grande variedade de entretenimento?

Ele fez que sim com a cabeça.

Gabe riu.

– Você é uma garota fascinante, Huck. Existe alguma coisa que não interesse a você?

– Mentos e corações fechados – ela respondeu, pensativa. – Tem mais alguma coisa que você queira saber?

– A senhorita sempre fala a verdade?

– É claro. – Ela apertou a mão dele. – A não ser que o contrário me beneficie.

Eles andaram por mais um quarteirão até a explosão metálica de sons de uma banda marcial acelerar seus passos.

– Vamos correr – Huck disse, a voz cheia de animação. – A parada está começando.

Puxando a mão de Gabe, ela os guiou pelo meio da multidão. Como ele havia adivinhado, as arquibancadas estavam lotadas, mas Huck deu um sorriso doce para um cavalheiro robusto e mais velho que os deixou sentar em uma área reservada para um clube de iates.

– Além de sempre dizer a verdade, a senhorita sempre consegue aquilo que quer? – Gabe perguntou assim que estavam sentados.

– É claro. Mas um sorriso apropriado ajuda.

– A não ser que o contrário a beneficie? – ele terminou.

– Digamos que é uma prerrogativa da mulher. – Com um sorriso endiabrado, ela se rendeu novamente ao olhar de mar e céu dele, pensando que seu noivado com Clark Richards fora um erro e, inesperadamente, queria contar tudo para Gabe. Ela teria que contar tudo para a mãe também, mas não era impossível lidar com Annise Huckabee.

Ela ficou olhando a banda passar e estremeceu. Terminar o noivado com Clark seria difícil. Ele tinha realmente a assustado com o incidente do corte de cabelo. E havia sido muito mais que o fato de ter segurado e machucado o braço dela. Tinha mais alguma coisa ali. No começo, seu cérebro lutou contra o coração, recusando-se a admitir a verdade. Mas, toda vez que se lembrava do acontecido, a cena se tornava mais clara, e sua mente sempre se concentrava nos olhos de Clark. No auge da briga, algo escuro havia tomado conta das pupilas dele. Algo opaco e ameaçador. E então sumiu.

– O que aconteceu com o sorriso apropriado? – O tom relaxado de Gabe acalmou as preocupações de Huck, transportando seus pensamentos para o presente.

– O sorriso ainda está aqui, pronto para encantar a próxima vítima.

Gabe falou, em tom mais fraco:

– Acho que já encantou.

Quando a parada acabou, eles se encaminharam para a praia, depois de agradecer ao senhor avantajado, que havia segurado a mão de Huck como se ela fosse a filha que ele perdera muito tempo antes. O Concurso Internacional da Pulcritude começaria às duas horas em ponto, com centenas de espectadores e alguns policiais rodeando o paredão de cinco metros de altura ao lado do mar. Um palco de madeira havia sido erguido na praia larga abaixo, com cinco cadeiras dobráveis cobertas por um toldo para os juízes. À direita do palco estava uma tenda listrada de amarelo com uma faixa que dizia “Provadores – Apenas para Participantes”. À esquerda uma pequena banda, com um piano e cinco músicos de *black tie* tocando jazz Dixieland.

– Com certeza não sou a única mulher na plateia. – Huck ficou olhando os espectadores enquanto ela e Gabe procuravam um lugar para assistir no topo do paredão. Ela tinha ouvido falar de concursos de beleza em trajes de banho e estava intrigada pela ideia. – Na verdade, há várias mulheres interessadas.

– Como você, elas gostam da beleza. – Gabe se posicionou atrás dela, pousando a mão de leve sobre a sua cintura. Ele se inclinou para frente. – Porque a beleza merece atenção.

Ela virou um pouco a cabeça, e então deu uma risadinha.

– Você notou aquelas mulheres agrupadas bem atrás da gente? Elas não parecem ser do tipo que...

– Ela fez uma pausa, desarmada pelo perfume dele, de quem acabou de tomar banho.

Gabe sussurrou bem de pertinho:

– Do tipo que...?

A respiração morna dele em seu pescoço a fez estremecer.

– Do tipo que gostaria de estar aqui. Elas parecem bravas com alguma coisa. Principalmente a mais velha. Pelo jeito, ela é a líder.

Antes que Gabe pudesse responder, a música cresceu e se transformou em uma fanfarra animada. O mestre de cerimônias, um homem esguio vestindo um terno lilás listrado, subiu ao palco e berrou em um megafone:

– Senhoras e senhores! Sejam bem-vindos ao Concurso Internacional da Pulcritude!

A multidão explodiu em aplausos enquanto uma fila de belas moças em trajes de banho saiu da tenda em direção ao palco.

– Meretrizes! – gritou uma das mulheres do grupo atrás deles.

– Jezebéis! – gritaram outras.

Os protestos verbais não duraram mais de trinta segundos, e o mestre de cerimônias fez um gesto rápido para que três policiais levassem as dissidentes para longe. Ele se virou para a banda:

– Cavalheiros, a fanfarra, por favor!

Depois de uma segunda fanfarra e da recepção, a multidão aplaudiu com ainda mais animação.

– O que foi aquilo? – Huck sussurrou.

– Todo mundo está aplaudindo porque o concurso está para começar.

Ela torceu o nariz.

– Não foi o que eu quis dizer, e você sabe disso.

Gabe se aproximou ainda mais, e seus lábios estavam quase tocando a orelha dela.

– Pelo jeito, há visões contrárias a respeito do senso de modéstia de uma mulher.

– Mas que besteira – Huck respondeu. – A modéstia de uma mulher é assunto dela, a não ser que

ela vá contra a lei.

A banda seguiu tocando um *pot-pourri* de músicas populares enquanto o mestre de cerimônias explicava que as mulheres eram julgadas por sua beleza e postura. Então ele apresentou cada uma das trinta e nove participantes, todas com idade entre dezoito e vinte cinco anos, usando a última moda em trajes de banho. Os maiôs sem mangas eram coloridos e justos ao corpo, alguns com saias curtas que poderiam ser tiradas para proporcionar maior mobilidade na água. Muitas das meninas eram texanas, enquanto outras tinham vindo de Estados tão longínquos quanto Califórnia e Nova York. Havia também uma concorrente vinda de Cuba, duas do Canadá e até uma garota da França. Os juízes escolheram dez finalistas e então, para alegria da multidão, pediram que as participantes apresentassem poses de vários ângulos. Enquanto a banda tocava a última música, os juízes somaram suas notas e escolheram uma vencedora... uma bela e esguia sulista do Mississippi. Depois, o mestre de cerimônias entregou a ela seu prêmio em dinheiro, colocou uma coroa sobre sua cabeça, e a ganhadora marchou pelo palco segurando a bandeira dos Estados Unidos.

Minutos depois, Gabe e Huck foram passear ao longo do paredão, sob o sol quente da tarde. Ele mal podia acreditar que ela havia se oferecido para andar de braço dado com ele de novo. Horas antes, ele estivera no piso de um bonde, envolvido pela presença dela. E agora eles andavam sobre aquela enorme barreira de concreto onde a terra se encontrava com o mar. Era um dos lugares favoritos dele na Terra.

– A minha mãe sempre diz que as mulheres mais bonitas vêm lá dos rincões do sul – Huck disse. – Mas é porque ela nasceu no Alabama.

Eles não tinham visto mais nenhum protesto, e a maior parte do público já tinha se dispersado. Era o fim do controvertido Concurso Internacional da Pulcritude até o ano seguinte.

Gabe estudava a bela moça que segurava seu braço. Ele tinha razão a respeito dela, e Huck se tornava mais perfeita para ele a cada momento que passava.

– Sua mãe parece saber das coisas, mas tenho que discordar. A mulher mais bonita que conheço está andando ao meu lado... e ela é do Texas.

– Ah, não – Huck respondeu. – Agora temos um problema.

– É mesmo? – Gabe começou a suar, e eles pararam. Até onde ele podia perceber, ela não estava brava, mas talvez ele devesse ter sido mais discreto com seus elogios. A última coisa que ele queria era assustá-la. Ele pegou um Lucky, e então fez uma pausa, percebendo que nunca havia perguntando se ela se importava se ele fumasse. O cheiro do tabaco, a fumaça ou as duas coisas incomodavam algumas pessoas. Além disso, ele teria que se virar para o outro lado para acender o cigarro, e ela teria que soltar o braço dele.

– Há algo que você precisa saber – Huck disse. – Antes que a gente passe mais um minuto juntos, preciso ser sincera.

– Por que a senhorita sempre diz a verdade? – Gabe tirou um lenço do bolso de trás e secou a

testa.

– Acho que é a maldição dos Huckabee – ela riu. – Agora mesmo você disse que discordava da minha mãe?

– Eu prefiro chamar isso de uma diferença amigável de opiniões.

– Gabe, meu querido. Não há problema algum: ninguém nunca conseguiu discordar com sucesso da minha mãe, a não ser que saiba do segredo.

– Obrigado pelo aviso. – Ele sorriu e levou o lenço de volta ao bolso. Huck havia acabado de chamá-lo de “meu querido”.

– Você não quer saber o segredo?

– A não ser que o contrário me beneficie.

– Muito engraçado, Senhor Espertinho. Para sua informação, eu sou a única filha que sabe o segredo, e isso já me salvou de muitos problemas. Eu aprendi observando o meu pai.

Gabe começou a andar de novo, aliviado pelo fato de ela se sentir à vontade o bastante para fazer uma brincadeira sobre sua família. Isso também queria dizer que ela estava planejando que ele os conhecesse.

Huck continuou:

– A minha mãe tem uma opinião muito forte sobre certos assuntos, principalmente educação e religião. Então, quando ela fizer uma pergunta e vocês não concordarem, evite cair na armadilha dela. Desconverse, e então use a verdade em sua própria vantagem, como um político honesto, defendendo a sua ideia enquanto muda de assunto gradualmente. É divertido.

– Hum – Gabe respondeu. – Eu nunca ouvi falar de um político honesto, mas vou experimentar o seu método. – Ele pigarreou exageradamente e então falou em tom mais grave e distinto. – Minha cara Senhorita Huckabee. Não é incrível como, mesmo no Texas, as mulheres mais bonitas tenham raízes nos rincões do sul, especialmente no Alabama... um Estado conhecido por seu charme feminino e pela requintada culinária sulista? – Ele sorriu, voltando à sua voz normal. – Que tal comermos alguma coisa?

Huck pousou os dedos ao redor do braço de Gabe, descansando a cabeça sobre o ombro dele.

– Nossos pensamentos são tão parecidos que chega a ser assustador.

– Você está dizendo que somos previsíveis?

– Nunca – Huck fez cara feia. – Previsível é um adjetivo que não pertence a nós.

Nós. Gabe saboreou a palavra antes de falar de novo:

– Então qual adjetivo pertence a nós, Senhorita Professora de Inglês?

– Famintos – Huck disse. – Ainda não comi nada hoje.

Eles comeram sob um grande guarda-sol no Sereias, um restaurante ao ar livre no final do píer cuja placa dizia: “Jante próximo às profundezas do mar”. Um garçom espalhafatoso os informou que, como já estavam no meio da tarde, não havia mais almoço, mas eles podiam pedir um coquetel de camarão ou um gumbo de caranguejo. O bar estava aberto, e ele estaria de volta em um minuto para anotar os pedidos.

– Mas e a Lei Seca? – Huck perguntou assim que o garçom desapareceu. A única bebida alcoólica que ela tinha visto na vida era o uísque cor de âmbar que seu pai bebia no Natal. Ela sabia onde ele o escondia: no forro do celeiro, sob uma tábua solta. Quando era criança, Huck pegava a garrafa daquele ano, fingia dar um gole e estar bêbada. Aos onze anos, ela deixou a garrafa cair um dia e notou uma rachadura mínima na base. Em pânico, nunca mais tocou no “vício de Natal” do pai de novo.

– Dizem por aí que a Lei Seca não é obrigatória na ilha – Gabe respondeu. – E você pensava que a praia era o que atraía as multidões.

– Você acha que a gente poderia pedir champanhe rosa? – Huck se inclinou para ele, disfarçando. – Já li sobre gente que toma champanhe no brunch. Parece tão ousado.

– É tarde demais para o brunch – Gabe disse, e então deu risada. – E, como esta refeição vai ficar entre o almoço e o jantar, vamos chamá-la de “jantoço”.

– Jantoço de champanhe – Huck respondeu. – Não soa tão romântico, pelo menos a parte do “jantoço”. Mas a parte cor-de-rosa parece bem interessante, você não acha?

Quando o garçom voltou, Gabe pediu dois coquetéis de camarão, duas pequenas tigelas de gumbo de caranguejo com arroz extra e uma garrafa de champanhe rosa. Como não estavam seguindo programação nenhuma, os dois comeram e beberam à vontade, conversando sobre suas comidas, livros e filmes favoritos, enquanto nuvens vindas do mar passavam lá no alto e ondas com cristas brancas deslizavam aos seus pés.

– Acho que meu dormente está ficando nariz – Huck disse, e então deu uma risadinha.

– E eu acho que a senhorita tomou champanhe demais – Gabe pegou um cigarro. – Você se importa se eu fumar?

– Nem um pouco. – Desde a infância, a qualidade aromática do tabaco era um cheiro que Huck achava reconfortante. Ela tinha sentido esse cheiro pela primeira vez em Gabe quando eles estavam no bonde, e depois no concurso de beleza, quando ele sussurrou bem de pertinho. Ela deu uma risada leve, lembrando-se de uma história.

– O que é tão engraçado?

– Meu pai fumava antigamente – Huck se lembrou –, até a minha mãe finalmente insistir que ele mandasse o terno para o tintureiro para uma revisão. No domingo seguinte, ele usou o terno por menos de cinco minutos, dizendo que fedia a querosene, e então o colocou no tanque. Na verdade, ele disse que havia “batizado” o terno, uma analogia bem-humorada que passou batido pela minha mãe. E então... – Huck fez uma pausa, e o restante da história flutuou para longe com a leveza do champanhe.

– E então a sua mãe assassinou o seu pai? – Gabe puxou um cinzeiro para o seu lado da mesa e abriu um porta-fósforos.

– Não, bobinho. – Ela riu pela terceira vez. – Torturar lentamente é mais o estilo da minha mãe. – Huck olhou para a taça de champanhe vazia. – Onde eu estava mesmo?

– Seu pai afogou o terno no tanque.

– Isso. E então ele nunca mais fumou de novo. Ele começou a mascar tabaco porque jurava que o cheiro de querosene não saía. Meu pai vivia com medo de incêndio e tinha pavor de que os vapores inflamáveis se infiltrassem nas camisas e roupas de baixo dele também.

Gabe deu risada.

– E por que ele simplesmente não comprou um terno novo?

– O quê? E jogar no lixo aquelas roupas perfeitamente úteis? – Huck respondeu, toda faceira. – Meu pai faz o estilo surrado/confortável, e, mesmo depois de cinquenta anos de casamento, minha mãe ainda não conseguiu fazer nada a respeito disso.

– Eles parecem os meus pais – Gabe acendeu o cigarro, expirando a fumaça para longe de Huck. – Então o que o seu pai usou para ir à igreja no dia em que batizou o terno?

– Ah, meu pai nunca vai à igreja. Nunca. Ele diz que não tem nada contra o rebanho de Deus, mas não precisa visitar a casa do Senhor porque já ouve bastante pregação em casa. Então, quando a minha mãe e o resto da família vão à missa no domingo, ele veste o terno e lê a Bíblia em silêncio. E então ele a coloca de lado e “pondera”, enquanto masca tabaco e cospe lá da varanda.

– Acho que gosto do seu pai – Gabe pareceu perdido em seus pensamentos por um momento. – Aposto que ele adora ler os Salmos.

– Nossa, é o livro favorito dele.

– E ele gosta de discutir essas “ponderações”? Principalmente com você?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Como você sabe?

– Por causa da poesia na sua voz.

Huck se sentiu corar.

– O livro favorito da minha mãe é o de Provérbios. Eu decorei vários.

– Minha adivinhação seguinte.

– Porque eu sou muito sábia?

– Minha resposta seguinte.

Eles deram risada.

– Uma mulher sábia que diz o que pensa é muito respeitada – Gabe disse.

– Isso é um provérbio?

Ele deu de ombros.

– Eu estava pensando na sua mãe. Acho que gostaria dela também.

Huck sorriu. O contentamento coloriu a tarde.

Gabe fez um sinal para o garçom:

– Dois cafés, por favor.

– Como você sabia que eu adoro café? – Huck perguntou, pensando se o seu pai sentia tanta vertigem assim quando bebia uísque.

– Adivinhei – ele sorriu. – Além disso, não é verdade que a senhorita sempre consegue aquilo que quer?

Huck sorriu de volta. Mesmo com o champanhe anuviando sua mente, estava bem claro que seu coração queria Gabe Alexander. E quaisquer pensamentos desagradáveis sobre terminar tudo com Clark haviam evaporado, incluindo como e quando ela contaria tudo para a mãe.

Várias horas mais tarde, depois de fuçarem em uma série de lojas de lembrancinhas e aplaudir uma trupe de acrobatas de calçada, eles assistiram ao pôr do sol, comendo amendoins salgados e pipoca caramelada em uma faixa deserta da praia. A certo ponto, Huck pediu o chapéu de Gabe emprestado, o que resultou em uma alegre perseguição, até que ela e Gabe estavam totalmente sem ar. Eles tiraram os sapatos e meias ao lado de um tronco solitário trazido pela água e ficaram andando por ali sem destino, as ondas batendo nas canelas nuas sob uma revoada de gaivotas no fim de tarde.

– Estou com sede – Gabe disse, e então apontou para uma casa de praia rústica, no estilo palafita. – Aposto que tem uma cisterna ali. E parece que tem um banco com um balanço bem confortável na

varanda também.

– Seria bom tomar água e poder sentar por alguns minutos – Huck disse. – Parece que não tem ninguém em casa. Você acha que alguém se importaria?

– Eles ficariam honrados – Gabe sorriu. – É a lei do Oeste receber viajantes cansados ou, neste caso, caixas cansadas. O que significa que não tem problema se usarmos o banheiro também.

– Eu estava rezando para você dizer isso – Huck respondeu, correndo de fininho para o banheiro. O champanhe rosa e o café do jantoço estavam prontos para partir, e ela havia quase decidido se aventurar pela duna de areia mais alta.

– Cuidado – Gabe disse. – Bata na porta primeiro, para o caso de estar ocupado.

Ela sabia que ele queria dizer ocupado por algum bicho nojento, lembrando-se de sua infância antes do tempo do encanamento interno nas casas e de sua mãe sempre dizendo para assustar “visitantes indesejáveis”. O termo sempre a fizera sorrir, porque automaticamente deduzia o contrário: visitantes que recebiam um convite seriam bem-vindos. E quem, a não ser um maluco, pensaria em fazer uma festinha num banheiro?

Cinco minutos depois, eles mataram a sede com a mesma concha de metal, e então descansaram no balanço castigado pelo tempo enquanto uma lua brilhante subia no céu, reluzindo seu caminho pelo plácido Golfo do México.

– Não é exatamente água pura da fonte, mas uma boa cisterna limpa dá conta do recado – Gabe comentou, oferecendo seu lenço a Huck. – Você deve ter um buraco no queixo. Seu vestido está molhado.

– Como é? Huck pressionou o lenço nas manchas molhadas do vestido e o devolveu para Gabe. – Foi você quem deu um tranco na concha.

– Pelo menos são manchas de água e não de chocolate. – O rosto dele se enrugou para produzir um sorriso.

– Aquilo foi hoje? – Huck ficou pensando no bebê do bonde. A manhã no centro de Houston parecia ter acontecido havia muitas vidas, mas ela tinha ficado feliz pelo fato de os meninos terem pintado seu futuro a dedo.

– Se não foi hoje, então eu dormi de terno – Gabe disse, com uma piscadinha. Huck deu risada. – Estou acordado desde o amanhecer e deveria estar exausto, mas...

Ela se levantou, dando piruetas sobre os dedos dos pés descalços, sua sombra girando alegremente à luz branca da lua.

– Hoje é 1º de Maio até a meia-noite. Dance comigo. – Ela estendeu a mão e puxou Gabe, que se levantou.

Eles dançaram para lá e para cá, descalços sobre a areia branca, ao ritmo macio das ondas noturnas, abraçados bem juntinhos enquanto milhões de estrelas amanheciam. Depois de dançarem centenas de canções embaladas por um relógio que não media o tempo, eles compartilharam mais uma concha de água, e então voltaram para o balanço, com Gabe falando baixinho na língua dos pré-amantes: o “E se?”.

E se aquele encontro levasse a outro?

E se eles comessem a namorar sério?

Naquela conversa de quase uma pessoa só, Huck dizia um “eu gostaria” ou “parece maravilhoso” aqui e ali. Mas, quando Gabe fez uma pausa para acender um cigarro, o cérebro dela ricocheteava pensamentos como uma fila de respostas em um contraponto melódico. Ela sabia que seu romance de montanha-russa com Clark estava acabado, com Gabe a convidando para sair de novo ou não. Quando ele mencionou a possibilidade de... *Como ele tinha dito mesmo?* – “encontros futuros” –, ela não via a hora de passar mais tempo com ele. Huck definitivamente queria ficar com Gabe e estava no processo de imaginar como seria quando eles se casassem quando ele murmurou as palavras “nosso namoro sério”. Apesar de a mente de Huck já ter considerado até mesmo um passo além do namoro, as palavras de Gabe a pegaram de supetão, catapultando seu coração para um estado de pura alegria. Ela não teve escolha a não ser rir.

– Está rindo de alguma piada? – O cigarro de Gabe brilhava cor de laranja na noite.

– Só estou feliz. – Ela descansou a cabeça sobre o ombro dele, e o cheiro de Gabe de quem tinha acabado de tomar banho se misturava aos vestígios deixados pelo sol e pelas ondas. A mente de Huck estava em parafuso, e ela não conseguia parar de pensar em quando exatamente havia se apaixonado por ele. Teria sido naquela manhã, quando ela caiu sem querer no colo dele no bonde? Ou naquele dia tempestuoso de março, quando eles tinham se conhecido... o comentário meio cafona sobre as ostras... os olhos azuis do mar e do céu?

Huck ficou escutando o quebrar das ondas e mediu o pulso de seus sentimentos. Muito mais que um sentimento, aquela paixão era um fato, um fato altamente protegido e baseado na gentileza compartilhada por almas gêmeas. Ela se sentia segura, mas ao mesmo tempo livre para falar sobre medos escondidos e seus desejos mais íntimos sem temer o escárnio ou a rejeição. Ela se aconchegou junto a ele, e uma lágrima de felicidade escorreu pelo seu rosto enquanto ela começou a contar a Gabe sua história, seus segredos. Enquanto ela falava, Gabe acariciava seus cabelos. Ela contou tudo em detalhes sobre o Senhor Jack e as orquídeas anacacho, tão difíceis de encontrar. Por fim, revelou seu noivado equivocado com Clark Richards e sua decisão de acabar com tudo.

– Não estou surpreso por você namorar outro rapaz – Gabe disse, carinhosamente. – Não mesmo. Qual homem não gostaria de ser seu noivo?

Ela não respondeu, mas se aconchegou ainda mais a ele, enquanto Gabe continuou acariciando seu cabelo. Nenhum dos dois disse nada por um momento. Então, depois de respirar fundo algumas vezes, ela contou para ele sobre o acidente bobo que a tinha deixado incapaz de ter filhos.

– É por isso que eu sou professora – Huck terminou a história. – É a grande vocação da minha vida.

Gabe parou de fazer carinho no cabelo dela.

– Eu preciso te contar uma coisa.

Huck não disse nada, só sentiu os músculos do peito se contraírem enquanto o temor repentino da dúvida a atingiu por dentro.

Será que a intuição dela tinha se enganado, ou os efeitos prolongados do álcool a tinham tornado mais ousada? Ela queria olhar para ele, mas estava morrendo de medo de ter revelado demais. Não sobre o Senhor Jack ou Clark. Os anjos eram bíblicos, e um noivado com outro homem poderia ser remediado. No entanto, não poder ter filhos era outra história. Arrasada por não ter pensando duas vezes antes de falar, ela fechou os olhos, pronta para o pior.

– Você se lembra de quando você disse que éramos tão parecidos que era de assustar?

– Sim?

– Bem... – Gabe fez uma pausa breve, e então continuou. – Eu decidi anos atrás que pessoas casadas não deveriam basear sua felicidade apenas nos filhos que Deus escolhe dar a elas... ou não dar a elas. Isso tem a ver com um conceito que eu chamo de “Divisão Longa”.

– Mais parece um problema de aritmética.

– É mais um dilema do casamento – ele respondeu, e então explicou sua ideia sobre como as pressões da carreira, multiplicadas pelas responsabilidades sem fim da vida, constantemente dividiam e re-dividiam o tempo que os casais tinham juntos, finalmente dando origem a estranhos confortáveis na companhia um do outro em vez de amantes apaixonados. – A não ser que eu herde uma mina de ouro, trabalhar para viver não é uma escolha. – Ele então deu uma risadinha. – Você acha que é irrealista querer um romance que dure para sempre?

– É claro que não. – Huck queria pular do balanço na varanda e dançar mais uma centena de danças à luz do luar. Além de acalmar seu maior medo, Gabe estava querendo dizer que eles poderiam ficar juntos. – Conte comigo nesse conceito.

– E, como estamos contando segredos – ele continuou –, preciso dizer mais uma coisa.

Ele contou a ela sobre o quase noivado com a ex-namorada, Amelia Addison, e então relembrou a tarefa aterrorizante de servir o exército no exterior durante a Primeira Guerra Mundial. Huck sentiu Gabe tremer quando ele relembrou a morte dos pais.

Ela se sentou e olhou para ele. Os olhos de Gabe estavam molhados de lágrimas.

– Eu te amo, Gabe Alexander – Huck sabia que ainda era cedo no relacionamento deles para dizer algo assim, mas as palavras saíram simplesmente movidas pela ternura entre eles e a forte convicção

de que ele era a alma gêmea que ela vinha procurando desde os dez anos de idade. Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele, e suas preocupações sobre não poder ter filhos já não pesavam mais nada. – E quer saber *por que* eu te amo?

– Quero. – Gabe enxugou os olhos com as costas da mão.

– Porque acabamos de expor as nossas almas pela primeira vez. E você não teve medo de demonstrar seus sentimentos.

Gabe sorriu.

– Todo caubói chora, pelo menos os verdadeiros. Capitães do *bayou* também. – Ele pausou por um momento, como se estivesse contemplando o silêncio. – Você sabe por que eu te amo?

– Você me ama?

Ele sorriu.

– Quer saber o porquê?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Porque você disse que foi a “primeira vez” que expusemos nossas almas. Isso significa muito mais noites maravilhosas juntos.

– Como você pode ter tanta certeza?

Com ambos os braços, Gabe puxou Huck para perto de si, pressionando os lábios contra os dela com uma força cheia de confiança.

– Case comigo, Huck. – Ele enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma aliança simples de ouro. – Este anel era da minha mãe. Ela me aconselhou a levá-lo sempre comigo, para que eu pudesse dá-lo à mulher dos meus sonhos.

– Ah, meu querido Gabe.

Ele colocou o anel no dedo de Huck e eles se beijaram profundamente. Desta vez, as lágrimas eram de Huck.

Eles ficaram mais um tempo no sofá, se abraçando até que a hesitação do novo amor evoluiu para beijos profundos e contentes. Então, depois de uma última visita ao banheiro, eles encontraram seus sapatos e meias, seguiram de volta seus passos na areia da praia e subiram pelo paredão até chegar ao bulevar. Gabe fez sinal para um bonde que passou lotado de foliões bêbados do Dia do Mergulho, o motorista também bêbado cantando músicas de amor e muito animado ao levar o casal apaixonado para a estação do interurbano. Então, às duas da manhã, Huck e Gabe pegaram o último trem e voltaram a toda a velocidade para o continente.

– A gente parece mesmo um casal apaixonado? – Huck não soltou mais o braço de Gabe, a cabeça dela pousada confortavelmente sobre o ombro dele.

– Pelo menos de acordo com o motorista do bonde. Acho que isso faz de você a minha querida apaixonada – Gabe disse, e a resposta foi se transformando em um bocejo.

– Eu também – Huck concordou, e então continuou. – Quer dizer, “eu também” por causa do seu bocejo. Mas você também é o meu querido apaixonado. – Ela riu de mansinho, pensando em como tinha acordado cedo naquele 1º de Maio, nem sonhando que, vinte e quatro horas depois, estaria noiva de outro homem. Um homem que sem dúvida era sua alma gêmea.

– Mas que par nós fazemos hein? – Gabe virou os olhos e sorriu. – Ficando na rua até tarde no nosso primeiro encontro. Seu pai vai mandar me executar.

– Ele não teria nem chance. Lembre-se: minha mãe torturaria você até a morte primeiro.

A brincadeira bem-humorada entre os dois continuou, com Gabe roubando um beijo a cada quilômetro no vagão mal iluminado. Huck sabia que eles se tornariam muito mais envolvidos. Eles estavam destinados a serem amantes, e amantes mal podem esperar para ter mais intimidade. Mas, antes que o calor do desejo dela ficasse fora de controle, Gabe se segurou.

Certa vez, quando ela e Clark estavam na faculdade, ele queria mais paixão física do que ela estava disposta a ceder. Então ele forçou o contato, até que ela finalmente o convenceu a parar. No dia seguinte, ele se mostrou distante e todo pudico, culpando-a por provocá-lo durante um momento de fraqueza. Assim como no incidente do corte de cabelo e em muitos outros, o homem achava que presentes caros corrigiam qualquer erro. Huck suspirou, finalmente admitindo para ela mesma que seus problemas com Clark não eram totalmente culpa dele. Ela havia aceitado os presentes todas as vezes.

– A estação de Houston é a próxima – Gabe disse, interrompendo gentilmente os pensamentos de Huck. Ele checkou seu relógio de bolso. – São quase três da manhã. Vamos ter que pegar um carro de aluguel. Não há mais bonde depois da meia-noite.

– Eu pensei que os carros de aluguel tivessem sido proibidos dois anos atrás.

– Se eles não estão roubando o negócio dos bondes, a lei finge que não vê. A maioria dos motoristas é formada por ex-soldados ou amigos dos policiais, de qualquer maneira – ele riu. – Até eu pensei em entrar nessa. Depois da guerra, vários amigos meus do exército transformaram seus calhambeques velhos em carros para levar passageiros.

– Eu daria uma voltinha com você – Huck disse, notando como Gabe estava bonito no meio da noite.

Na estação, eles saíram do interurbano e pegaram um carro de aluguel que esperava por ali. Apesar de o carro ter espaço para oito passageiros, Huck e Gabe eram os únicos. Huck gritou seu endereço por sobre o barulho do motor enquanto Gabe pagava o motorista.

– Eu moro só a alguns quarteirões da pensão – Gabe disse enquanto partiam, o carro fazendo o maior barulho. – Então, posso andar até a minha casa. Acho que este ferro-velho está na última perna.

– Você não quer dizer “corrida”? – Huck riu. – Meu irmão costumava cantar uma musiquinha popular sobre um carro de aluguel. – O ar frio da noite era revigorante, e estava acordando seus sentidos cansados. – Algo sobre um motorista chamado Gui da Gasolina que rouba a mulher de Satanás.

– Desculpe o trocadilho, mas aquela mulher devia ser um inferno. – O rosto de Gabe possuía a mesma intensidade das estrelas que brilhavam lá no céu. – Eu me lembro da melodia, mas não da letra. Por que você não canta?

– Aqui?

– Aposto que você é melhor que o motorista bêbado do bonde.

– Sim – Huck concordou. – Pelo menos estou sóbria, mas só sei o refrão.

Gabe deu uma risadinha.

– Que maneira perfeita de terminar o dia... com uma música.

Quando eles chegaram à pensão da Senhora Thompson, os dois estavam rindo histericamente, inventando versos engraçados para a música e depois mandando o outro ficar quieto, com Gabe fazendo a harmonia para a melodia de Huck.

– Ainda bem que não tem ninguém em casa. – Gabe saiu do carro e então ofereceu a mão a Huck. – Espero que não tenhamos acordado os vizinhos.

– Eles são todos mais velhos e não acordariam nem se uma locomotiva passasse pelo quintal. – Huck desceu do carro e soltou a mão de Gabe enquanto o motorista foi embora. Ela deu um rodopio. – Dance comigo até a porta – ela disse, toda feliz – ao som de *Gui da Gasolina*.

Então, com mais risada do que música, eles deslizaram sobre a pista de dança de grama coberta de orvalho, e então subiram rapidamente os degraus de madeira oca da varanda da pensão.

– Foi um dia encantador – Huck disse, colocando os braços ao redor do pescoço de Gabe, o calor do olhar de céu e mar dele desafiando as sombras que precedem o amanhecer.

– Nossos dias apenas começaram, minha querida. – Ele se inclinou para beijá-la quando o balanço da varanda rangeu na escuridão.

– Quem é ele? – uma voz mal-humorada exigiu saber.

A voz na escuridão pertencia a Clark Richards.

Nove

*Dançamos à luz da lua.
A música parou à sombra fria.
A verdade fere quando afiada
Pelo ciúme.
Uma luta pela vida,
Um grito de amor
mais forte que a loucura.
Um milagre!
E o nosso destino.*

*Para sempre,
Gabe*

*Maio de 1926
Houston, Texas*

*E*m menos de um instante, Huck sentiu a força atlética de Clark, os dedos ásperos dele torcendo seu antebraço, puxando-a com tudo para longe do abraço protetor de Gabe.

– Eu perguntei quem é ele! – Clark repetiu, e então xingou. A luz brilhante da lua refletiu a lâmina de quinze centímetros da faca de caça que ele segurava com a mão direita. – Responda, Huck. Quem é o idiota que não para de rir?

– Clark! Não! – Huck tentou se soltar. – Você não entende.

– Entendo mais que o suficiente. – Os olhos de Clark saltaram, revelando janelas escuras de ódio e ciúme. Ele ergueu a faca.

– Meu nome é Gabe Alexander – Gabe disse, colocando-se entre Huck e a faca de Clark. – Solte a moça. A sua briga é comigo.

– Cale a boca! – Clark virou Huck para o outro lado, segurando-a com o braço esquerdo como uma cinta de ferro.

– Clark, por favor – a voz de Huck tremeu enquanto lágrimas quentes desciam por seu rosto. Ela sabia que Clark era possessivo e impaciente, mas nem mesmo em seus pensamentos mais malucos acharia que ele seria capaz de fazer esse papel. – Você está louco?

– Louco? – Clark forçou uma risada. – Eu voltei da viagem de caça mais cedo para fazer uma

surpresa para a minha noiva. Vim correndo para cá para contar para ela sobre a minha promoção para um banco maior em Chicago – ele começou a falar cada vez mais alto. – Louco? Eu esperei por horas e horas, afiando a minha faca para passar o tempo. Pelo menos todo esse esforço não foi à toa.

Huck sentiu o aperto dele com mais força ainda.

– Se você me deixar explicar...

– Você não merece esse privilégio – Clark disse, em tom de escárnio.

Gabe falou em voz baixa:

– O que houve aqui foi um simples mal-entendido, só isso.

– Simples? Minha noiva pelo jeito passou a noite andando com outro homem, berrando músicas sem sentido do banco de trás de um carro de aluguel de última categoria e dançando como uma idiota bêbada.

– Solte a moça antes que alguém se machuque.

– Eu decido quem vai se machucar! – Clark soltou Huck e voou para cima de Gabe, a faca cortando camadas de luar e sombras.

Gabe se esquivou e a faca não o atingiu. Ele fez um gesto para Huck sair do caminho, se concentrando em Clark e lembrando que já fazia sete anos que tinha lutado nas trincheiras cheias de gás. Sete anos desde que ele havia provado o horror emocionante de matar ou ser morto. Ele havia aprendido bem a técnica, salvando a própria vida mais de uma vez.

– Solte a faca – Gabe disse, seu tom firme, porém calmo. – Não faça nenhuma bobagem.

– O bobalhão aqui é você, Alexander. – Clark encarou Gabe no melhor estilo de briga de rua, enquanto os dois homens começaram a rodear um ao outro.

– Pare com isso, Clark – a voz de Huck já tinha virado histeria e lágrimas. – Você enlouqueceu.

– Tudo bem – Gabe disse, mantendo os olhos fixos em Clark enquanto tentava acalmar Huck – Acredite em mim. Vai dar tudo certo. – Apesar de estar acordado há quase vinte e quatro horas, os sentidos recém-despertados de Gabe estavam em alerta, avaliando cada medida possível de defesa. Clark era forte fisicamente, mas obviamente não sabia brigar no mano a mano. Se eles se atracassem de novo, Gabe acabaria com isso. Não haveria nem competição. – Solte a faca e vamos conversar.

– Conversa é coisa de covarde. Homem nenhum encosta o dedo na minha noiva. – Clark avançou pela segunda vez, tentando cortar o rosto de Gabe com toda a força. Gabe se esquivou para o lado, então deu um soco rápido abaixo da caixa torácica de seu agressor. Sem conseguir respirar, Clark se dobrou para a frente, deixando a faca cair. Em um último movimento ligeiro, Gabe chutou a faca para longe da varanda da pensão enquanto torcia o braço de Clark, forçando-o a encarar o deque de madeira.

– Eu não sou... sua noiva... Clark – Huck conseguiu dizer entre soluços. – Nem agora... nem nunca.

O esbravejar musculoso de Clark se transformou em um silêncio sem ação, seguido por uma série de choramingsos em voz baixa. Gabe soltou Clark e deu alguns passos para trás. Ainda de olho no ex-noivo de Huck, Gabe tirou o paletó e o colocou sobre o balanço. Ele engoliu em seco, tendo testemunhado o mesmo comportamento no campo de batalha quando um inimigo pensava que sua vida tinha chegado ao fim. De uma maneira estranha, ele sentiu pena de Clark. Perder Huck deveria ser difícil para qualquer homem aguentar, se não impossível.

Clark se sentou e fez cara feia, esfregando o braço.

– Eu te amo, Huck – ele sussurrou, sua voz tremendo. – Sempre te adorei, desde que éramos crianças. Lembra? – Ele olhou de relance para Gabe, e então se recostou à perna de uma mesa com tampo de vidro.

Huck fungou e enxugou os olhos. Ela queria sair correndo para o outro lado da varanda, na segurança dos braços de Gabe, mas sabia que tinha que resolver tudo com Clark primeiro.

– Você pode ter me adorado, Clark, mas... – Ela fez uma pausa, permitindo que sua voz tomasse força. – Mas você nunca me *amou*. E agora você só quer me controlar. Eu já tentei ser franca, mas você se recusou a escutar.

– Isso não é verdade. Eu sempre te amei... e.... – Usando a mesa como suporte, Clark se levantou. – E eu sei que você ainda me ama. – Ele olhou de relance para Gabe de novo. – Ele deixou você confusa, não foi? Venha comigo para Chicago e tudo vai fazer sentido de novo. Meu carro novo está estacionado no próximo quarteirão. Vou comprar um igualzinho para você no dia em que nos casarmos.

– Não! – Huck deu um passo em direção a Clark, sem querer levar aquela palhaçada à frente nem por mais um minuto. A queimação salgada das lágrimas invadiu seu rosto de novo, mas ela não se importou. – Eu vou me casar, mas não com você. – Ela ergueu a mão esquerda, a aliança de ouro brilhante bem visível. – Eu entreguei meu coração para o Gabe.

– Nunca! – Clark gritou. – Não vou permitir! – Em um acesso renovado de ódio, ele jogou a mesa na direção de Huck, espatifando o vidro. Antes que pudesse gritar, Huck viu Gabe saltar no ar, e agarrá-la rápido como um relâmpago. Eles aterrissaram com um baque, rolando para longe do alcance de milhares de cacos de vidro afiados, e o impacto forçou todo o ar para fora dos pulmões de Huck. Ela tentou respirar, e então viu o borrão da bota de caça de Clark chutando a cabeça de Gabe. Atordoado, Gabe tentou se levantar enquanto Clark desferiu mais um golpe poderoso, com tanta força que Gabe quase caiu da varanda. Gabe resmungou e então ficou deitado, sem se mexer.

Huck gritou. Clark veio para cima dela. Assim como no incidente do corte de cabelo, os olhos dele estavam brilhando com escuridão. Mas, ao contrário da simples faca para carne que Huck tinha usado para provar o que dizia, Clark agora segurava um caco de vidro comprido como um punhal, a finalidade de sua verdade terrível apontada diretamente para o coração dela.

Huck abriu a boca, produzindo nada mais que um silêncio horrorizado. E então ouviu um grito cruel – diferente de qualquer lamento humano que já havia escutado – atravessar a noite. O som era aterrorizante e completamente estranho, mas ao mesmo tempo carinhoso e familiar. E cheio de alma.

Quando ela se deu conta, Gabe estava deitado à sua frente, o corpo dele protegendo o dela. De alguma maneira, ele tinha conseguido juntar forças para gritar, e se colocar entre Huck e o perigo, disposto a sacrificar a própria vida para protegê-la da fúria daquele homem louco. Houve um barulho mais baixo de vidro se espatifando, seguido pelos passos em pânico de Clark, uma porta de carro batendo a distância, um cantar repentino de pneus. Huck não sabia por que ele tinha deixado a arma cair e saído correndo.

Gabe soltou um resmungo gutural e rolou para o lado no chão.

– Ele foi embora – ele disse baixinho. – Você está bem?

– Estou. – Lutando para segurar mais lágrimas, Huck se sentou, olhando para o homem que tinha acabado de salvar sua vida. Ela estava prestes a perguntar sobre aquele grito inacreditável quando notou o sangue. – Oh, Gabe, seu rosto está sangrando! – Ela se inclinou à frente e limpou a testa dele com a barra do vestido com toda a delicadeza.

Gabe conseguiu se sentar.

– Chocolate em um vestido e sangue no outro. A que horas será que a Foley Brothers abre, hein?

– Pare de brincar. Você poderia estar seriamente machucado.

– Acredite em mim. É só um arranhão. – Ele tocou a ferida. – Viu? O sangramento parou. Ainda bem que sou um cabeça-dura.

– Acho que deveríamos levar você para o hospital. – Huck se levantou. – Não se mexa. Vou entrar e chamar uma ambulância.

– Não, Huck, por favor... – Gabe conseguiu se levantar, ainda meio tonto, e se sentou no balanço. – Só estou com um pouco de tontura. Já me machuquei bem pior do que isso na vida. Só preciso de um cigarro. – Ele achou o bolso do terno e tirou um cigarro de lá.

– Mas você pode ter sofrido uma concussão. – Huck se sentou ao lado de Gabe. – Meu pai tomou um coice de mula na cabeça e ficou vendo tudo em dobro por dias.

Gabe sorriu.

– Eu não poderia pensar em nada mais maravilhoso que ver duas de você. – Ele acendeu um fósforo e, ao erguê-lo, revelou um corte comprido, mas não muito grave.

– Acenda o cigarro e fique quietinho – Huck mandou. – Vou pegar um pouco de álcool e... – Ela fez uma pausa, quase estremeando ao pensar em como o álcool arderia na ferida, e continuou: – ... e um

curativo.

Huck entrou rapidamente, acendendo as luzes enquanto procurava pelo kit de primeiros-socorros da Senhora Thompson. Ela se lembrava vagamente de que a senhora tinha mencionado que ele não ficava no banheiro, mas dentro de um armário em algum lugar na parte de trás da casa, talvez perto do corredor de trás.

O cérebro de Huck queria se demorar nos eventos horríveis dos últimos minutos, mas seu coração resistiu. Agora Clark Richards estava em seu passado. Ele se mudaria para Chicago, e ela jamais o veria de novo. É claro que a sua mãe, assim como o resto da família, ficariam sabendo do fim do noivado logo, logo. A notícia correria Huntsville, e não teria quase nada a ver com a verdade. Clark jamais seria tolo o bastante para revelar o que realmente tinha acontecido. E jamais admitiria que tinha perdido a cabeça. Ela provavelmente deveria chamar a polícia e fazer uma denúncia, mas, a não ser que Gabe insistisse, Huck preferia esquecer essa confusão horrorosa de uma vez.

Huck encontrou o armário e pegou gaze, uma garrafa de álcool e esparadrapos. Ela sorriu. O homem pelo qual ela passou a vida procurando estava lá fora, em outro balanço de varanda. E agora ela sabia que os sentimentos dele por ela eram mais que uma simples adoração. Ele a amava. Ele tinha demonstrado seu amor de sacrifício ao colocar a própria vida em perigo sem hesitação. Aquele era o motivo por trás do grito de desespero de Gabe. Com certeza havia sido ele, embora não fosse o mesmo timbre de voz gentil. Era muito mais grave. Ela havia lido histórias sobre amantes em perigo que de repente realizavam feitos milagrosos de coragem e força, e depois não se lembravam de nada que tinham feito.

Huck estremeceu.

O grito na noite e a partida repentina e inexplicável de Clark com certeza beiravam o milagroso. Ela ficou pensando se Gabe não se lembrava mais do que havia feito... A não ser que...?

Tomada pela emoção, Huck começou a tremer, deixando cair o material de primeiros-socorros. Ela caiu de joelhos e chorou. Ela tinha achado que era a voz de Gabe, um gemido desesperado quando ele saltou para salvá-la. Mas ela havia pensado que o grito fora anormalmente humano.

Ela tinha se enganado.

O grito havia sido angelical.

A voz que cortara a noite era do Senhor Jack.

Dez

Verão de 2006
Adam Colby

*E*u havia esperado por exatamente dezessete minutos quando recebi uma mensagem de texto decepcionante de Yvette. Ela era a minha maior esperança na tentativa de preencher os buracos na história dos Alexanders que não estavam nos cartões postais. Era a terceira vez que ela cancelava nosso encontro. Então eu me arrastei até o balcão e pedi um expresso duplo, minha bebida favorita para a autocomiseração, para simbolizar a amargura da vida.

– Três bolas fora – resmunguei, e então voltei à minha mesa no canto no Starbucks lotado da praça da cidade. Um dos álbuns de cartões-postais estava aberto ali porque eu tinha acabado de ler o poema de Gabe sobre o “grito de amor”. Fechei o álbum com tudo e soltei meu próprio grito: – Desisto!

Por pelo menos um nanossegundo, todos no café olharam para mim. Gotas de vergonha suada lotaram a minha testa. Eu as enxuguei com um guardanapo enquanto uma mulher de uns trinta e poucos anos veio até mim do outro lado do café. Ela parou ao meu lado e olhou de relance para o álbum.

– Você deve ser Adam Colby.

Antes que eu pudesse responder, a mulher se apresentou como Yvette Galloway e então foi até o balcão e pediu uma soda italiana sem açúcar. A não ser por um pendente de opala negra, ela não usava mais nenhuma joia. Era magra e alta, e usava botas texanas costuradas a mão, jeans de marca famosa e uma daquelas camisas justas com um bordado complexo. Mesmo usando botas de caubói, ela se movia com a graça e a delicadeza de uma bailarina. Pela primeira vez em dois anos, eu me peguei querendo olhar fixamente para alguém. Havia mulheres bonitas por toda parte e a maioria dos homens notava, alguns mais discretamente que os outros. Fazia parte da descrição da função dos homens na Terra. Das regras do jogo. Mas, quando Haley e eu nos separamos, meu mecanismo de ficar de olho nas mulheres parou de funcionar. Eu não me importava mais em olhar, nem me aventurar no jogo.

Até agora.

Aquilo me deixou desconfortável, então desviei o olhar para as profundezas escuras do meu expresso e tomei um gole gigante, queimando a língua. Quando Haley e eu estávamos juntos, eu me sentia livre para admirar outras mulheres – a distância –, porque aquilo não queria dizer nada. Agora, eu pensava se minha apreciação pelo sexo oposto no passado continha um significado oculto, algo ameaçador à espreita em um nível subconsciente. Será que minhas olhadelas produziam vibrações negativas que, com o tempo, tinham afugentado Haley? Olhei de relance para Yvette, e depois para a minha xícara, cruzando e descruzando as pernas enquanto a dura realidade mexia a

infusão no meu estômago.

Yvette voltou, colocou a soda sobre a mesa e se sentou à minha frente.

– Os cartões-postais – ela disse sem rodeios, como uma advogada exibindo a prova número 1 – Acho que eu deveria ter levado todos comigo.

– Eles são seus?

Yvette fez que não com a cabeça.

– Huck queria que eles fossem destruídos depois que ela morresse.

– Por quê?

Estendendo o braço por sobre a mesa, Yvette fez carinho no álbum com um dedo.

– No último ano de vida de Huck, ela não estava muito bem da cabeça na maior parte do tempo. Eu não acho que ela quisesse mesmo que eles fossem destruídos. De qualquer jeito, eu não conseguiria.

– Então você os escondeu na prateleira com os álbuns de fotos? – perguntei, estudando seu rosto em formato de coração.

– Eu achei que ninguém se importaria com eles e os jogaria no lixo.

– A sua suposição quase se provou... – Engoli em seco. – Foi uma venda de patrimônio de um dia só; então, enquanto eu atendia meus clientes, comecei a reunir o que a gente chama de “itens colecionáveis que vão para o lixo”.

– Lixo – ela disse, direta.

Eu pensei que ela fosse acompanhar a resposta com um sorriso, ou mesmo uma risadinha. Nada.

Pigarreei e continuei:

– Às vezes as pessoas tiram fotos com astros de cinema, esportistas famosos ou mesmo presidentes dos Estados Unidos. Antes de jogar os álbuns fora, eu examinei alguns.

– É isso que eu ganho por não atender os desejos de Huck – Yvette suspirou. – Não é culpa sua.

Minhas mãos tremeram levemente quando peguei meu expresso.

– Então... Apesar de os cartões-postais não serem seus, você não queria que ninguém mais os encontrasse. Foi por isso que você cancelou nossa reunião três vezes?

Ela fez que sim com a cabeça lentamente, como se estivesse perdida em seus pensamentos por trás daqueles grandes olhos cor de avelã.

– Mas hoje você apareceu mesmo assim.

– Sim – ela respondeu, e então não disse mais nada.

Ao fundo, o sibilar do leite vaporizado enfatizou o silêncio cada vez mais pesado. Meu cérebro estava tentando encontrar mais uma pergunta quando Yvette finalmente falou de novo:

– Eu parei de resistir ao inevitável – ela disse, de maneira direta – e decidi que não faria mal que mais alguém soubesse de tudo. Mas, primeiro, eu tinha que vê-lo sem você saber. Examinar você de perto. E então eu decidiria se você existe mesmo.

Eu dei uma risadinha, provavelmente pela primeira vez em semanas.

– Então há quanto tempo você vem me observando?

– Tempo o bastante para mandar uma mensagem de texto e depois mudar de ideia.

– E eu existo?

– Até onde eu consigo ver. – Yvette se inclinou para a frente, e seus olhos mudaram da cor de avelã para o verde. Ela passou o dedo sobre os lábios, e então se recostou à sua cadeira.

– Que bom – respondi, querendo rir daquele paradoxo. Afinal, aquela mulher é que parecia estar no limite da realidade. Eu também estava um pouco nervoso com a questão da cor dos olhos (provavelmente era apenas a luz do café) e queria ir direto ao assunto antes que ela mudasse de ideia de novo. – Como eu disse ao telefone, há alguns detalhes sobre o Senhor e a Senhora Alexander de que eu preciso saber.

– Precisa ou quer?

– Preciso – eu disse em voz baixa, tentando decidir se ela era intuitiva o bastante para se comunicar em um nível mais profundo que uma simples conversa. – Minha esposa e eu nos divorciamos há alguns anos. Eu *preciso* saber aonde foi que erramos.

– Hum, ok – Yvette disse, lentamente.

– Olha – eu continuei –, quando leio os poemas de Gabe, eu sei que parece loucura, mas eu... parece que eles revelam algum tipo de segredo.

– Um segredo?

– Sim... de um amor eterno.

– Como o quê?

Fiquei olhando fixamente para o álbum de cartões-postais, pensando se deveria mencionar a

Divisão Longa. Eles se sacrificaram um pelo outro e só tinham olhos um para o outro também. Ler os poemas me fez perceber tudo que deu errado no meu casamento. Fiquei com vergonha por me abrir tão rápido com Yvette, mas precisava mesmo que ela me desse as informações que estavam faltando na história dos Alexanders.

– Sabe... – eu disse, olhando para ela. – Entender exatamente o que fez o casamento deles dar certo me faz sentir como se eu pudesse... – Fiz uma pausa e pigarreei pela segunda vez.

– Tentar de novo um dia? – ela terminou minha frase.

– Talvez. Se não for tarde demais.

– Suas razões parecem sinceras. – Yvette sorriu.

– Você é advogada? – perguntei, com ironia.

Ela fez que não com a cabeça.

– Antes de morrer, Huck me contou tudo.

– Pensei que ela não estivesse muito boa da cabeça – respondi, e então desejei que tivesse ficado quieto ao ver o sorriso de Yvette desaparecer.

– Ela ficou meio confusa quando já estava com noventa e tantos anos – Yvette respondeu, seu tom levemente defensivo.

– Alzheimer?

– Não exatamente. Uma forma de demência provocada pela depressão. Em certos dias, principalmente às sextas-feiras, Huck achava que Gabe ainda estava vivo. Ela tinha alucinações e dizia que ele viria vê-la. Nos outros dias ela ficava lúcida.

– Posso perguntar sobre a sua mãe? – eu disse, mudando de assunto.

– Tudo bem.

– Quanto tempo Priscilla trabalhou para os Alexanders?

– Vinte e seis anos.

– Ela sabia sobre os postais?

– Não que eu saiba. Eles viviam guardados a sete chaves. – Yvette fez uma pausa, e seu tom ficou mais leve. – Nem eu sabia sobre eles até alguns meses antes de Huck morrer, quando ela estava morando no Asilo de Bayshore.

– Ela os mostrou para você?

– Eu a ajudei a colocar os postais nos álbuns. Foi ideia dela; ela disse que queria fazer aquilo havia anos. Nós terminamos tudo algumas semanas antes de ela ligar para a polícia.

– Você quer dizer que a Senhora Alexander ligou para a emergência do quarto dela em Bayshore?

– Duas vezes na mesma semana.

– Por quê?

– Na primeira vez ela estava decidida a ir ao cabeleireiro.

Ri alto.

– E na segunda?

– Ela chegou à conclusão de que estavam roubando sua correspondência. – Yvette fez uma pausa, seu rosto pensativo. – Pode chamá-la de Huck. Quase todo mundo a chamava assim.

– E a polícia veio? – continuei.

– Nas duas vezes. Com as luzes piscando e a sirene ligada.

– E a correspondência da Senhora Alexander... quer dizer... de Huck tinha mesmo sido roubada?

– Na cabeça dela era a conclusão mais lógica. Como era sexta-feira, ela pensou que alguém tivesse levado embora o cartão semanal de Gabe. Na verdade, ela não recebia um postal desde a morte dele, dezoito anos antes.

– Então, antes de guardar os postais nos álbuns, onde ela e Gabe mantinham todos eles?

– Os postais estavam trancados em um compartimento secreto em uma cômoda com tampo de mármore. Eles compraram a peça em uma viagem de férias porque o móvel tinha sido feito a mão por escravos nos anos 1850. Eu me lembro da minha mãe falando como aquela cômoda era valiosa. O compartimento secreto era usado para esconder cartas que passavam pela Ferrovia Subterrânea.

Eu sorri. Um sobrinho-neto dos Alexanders tinha sido eleito no testamento para ficar com aquele belo móvel histórico. Mal sabia ele que a cômoda havia protegido cartas que simbolizavam a liberdade humana e também as marcas do amor de Huck e Gabe.

– Eu fiquei com a chave do compartimento secreto – Yvette disse. – Você provavelmente vai achar estranho, mas é uma das poucas coisas que eu queria.

Sem saber o que responder, nossa conversa morreu um pouco. Minha mente tinha uma teoria sobre o motivo de ela ter ficado com a chave, mas meu coração achou melhor eu não dizer nada. Era como se estivéssemos no meio da floresta, diante de um cruzamento sem placas. Eu queria desesperadamente perguntar por que Huck finalmente tinha decidido divulgar o que havia sido

segredo por mais de setenta anos, mas então me lembrei da resistência de Yvette quando perguntei isso antes.

– Huck tinha seus motivos para me contar sobre cada postal – Yvette disse, e então sorriu. – O seu rosto parece um ponto de interrogação gigante cor de pele. – Ela deu um gole na soda, e então se inclinou por sobre a mesa e sussurrou sob os olhos verdes. – Com o tempo, você vai saber o que eu sei. Mas os postais vão fazer pouco sentido até eu contar a você sobre o Senhor Jack.

Então, como se estivesse criando uma colcha de retalhos colorida com a ternura cheia de cuidado de dedos carinhosos, Yvette juntou os pedaços de cada evento que havia moldado a infância de Huck: sua família, o vale secreto, as orquídeas anacacho, o misterioso Senhor Jack. Ela me contou que o Senhor Jack havia revelado coisas sobre Huck que ninguém mais sabia, fazendo com que Huck decidisse que ele era seu anjo da guarda.

Tomando fôlego, Yvette passou o dedo sobre os lábios de novo, e então disse:

– Posso ver pela sua expressão que você não acredita em anjos. É por algum motivo?

– Porque eles se transformam em demônios e abandonam seus maridos – respondi friamente, e então dei uma risadinha. – Hoje em dia, nem sei se acredito em alguma coisa.

– Incluindo anjos. – Yvette piscou duas vezes, seus olhos ainda verdes.

– Foi uma piada. – Dei uma risadinha bem-humorada para provar o que dizia. – Você não acredita em humor?

– Só quando é engraçado. – Ela sorriu. – Isso foi uma piada também.

Não pude resistir e abri um sorriso. Havia algo misterioso sobre aquela mulher. Algo intrigante. Algo gratificante. E me fez pensar nela. No que ela estaria interessada, como ela passava o tempo. Será que ela trabalhava? Ou era rica e não precisava? Minha curiosidade tinha acordado.

Yvette mexeu a soda e continuou com a história, explicando a fascinação de Huck pelo termo “alma gêmea” e seu desejo na juventude de nunca ter filhos. Um acidente estranho de carro aos dezesseis anos havia satisfeito aquele desejo, ajudando em sua decisão de se tornar professora, mas a enchendo de medo de nunca encontrar um marido.

– Você acredita em almas gêmeas, Senhor Colby?

– Pode me chamar de Adam. E por que faz essas perguntas tão profundas?

– Porque, Adam... sem perguntas profundas, há apenas respostas superficiais.

Eu dei de ombros, percebendo a futilidade de argumentar com aquela mulher. E, sim, eu precisava de respostas. Até onde eu sabia, Yvette era a única pessoa que poderia fornecê-las.

– Eu acredito que os Alexanders eram almas gêmeas.

Fazendo que sim com a cabeça, ela continuou, explicando que Huck tinha primeiro sido noiva de seu namorado de infância, Clark Richards. E então, pela próxima meia hora, Yvette falou sem parar. Ela contou cada detalhe romântico do comentário sobre as ostras que Gabe tinha feito, o Dia do Mergulho, até o grito desesperado do Senhor Jack naquela noite.

Yvette parou de falar e olhou para o relógio, e então tomou o último gole de soda italiana, que já tinha virado gelo derretido. Fiquei ali em silêncio, chocado. De repente, os poemas de Gabe assumiram um novo significado. Grandes lacunas na história dos Alexanders haviam sido preenchidas. Com um pouco mais de trabalho, eu poderia começar a ligar os pontos. Mas e aquele grito no meio da noite? Yvette estava falando sério ou tinha inventado aquilo?

– Preciso correr, literalmente, e você tem muito no que pensar – Yvette se levantou.

– Correr?

– Eu sou jóquei. A maioria são cavalos quarto de milha, mas há alguns puros-sangues também. – Ela sorriu. – Você nunca conheceu uma mulher jóquei antes?

– Não que eu saiba. Falando em nunca, você nunca disse por que você, *ahn*, mudou de ideia e decidiu ficar – consegui dizer –, a não ser que eu parecesse existir mesmo e meus motivos parecessem sinceros.

– Eu fiquei e contei tudo isso sobre os Alexanders porque senti que você acredita na esperança.

– E você estava certa?

– Com certeza. De qualquer maneira, tudo o que eu disse está esboçado nos postais. Mas você já sabe disso.

– Mas e o resto? Há tantas lacunas a serem preenchidas ainda.

Os olhos de Yvette mudaram do verde para a cor de avelã.

– É só me ligar.

Antes que eu pudesse produzir uma resposta inteligente, ela saiu pela porta da frente e desapareceu para o estacionamento.

Pedi um café com leite e voltei para a minha mesa no canto, notando um grupo totalmente diferente daquele que estava lá quando cheguei. Quantas vezes as mesas e cadeiras estofadas haviam mudado de humanos nas últimas horas? Quantas vezes eu encontraria essa mulher tão diferente antes de obter respostas para todas as minhas perguntas?

Era difícil acreditar que duas semanas já tinham se passado desde o encontro com Yvette no Starbucks. Desde então, eu havia escrito a primeira parte da história de Huck e Gabe. E lido e relido os postais, preenchendo as lacunas da melhor maneira que conseguia lembrar.

Eu ainda não tinha decidido se o Senhor Jack era uma pessoa de verdade, um personagem na imaginação de Huck ou uma mistura dos dois. Havia uma pequena chance de ele ter sido um preso fugido, já que a penitenciária estadual ficava perto da casa dos Huckabee. Mas parecia, pelo menos nos filmes, que fugitivos tentam escapar para o mais longe possível. Era mais provável que o Senhor Jack fosse apenas um andarilho e estivesse acampando no vale de Huck, e suas raras orquídeas anacacho. No entanto, muitas crianças têm amigos imaginários. E a lógica me dizia que Huck não iria querer ou precisar de mais um amiguinho para brincar numa casa cheia de irmãos. Mas o que realmente importava era que o Senhor Jack teve um grande impacto na autoestima de Huck, o que determinou nela a esperança de encontrar sua alma gêmea.

Quando Yvette me garantiu que eu acreditava na esperança, eu pensava que soubesse o que ela queria dizer. Até o nosso encontro, eu pensava na esperança mais como experiência que como crença. Eu ainda tinha esperança de amar de novo, apesar de ficar pensando se aquilo haviase tornado mais um desejo desesperado. Segundo Yvette, o Senhor Jack disse a Huck para “agarrar a esperança e não soltar nunca mais”. Eu sabia que Huck estava preocupada em encontrar sua alma gêmea, mas, depois de pensar muito, a definição de esperança do Senhor Jack parecia ter mais profundidade, e talvez até mesmo um significado totalmente diferente.

Eu tinha que admitir que, antes de descobrir os postais, eu achava que almas gêmeas só existissem em contos de fadas. E casais sortudos o bastante para ficar juntos poderiam viver “para sempre”, mas mentiam sobre a parte do “felizes”. Então as perguntas surgiram: será que almas gêmeas evoluíam para amantes? Ou amantes se tornavam almas gêmeas? Em poucas palavras, será que Huck e Gabe estavam destinados a ficar juntos para sempre ou trabalharam para isso acontecer?

A sabedoria e o discernimento do conceito da Divisão Longa de Gabe tinham muito a ver com o sucesso do relacionamento dos Alexanders. Eu estava convencido de que alguns homens já nasciam românticos, enquanto outros saíram do útero como atletas ou músicos. Qual mulher não entregaria sua alma a um homem carinhoso o bastante para mandar um poema inédito para ela toda semana por sessenta anos? Mesmo homens que não tinham a criatividade de Gabe deveriam adotar aquela ideia e aplicá-la a seus próprios casamentos de alguma forma. Eu ainda não tinha escrito sobre, nem discutido com Yvette, o postal que Gabe havia escrito para a noite de núpcias. O poema para aquele acontecimento tão significativo destacava esta frase: “dois corações comandados pela devoção”. Quando considerei que eles praticavam aquela ideia desde o começo do namoro – cada um colocando as necessidades do outro em primeiro lugar –, decidi que isso levou a um padrão altruísta de vida para sempre. Haley e eu havíamos exigido a devoção um do outro de maneira egoísta, mesmo quando ainda namorávamos. Como resultado, nunca estivemos no *comando* do nosso relacionamento. Então, será que o altruísmo deles tinha sido fundamental para evitar a Divisão Longa? Eu achava que já sabia a resposta, mas ainda havia muito a considerar.

Yvette e eu planejamos nos encontrar na tarde seguinte, em uma churrascaria em uma parte mais antiga de Houston. Ela queria me mostrar uma coisa. Nosso plano era discutir mais sobre os postais, o que para mim provavelmente resultaria em mais perguntas do que respostas. De certa maneira, eu senti que ela estava escondendo alguma coisa. Algo significativo.

Eu estava me sentindo melhor, mas na maioria dos dias eu mais parecia um caracol confuso

participando de uma corrida. Pelo menos eu tinha começado, mas àquela altura só queria cruzar a linha de chegada. Minha esperança era ter coragem para seguir em frente. E então, talvez... só talvez... eu encontraria o segredo de um casamento duradouro.

Onze

Asilo de Bayshore, 2004
Senhora Alexander

— Ah, Gabe, você precisa ir? Não podemos ler o postal hoje? — Huck sussurrou.

Ela sabia que já era de manhã, mas se recusou a abrir os olhos. E se recusou a enxugar as lágrimas, e algumas caíam sobre os fios brancos de cabelo que cobriam o travesseiro. Lágrimas de tristeza transformada em alegria. Lágrimas de antecipação havia muito aguardada. Pela terceira sexta-feira seguida, Gabe havia aparecido pouco antes do amanhecer. Ele entrou no quarto dela e se sentou à beirada de sua cama, e então ela embarcou no conforto do olhar azul de céu e mar dele.

Ela sorriu.

Na primeira visita de Gabe, ele havia se desculpado por não ter chegado antes. E a provocou por ter ligado para a emergência. Antes que ela pudesse se explicar, o sorriso dele se transformou em gargalhada.

— Aposto que a expressão no rosto das enfermeiras valeu a pena — ele repetiu sem parar, até que suas palavras e seu riso não esperaram mais pelo amanhecer.

E então ele se foi.

Erguendo uma pálpebra, Huck viu de relance a claridade cada vez mais forte do dia e suspirou. Aquilo não era mesmo a cara do Gabe? Ele não se importou nem um pouco quanto ao fato de o postal tão precioso para ela ter sido roubado. A ideia boba de ficar brava com ele até passou por sua cabeça, mas jamais teria dado certo. Em vez disso, ela decidiu se lembrar do retorno dele na sexta anterior. Como havia sido maravilhoso sentir o calor familiar do hálito dele tocar seus lábios, despertando-a de um sono sem sonhos. Ela quis perguntar se ele tinha trazido um postal, mas a breve conversa entre os dois foi a respeito de Yvette. Gabe tinha adorado a ideia dos álbuns e o fato de que Huck havia compartilhado cada detalhe de... Como ele tinha dito mesmo? Ah, sim. “Compartilhado cada detalhe da esperança radiante do nosso amor.”

Abrindo o outro olho, Huck sorriu de novo à lembrança da segunda visita de Gabe, duas semanas antes. Seu homem carinhoso levava mesmo jeito com as palavras. Ele sabia que Yvette estava lutando contra os fantasmas assustadores de dois relacionamentos anteriores e precisava de conselhos de um especialista. Apesar de os álbuns estarem completos, ele pediu a Huck que continuasse a contar para Yvette tudo de que se lembrava.

Depois de piscar várias vezes, Huck observou o ambiente sem graça à sua volta: as paredes antissépticas, as janelas sem vista, as cortinas simples. A não ser por um buquê de margaridas

frescas trazidas por Yevette, as únicas flores do quarto eram artificiais. Huck teria jogado aquelas coisas horróricas fora – assim como uma imitação horrenda de *A Noite Estrelada* de Van Gogh – se esses itens não pertencessem ao asilo.

Apertando um botão, Huck fez o colchão se elevar para a posição sentada. Ela tocou o próprio rosto, sentindo uma última lágrima de felicidade rolar por sua bochecha enrugada. Naquela manhã, Gabe tinha chegado pouco antes do amanhecer. Como antes, ele estava jovem e saudável, e vestindo aquele mesmo terno cinza de linho que tinha usado no primeiro encontro dos dois. Mas, ao contrário das duas visitas anteriores, ele trazia um postal colorido.

– Ah, meu querido Gabe, você lembrou.

– Fazia muito tempo que eu queria que você visse este postal – Gabe disse baixinho. – Mas posso mostrar outra coisa para você primeiro?

Mesmo estando na cama, Huck de repente viu Gabe no meio do vale secreto de sua infância. O mesmo círculo de grama macia. A mesma luz do dia incrivelmente azul. Era o lugar onde ela havia conhecido o Senhor Jack.

Gabe sorriu. Ele não estava mais no vale, mas sentado na cama dela.

– Na próxima sexta, vamos nos encontrar no vale. Eu sei que era um dos seus lugares favoritos.

– Mas, Gabe. Eles não me deixam sair deste quarto. E eu não consigo sair desta cama sem... – Huck começou a chorar.

– Eu sei, querida. – Gabe se inclinou para perto dela, a luz de seu sorriso iluminando a alma de Huck. – Então, quando eles não estiverem olhando, vou voltar para ler o postal. – Gabe se levantou, e seu rosto bonito foi desaparecendo em um brilho cintilante. – E depois vou carregar você até o vale... nos meus braços.

Doze

*Esta noite
Vamos explorar um doce mistério...
Uma compreensão atemporal
De que a Divisão Longa é frustrada
Pelo toque carinhoso a caminho do amor.
Dois corações comandados pela devoção,
Em nossa primeira
Sexta-feira eterna.*

*Para sempre,
Gabe*

*Maio de 1926
Houston, Texas*

Huck e Gabe se casaram em segredo na noite da sexta-feira depois do grito desesperado do Senhor Jack. O noivado de uma semana havia sido divertido, porém trabalhoso: arranjar uma licença de casamento, comprar alianças, empacotar os pertences de Huck e levar tudo para o apartamento de Gabe. Eles até compraram um Oldsmobile novinho e brilhante, que foi apelidado na hora de Azul do Norte, em homenagem à sua cor e à velocidade do vento.

Na “sexta da fuga”, Huck deu aula na Sidney Lanier em seu vestido colorido de cintura baixa, enquanto Gabe tomava conta das finanças de Cecil em seu terno de linho cinza. Às cinco da tarde em ponto, ele escolheu uma dúzia de rosas cor-de-rosa perfeitas em uma floricultura próxima, e então dirigiu até o outro lado da cidade para buscar a noiva. Uma hora depois, eles se ajoelharam sob o brilho dos vitrais coloridos da Igreja de Cristo, onde um reitor corpulento os declarou marido e mulher, a esposa emocionada do reitor insistindo que eles fossem ao presbitério comemorar com um jantar de filé de frango frito e pudim de banana.

– Eu não deveria ter comido pudim duas vezes – Gabe disse enquanto eles saíam do presbitério para o crepúsculo úmido de Houston. – Não quero ser um homem casado gordo – ele riu.

– Vamos prometer ficar de olho na cintura – Huck respondeu, pensando em todos os casais que conhecia que tinham engordado pouco tempo depois de casados.

– Vai ser um prazer ficar de olho na sua, Senhora Alexander.

– Adoro o meu nome novo. – Huck deslizou sobre o banco do carro até Gabe e deu um beijo na bochecha dele. O Azul do Norte fez uma curva.

– Então a Senhora Alexander gosta de sentar perto de mim e viver perigosamente. – Gabe sorriu.

– Gosta, sim. Daqui para a frente, este lugar ao seu lado é meu. O seu é atrás do volante.

– Sim, professora. Mas e se eu me distrair e bater o carro? – Huck se aproximou ainda mais e segurou o braço de Gabe. – A Senhora Alexander não vai deixar isso acontecer... quer dizer, a parte sobre bater o carro. – Ela inclinou a cabeça para trás e riu, sua mente repetindo seu nome de várias maneiras, imitando os rabiscos de uma adolescente apaixonada:

Senhora Alexander.

Senhora Gabe Alexander.

Huck Alexander.

Ela tinha pensado se a transição de “Senhorita” para “Senhora” a faria se sentir estranha. Mas não fez. Aquilo simplesmente a fez se sentir mais quente. Quente e maravilhosa.

Espiando pelo para-brisa, ela podia ver o salpicado de estrelas na grande manta do céu. Assim como no primeiro encontro dos dois, as estrelas pareciam brilhar de felicidade.

– Eu te amo.... Senhor Alexander.

– Então me beije de novo e prove. – Com um cantar de pneus, Gabe breiou o carro de repente. Eles se beijaram profundamente até que alguém buzinou. Fazendo um tchauzinho como pedido de desculpas, Gabe engatou a marcha e seguiu em frente.

– Por que será que em casamentos o padre sempre diz “agora você pode beijar a noiva”? – Huck largou o braço de Gabe para trocar a marcha.

– Você não queria que eu tivesse te beijado? – Gabe virou a cabeça para olhar nos olhos de Huck, dessa vez quase batendo de frente com um par de faróis que se aproximava.

– Olhe para a rua que eu olho para você – Huck respondeu. – Respondendo a sua pergunta... é claro que eu queria que você tivesse me beijado. Mas, desde que eu era garotinha, sempre pensei por que o padre não diz: “agora você pode beijar o noivo”.

– Eu não quero beijar o noivo.

– Não foi isso que eu quis dizer e você sabe disso.

Na esquina da Rua Louisiana com a Avenida Texas, Gabe estacionou no recém-construído Hotel Lancaster. Eles escolheram o Lancaster porque era pequeno, apenas doze andares e um mezanino, mas era o hotel mais luxuoso e romântico da cidade. Depois de fazer o check-in, seguiram o carregador de malas até a entrada da suíte nupcial, na cobertura. Ele colocou as malas dos dois no chão com todo o cuidado. Em vez de abrir a porta depois de colocar a chave na fechadura, ele

simplesmente sorriu.

– Senhor, tudo foi preparado exatamente como o senhor pediu. Boa lua de mel.

Antes que Gabe pudesse oferecer uma gorjeta, o carregador girou sobre os calcanhares e foi embora.

– O que exatamente você pediu, Senhor Alexander? – Huck estendeu os braços e os colocou ao redor do pescoço de Gabe. Os olhos dele brilhavam como uma galáxia inteira.

– Por que não abrimos a porta, Senhora Alexander? Então você vai saber. – Gabe virou a chave na fechadura e a porta se abriu.

– Ah, Gabe... Quando foi que você...? Como você...?

– Eu conheço algumas pessoas – Gabe respondeu, e a sua voz combinava com a animação em seus olhos. – O dono deste hotel é um dos clientes mais satisfeitos do Cecil.

Huck queria rir e chorar ao mesmo tempo. A sala de estar inteira estava iluminada por centenas de velas presas a blocos minúsculos de madeira em tigelas de ponche de cristal fechadas, seus arco-íris de luz brilhante tremulando sobre as paredes e o teto. O chão, sem os tapetes persas e os móveis elegantes, tinha sido coberto com uma lona salpicada de areia branca. No centro do quarto, um balanço para dois castigado pelo tempo pendia de sua estrutura de madeira, com dois roupões verde-esmeralda pendurados em uma das pontas. O balanço era idêntico àquele em que eles ficaram abraçados no dia em que seu amor nasceu. Uma grande cesta de piquenique coberta e uma vitrola moderna completavam a mobília do quarto.

Huck tirou os sapatos e rodopiou em círculos.

– Ah, Gabe. Você recriou nossa própria praia particular. Venha dançar comigo. Venha dançar com a mulher mais feliz do mundo.

Gabe tirou os sapatos e meias e deu corda na vitrola. As notas da valsa “Ondas do Danúbio” encheram o quarto, sua melodia meio cigana adorável e evocativa. Ele se aproximou de Huck, colocando seus braços ao redor dela.

– Não acredito que você se lembrou – Huck derreteu no abraço dele enquanto eles dançavam ao ritmo da paixão da música. – Você se lembrou.

– Faz só uma semana, minha querida.

– Não a praia. Você lembrou que “Ondas do Danúbio” é a minha valsa favorita.

– É para isso que servem os balanços e os segredos de varanda – Gabe respondeu baixinho. – Coisas que eu não sabia sobre você, e de que agora me lembro.

– E do que você vai se lembrar sobre hoje à noite?

Gabe parou de dançar. Puxando Huck para um abraço bem forte e apertado, ele baixou a cabeça, roçando seus lábios contra os dela enquanto dizia:

– Esta noite, nós somos a música. Esta noite, nós somos o ritmo. Esta noite, nós somos o mistério.

Um pouco depois, eles vestiram seus roupões verde-esmeralda e voltaram para o balanço, sentados lado a lado. Huck se aconchegou a Gabe e tremia de animação. Usar um roupão e nada mais ao lado de um homem que estava usando só aquilo também era ousado, mesmo ele sendo seu marido. Ela riu.

– O que é tão engraçado?

– Meus pais.

– Seus pais? – Gabe acendeu um cigarro. – Por que uma moça pensaria nos pais durante a lua de mel?

Huck acariciou a seda delicada, sentindo a maciez de seu corpo sob o roupão.

– Minha mãe morreria antes de deixar meu pai vê-la vestida assim... e vice-versa.

Gabe deu uma risadinha.

– Eu tenho que admitir... Não foi assim que imaginei seus pais. – Ele inspirou lentamente e soltou a fumaça. – Então, quando vamos contar para eles?

– Sobre estes roupões lindos? Nunca!

– Sobre nós dois – Gabe respondeu baixinho, olhando nos olhos de Huck. – Mal posso esperar para conhecer as pessoas responsáveis por fazer você.

– Estou morta de fome – Huck disse, fazendo menção de se levantar. – Que tipo de coisa gostosa tem nessa cesta?

– Por que você está tão preocupada? – Gabe pousou a mão gentilmente sobre a perna dela. – Eu sou um homem simpático.

– Extremamente. – Huck suspirou e voltou para o balanço. Ela sentiu um nó no estômago. – Você é o meu homem simpático e é só isso que importa. – Ela fez uma pausa, lutando contra seus medos secretos. – Vamos contar para a minha mãe na hora certa.

– Por causa da coisa da igreja?

– Por favor, Gabe. Não vamos discutir isso agora. – Uma única lágrima rolou pelo rosto de Huck. Ela engoliu em seco, se recusando a chorar por causa da religiosidade teimosa de sua mãe, apesar de aquela noite inteira ter enchido seu coração de emoção. – Sabe lá o que a minha mãe já ouviu falar

sobre você.

– Por causa do Clark?

– Ah, Gabe, esta é a nossa noite de núpcias. Não vamos estragá-la.

– Concordo. – Gabe apagou o cigarro, e então abraçou Huck bem de perto, enxugando a trilha deixada pela lágrima com a barra de seu roupão. – Acho que o seu homem simpático precisa aprender o momento certo de fazer perguntas para a esposa.

Huck enterrou o rosto no peito de Gabe e respirou fundo.

– Você já fez a pergunta mais importante de todas... e eu disse “sim”.

Os lábios deles se encontraram de novo, dessa vez com o fogo inextinguível da compreensão reacendida. Enquanto a chama queimava cada vez mais quente, a sinfonia dos amantes ardeu em um tom e ritmo mais apaixonado que antes. E então, gradualmente, a música diminuiu o passo, desvanecendo na delicadeza de uma sonolência satisfeita.

Alguns minutos antes da meia-noite, eles ouviram uma batida à porta.

– Telegrama! – era a voz do mesmo carregador que tinha trazido suas malas.

Gabe se levantou num pulo.

– Querido, não se esqueça do seu roupão. – Huck deu uma risadinha, e então se cobriu. – Quem mandaria um telegrama a esta hora?

– E quem sabe que estamos aqui? – Gabe pegou o roupão e foi direto para a porta.

– Senhor Alexander! Telegrama!

Uma centena de motivos, todos eles trágicos, ricochetearam de repente na cabeça de Huck. Somente notícias ruins chegavam à meia-noite.

Depois de abrir a porta, Gabe agradeceu ao rapaz e olhou para Huck enquanto o trinco da porta fazia “clique” atrás dele. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Gabe? O que foi?

– Não é um telegrama. É um cartão-postal.

– Um cartão-postal? De quem? – Huck sentiu sua voz tremer. – Você não vai ler o que está escrito?

Gabe ficou quieto.

– Eu já sei o que está escrito.

– Você sabe? Mas como...

– Quem escreveu fui eu – Gabe a interrompeu, e seu rosto se abriu em um sorriso. – Feliz primeira sexta-feira eterna.

– Eu deveria arrancar a sua cabeça fora por me assustar desse jeito. – Huck vestiu o roupão e foi correndo até Gabe. – O que acha que está fazendo, mandando um postal para mim quando é quase meia-noite?

– Uma coisa que planejo fazer toda sexta-feira pelo resto das nossas vidas, se eu ainda tiver uma cabeça. – Ele passou o postal para ela. – E o Correio dos Estados Unidos vai cuidar para que as futuras entregas sejam feitas em horário comercial.

Huck leu em silêncio.

– Ah, meu homem genial cheio de surpresas – ela sussurrou antes de jogar os braços ao redor do pescoço dele. – Eu não sabia que você era poeta.

– Acho que herdei esse dom do meu pai. – Ele fez uma pausa. – Você acha mesmo que sou genial?

– É claro, seu bobinho. Adoro o verso “dois corações comandados pela devoção”. E o seu conceito da Divisão Longa deveria ganhar um Prêmio Nobel.

Gabe deu risada.

– Um Prêmio Nobel na categoria “amor”. Isso é que é ideia genial. Talvez você devesse levar um Nobel por inventar uma nova categoria do prêmio. – Ele a beijou com ternura. – Veja só o casal na foto do postal.

Soltando um dos braços, Huck segurou o postal à luz das velas e observou o belo casal.

– Eles são perfeitos. Jovens. Lindos. Felizes. Os dois estão se olhando nos olhos. Eles poderiam ser a gente.

– Foi exatamente isso que pensei quando o comprei.

– Ah, Gabe! Poemas em postais nas nossas sextas-feiras eternas. Este vai ser o nosso segredo mais adorado, e visto somente pelos *nossos* olhos.

– E depois guardado com toda a segurança nos nossos corações. – Gabe puxou Huck para perto para dar outro beijo na esposa quando o estômago dela roncou.

– Ops! – Huck deu risada. – Isso não foi o meu coração, nem um comportamento muito refinado também. Acho que devo estar mesmo com fome... e com sede. – Ela olhou para a cesta de piquenique, lembrando-se do almoço daquele 1º de Maio no Sereias, na praia de Galveston. – Será que tem coquetel de camarão aí?

– À sua espera no gelo, para seu lanche da meia-noite – Gabe respondeu, e então ergueu as sobrancelhas. – Deu um pouco de trabalho, mas consegui fazer uma permuta para outra coisa que está dentro da cesta. Algo que se mantém em segredo e no gelo.

– E será que isso teria a ver com o meu drinque da meia-noite?

– Mais a ver com a sua personalidade borbulhante!

Huck sorriu, se lembrando da animação que sentiu naquele primeiro dia enquanto tomava champanhe cor-de-rosa. Mais do que isso, lembrando-se do voto que havia feito na infância de compartilhar seus segredos mais íntimos com sua alma gêmea.

De repente Huck não conseguia mais parar de sorrir. Seus postais da sexta-feira eterna eram pura alegria.

Treze

*A manhã fresca e clara
Faz-me lembrar da minha menina.
Passar essa hora com ela, só com ela,
E abraçá-la junto ao meu desejo...
A manhã do nosso amor.*

*Para sempre,
Gabe*

*Junho de 1926
Houston, Texas*

Huck ficou atrás da mesa de professora e ficou observando vinte e quatro alunos saindo de sua sala de aula quando o sinal tocou, colocando fim a outro ano escolar na Sidney Lanier.

Até que enfim o verão, ela pensou... Bem, quase.

Apesar de Huck ser uma mulher adulta, a estação ainda evocava a alegria relaxada de uma liberdade sem inibições. Liberdade dos estudos e do pó de giz. Liberdade para correr descalça em uma estradinha coberta por areia morna. Liberdade para ficar na companhia da alma gêmea dos seus sonhos de adolescente.

Ela olhou de relance para o relógio, a ansiedade pulsando em suas veias. Três e meia. Só mais noventa minutos até que Gabe viesse buscá-la e o final de semana começasse oficialmente. Huck sorriu. Era sexta-feira e ela mal podia esperar para chegar em casa e ler a correspondência.

Tirando os sapatos, ela se largou em sua cadeira, organizando mentalmente as tarefas para a segunda-feira seguinte. Seria o último dia de trabalho para os professores. Um dia inteiro para entregar as notas e deixar as salas prontas para o ano escolar seguinte. O frescor do piso de carvalho encerado acalmou seus pés cansados. Afastando para o lado uma pilha de provas corrigidas, ela deixou sua mente se voltar novamente para Gabe. A lua de mel dos dois no balanço já tinha feito quase um mês. E ser casada com ele era tão maravilhoso quanto ela havia imaginado. Durante a semana, ele pulava da cama na hora em que o despertador tocava e colocava a chaleira no fogo, permitindo que ela dormisse por mais alguns minutos. Quando ela finalmente despertava, ele já estava debaixo das cobertas de novo, massageando as costas dela suavemente enquanto duas xícaras de café fumegavam sobre o criado-mudo. Ela afofava os travesseiros contra a cabeceira da cama e eles ficavam ali sentados tomando café, juntinhos, enquanto o sol iluminava o céu ao leste. Depois de alguns beijos de café, Gabe fazia a barba e se trocava enquanto Huck preparava um café da manhã que ele dizia ser “digno de um barão do gado do Texas”. Ele então vestia um dos aventais dela e

lavava a louça enquanto ela se arrumava para sair. Então, eles desciam correndo as escadas do apartamento e partiam a bordo do Azul do Norte.

Huck sorriu. Seu caubói-capitão ficava tão engraçado com aquele avental cheio de rendinhas. De certa forma, aquilo a fazia se lembrar do dia em que tinham se conhecido na peixaria do Cecil – Gabe cobrindo o terno com um avental –, exceto pelo fato de seus aventais serem engomados, e não cobertos de escamas de peixe.

Aos domingos, eles iam à missa das onze horas na Igreja de Cristo. Como os dias estavam quentes e ensolarados, eles preparavam um piquenique para o almoço e iam para o Hermann Park. Antes de se deliciarem com frango frito e frutas frescas, eles agradeciam a Deus por Sua bondade tão caridosa. E então, enquanto comiam, os dois também discutiam o sermão daquele dia. Depois, guardavam a cesta de piquenique de volta no Azul do Norte e caminhavam até o zoológico. Seus animais favoritos eram um casal de elefantes asiáticos, Nellie e Hans.

– Esse é um casal que vive em grande estilo – Gabe disse.

Ao abrir um livro de notas, ela ficou pensando se toda semana de seu casamento receberia um A+. Eles haviam passado por alguns “ajustes”, um termo criado depois de seu primeiro desentendimento. Agora ela percebia como tinha sido infantil, e Gabe também. Nenhum dos dois tinha discutido como adultos. Apesar de Cutter – seu irmão gêmeo – ser apenas seis minutos mais velho, ela tinha sido rotulada como a caçula dos Huckabee, acusada pela família de esperar conseguir tudo o que quisesse. E Gabe era filho único.

– Bom, talvez só um A naquela semana – ela sussurrou. Eles estavam casados havia apenas dez dias quando ela mencionou que queria dormir do lado direito da cama, o lado que ela sempre preferira. Huck tinha acabado de escovar os dentes no banheiro e Gabe descobriu a cama para se deitar.

– Eu não sabia que havia um lado *errado*. – Ele deu uma risadinha e pulou na cama.

– Gabe... Eu queria esse lado.

– Mas que diferença faz? – Ele puxou o lençol e cobriu a cabeça.

– Evidentemente, muita diferença. – Huck tentou descobri-lo, mas não conseguiu, então deu uma travesseirada em Gabe. – Você não está sendo justo.

– Mas eu sempre dormi deste lado – Gabe disse, espiando a esposa por um buraco.

– Eu também. – Huck soltou o travesseiro e cruzou os braços, surpresa diante do egoísmo dele. Ela percebeu que os dois estavam prestes a ferir os sentimentos um do outro, mas queria provar seu ponto. Suas bochechas esquentaram. – Antes de nos casarmos era só você morando aqui. Isso significa que você sempre dormiu no meio.

– Boa ideia. – Gabe rolou para o meio da cama.

– Eu não acredito – ela disse.

Os dois não disseram nada por um momento.

– E eu não acredito que você entupiu o ralo da banheira com seu cabelão. – Ele fez cara feia.

– Essa foi uma observação masculina ridícula que não tem nada a ver com o lado favorito de alguém na cama.

– Você está sugerindo que eu estou sendo injusto?

– Se a carapuça, quer dizer, a unha do pé serviu...

– Unha do pé?

– Mais precisamente, unhas dos pés. Suas. Não é só o meu cabelo que está entupindo o ralo da banheira. – Ela foi pisando firme até o banheiro e trancou a porta. Na verdade, Huck não havia descoberto unhas dos pés na banheira, mas ele tinha que cortá-las em algum lugar. Vários minutos se passaram em silêncio. Ela ia começar a abrir a porta, mas mudou de ideia e, em vez disso, se sentou sobre a tampa do vaso, cruzando e recruzando os braços. Estava na cara que Gabe sabia que eles não estavam brigando de verdade... ou estavam?

Levantando-se lentamente, ela foi nas pontas dos pés até a porta e ficou escutando. Nada. Será que ele tinha saído? De repente, o motor de um carro veio à vida na rua de baixo. Huck foi pegar a maçaneta da porta enquanto imagens de seu novo marido desaparecendo em uma nuvem escura de fumaça de escapamento tomaram a sua mente.

– Ah, Gabe! – Ela abriu a porta com tudo.

– Eu sou um ignorante egoísta. – Gabe estava a apenas alguns centímetros da porta. – É tudo culpa minha.

– Não. É minha. Eu fiquei magoada e inventei a história das unhas. – Ela derreteu nos braços dele.

– Eu não me importo em que lado da cama vou dormir, contanto que seja ao seu lado.

– E, se um dia eu me sentir tentado a fazer algo tão nojento quanto cortar as unhas dos pés enquanto tomo banho – Gabe sussurrou –, não vou. Em vez disso, compro sapatos maiores.

Eles riram e ficaram abraçados, e então se beijaram como amantes que não se viam havia muito tempo.

– Então o que você estava fazendo aqui este tempo todo? – Huck perguntou.

– Nunca vou contar para você. – Gabe sorriu. – O que você estava fazendo lá dentro?

– Não conto também. – Ela riu.

– Você não precisa me contar. Eu estava olhando pelo buraco da fechadura.

– Gabriel Robert Alexander! Você merecia uns tapas!

– Que tal você coçar as minhas costas em vez disso?

A lembrança do primeiro “ajuste” fez Huck rir em voz alta, voltando seus pensamentos para a sala de aula de novo. Ela tinha ficado brava o bastante para arrancar os olhos de Gabe e acabou coçando as costas dele. E, naquele dia mesmo, uma das professoras tinha dito a ela que homens que coçam a cabeça todo dia nunca ficam carecas. Gabe adoraria essa.

Huck estudou seu livro de notas e então o fechou, pensando no que fazer em seguida. Ela preferia pensar em Gabe a ter que registrar as notas das provas. Além disso, já tinha adiantado parte do trabalho e não tinha muito para fazer na segunda. Ela abriu uma gaveta da mesa e de lá tirou um espelho de mão e uma pequena escova. Gabe poderia chegar cedo, e ela não queria que seu cabelo estivesse desarrumado. Ele tinha feito aquilo na sexta anterior... chegado cedo.

Satisfeita com seu cabelo, Huck guardou o espelho e a escova. Ela foi andando até a janela e espiou lá fora. Nada do Azul do Norte.

– Pelo menos temos esta noite – Huck disse em voz alta. Eles não tinham planejado nada, talvez um filme mais tarde, mas não importava. Passar uma sexta à noite juntos era o bastante. Mais uma vez, ela ficou imaginando o que estaria à sua espera na caixa do correio, e sentiu um frio na barriga.

– Eu queria que esta noite não acabasse nunca e que amanhã fosse cancelado – Huck sussurrou. O dia seguinte era sábado, e eles tinham decidido ir de carro para Huntsville porque Gabe ainda não tinha conhecido seus pais. O plano era chegar depois do almoço, e então passar a noite lá e ir à igreja, se tudo corresse bem. Caso contrário, ela daria alguma desculpa relacionada ao trabalho e eles voltariam para Houston.

Huck havia escrito uma longa carta à sua mãe, não fazendo nenhuma referência específica ao casamento, mas dando dicas de que ela havia conhecido Gabe e de que sua vida nunca mais tinha sido a mesma. Annise enviou uma resposta rápida. Nem uma única palavra sobre Gabe. Mas, como nenhum de seus filhos morava em Huntsville, seria maravilhoso conversar cara a cara com a sua caçula. *Cara a cara* queria dizer uma conversa em particular, o que Huck queria evitar. No entanto, a carta da mãe poderia ter sido pior. Ela não havia mencionado Clark, então talvez ele não tivesse espalhado boatos sobre o fim violento de seu relacionamento com Huck, ou pelo menos nenhum boato maldoso o bastante para provocar um escândalo em sua cidade natal. E havia também uma boa notícia: Cutter estaria em casa. Huck acreditava com todo o seu coração que ele adoraria o novo marido dela. Bom, talvez não *adorasse*, mas ele ficaria tão aliviado por ela não ter se casado com Clark que provavelmente compraria ingressos da temporada inteira de jogos para Gabe. Dois anos antes, Gabe assinara um contrato com os Beaumont Exporters, um dos melhores times de beisebol da segunda divisão. Geralmente ele não tinha folga nos fins de semana, mas aquela era uma rara exceção.

Um carro parecido com o Azul do Norte parou ao lado da janela da sala de aula de Huck e buzinou. Ela sabia que não era Gabe – ele achava falta de educação buzinar para mulheres –, mas checkou o relógio mesmo assim. Só dez minutos tinham se passado. Então o começo de sua noite maravilhosa juntos teria que esperar mais um pouco.

Ela voltou à mesa. Por mais que fosse bom rever a família, ela não queria nem pensar no que poderia acontecer. Tudo aquilo estava fazendo seu estômago doer.

Quando Gabe chegou à Sidney Lanier, dez minutos antes do combinado, Huck já estava esperando lá fora. Ele exigiu um beijo rápido e abriu a porta do passageiro.

– Fiquei com saudade de você hoje – Gabe disse enquanto tirava o Azul do Norte da vaga.

– Não tanto quanto eu fiquei de você. – Huck se inclinou para o lado e deu um beijo estalado na bochecha dele. – Dá para acreditar que agora a escola está em férias de verão?

– Dizem que vai ser um verão infernal – Gabe disse. – Então eu acho que a gente deveria instalar uma piscina.

– Parece refrescante, querido, mas com que dinheiro?

– Bem... – Ele coçou o queixo. – Nós estamos bem. E vendemos o rancho dos meus pais.

– Gabe, querido, nós concordamos em gastar parte desse dinheiro em uma casa, economizar um pouco e investir o resto.

– Então não é um bom plano?

– Eu preferiria ter uma casa. – Ela estudou o rosto dele. – O que você está aprontando? Você sabe tão bem quanto eu que não podemos instalar uma piscina em um lugar alugado. O dono do apartamento iria... – Ela parou de falar. – Por que estamos indo em direção ao norte?

Ele deu de ombros de novo.

– Eu tentei virar o Azul do Norte, mas essa foi a direção que ele escolheu.

– Gabe Alexander. Aonde nós estamos indo?

– Você foi sequestrada. – Ele deu uma risadinha. – Pensei em partirmos em direção a Huntsville hoje à noite. Eu já passei em casa e trouxe tudo o que vamos precisar.

– Ah, Gabe, não – O lábio inferior de Huck tremeu. – Estou preparada para lidar com a minha mãe por uma tarde e talvez uma noite, mas não duas. De qualquer forma, é a *nossa* sexta-feira.

– Eu disse que vamos em direção a Huntsville, não que vamos chegar lá. Pelo menos não hoje à noite. – Ele sorriu aquele sorriso de quem está aprontando alguma coisa.

Huck suspirou, aliviada pelo fato de o confronto com a mãe estar adiado por mais um dia.

– Como eu deixei você me sequestrar, exijo saber de tudo. – Depois do romantismo incrível da lua de mel, ela nem sabia o que esperar.

– Tudo bem. Mais ou menos na metade do caminho para a casa dos seus pais fica uma pousada no campo que acabou de ser reformada, e agora tem até um chef francês. Eu vi no *Chronicle*. Achei que seria gostoso jantar e passar a noite lá... para comemorar.

– Comemorar? – Huck respirou fundo. – Meu querido, eu sei que disse para você que daria um jeito na minha mãe, e vou dar, mas, quando ela descobrir que a filha caçula se casou... – Ela parou, percebendo que ele não estava prestando atenção.

– A Gulf Oil Corporation me ofereceu um emprego – Gabe continuou. – Começo no dia 18 de julho.

– Gabe! – Huck jogou os braços ao redor do pescoço dele. – Não posso acreditar!

– Cuidado. Da última vez que você me atacou assim, nós quase batemos.

– Eu não estou preocupada. – Huck beijou a bochecha dele. – Apresentar você como um executivo do petróleo era o que eu precisava para dar um jeito na minha mãe.

– Contador – Gabe corrigiu. – Um modesto contador.

– Não importa. Minha mãe não sabe nada sobre petróleo. No segundo em que eu te apresentar, vou mencionar a Gulf Oil. Meu pai vai ficar impressionado.

– Parece um golpe meio baixo.

– Engraçadinho.

– Mas e aquela conversa particular que a sua mãe mencionou na carta?

– Eu venho rezando há dias, pedindo sabedoria.

Gabe enrugou a testa.

– Hum. Aposto que a sua mãe já ofereceu várias orações também. De que lado será que Deus vai ficar?

– Nós duas estamos do lado *Dele* – Huck disse.

– Muito bem colocado, minha sábia esposa.

Huck sorriu. Com sorte, a conversa particular nem aconteceria.

– Mais algum conselho para a hora de conhecer o seu pai? – Gabe perguntou.

Huck beijou a bochecha dele de novo e se aconchegou a ele.

– Você é bom no dominó?

– Não se você não quiser que eu seja.

– Então não se preocupe. Meu pai vai adorar se você o desafiar para um jogo.

– E o Cutter? Ele é bom?

– Contra o meu pai?

Gabe fez que sim com a cabeça.

– Não nos últimos anos.

Na pousada, Huck descobriu que Gabe tinha enchido o porta-malas do Azul do Norte com o guarda-roupa inteiro dela, assim como toda a sua maquiagem, os sapatos e qualquer outra coisa de que ela fosse precisar. Era uma quantidade absurda para um único final de semana, mas ele queria que ela tivesse escolhas, e ela ficou emocionada com a preocupação dele. Gabe tinha até trazido seu postal daquela sexta e pedido ao garçom que o entregasse na mesa reservada para o casal, junto com o jubileu de cerejas flambado da sobremesa.

Huck leu o postal antes de a chama da sobremesa se apagar.

– A manhã do nosso amor – ela repetiu baixinho.

– E que esse fogo não se apague esta noite – Gabe completou.

– Uma metáfora de duplo sentido – Huck respondeu.

Ele pegou a sua mão e a beijou.

– Adoro ser casado com uma professora de inglês.

Na manhã seguinte, eles pediram café e pãezinhos quentes e então foram dar uma volta pela cidade. Depois de passar uma hora em um sebo de livros, eles se deliciaram com o almoço em uma lanchonete.

– Vou chamar este final de semana de *Sequestro Surpresa* – Huck disse enquanto eles caminhavam de mãos dadas de volta para a pousada.

– Gostei – Gabe respondeu. – É a surpresa que vai acontecer mais tarde em Huntsville?

Ela fez cara feia.

– É um dia bom demais para qualquer coisa dar errado. Vá jogar dominó que eu lido com a minha mãe. Confie em mim.

– Sempre – ele respondeu.

Quando eles chegaram à casa dos Huckabees, no meio da tarde, Huck imediatamente apresentou Gabe como seu marido, explicando que ele trabalhava para a Gulf Oil.

– Minha nossa – Ethan disse. – Um homem do petróleo na família.

Gabe apertou a mão de Ethan e sorriu:

– Senhor, é um prazer conhecê-lo.

– Igualmente – Ethan respondeu.

– A senhora também. – Gabe sorriu para Annise. – Eu não via a hora de conhecer a minha nova família.

Annise ficou olhando com cara de tacho para Huck.

– Eu sabia que vocês tinham se casado.

O queixo de Huck caiu.

– Você faz o que quer desde que nasceu. Mas isso não é desculpa para não contar para a sua mãe com antecedência.

Pelos próximos segundos, o cantar das cigarras intensificou o silêncio sem graça.

Huck sentiu gotas de suor escorrendo pela testa. Seu plano de apresentar Gabe como um homem do petróleo havia falhado.

– Desculpe, mãe – Huck disse, finalmente.

– Nós queríamos fazer uma surpresa – Gabe completou.

– Pelo jeito, funcionou – Ethan respondeu.

Annise se aproximou de Huck e a abraçou.

– Depois de treze filhos, aprendi a esperar o inesperado, especialmente da minha filha mais teimosa.

– Você tem certeza de que sabe onde se meteu? – Cutter perguntou a Gabe.

Huck mandou um olhar maldoso de mentira para o irmão.

– Positivo. – Gabe apertou a mão de Cutter. – Mas o que eu gostaria mesmo de fazer é jogar uma partida de dominó. Huck me garantiu que vim ao lugar certo.

– Pode arrumar a mesa, filho – Ethan disse. – Vamos dar as boas-vindas para esse menino.

Huck abraçou a mãe enquanto os homens foram para a varanda.

– Por que não servimos doce de pêssago e limonada? – Annise sugeriu pouco depois. – Os pêssagos estão tão doces este ano.

Era uma tarde quente, então Huck se sentou ao lado da mãe na varanda em frente à casa, cada uma em uma cadeira de balanço confortável. Do outro lado, Cutter montou uma mesa de cartado, e o jogo estava seguindo a todo vapor. A tremedeira das pedras sobre a mesa era um barulho reconfortante, assim como o “Te peguei” triunfante de Ethan.

– Tenho certeza de que eles não diriam “não” – Huck disse. Aquilo queria dizer ficar a sós com a mãe na cozinha, o local principal para sua conversa em particular. Mas, até então, a conversa das duas não tinha passado de novidades sobre os vizinhos e membros da família.

– Os homens querem um lanche? – Huck chamou enquanto seguia sua mãe até a cozinha.

– Um lanche e uma toalha para eu me secar – Gabe respondeu. – Porque eu estou perdendo de lavada aqui.

– Traga uma para mim também – Cutter riu. – Nosso pai está ganhando todas.

Ethan virou uma pedra na mesa.

– Quinze – ele disse.

As mulheres vestiram aventais e então lavaram as mãos em uma bacia de água sobre a pia seca. Huck olhou de relance pela janela da cozinha:

– Pelo jeito choveu bastante aqui.

O jardim de sua mãe estava lindo como nunca.

– Fomos abençoados – Annise respondeu, tirando limões da geladeira. – Estes aqui estavam em oferta no mercado e precisam ser usados. – Ela os colocou sobre uma mesa com tampo esmaltado.

– Eu sinto falta de ter um jardim – Huck disse. – Um dia, Gabe e eu vamos ter um jardim tão lindo quanto o de vocês.

– Você não tinha saudade quando eu mandava você colher as vagens.

– E as minhas costas ainda doem – Huck respondeu. Ela pegou uma faca e começou a cortar os

limões. – Como é que você me aguentava?

– Quando você chegou, seu pai e eu já estávamos acabados. É por isso que você é mimada. – Ela ergueu as sobrancelhas.

– E o Cutter *não é*?

– Não esqueça que ele é seis minutos mais velho, então a gente tinha mais energia.

Elas riram. Annise tirou cinco tigelas do armário e as colocou sobre a mesa comprida da cozinha.

– Gabe é filho único. Acho que te contei na carta.

Annise abriu uma lata e tirou o doce de lá.

Silêncio.

Huck cortou um limão.

– Mãe? Você me ouviu?

– Ouvi.

– E então...?

– Foi uma carta comprida. – Ela colocou o doce ao lado das tigelas e começou a servir.

– Eu tinha muita coisa para contar. – Huck fez uma pausa. – Eu achava que você gostasse de uma boa carta cheia de novidades.

Annise pigarreou duas vezes.

Huck sentiu um fio na barriga. Era um sinal claro do que viria em seguida.

– Falando em notícias, encontrei Florence Richards na rua alguns domingos atrás – Annise disse.

– Mas que coincidência. Faz só quarenta anos que vocês frequentam a mesma igreja.

– Não seja engraçadinha, Huck. – Annise pigarreou de novo.

– Se você quer discutir a minha denominação cristã e a do Gabe – Huck respondeu calmamente –, somos episcopais.

– Você acha que é por isso que eu queria conversar cara a cara?

– E não é? – Huck se sentiu até meio tonta.

– Já deixei meus desejos bem claros sobre esse assunto, não foi?

– Sim, senhora.

– E meus filhos crescidos têm o direito de concordar ou não, assim como seus esposos e esposas, ou não?

Huck fez que sim com a cabeça.

– E que, mesmo com denominações diferentes, todos acreditamos em Cristo?

– É claro. – Os joelhos de Huck amoleceram, e ela se sentou em um banquinho que estava por perto.

– Então está tudo resolvido. Agora, voltando ao que eu estava falando...

Tentando recuperar a compostura, Huck se levantou. Mas do que ela estava falando?

– Florence Richards está tão chocada quanto eu a respeito de você e Clark. Mas o que foi que aconteceu?

– Acho que não dava mais certo, mãe.

– Não é disso que eu estou falando.

– Mas então o que é, mãe?

– A discussão entre Clark e o Senhor Alexander na pensão.

– Por favor, chame-o de Gabe. – Huck cortou outro limão. – E para que me perguntar de novo o que você obviamente já sabe?

– Quero ouvir o seu lado da história.

– E faz alguma diferença?

– É claro que faz, menina. – Annise se aproximou de uma cadeira. – Venha se sentar.

– Não, obrigada. Prefiro ficar de pé.

– Então me sento eu. Você se casou com um homem violento?

– O quê? – Huck quase cortou um pedaço do dedo.

– Isso foi um “sim”?

– Não!

– É claro que Clark pediu a Florence que não contasse a ninguém, porque ele não queria acabar

com a sua reputação.

– Minha reputação? – Huck percebeu que levantara a voz, mas não se importou. – Clark é que deveria se preocupar em ter a reputação arruinada.

– E desde quando uma das *minhas* filhas, ainda por cima noiva, acha adequado passar a noite inteira fora com outro homem?

– Esse outro homem é meu marido! – Huck berrou. – E Florence, de todas as pessoas, não deveria espalhar boatos mentirosos.

– Baixe a voz – Annise pediu, séria. – Nós não falamos desse jeito nesta casa. Você pode ser adulta, mas não vou permitir que fale nesse tom tão desrespeitoso.

Huck foi andando até a pia e ficou olhando fixamente pela janela.

– Venha se sentar – Annise disse. – Por favor.

Huck enxugou as mãos e se sentou à mesa, do lado oposto a Annise.

– Foi o Clark que começou. – Uma lágrima escapou de um dos olhos. – Se você quiser saber, ele praticamente tentou matar o Gabe.

– Não exagere, querida. Clark jamais se comportaria dessa maneira. Talvez você não se lembre.

– Não me lembre? – Huck sentiu a voz tremer. – Eu acho que *me lembraria* quando um homem que conheci a vida toda, e no qual eu confiava, puxou uma faca.

– Você estava bêbada – Annise disse.

– O quê? – Ficando de pé, Huck tirou o avental.

– Acalme-se, filha.

– Não, mãe. E eu não estava bêbada. E aqui está a verdade sóbria, queira você ouvi-la ou não: Clark queria me machucar também. Se não fosse pelo Gabe, ele teria conseguido.

Annise se levantou.

– Talvez eu tenha julgado mal. Eu só queria o melhor para você.

– E você acha que o melhor é Clark Richards? Mãe, ele teria sido o *pior*. Eu nunca mais quero vê-lo na vida.

Huck saiu para o jardim de novo. O jogo havia acabado e os rapazes estavam fumando, enquanto Ethan se deliciava com um pouco de tabaco para mascar.

– Eu estava esperando o doce de pêssego – Cutter disse.

– Ou pelo menos umas toalhas – Gabe completou. Ele olhou para Huck. – O que foi?

– Vamos embora – Huck disse.

– Cadê a mãe? – Cutter perguntou.

– Servindo o doce, eu acho. – Huck pousou a mão sobre o ombro de Gabe. – Você sabe que eu tenho aquelas tarefas da escola para terminar antes de segunda-feira. Lembra?

Gabe só fez que sim com a cabeça, atordoadado.

– Mas vocês acabaram de chegar. – Cutter coçou a cabeça. – Você e a mãe brigaram?

– Fique fora dessa – disse Ethan. – Um homem que tenta apartar uma briga de mulher sai arranhado com suas nobres intenções.

– Eu te amo, pai, mas não gostei da implicação machista – Huck disse.

Ethan sorriu:

– Meninos, viram só o que eu falei?

Enquanto Gabe dava a partida no carro, Huck ficou vendo a mãe sair para a varanda. Ela ofereceu um pequeno aceno e Huck respondeu da mesma maneira.

– Eu não entendo – Gabe disse depois que eles já tinham percorrido vários quilômetros. – Obviamente vocês duas conversaram e...

– E ainda nos amamos – Huck disse. – Muito.

Eles dirigiram em silêncio.

– Você quer falar sobre o assunto, minha sábia esposa?

Huck fez cara feia.

– Você está tirando sarro da minha cara?

– É claro que não. Foi por causa da igreja?

– Não, na verdade, não.

– Então o quê?

Huck não respondeu.

– Foi por causa... do Clark?

– Ah, Gabe, não vamos discutir. – Ela estendeu a mão para tocar o braço dele, sentindo Gabe ficar tenso.

– O que ela disse? – ele perguntou.

– Minha mãe ouviu uns boatos mentirosos, só isso. Mas agora já está tudo em pratos limpos.

– Mas eu nem comi o doce.

Huck largou o braço dele:

– Tudo não passa de uma brincadeira para você?

– Desculpe – Gabe respondeu. – Por favor. – Ele pegou na mão dela.

Ela continuou:

– Eu garanti para ela, e de maneira bem dramática, que você é o homem perfeito para mim.

– Muito obrigado. – Gabe soltou a mão dela, e então colocou o braço ao redor de Huck, enquanto ela se aconchegava.

– Olha só o que eu acho – ele disse.

– Conte para mim.

– Não me lembro de ter me sentido tão honrado ao conhecer dois homens quanto seu pai e seu irmão gêmeo.

– Eu sabia que vocês se dariam bem. É óbvio que eles também gostaram de você.

– Mas e a sua mãe? – Gabe perguntou.

– Ela tentou se desculpar, mas eu estava brava demais para deixar que ela fizesse isso. E agora me sinto péssima. – Huck pensou por um momento. – Acho que vou escrever outra carta para ela. É a coisa certa a ser feita. E estou de folga depois de segunda-feira.

– Concordo – Gabe disse. – Então... Você acha que algum dia ela vai me aceitar no clã dos Huckabee?

– Eu tenho a impressão de que, na nossa próxima visita, ela será a sua maior admiradora.

– Que bom. – Gabe expirou profundamente. – Ei, mas espere aí. Eu pensei que você fosse a minha...

Huck esticou o braço e prendeu os lábios dele com os dedos.

– Sua maior amante, querido. E, como estamos preocupados em usar as palavras corretamente, *apaixonado* é o melhor adjetivo para nós.

– Concordo, Senhora Professora de Inglês – Gabe disse. – Você é mesmo uma esposa sábia.

Quatorze

*Uma casa de madeira e pedra
Jamais seria um lar
Até a fé encher cada cômodo
Com amor.
Não há lareira
(Nem chaleira)
Que aqueça nossos corações como ele.
E orquídeas em flor!
Um presente das alturas.*

*Para sempre,
Gabe*

*Junho de 1926
Houston, Texas*

Uma semana inteira havia se passado desde a viagem para Huntsville, e Huck estava sentada à mesa da cozinha no apartamento, morrendo de tédio. A escola estava de férias até setembro, Gabe tinha saído para trabalhar uma hora atrás e ela tinha terminado de arrumar a casa.

Huck se levantou e esticou os braços. Estavam doloridos de tanto carregar caixas da sala de aula para casa, apesar de Gabe ter levado as mais pesadas. A Sidney Lanier ia ganhar uma reforma nas férias, e ela teve que levar embora todo o material.

Depois de se servir de mais um pouco de café, Huck pegou um lápis e uma caixa de papel de carta e se largou sobre a cadeira de novo. O plano de apresentar Gabe como um executivo do petróleo não tinha ajudado a evitar a conversa “cara a cara” com Annise. E agora ela tinha que escrever uma carta de desculpas para a mãe. Aquilo não podia mais ser adiado.

Huck tomou um gole de café e suspirou. A procrastinação a tinha colocado em um humor horrível, o que não era justo com Gabe. Mas, sinceramente, ela não havia tido tempo para escrever. Na segunda-feira ela ainda estava na escola. Na terça e na quarta, havia organizado e depois arquivado tudo que tinha trazido para casa. E no dia anterior ela havia lavado roupa e ido ao mercado. Seu marido merecia camisas limpas e um bom jantar, não?

Ela apontou o lápis, e então se culpou por sua falta de atenção. Gabe tinha tentado encorajá-la, e ela havia respondido duramente para ele uma ou duas vezes. E hoje era sexta-feira, o que queria dizer que mais um postal chegaria pelo correio. Além disso, depois que Gabe saísse do trabalho, eles tinham planejado ir ver algumas casas. Ela deveria estar muito mais animada.

– E se eu começar escrevendo o endereço no envelope? – Huck perguntou em voz alta.

Depois de pegar um envelope, ela escreveu aquele endereço tão familiar e então lambeu e colou um selo sobre ele. “É melhor eu apontar o lápis de novo”, Huck pensou. Fez menção de se levantar, mas, em vez disso, pegou a folha de papel de carta e começou.

Mãe,

Por favor, me desculpe por minha atitude desrespeitosa na tarde do domingo passado. Eu estava errada, e sinto muito. Você queria que nos entendêssemos e eu me recusei a escutar. Está claro que você quer o melhor para os seus filhos, e eu sei disso. Mas, por favor, entenda: Clark deixou de ser o “melhor”. Em certas ocasiões, eu pensei que ele fosse a escolha de Deus e que deveríamos ficar juntos. Mas, como você diz, “As pessoas mudam, e a verdade permanece”. Gabe Alexander é um homem de Deus e da verdade.

E, mãe, ele é a minha alma gêmea. Quando você tiver a oportunidade de conhecê-lo, não vai se decepcionar.

Com muito amor,

Huck

O relógio da Market Square marcava duas horas. Enquanto Gabe saía da peixaria do Cecil, Charlie chegou com seu caminhão de entrega.

– Quer fumar? – Charlie gritou.

– Não posso – Gabe gritou de volta. – Tenho um compromisso.

– Com a patroa, apostado. – Charlie fez que não com a cabeça. – Sempre com a patroa.

Gabe sorriu e entrou no Azul do Norte. Ele tinha um compromisso mesmo.

Acenando para Charlie, deu a partida no motor e foi em alta velocidade até a Rua Principal. Era uma bela sexta. Ele havia comprado um livro de rimas, que tinha chegado ao escritório no começo da semana. Facilitava tanto na hora de escrever poemas! Se ele soubesse como seria desafiador compor um novo poema a cada semana, talvez tivesse inventado um plano alternativo. Mas, agora que ele tinha seu “rimador”... as portas da poesia tinham se aberto para possibilidades sem fim.

Ele se sentiu como E.E. Cummings.

O trânsito à sua frente ficou meio lento, então Gabe pegou uma rua lateral e pisou fundo. Ele tinha planejado levar Huck para ver algumas casas, mas tinha visto uma loja chique de artigos femininos não muito longe do Rice Institute. Na vitrine estava uma calça que ela tinha visto no jornal. Ele sempre sonhara comprar roupas cheias de estilo para a esposa, e hoje parecia um dia tão bom para ir às compras como qualquer outro, principalmente depois da conversa de Huck com Annise. Poucos

homens que ele conhecia tinham qualquer tipo de interesse no guarda-roupa de suas esposas, e a maioria não tinha a menor noção quanto a tamanho e modelo. Mas acontece que eles não usavam o cérebro. Tudo que um homem tinha que fazer era prestar atenção às propagandas. Na opinião de Gabe, isso seria mais um elo para ligá-lo à esposa e deter a Divisão Longa. E não havia nada mais gratificante que ver a expressão satisfeita de Huck.

Quando Gabe chegou ao apartamento, pouco depois das duas, Huck estava sentada nos degraus, cantarolando.

– Ora, ora – ele disse, ainda atrás do volante. – Estou vendo que há uma carta na caixa de correio para o carteiro levar. É por isso que você está tão feliz?

– Estou me sentindo muito melhor. – Ela se levantou e rodopiou, fazendo com que seu vestido se inflasse um pouco.

– Você poderia fazer isso de novo?

Ela sorriu:

– É claro que não.

Antes que ele pudesse pensar em abrir a porta, ela já estava sentada ao lado dele.

– Escrever uma carta de desculpas para minha mãe não foi difícil depois que comecei.

Gabe deu ré na entrada da garagem e sorriu.

– Pelo jeito você também teve um dia bom – ela disse.

– É. – Ele seguiu a toda a velocidade para o Rice Institute.

– Eu pensei que fôssemos olhar algumas casas.

– Pensei em começarmos pela vizinhança do Rice Institute. Há um novo conjunto de casas muito sofisticado lá, chamado Boulevard Oaks.

– Tudo bem – Huck respondeu. – Não foi lá que eles plantaram árvores ao longo da rua?

– Sim. Um dia, os galhos vão formar um dossel sobre a rua.

Eles prosseguiram por uma avenida espaçosa até Gabe diminuir a velocidade e parar em frente a uma série de lojas.

– Que dor na perna – ele disse.

– Em qual delas?

– Não sei. Nas duas, talvez.

Huck olhou ao redor, sabendo que Gabe estava aprontando alguma coisa.

– O que você fez, Senhor Alexander?

– Acho que um nervo saiu do lugar no trabalho hoje cedo.

– Com você atualizando os livros de contabilidade? Que estranho, não é? – Huck disse.

– Você se importa se a gente caminhar por um minuto?

Eles foram para a calçada e passaram por algumas vitrines. De repente, Huck parou de andar e apontou para um manequim feminino sem cabeça.

– Gabe, olha só.

– O que aconteceu com a cabeça dela?

– Não isso, seu bobinho. Ela está usando uma calça.

– Nossa, mas eu nunca... – Ele arregalou os olhos. – E, sem a cabeça, ela nem vai precisar arrumar um chapéu para combinar.

Huck riu:

– Calças para mulheres são a moda mais ousada do momento.

– Talvez para moças da cidade. As mulheres do campo vêm usando as calças dos maridos há anos. Você conseguiria imaginar andar a cavalo e arrebanhar o gado o dia todo de vestido?

– Verdade. Mas essa calça foi criada para vestir bem. Algumas professoras na escola estavam cochichando sobre ela. É uma calça de lona.

– Ela é feita de lona de circo?

– Engraçadinho. É um material chamado lona. Minha mãe teria um troço.

– Por que você não experimenta uma?

Huck sorriu, se lembrando do primeiro encontro deles e da facilidade com que ele a tinha convencido a comprar um vestido novo na Foley Brothers. Então, momentos depois, enquanto ela estava no provador, Gabe escolheu uma blusa com gola marinheiro rosa que serviu perfeitamente nela.

– Já vi alguns maridos vindo junto com as esposas – a jovem vendedora disse aos dois na boca do caixa. – Mas eles mal podiam esperar para ir embora.

– Eu bem que tentei – Gabe sussurrou. – Mas estou dominado contra a minha vontade pelo feitiço da beleza dela. Você pode me ajudar?

A vendedora riu e entregou os pacotes a Huck:

– Acho que ela não ia querer que eu fizesse isso.

Huck se sentiu corar.

– Se você for solteira, tome cuidado. Nunca se sabe quem vai querer te conquistar com roupas.

Depois de saírem da butique, eles compraram sorvetes de casquinha com cobertura de chocolate e voltaram para o Azul do Norte. Eles passaram por muitas belas casas à venda, mas nenhuma se parecia com aquilo que queriam.

– Talvez a gente não saiba o que realmente quer – Gabe disse, enquanto dirigia bem devagarinho pela vizinhança calma.

– Nós vamos saber quando for a casa certa – Huck respondeu.

– Você acha que morar perto de uma universidade poderia deixar nós dois mais inteligentes? – Ele deu uma lambida no sorvete.

– É claro que sim – Huck respondeu, querendo que tivesse sido esperta o bastante para tomar seu próprio sorvete mais devagar. – Olha só onde eu cresci – ela riu.

– Eu prefiro simplesmente olhar para você. – Gabe encarou Huck, arregalando os olhos de novo.

– Pare com isso. Nós deveríamos estar procurando placas de “Vende-se”. Além disso, você está com um queixo de chocolate. – Ela se aproximou e beijou o queixo dele até ficar limpinho. – Fique de olho na rua, senhor.

– Ops! – Gabe espalhou sorvete na bochecha. – Agora eu tenho uma bochecha de chocolate.

– É uma pena, porque já tomei bastante sorvete e estou com dor de cabeça. Você vai ter que se beijar.

– Não se pode esperar que um homem encontre uma casa com o rosto cheio de sorvete e...

– Gabe! Olha só! – Ela estava de olho em uma casa com tijolinhos à vista, no estilo Tudor. – Pare o carro.

Cantando o pneu, Gabe conseguiu breicar o Azul do Norte. Huck saiu do carro e foi até a casa. Quem a construiu entendia de paisagismo. Ela tinha um telhado íngreme e verde e uma série de arcos levemente arredondados que emolduravam a varanda da frente e cada janela, e então se abria para formar a entrada para um jardim cheio de flores na lateral. No centro do jardim ficava um arbusto de

orquídeas anacacho, em flor e em sua beleza mais plena.

– Ah, Gabe, veja. – Huck saiu correndo para o jardim. – Orquídeas anacacho. Esta deve ser a nossa casa.

– Mas... Querida...? – Gabe disse, alcançando Huck. – Estamos no jardim de alguém. Não há nenhuma placa de “Vende-se”.

– É para ninguém mais encontrar a casa. – Huck foi correndo até uma janela enquanto sentiu uma pontada de medo por dentro. E se Gabe estivesse certo? Mas não poderia ser. As orquídeas eram um sinal do seu destino. Ela juntou as mãos como quem forma um cálice e olhou lá dentro.

– Vão atirar na gente.

– Não vão, não. Está vazia. Venha ver.

Eles passaram os minutos seguintes espiando através de cada janela da casa. Huck não conseguia ver tudo, mas a marcenaria fina dos painéis de madeira que recobriam as paredes era óbvia. A garagem era enorme, com lugar para o Azul do Norte, uma mesa de trabalho e ferramentas. Havia até mesmo um veleiro, com uma pequena cabine, guardado sobre um suporte de madeira.

– Olha só isso – Gabe disse. – É como o veleiro que eu tinha quando era criança, só que maior.

Um carro buzinou, e então estacionou em frente à garagem.

– Deve ser o dono. – Huck alisou o vestido. – Vamos comprar a casa hoje.

– Com essa animação toda, larguei nosso carro no meio da rua – Gabe sorriu. – Espero que não seja o *novo* proprietário.

– Vá tirar o Azul do Norte do meio da rua – Huck ordenou com doçura. – Depois volte aqui e negocie esta casa para mim.

Não era o proprietário, afinal, mas um corretor de imóveis, que tinha aparecido para colocar uma placa de “Vende-se” no jardim. Ele mostrou a casa de bom grado, explicando que o casal de meia-idade que morava ali havia se mudado inesperadamente e estava interessado em vender a propriedade a um preço justo. Eles não usavam mais o veleiro, então o barco também fazia parte do negócio.

Um entardecer quente de verão se instalou sobre a cidade, e eles voltaram para o apartamento. Os dois não tinham comido nada além dos sorvetes, e aquilo tinha sido horas antes; no entanto, nem Huck nem Gabe conseguiam parar de sorrir.

– Estou morto de fome – ele disse enquanto saíam do Azul do Norte. – Que tal comemorar com um jantar na lanchonete do Benny?

– Ah, Gabe, estou tão suada. Preciso tomar um banho antes.

– É, eu também. – Ele enxugou a testa com um lenço. – Então que tal um sanduíche e anéis de cebola no Trailer do Porco? Assim não temos nem que sair do carro.

– Que ideia gostosa – Huck foi até a caixa de correio. – Estou empolgada demais para cozinhar.

– Vou contar a novidade para o proprietário do nosso apartamento. Ele vai ficar tão desapontado – Gabe disse, e então piscou. – Aposto que tem correspondência.

– Mas o que poderia ser, hein? – Huck respondeu enquanto ele corria para a porta dos fundos do Senhor Blane.

A caixa de correio ficava ao lado da guia, então ela tirou os sapatos para sentir a grama refrescante sob os pés. Que dia! Primeiro ela havia finalmente escrito para a mãe – um grande alívio – e depois embarcado naquela aventura inesperada de compras. Ela riu. Era meio paradoxal ela ter pedido desculpas a Annise e então ter comprado justamente uma calça. Mas encontrar a casa perfeita com orquídeas anacacho? Seu novo endereço seria Glen View Lane, 3315. Mas, por causa das orquídeas, poderia ser muito bem Vale Secreto, 3315. Pensamentos sobre o Senhor Jack invadiram a mente de Huck desde que ela tinha visto o arbusto. Será que ele estivera envolvido nessa história de alguma maneira? Ela havia mencionado isso a Gabe, que disse que não descartaria a ideia por completo, mas que provavelmente tinha sido apenas uma coincidência. Ah, mas ele era o anjo da guarda dela, e não dele. Seria muito bom, mas eles também não podiam dividir tudo.

Ela chegou à caixa de correio e tirou os conteúdos de lá. Estava quase escuro, mas ela podia ver o muito aguardado postal, que esperaria para ler a uma luz decente. Havia também algumas contas e uma carta. Ela ficou pensando de quem poderia ser. Sua mãe poderia ter escrito, mas não era o tipo de envelope que ela sempre usava. E seus irmãos só mandavam cartas e cartões no Natal. É claro que poderia ser uma carta de Gabe, mas...

E então ela reconheceu a letra, que transformou a alegria de antes em um arrepio gelado.

A carta era de Clark.

Quinze

*Assim como os dedos
De almas que são uma
Se entrelaçam
Para selar a confiança,
Nossos hojes e ontens
Contêm o presente mais precioso
Do amanhã.
Não somos apenas amantes,
Mas melhores amigos.*

*Para sempre,
Gabe*

*Julho de 1926
Houston, Texas*

Uma chaleira de latão polido apitava uma canção alegre enquanto Huck secava e guardava os pratos do café da manhã. O design moderno de sua nova casa de três quartos era exatamente o que ela e Gabe queriam, com uma lareira, salas mais formais de estar e jantar, uma cozinha grande e uma sala aconchegante para o café da manhã. Eles dormiam em uma cama de dossel no quarto maior e transformaram os dois quartos menores em um escritório e uma sala íntima, iluminada por velas e cheia de flores frescas, seus livros favoritos, uma namoradeira cor-de-rosa e, é claro, os postais.

Huck sorriu.

A ideia da sala íntima tinha aparecido em sua cabeça aos dezesseis anos, na mesma tarde em que seu vale secreto tinha sido destruído. Destemida diante da escavadeira, ela jurou um dia criar um lugar especial para ela e seu futuro marido. Seria uma bela sala, retirada do restante da casa, e onde a maioria dos visitantes não poderia entrar. E ela morreria antes de ver sua sala destruída.

Lembrar-se do vale a faz pensar em Huntsville e na carta de desculpas que tinha escrito à mãe, que respondeu no mesmo estilo. As duas tinham se correspondido algumas vezes desde então, finalmente acertando os ponteiros e garantindo uma trégua.

A carta de Clark era outra história. O sorriso de Huck desapareceu porque ela ainda não tinha contado nada para Gabe. Quando eles expuseram suas almas na noite do primeiro encontro, prometeram nunca manter segredos um do outro. Mas, com a animação e todo o trabalho da mudança, ela continuou adiando aquele momento. Clark era um assunto desagradável, que Gabe preferia não discutir. Será que ele tinha ciúmes de seu ex-noivo? Sim. E ficaria chocado se descobrisse que havia

uma carta sobre a qual ele nada sabia.

Huck enxugou os talheres com cuidado, e então procurou por gotas escondidas. Depois de ler a carta atentamente, ela percebeu que Clark tinha se desculpado e havia até mesmo pedido perdão, mesmo com seu jeito orgulhoso. Ele contou que tinha se casado com uma moça em Chicago que ele jurava ser “seu pote de ouro inesperado ao final do arco-íris”. Ela achou aquela comparação meio estranha, talvez até mesmo vingativa, mas ficou aliviada por Clark finalmente ter mudado de alvo romântico.

No final de semana anterior, ela tinha pretendido mencionar a carta casualmente depois do café da manhã. Mas suas intenções foram frustradas quando a bela namorada que eles tinham comprado para a sala íntima chegou. Então eles fizeram mais café e passaram o resto da manhã sentados ali. Ela não queria estragar a diversão.

– Essa coisa de sala íntima é de uma genialidade antissocial – Gabe tinha comentado, brincando. – Nada de quarto de hóspedes, nem de hóspedes no fim de semana.

– Vou aceitar isso como um elogio, eu acho – Huck beliscou a bochecha dele. – Os fins de semana são nossos. Além disso, também não vejo você oferecendo seu escritório para os parentes que poderiam nos visitar.

Gabe riu:

– *Touché!* E isso é um elogio.

Voltando à tarefa em suas mãos, Huck secou uma xícara e um pires delicados. Duas semanas servindo as refeições na porcelana chique que ela tinha guardado em seu baú do enxoval era tão... gratificante. E ainda mais gratificante era a maneira como Gabe olhava para ela ao se sentar ao conjunto de mesa e cadeiras para café da manhã, com detalhes de folhas de bordo, seu rosto liso brilhante de agradecimento. Mas a coisa mais gratificante de todas eram seus beijos de despedida intermináveis, que queriam dizer que ela era a pessoa mais importante no mundo dele. Os beijos deles eram um tipo de “linguística dos lábios”: um idioma romântico sem palavras.

A expectativa transformou os lábios de Huck em um sorriso de novo. Aquele era o último dia de trabalho de Gabe na peixaria do Cecil. A partir do dia seguinte, eles teriam quinze dias de verão e total liberdade antes que ele começasse em seu emprego novo na Gulf. Para comemorar, ela havia planejado duas surpresas.

A primeira tinha acontecido na noite anterior, um jantar casual na lanchonete do Benny com os amigos mais próximos de Gabe. Ela queria fazer o evento na casa nova, mas os únicos móveis que tinham eram o conjunto para café da manhã, a namorada e a cama. Com exceção de duas luminárias de mesa de valor sentimental e algumas prateleiras para livros, eles tinham vendido tudo do apartamento para um negociante de móveis de segunda mão, decidindo investir em mobília de melhor qualidade. “Como a qualidade do trabalho é melhor, só podemos comprar um móvel por mês”, Gabe havia enfatizado mais de uma vez, “mas eles vão durar para sempre. Além disso, seria vergonhoso se nossa cama quebrasse sob a força da nossa paixão.”

Huck secou uma colher de prata, inspecionando a peça em busca de manchas. As atividades no quarto eram muito mais que apaixonadas. Depois de esfregar uma mancha deixada pela água, ela estudou a colher de novo. Seu reflexo estava de cabeça para baixo. Ela riu. Com certeza Gabe havia virado seu mundo de ponta-cabeça.

Ao guardar os últimos pratos e talheres, Huck colocou o pano sobre uma pilha de toalhas de mesa sujas, e então colocou colheres de café moído em uma chaleira antes de adicionar água fervente. Enquanto passava o café, ela pegou uma tigela grande e uma colher de pau. Pegou ovos, farinha e bicarbonato de sódio e ficou lembrando de como tinha sido divertido jantar com os amigos de Gabe na noite anterior.

Benny, que para ela parecia um cozinheiro de carroção dos pioneiros do Velho Oeste, a tinha chamado de “bezerrinha bonita” e “pimentinha”. Cecil exalava a gentileza agradável de um típico cavalheiro do sul, mas com olhos tristes. Sua esposa, Norma, estava “doente” e mandou seus pedidos de desculpas. E quanto a Charlie? Engraçado, cheio de opinião e contando uma piada após a outra. Algumas tinham sido meio sem graça. Sua esposa, Chloe, quase rolava de tanto rir, e então de repente ficava de queixo caído, tapando a boca de Charlie com a mão.

Huck fez que não com a cabeça ao se lembrar dos amigos tão diferentes de Gabe, e então acendeu o forno. Parte de sua segunda surpresa era fazer um bolo de chocolate com café, o favorito de Gabe. A receita tinha sido passada na família tipicamente sulista dele, e, para sorte do marido, ela tinha feito o bolo pela primeira vez na primeira semana de casados. O chocolate era um ingrediente crucial, mas esse bolo também pedia uma xícara de café bem forte, canela e açúcar mascavo. A cobertura trazia os mesmos sabores marcantes, e o bolo era decorado com metades de nozes-pecã tostadas.

Com uma colher de pau, Huck misturou a manteiga e o açúcar mascavo até fazer um creme, juntou os ingredientes secos e então adicionou o café e os ovos. Quando era criança, ela aprendera que o segredo para fazer um bolo molhadinho era colocar um ovo por vez na massa. Dava mais trabalho, mas o resultado final fazia o esforço extra valer a pena.

Enquanto o bolo assava, Huck pegou um lápis e uma lista secreta de tarefas da sua caixa de receitas. Sentando-se à mesa, ela checkou os preparativos finais para sua segunda surpresa.

Bolo: ok.

Comida e água: ok.

Roupa de cama: ok.

Maiô: ok.

Desde a sua viagem interurbana no Dia do Mergulho, quando eles tinham falado sobre uma aventura de verdade a bordo de um veleiro, ela vinha sonhando explorar os pontões de areia e praias ao redor da Baía de Galveston com sua alma gêmea. E comprar uma casa que vinha com um

veleiro era uma coincidência feliz que ninguém deveria ignorar. Então ela havia planejado uma viagem de uma semana. Os dias seriam passados velejando silenciosamente pelas águas plácidas. À noite eles fariam uma fogueira na praia e se abraçariam sob as estrelas do céu limpo do Texas.

Huck sorriu e voltou à lista:

Veleiro: ok.

Sem que Gabe soubesse, ela havia contratado um barqueiro para inspecionar o casco, o leme, as linhas e a vela. A pequena corveta passou pelo teste sem problemas. Como parte do negócio, ele havia prometido levar o barco de trailer até a cidade de Seabrook, que ficava à beira do mar. As únicas coisas que não tinham sido rebocadas com o barco eram o bolo e alguns objetos pessoais.

Com um suspiro satisfeito, Huck marcou um sinal de “ok” ao lado de “Veleiro para Seabrook”. Como planejado, o barqueiro havia chegado naquela manhã, momentos depois de Gabe sair a bordo do Azul do Norte. Tudo o que ela tinha a fazer era terminar de arrumar as malas dos dois.

– Você vai fugir para entrar para a Marinha? – Gabe perguntou, brincando, mais tarde. Ele tinha voltado correndo para casa depois de seu último dia na peixaria do Cecil e encontrou Huck sentada no topo dos degraus da varanda, sorrindo e segurando uma lata de bolo.

Ele assobiou.

A mulher de seus sonhos estava vestindo a calça branca e a blusa de marinheiro cor-de-rosa. Ele nunca a tinha visto tão linda.

– Ou talvez você esteja posando para uma revista de moda?

– Com um bolo no colo?

– Acho que não, então. – Gabe tirou o chapéu, se sentou ao lado de Huck e acendeu um Lucky.

– Você não vai perguntar que tipo de bolo eu fiz?

– Nem preciso perguntar. Aqui, segure o meu cigarro. – Ele passou o Lucky para Huck e pegou a lata.

– Devolva a minha lata. Faz parte da surpresa.

– Mais uma surpresa... para mim?

– Não é todo dia que se consegue um emprego novo. E acho que você vai gostar mesmo dessa surpresa.

– Vai ser difícil bater o jantar no Benny ontem à noite. – Ele sorriu e estudou a lata de bolo. – Posso pelo menos sentir o cheiro do que tem aqui dentro?

– Uma cheirada rápida. Mas só abra uma frestinha.

Espiando pelo vão aberto na tampa da lata, Gabe sentiu o cheiro.

– Hum... Exatamente o que eu queria... Chocolate com café! Então, quando é que vou saber do resto dos seus planos?

– Agora mesmo. – Ela devolveu o cigarro para ele. – Você e eu vamos embarcar em uma aventura.
– Huck deu uma risadinha.

– Nós vamos caçar?

– Com esta roupa?

– Vamos mergulhar?

– Gabe, estou falando sério.

Aproximando-se dela, ele beijou o topo da cabeça de Huck. Havia alguma coisa em estar ao ar livre, a maneira como ela estava vestida, o perfume dos cabelos dela... Ele simplesmente ficou maluco.

– Um homem não consegue pensar direito na presença de uma bela mulher usando calça – ele sussurrou. – Especialmente na primeira hora de liberdade sem emprego quando tudo o que ele quer fazer é comemorar.

– Ah, Gabe, meu querido. – Huck se aconchegou a ele. – É mesmo a nossa primeira hora de liberdade. E, como você escolheu esta blusa e disse que estou linda... – Ela fez uma pausa, dando um beijo na base do pescoço dele – Acho que poderíamos ir lá para dentro e comemorar com um pouco de... Você sabe – Ela fez outra pausa, dessa vez mordiscando o lóbulo da orelha dele.

– Acho que nós dois sabemos – Gabe sussurrou.

– Então você tem certeza?

– Absolutamente. – Ele soltou a fumaça do cigarro.

– Que bom – ela riu. – Então vamos comer um pedaço de bolo. Pode abrir a lata.

Fazendo beicinho, Gabe se sentou direito e abriu a tampa. Um barquinho de papel velejava sobre um oceano de cobertura de chocolate e nozes-pecã torradas. O nome na popa do barco dizia “Cleópatra”.

– Mas olhe só isto. – Gabe deu uma risadinha. – Eu havia me esquecido completamente. No nosso primeiro encontro, nós falamos sobre um dia partirmos em uma aventura a bordo de um barco chamado Cleópatra.

– Um dia. – Huck sorriu e fez que sim com a cabeça.

Gabe ficou observando o bolo e então se levantou e apontou para a garagem.

– Você quer dizer hoje? No nosso barco novo?

– No Cleópatra. Mas ele não está aqui.

– O quê?

– Ele está atracado na doca em Seabrook. Pronto para partir e com suprimentos para uma semana.

– Huck riu. – Eu tinha que fazer alguma coisa empolgante enquanto você trabalhava. Agora, como o Senhor Jack me disse quando eu tinha dez anos, feche a boca antes que o senhor e a senhora mosca se mudem praí.

Não demorou muito para Huck se tornar um “lobo do mar” como Gabe. Ela aprendeu rapidamente a diferença entre proa e popa, bombordo e estibordo. Em menos de dois dias, conseguia içar e recolher as velas do Cleópatra, comandar o leme e pegar carona no vento. Eles nem precisavam se preocupar com uma navegação mais complicada porque nunca perdiam a terra de vista, lançando a âncora perto da margem sempre à tardinha.

O café da manhã e o almoço eram preparados na pequena cozinha do barco, e os jantares, na praia, sobre uma fogueira com madeira trazida pelas ondas, as chamas azuis e cor de laranja se transformado em brasas brilhantes. Em algumas noites, a brisa geladinha do Golfo soprava, espalhando os pedaços de carvão em brasa como centenas de olhos de gatos pela areia escura e deserta.

Sem se preocupar com trajes de banho, eles nadavam na parte mais rasa, e então se enrolavam em um cobertor e ficavam abraçados. Depois de compartilhar os segredos mais profundos com a lua e as estrelas, suas palavras pronunciadas se transformavam em murmúrios macios de quem faz amor até as primeiras horas da manhã. Então, com as pálpebras pesadas, eles voltavam ao Cleópatra, adormecendo e sentindo o balanço gentil das ondas na proa.

Eles passaram dias explorando os arredores e relaxando. Havia sempre café para beber e assuntos para discutir. A Divisão Longa era um dos tópicos preferidos, assim como as estratégias para lutar contra ela.

A primeira era sua grande fé – o que eles já sabiam – e o respeito mútuo. E então vinham as tarefas de casa, e eles decidiram que ser homem ou mulher não fazia a menor diferença. Todo tipo de trabalho além de seus empregos, fosse lavar a louça ou arrancar as ervas daninhas das floreiras, seria compartilhado. Cada um teria uma preferência, mas, se eles dividissem tudo, haveria mais tempo para as atividades de que mais gostavam.

As manhãs de sábado seriam um momento para se reconectarem. Tempo de relaxar na sala íntima e conversar sem as pressões de uma programação diária. Se o tempo estivesse feio, eles simplesmente ficariam aconchegados na namoradeira, enquanto a chuva molhasse lentamente as janelas. Em alguns

sábados eles fariam projetos e então entrariam em ação. Em outros, eles passariam relendo os postais. Abraçando-se. Sonhando. Acima de tudo, eles prometeram proteger sua privacidade e jamais manter um “casa-aborreci-mento”, a prática comum demais de viver reclamando para o marido ou esposa. Se houvesse um problema, eles o encarariam sem demora, e permitiriam ao outro a liberdade de colocar para fora qualquer mágoa. Com sorte, as brigas seriam raras, mas, quando acontecessem, seriam resolvidas mutuamente sob a postura unificada de seus votos de casamento.

No meio da tarde do último dia, Gabe conduziu o Cleópatra até uma prainha de águas claras perto da Ilha Atkinson e lançou âncora. Huck veio da cozinha trazendo uma maçã e uma faca.

– Quer metade?

– Você vai descascar a maçã? – Gabe lambeu os beiços.

– E eu não descasco sempre? – Huck se sentou na ponta da cabine, deixando as pernas penderem a estibordo, se sentindo livre. Ela ainda não tinha contado nada a ele sobre a carta de Clark, e no dia seguinte eles voltariam à rotina de sempre. A viagem inteira tinha sido perfeita, e ela não queria estragar nenhum momento sequer. Então, no jantar da noite anterior à fogueira, ela tinha decidido *não* mostrar a carta para ele, queimando as últimas palavras de Clark enquanto Gabe procurava lenha. Clark estava feliz e fora da vida dela, e que bem mostrar a carta poderia trazer? E o fato de ela ter se demorado tanto para fazer isso poderia magoá-lo ainda mais. Ela e Gabe tinham prometido compartilhar seus segredos mais profundos, mas esse era, no máximo, raso.

Huck ficou observando a casca da maçã cair na água. Ela ainda contaria para ele que Clark tinha se casado. Seria uma coisa boa. Mas poderia requerer uma mentirinha de nada.

Vários peixinhos nadaram para pegar a casca, atraindo a atenção de Huck. E então ela viu alguma coisa brilhante no fundo recoberto de areia.

– Gabe! Venha aqui logo! Acho que descobrimos dinheiro.

– Onde?

Ela apontou a faca para uma meia dúzia de pequenos objetos arredondados.

– Moedas. Será que são dobrões espanhóis?

– É bem possível. – Gabe coçou o queixo. – Diz a lenda que Jean Lafitte enterrou seu tesouro aqui por perto. E o tesouro nunca foi encontrado. – Ele observou as moedas. – Acho que aqui a água tem uns quatro metros e meio de profundidade. O sol deve estar exatamente na posição certa para conseguirmos ver as moedas.

– Talvez seja um tesouro de pirata – Huck disse, em tom de segredo.

– Talvez. A não ser que sejam tubarões comedores de gente pescando seres humanos gananciosos.

Huck ignorou o comentário.

– Bem, a gente precisa ver essas moedas mais de perto. Poderia ser um achado histórico importante.

– Ou algum pescador local tinha um buraco no bolso.

Depois de comerem a maçã, os dois concordaram que Gabe deveria mergulhar até o fundo e pegar as moedas.

– Se eu for comido por um tubarão, tome conta do Azul do Norte – ele disse, então abriu um sorriso.

– Nem me fale uma coisa dessas.

– Ok. Não tome conta do nosso carro. Eu não vou estar aqui para ver mesmo – ele disse e mergulhou.

– Gabe Alexander. – Huck ficou brava. Ela nunca tinha ouvido falar de um tubarão perigoso nessa parte da baía, mas nunca se sabia quando uma tragédia poderia acontecer. Ela sentiu um arrepio gelado subindo pela espinha ao ver Gabe ir até o fundo.

– Minha mãe sempre me disse para não brincar com o perigo – ela disse. – Então eu não vou.

Mesmo assim, ela foi tomada por uma sensação estranha.

Quinze segundos depois, Gabe tinha recolhido as moedas e fez um sinal como quem diz “estou indo para a superfície”. Huck deu um suspiro de alívio.

Mas, depois que mais cinco segundos se passaram, ele ainda estava lá no fundo. E então mais cinco. O que ele estava fazendo?

– Isso não é hora de mostrar por quanto tempo você consegue segurar a respiração – Huck gritou enquanto as moedas caíam das mãos de Gabe. Por que ele estava deixando as moedas caírem...? Não! Ele estava tentando se soltar. Ele ficou preso em alguma coisa. E estava tentando se libertar!

Pegando sua faca, Huck pulou do barco. Por uma fração de segundo, ela não sabia onde estava, quase engoliu um pouco de água, e então viu Gabe. Ela tinha sido uma boa nadadora quando era criança, mas as enseadas do leste do Texas eram estreitas e rasas.

“Nade mais rápido” – seu cérebro e seu coração gritaram em uníssono. “Assim não, use as duas mãos. Prenda a faca entre os dentes como você fazia quando brincava de pirata com Cutter. Nade mais para o fundo.”

Os olhos dela arderam.

Os ouvidos estalaram.

Mais fundo!

Os pulmões começaram a explodir.

Os dedos ficaram fracos demais para segurar a faca.

E então a mão forte de Gabe segurou a dela, passando a lâmina por um novelo gigante de linha de pesca entrelaçada.

Tudo ficou preto.

A próxima coisa que Huck viu foi o formato do rosto dele, sua silhueta contra a luz brilhante do sol.

– Eu pensei... que tivesse te perdido – ele disse, em pouco mais que um sussurro.

Ela tentou falar, mas tossiu, uma dor queimando dos pulmões até o nariz.

– Fique deitada aí. Estamos no Cleópatra de novo. Você vai ficar bem.

Huck tossiu de novo, tentando se sentar direito.

Gabe a acolheu em seus braços.

– Você vai ficar bem – ele repetiu.

Meia hora depois, ela estava enrolada em um cobertor, sentada na cabine e tomando chá quente adoçado com mel. A fraqueza de seus músculos fazia seus braços tremerem. O seu peito ainda doía, mas ela estava melhorando.

– Você salvou a minha vida... a nossa vida juntos. – Gabe fez um carinho em sua bochecha com as costas da mão. – Nunca vou saber como é que você me libertou daquela teia de linha de pesca com uma faca de cozinha... – Uma lágrima rolou pelo rosto dele.

– Mas eu desmaiei. Você me salvou.

– Você me salvou primeiro – Gabe a contrariou.

Eles riram.

– Ainda bem que você conseguiu segurar a respiração daquele jeito. – Huck tomou um gole de chá.

– Eu aprendi na guerra. Nossas máscaras de gás nem sempre funcionavam direito. – Ele sorriu e acendeu um cigarro. – Quando você apareceu com a faca, eu só teria durado... sei lá... uma hora ou duas.

– Se eu não estivesse tão cansada, bateria em você.

– Ah, quase me esqueci. – Gabe mostrou para ela uma moeda prateada brilhante. – Achei no meu calção. É espanhola mesmo.

– Um dobrão?

– Sinto dizer, mas não. – Ele passou a moeda para Huck. – É de 1891. Tem uma figura do Rei Alfonso XIII na parte da frente. E ele ainda é rei. Li sobre ele no jornal.

Huck passou o polegar pelo Rei Alfonso.

– Não foi ele que salvou a si mesmo e à noiva de uma tentativa de assassinato no dia do casamento dos dois?

Gabe fez que sim com a cabeça enquanto inspirava a fumaça, pensou por um momento, e então a expirou.

– Provavelmente de um noivo ciumento.

– Provavelmente. – Huck sorriu. – Eu contei para você que, na última carta, minha mãe mencionou que Clark se casou e está morando em Chicago?

– Que bom. Espero que continue assim.

– Casado ou em Chicago?

– As duas coisas. – Gabe fez cara feia e então jogou a bituca de cigarro na água e se levantou. – Que tal eu ir para a cozinha e fazer um jantar rápido para nós dois? Estou cansado demais para fazer uma fogueira na praia. – Sem esperar por uma resposta, ele desapareceu lá para baixo.

Depois de tomar um gole de chá, Huck deixou a xícara de lado. Ela já tinha pedido a Deus que a perdoasse pela mentira e jamais mentiria para Gabe de novo, mesmo que fosse uma mentira inofensiva. Olhando para o Rei Alfonso, ela ficou pensando como tinha chegado perto de perder Gabe. A primeira vez tinha sido aquela noite da briga com Clark, e ela havia ouvido o grito do Senhor Jack. Até aquele momento, ela tinha certeza de que Gabe havia guiado a faca em sua mão, mas ele não parecia se lembrar de nada. Huck estremeceu.

Agora ela também já não sabia ao certo.

Dezesseis

Verão de 2006
Adam Colby

Gotas de chuva sopradas pelo vento batiam contra a janela escura do meu escritório como punhados de pedregulhos atirados por crianças. Eu me sentei na minha cama improvisada e vi que horas eram. Meia-noite e vinte. Chovia e parava havia uns quatro dias. Quatro dias cinza e sem cor, que combinavam com a nuvem de tristeza que envolvia o meu coração.

O clarão de um relâmpago. contei os segundos. Um, dois, três. Um trovão a distância. Xingando o sofá desconfortável, joguei meu travesseiro no chão, me levantei e peguei meu roupão.

Outro relâmpago. Mais três segundos. Outro trovão.

Meu computador zumbiu e a tela voltou à vida com uma mensagem do Serviço Nacional de Meteorologia. “Um sistema de baixa pressão está parado sobre os condados de Harris e Chambers”, a mensagem dizia. “Possibilidade de enchentes. Evite dirigir em áreas mais baixas.”

– Diga alguma coisa que eu não sei – resmunguei, me largando sobre a cadeira à minha escrivaninha. Acendi a pequena luminária, e então peguei a moeda prateada que tinha deixado sobre o mousepad na última semana.

Rei Alfonso.

Yvette tinha me dado a moeda em nosso segundo encontro. O rei agora controvertido tinha sido o catalisador da continuação de nossa conversa sobre Huck e Gabe. Uma conversa que gerou ainda mais perguntas... algumas delas difíceis de aguentar.

Nós nos encontramos na Rédea Trançada, uma churrascaria enfumaçada que oferecia os cortes de carne mais macios ao sul do Polo Norte. Cowgirls bonitinhas com rabos de cavalo trançados serviam cerveja de jarras de cerâmica em canecas com alças grossas. O boato era que, se o cliente reclamasse da comida, ele seria servido de uma rédea trançada – ou outro adereço de cavalo – grelhada à perfeição. Uma banda ao vivo encorajava todo mundo a se mexer, e as mulheres eram convidadas a dançar sobre um balcão de mais de cem anos.

– Não acreditei quando você escolheu este lugar – eu disse a Yvette, em meio ao ritmo da bateria e do baixo.

– Por quê? Eu adoro uma boa carne.

Tomei um gole da minha cerveja. A pista de dança estava vazia, mas cinco da tarde provavelmente era um pouco cedo para o pessoal que curti dar uns passos por ali.

– Então, quer pedir alguma coisa?

– É cedo demais. Mas vá em frente.

– Não estou com fome. – Tomei outro gole enquanto a banda se arriscava com “Cotton-Eyed Joe”.

– Eu gosto da energia daqui – ela finalmente disse, e então enrugou a sobrancelha. – Nós não precisamos ficar se você estiver desconfortável.

– Hum... não. Está tudo bem. É que não é um lugar de que a Haley gostaria. – Dei de ombros. – Nós nunca viemos aqui. Não quero ofender você.

– Sem problemas – ela sorriu. – Huck e Gabe adoravam vir aqui.

– Aqui?

– Este é um dos prédios mais antigos de Houston e abrigou vários estabelecimentos ao longo das décadas. Durante a Lei Seca isto aqui era um *speakeasy*, um lugar onde se vendia bebida ilegalmente – Ela fez uma pausa. – Sabe o que atraía a Huck?

– Champanhe cor-de-rosa?

– Isso e o fato de que é um lugar mal-assombrado.

– Você está falando sério?

– Um fazendeiro rico construiu este lugar originalmente como um saloon no final dos anos 1800. E o chamou de “Boi no Bayou”, ou alguma coisa assim.

– Tipo “Rato no Riacho”? – perguntei e dei uma risadinha.

Os lábios de Yvette se viraram para cima, mas ela continuou sem nenhum comentário:

– De acordo com a lenda, uma moça do saloon vivia entretendo um vaqueiro lá em cima no quarto dela. Certa noite, a mulher ciumenta dele pegou os dois no flagra e atirou nele com um rifle de caçar búfalo.

– Ele não sobreviveu? – enxuguei a minha caneca.

– Não fisicamente.

Naquele momento, senti unhas passando pelas minhas costas. Dei um pulo.

Yvette riu.

– Desculpe, senhor. – Uma cowgirl loura colocou uma jarra grande sobre a mesa. – O chão está escorregadio aqui e eu quase perdi o equilíbrio. Mas não temos o hábito de arranhar as costas dos

clientes, a não ser que a gorjeta seja boa. – Ela riu e encheu nossas canecas de novo. – Quando vocês estiverem prontos para mais uma rodada, é só me chamar.

– Bem-feito. – Os olhos de Yvette mudaram da cor de avelã para o verde.

– Você está me dizendo que Huck acreditava em fantasmas?

– Mais no “espírito” da diversão. – Agora foi a vez de Yvette dar uma risadinha. – Mas acho que Huck ficou decepcionada por nunca ter visto um aqui.

– E Gabe?

– Huck nunca me contou. Mas eu sei que ele acreditava na imaginação fértil dela.

– E o Senhor Jack? Será que Gabe achava que ele era imaginário?

Yvette tirou uma moeda brilhante da bolsa.

– Vamos falar mais sobre o Senhor Jack em um minuto. Primeiro quero que você veja isto. – Ela fez a moeda deslizar por sobre a mesa.

– Parece estrangeira. – Li a data: – 1891. Antiga e estrangeira.

– Leia o nome.

– Alfonso XIII. Ele não foi rei da Espanha?

– Como você sabia disso?

Sorri:

– Vendedores de patrimônio se transformam naturalmente em aficionados por história. Nós não temos escolha.

– Faz sentido. Agora leia a inscrição.

– *Por La G. de Dios*. Pela Glória de Deus?

– Exatamente. – Os olhos de Yvette ficaram até mais redondos de animação.

– Por que a Espanha abreviou a palavra “glória”?

– Acho que não tinha espaço para a frase inteira, mas isso não é importante. O que importa é o que aconteceu quando Huck encontrou essa moeda.

– Conte para mim – eu disse, me sentindo melhor do que me sentia desde que Haley tinha me deixado. Yvette estava mesmo se abrindo. Se conversássemos por tempo suficiente, eu poderia até juntar coragem para tirá-la para dançar.

Depois de esvaziar sua caneca, Yvette juntou as mãos e se inclinou por sobre a mesa em minha direção.

– No dia em que Huck achou esta moeda, ela e Gabe quase morreram.

– Mesmo? Como?

– Eles quase se afogaram – Yvette fez uma pausa, como se estivesse pensando no que dizer em seguida.

– E...? Não me deixe aqui esperando.

– Vou ter que chegar a essa parte da história porque tem a ver com o Senhor Jack, mas você deveria saber o que aconteceu naquele mês em 2004, depois que Huck ligou para a emergência.

– Tudo bem. Mas não se esqueça da história do afogamento.

– Eu disse que eles *quase* se afogaram. – Yvette suspirou, se ajeitou na cadeira e continuou. – Como você se lembra, Huck quase não podia sair da cama no asilo de Bayshore e...

Ergui as sobrancelhas.

Yvette respirou fundo.

– Ela me disse que Gabe tinha vindo vê-la em três ocasiões diferentes.

– Você não pode estar falando sério. Ele já tinha morrido havia... dezoito anos?

– Ela jurou que ele esteve lá.

Cocei a cabeça, incrédulo:

– Obviamente Huck estava tendo alucinações.

– Talvez. A não ser que, como os Alexanders, você seja uma pessoa que acredita que o poder do amor não está limitado ao tempo e ao espaço.

– Não quero ofender você, mas parei de acreditar em Papai Noel quando tinha dez anos... se você me entende.

– Entendo.

– Então o que aconteceu? Estou curioso para saber sobre o quase afogamento.

Durante a hora seguinte, Yvette contou tudo sobre o que Huck tinha se lembrado das visitas de Gabe ao asilo, do dia do casamento dos dois, da lua de mel no balanço da varanda, da primeira casa, do Cleópatra e finalmente... do dia em que escaparam da morte.

Fiquei olhando para minha caneca vazia. A história tinha sido tão intrigante que esqueci de convidá-la para dançar. E, assim como ela tinha feito no nosso outro encontro no Starbucks, Yvette terminou a história mais uma vez com o Senhor Jack. Na última história, ele tinha dado um urro que salvou a vida de Gabe. Dessa vez, ele tinha se provado um herói submarino.

– O bom senso me diz que Gabe pegou a faca e os libertou da linha de pesca enroscada – eu disse –, especialmente porque ele tinha aprendido a segurar a respiração. O estresse de chegar tão perto da morte deve ter feito com que ele se esquecesse de tudo.

– Foi exatamente isso que Huck pensou, até ler a inscrição na moeda. Para ela, a frase “Pela Glória de Deus” era uma mensagem divina, provando que o Senhor Jack tinha intervindo.

– E Gabe concordou?

– De certa maneira. Os pensamentos dele sobre a morte foram incluídos no último postal.

– É mesmo? Eu não me lembro de ter lido...

– Você não leu – Yvette se levantou. – O postal nunca fez parte da coleção.

– Por que não?

Ela sorriu.

– Esse postal pertence a mim. E vou contar tudo sobre ele quando nos encontrarmos de novo.

– Tudo bem – consegui dizer, ficando um pouco cansado daquela rotina de gato e rato. – Onde? Quando?

Yvette jogou uma nota de vinte dólares sobre a mesa.

– Eu te ligo.

O brilho do relâmpago trouxe meus pensamentos de volta para aquele escritório horrível. Eu já tinha a suspeita de que Yvette estava escondendo alguma coisa importante. Mas agora eu sabia. O último postal de Gabe.

Às vezes eu me sentia como se estivéssemos jogando Texas hold'em: todo o meu dinheiro na mesa e Yvette com o ás vencedor. A não ser que ela estivesse blefando, por que me fazer esperar para ver sua cartada? Além disso, eu não entendia por que ela considerava o último postal como dela, ao mesmo tempo em que não se importava com os outros.

Desde o nosso encontro na Rédea Trançada, eu tinha escrito cada detalhe que Yvette havia me contado. Haley e eu tínhamos sido amigáveis, mas jamais amigos, muito menos “melhores” amigos. Encarar os problemas diretamente não era o nosso estilo, não que tivéssemos discutido o “nosso estilo” de fazer qualquer coisa também. Ignorar o desconfortável de maneira educada era...

confortável. Agora percebo que nosso casamento era como uma garrafa fechada de refrigerante, agitada periodicamente, pronta para explodir. Se pelo menos tivéssemos sido sábios o bastante para soltar a pressão um pouco por vez.

Por um lado, tinha sido deprimente escrever sobre o relacionamento dos Alexanders, uma conexão incomum nesta era cética. Por outro – e eu odiava até mesmo usar essa palavra –, a “magia” que eles compartilhavam era o que eu desejava tão desesperadamente. Anjos à parte, o fato mais preocupante era esse: a felicidade deles parecia ter sido ligada por corpo e alma, uma profundidade de espiritualidade que a maioria dos casais pode nunca considerar, muito menos entender. Huck e Gabe reconheciam um poder superior maior que eles mesmos, e esse sistema de crença os ancorou.

O que mais doía era o Rei Alfonso. Para Huck, a moeda era um sinal de proteção divina. Mas, para mim, ela significava a maior riqueza da união dos dois: confiança total. Uma ligação inquebrável. Plenitude. Aquilo me machucava, mas eu estava começando a comparar os pontos fortes do casamento deles com os pontos fracos do meu.

Haley e eu nunca tínhamos tempo, nem nos demos ao trabalho de encontrar uma “moeda”. Consequentemente, a confiança recíproca evaporou rapidamente, deixando a plenitude ferida no portão de partida do casamento. Na maior parte do tempo, nenhum de nós traiu o outro, mas, como eu já tinha ponderado, cada um de nós tinha um caso de amor escandaloso com nosso próprio egoísmo. E, sob a pressão de doze anos do “me fazer feliz”, nossa ligação enfraqueceu e finalmente se partiu.

Não faz muito tempo que me perguntei se almas gêmeas evoluíam para se tornarem amantes ou vice-versa. Uma resposta que considerei foi que a trilha que escolhemos para chegar ao topo da montanha não tinha importância, contanto que chegássemos lá. Mas agora estou achando que a própria *jornada* era fundamental. Não foi o romance o que salvou Huck e Gabe da Divisão Longa. Na verdade, o romance foi simplesmente um resultado externo da vontade que cada um tinha de sempre escolher um ao outro, em vez de serem guiados pelo egoísmo.

Dois corações comandados pela devoção.

Então minha nova pergunta era a seguinte: como eu tinha me perdido na primeira jornada, seria ainda possível fazer minha jornada até o topo da montanha com outro alguém? Ou eu estava destinado a percorrer o caminho solitário das planícies, assombrado por um único par de pegadas...

As minhas?

Dezessete

*Em 29, a bolsa quebrou
E, junto com ela,
Quase tudo que eu sou.
Nossos corações foram testados
Pela tristeza,
Mas o nosso amor é mais importante
Do que qualquer outra riqueza.*

*Para sempre,
Gabe*

*Agosto de 1931
Houston, Texas*

O sábado amanheceu ensolarado e cheio de promessas. Huck estava sentada na namoradeira tomando sua segunda xícara de café. O telefone no escritório de Gabe havia tocado, e ele tinha ido atender. Eles haviam planejado um belo dia selecionando botões para suas flores de outono. Ela havia se juntado ao clube de jardinagem de elite de Houston e estava toda animada com o que tinha aprendido.

Gabe voltou à namoradeira e acendeu um cigarro.

- Quem é corajoso o bastante para perturbar a nossa manhã? – Huck perguntou, e então deu risada.
- Chuck Browning.
- O seu chefe?
- Querida, odeio arruinar o nosso dia, mas tenho que viajar para Kilgore esta tarde.
- Kilgore? Por quê?
- Nosso contador lá se envolveu em algum tipo de problema, então eles tiveram que demiti-lo.
- Problema? O quê, exatamente?
- Chuck não disse. Ele me falou para pedir desculpas a você pela pouca antecedência.
- Ele não precisava fazer isso. Faz parte das suas obrigações.

– Bom, eu vou... Você é uma esposa que nunca para de me surpreender. A maioria se recusaria a me deixar ir por causa de todos os elementos de caráter duvidoso na cidade. O dinheiro realmente é a raiz do problema, especialmente em uma cidade em desenvolvimento.

– Ah, mas Gabe, Kilgore foi o assunto mais quente da sala dos professores no último ano. É uma cidade tão escandalosa. Tão ousada. – Huck sorriu. – Por quanto tempo?

– Cinco dias, talvez mais. A Gulf comprou alguns poços independentes e precisa que eu dê uma olhada na contabilidade. Não quero assustar você, mas Chuck sugeriu que eu fosse armado.

– Para se defender das prostitutas? – Huck deu risada.

Gabe fez cara feia.

– O *Chronicle* da noite passada dizia que os Texas Rangers mandaram *El Lobo Solo*.

– Quem?

– O Lobo Solitário. O nome verdadeiro dele é Manuel Gonzauillas, um ranger que todo fora-da-lei pensaria duas vezes antes de enfrentar. Ele prometeu que vai fechar todas as casas de jogatina, redutos de drogas e de álcool ilegal.

– Será que ele vai conseguir? – Huck se aconchegou a ele.

– É claro que sim. Ele enforca a lei marcial. O Lobo Solitário também acredita que foi escolhido por Deus para lutar contra o crime e que é protegido por Ele. – Gabe ficou olhando para as cinzas do cigarro. – Ele leva Bíblias, sublinha as passagens sobre pecado e perdão e então as distribui para os criminosos.

– Parece algo que a minha mãe faria.

– Exceto pelo fato de a sua mãe não levar uma metralhadora no banco do passageiro no carro dela.

– Isso é só porque ela não tem um carro. – Huck riu, e então se levantou. – É melhor eu começar a arrumar as malas.

– Malas?

– A não ser que você queira que o Lobo Solitário nos prenda por exposição indecente.

Gabe apagou a bituca de cigarro em um cinzeiro de vidro.

– Querida, você não vai. É perigoso demais.

– Deixe de bobagem. Eu ainda tenho um mês de férias de verão. Uma mulher que consegue lidar com alunos do ensino médio durante nove meses do ano com certeza consegue encarar qualquer cara

durão e uns perfuradores por alguns dias.

– Eu não estou falando da força de trabalho que está do lado da lei. Houve tiroteios nas ruas. E, além de foras da lei, há centenas de perfuradores gananciosos e de má fé que adorariam roubar a companhia de uma bela mulher. Quando a população de uma cidade vai de alguns residentes para mais de dez mil pessoas da noite para o dia, não fica cheia de professoras de estudos da Bíblia.

– Mas você me protege.

– Sempre. – O rosto dele permaneceu sério. – Mas eu disse não.

Sem conseguir acreditar no que estava ouvindo, Huck sentiu suas bochechas esquentando. Ela segurou as lágrimas.

– Nós nunca passamos um dia separados, muito menos cinco. E mais do que isso será uma eternidade.

– Eu pensei que você tivesse dito que fazia parte das minhas obrigações.

– Se é tão perigoso assim, então ir com você faz parte das minhas obrigações. Nós sempre encaramos a vida juntos. – Huck sabia que estava sendo egoísta. Mas Gabe também estava.

– Querida, eu não tenho escolha – Gabe disse delicadamente.

– Você não tem escolha? Você é um contador-chefe e a Gulf não se atreveria a demiti-lo se você recusasse. Eles simplesmente mandariam outra pessoa.

– Até a economia voltar ao normal – ele continuou –, nós deveríamos ficar agradecidos por ainda termos nossos empregos. – Ele acendeu outro cigarro. – Os rapazes lá do centro dizem que a depressão vai piorar antes de melhorar. – Ele fez que não com a cabeça. – Nunca se sabe o que vai acontecer, principalmente em um lugar sem lei como Kilgore.

Pelos minutos seguintes, nenhum dos dois falou. Virando-se de costas, Huck ignorou o silêncio negativo dele, apesar de sua animação inicial morrer. Ela não tinha considerado o perigo para valer e sabia que Gabe tinha razão sobre os empregos deles. Depois da quebra da bolsa, dois anos antes, na Terça-feira Negra, milhares de pessoas em todo o País estavam dormindo em vagões de trem e entrando nas filas da sopa. Houston havia sofrido um golpe leve. A maioria dos texanos tinha sorte.

– Eu concordo com o que você disse sobre os nossos empregos – Huck finalmente disse. – E você tem razão, a gente não sabe o que pode acontecer depois. – Ela o encarou e então falou com a voz trêmula – É por isso que tenho que ir com você. E se alguma coisa... acontecer?

– Mas não vai. – Gabe ficou tenso. – Você não vai e acabou.

– Mas você nem se importa com os meus sentimentos?

– Não tanto quanto me importo com você!

– Meus sentimentos são eu! – Huck gritou enquanto o medo se transformava em raiva. – E quanto ao nosso acordo?

– Que acordo?

– Que sempre discutiríamos nossos problemas e chegaríamos a uma solução consensual?

– Acabamos de fazer isso. A resposta é não.

– Mas não é consensual!

– É, sim. Decidi por nós dois. Agora vá se acalmar antes de dizer algo de que possa se arrepender.

O nível constante de calma controlada de Gabe a deixava ainda mais nervosa. O batimento de sangue quente pulsava dentro dos ouvidos dela. Ela queria xingar em voz alta.

– E pense em coisas boas – ele completou. – Você vai se sentir melhor.

– Coisas boas? – Huck resmungou. – Pense em coisas boas? – Ela marchou para o corredor. – Isso é o que um adulto diria a uma criança. Bem... Se Gabe quer uma criança, então vou mostrar uma para ele.

Ela saiu para a cozinha batendo o pé e encarou os armários.

Abrir. Abrir. Abrir. Abrir.

Bater! Bater! Bater! Bater!

Huck abriu com tudo mais quatro armários, deu um passo para trás e fechou todas com força e velocidade, como os tiros de uma metralhadora. Se alguma de suas preciosas louças se espatifasse, paciência. Como Gabe ousava não deixá-la testemunhar o maior boom do petróleo da história do País? E a animação de ver uma grua de madeira enorme em cada esquina? E quanto a experimentar a riqueza instantânea e a animação de uma cidade que tinha o alqueire mais caro do mundo?

Huck abriu de novo os quatro primeiros armários, parou e então ficou escutando. Nada de reação de Gabe. Ele ainda estava sentado na namoradeira, Huck pensou. Ainda fazendo cara feia. Ainda fumando. Depois de cinco anos de casamento, aquele homem podia ser tão... irritante!

A terceira rodada de bateção de portas de armário de Huck canalizou sua raiva em uma ideia. Na verdade, era uma coisa boa. Na segunda-feira ela partiria em sua própria expedição perigosa. Não para um lugar tão selvagem quanto Kilgore, mas rico em recursos.

O First National Bank.

Ela visitaria sua poupança conjunta e então usufruiria de uma tarde de compras para seu guarda-roupa. Ao tentarem resolver os problemas de seu relacionamento, eles tinham concordado que fazer

uma retirada da poupança seria uma decisão dos dois. Uma decisão que *ela* de bom grado tomaria pelos dois.

Huck deu risada. Gabe tinha razão de novo. Ela realmente se sentiu melhor. E, mais tarde, quando ele foi para Kilgore, ela até pensou em lhe dar um beijo de despedida.

Às onze da manhã da segunda-feira, o termômetro no centro de Houston já chegava perto dos trinta e dois graus. Huck desceu do bonde abafado, feliz pelo fato de o banco ficar à sombra na Rua Principal. Ao parar em frente à fachada de vidro, ela checkou seu reflexo.

Bom.

Ela não parecia cansada demais. Duas noites sem dormir se preocupando com a segurança de Gabe tinham cansado seu corpo, mas despertado novamente uma indignação fervente. Como ele ousava ignorar a regra dos dois sobre decisões compartilhadas e recusar-se a levá-la para Kilgore?

Ele se recusou!

Não era fundamental compartilhar experiências e decisões para evitar a Divisão Longa? Ou será que Gabe tinha abandonado o conceito e não contado para ela? Parecia que a opinião de Huck não importava mais.

À primeira vista, as compras pareciam uma retribuição à altura. Mas, depois de ficar cozinhando o assunto por quarenta e oito horas, ela decidiu que tirar dinheiro da poupança dos dois seria apenas uma pequena parcela daquilo que ela recusaria a ele depois.

Ela checkou sua aparência mais uma vez, e então andou meio quarteirão até a entrada do banco. Estar vestida adequadamente era importante, especialmente para uma mulher fazendo negócios. Todo mundo sabia que um vestido desganhado era a mesma coisa que uma mente distorcida.

– Bom dia, senhora. – Um porteiro fez uma mesura. – Mais um dia quente.

– Já está queimando. – Huck forçou um sorriso fraco, passando pelas portas de latão de duas folhas e indo em direção a uma fileira de caixas de mogno.

– Posso ajudá-la? – um caixa careca com um bigode fino veio atendê-la.

– Bom dia. Eu sou a Senhora Gabe Alexander.

– Claro. E onde está o Senhor Alexander? – O caixa olhou para os dois lados.

– Ele está bem – Huck conseguiu dar outro sorriso. – Eu gostaria de fazer uma retirada de vinte e cinco dólares da nossa poupança.

– Certamente. Só preciso checkar a sua conta. – Ele foi até um livro de registros enorme.

Huck tirou da bolsa a lista de lojas que queria visitar. Vinte e cinco dólares era muito mais do que

ela iria gastar, mas era bom estar preparada. E, com o dia inteiro à sua disposição, ela nem sabia o que poderia chamar a sua atenção.

– Hum... Senhora Alexander? – O caixa voltou. – O Senhor Alexander virá encontrar a senhora, eu presumo?

– Não. Ele está viajando a trabalho.

– Certo. – O caixa fez uma pausa, e então falou baixinho. – A senhora sabe que para retirar fundos dessa conta precisa da assinatura dele?

– Mas a conta é conjunta.

– A sua conta corrente é conjunta, mas não a poupança.

– Tenho certeza de que você está errado. – Agora outros clientes estavam na fila. Huck sentiu que começou a suar. – Por favor, cheque novamente seus registros.

– Agora mesmo, senhora.

Ela pigarreou. Uma semana depois de se casarem, todas as suas contas pessoais tinham sido alteradas para contas conjuntas.

O caixa apareceu de novo.

– Eu sinto muito, Senhora Alexander – ele sussurrou. – A conta realmente está no nome do Senhor Alexander, e assim precisamos da assinatura dele para realizar a transação. É a política do banco.

– Mas eu sou a esposa dele. Deve haver algum engano.

– Obviamente.

Ela podia ouvir risadinhas vindas da fila, que não parava de aumentar.

– Eu... Eu não quis dizer que há um engano quanto ao fato de a senhora ser a esposa dele – ele gaguejou. – Tenho certeza de que o Senhor Alexander é um homem de muita sorte. – Ele esfregou a careca. – No entanto, a assinatura correta é política do banco.

– Então eu insisto em falar com o seu supervisor – Huck ordenou, e seu tom sério parecia aquele que usava para falar com alunos mal comportados.

– Mas, senhora, meu supervisor está...

– Em uma reunião – interrompeu uma voz macia de seu passado. – Mas que surpresa adorável.

O coração de Huck congelou. Ela reconheceu o perfume familiar de colônia pós-barba antes mesmo de olhar nos olhos dele. Mas o timbre de voz tinha mandado um soco para o estômago dela

primeiro.

– Nossa... Clark Richards? – Ela engoliu em seco, e o pânico invadiu as esquinas de sua mente. – Você disse naquela carta que tinha se mudado para Chicago.

– Minha esposa e meu filho moram lá – ele deu uma risadinha. – A indústria financeira exige que a estrada seja o meu lar, pelo menos por agora. Na semana passada, examinei bancos aqui em Houston. Mas vou embora hoje à tarde.

– Ah, sim.

Ele estava mais magro do que ela se lembrava. E, apesar de estar sorrindo, seus olhos espelhavam um toque de tristeza. Ela baixou a voz para que as outras pessoas na fila não pudessem ouvi-la.

– Talvez você devesse *ir embora* mesmo, como você disse. Nossos negócios chegaram ao fim há muito tempo.

– Realmente há muito tempo, e eu me desculpei e até implorei pelo seu perdão... na minha carta – Clark parecia sincero, porém magoado. – Uma carta que você nunca respondeu.

Huck sentiu os joelhos bambos.

– Vá cuidar dos seus afazeres que eu vou cuidar dos meus.

– A alegria do meu dia é servir ao público – Clark sorriu.

O caixa esticou o pescoço:

– Não quero me intrometer, mas...

Clark fez cara feia.

– A Senhora Alexander pode fazer uma retirada no valor que desejar e pode deixar que eu mesmo assino. Entendido?

– Isso é muito generoso, Clark, mas, por favor, não se dê ao trabalho.

– Não é trabalho nenhum. Faz parte das minhas obrigações.

– Mas, senhor? A política do First National Bank afirma que...

Clark cortou o caixa.

– Minha assinatura prevalece sobre qualquer política imperdoável. – Ele deu um sorriso largo para o caixa. – O negócio de um banco é servir ao público, mesmo que isso signifique quebrar as regras. Sugiro que você faça o seu trabalho e se lembre disso.

– Sim, senhor.

– Muito bem, então – Clark disse. – Acredito que já gastamos demais o tempo valioso da Senhora Alexander. Para evitar que ela se demore ainda mais, coloque o dinheiro em um envelope com o nome dela para ser retirado mais tarde. Ela irá almoçar comigo no Club Prosperity.

– Absolutamente não – Huck disse em voz baixa, porém firme, sentindo um surto de força nos joelhos.

– Bobagem. É o mínimo que um amigo pode fazer pelo outro – ele sorriu. – Nós ainda somos amigos, correto?

Huck podia sentir as pessoas na fila encarando os dois.

– Será que poderíamos não discutir isso aqui?

– Exatamente o que eu estava pensando. – Ele se virou para o caixa. – Ela vai levar a retirada sem mais delongas.

– Obrigada – Huck respondeu quando o caixa passou o envelope para ela. Ela se afastou do balcão e encarou Clark. – Vou indo. Meu bonde vai chegar logo. Cuide-se bem.

– Pode demorar décadas até que eu a veja de novo, se é que um dia vou vê-la. Então, posso levá-la até a esquina? É o mínimo que posso fazer.

Huck pensou por um momento. Seria raro que seus caminhos se cruzassem novamente, principalmente se Gabe pudesse dar a sua opinião. Ela ainda estava furiosa com ele.

– Só até a esquina – ela disse.

A caminho do ponto do bonde, Clark falou carinhosamente sobre a esposa e o filho e perguntou com toda a educação sobre os pais de Huck. Ele até quis saber sobre Gabe. Então, em vez de almoçar, ela concordou em tomar algo gelado.

Huck já tinha ouvido falar do Club Prosperity, um restaurante chique com vista de 360 graus da cidade, mas nunca havia sido convidada a conhecê-lo. E, apesar da Lei Seca ainda reinar, o álcool corria solto entre financiadores do petróleo, corretores de ações, fazendeiros e banqueiros. Antes que Huck se desse conta, ela estava tomando um gole de ponche de rum, e Clark havia feito o pedido para o almoço.

– Então me conte sobre a sua esposa e seu filho – Huck pediu. Ela se sentiu um pouco culpada se deliciando com a sua sopa cremosa de lagosta sem Gabe, mas deixá-la em casa tinha sido decisão dele. E o ponche estava ótimo.

– Haroldson Lafayette Richards – Clark deu um gole em seu uísque e sorriu. – Uma homenagem a H.L. Hunt.

– O magnata do petróleo no Texas?

– Ele mesmo. Não vai demorar muito para Hunt se tornar o homem mais rico dos Estados Unidos. Ele acabou de abrir seu próprio oleoduto. A esta hora no ano que vem, a maior parte da riqueza do ouro negro no leste do Texas estará no bolso dele. Estou indo naquela direção esta tarde.

– Para o leste do Texas?

Clark riu.

– Há um banco em Kilgore que quer perfurar um poço de petróleo no meio do piso sofisticado que eles têm na recepção. É meu trabalho garantir que nenhuma coisa dessas aconteça.

– Kilgore? – Huck mal podia acreditar no que estava ouvindo. – Mas não é perigoso?

– Ah, você sabe como os jornais exageram em tudo. Com certeza há ladrõezinhos por lá, mas a maioria das coisas não passa de boato.

Huck sorriu.

– Você não vai acreditar nisso... Gabe está em Kilgore.

– Eu ouvi você dizer que ele estava viajando a trabalho. Para qual empresa de petróleo ele trabalha?

– Gulf. Ele tem uma posição executiva.

– Mas que estranho. A maioria das corporações não manda seus melhores profissionais a campo.

– Então o mesmo se aplicaria à sua empresa? – Ela riu. – É claro que deve haver exceções.

– Naturalmente. – Clark deu uma risadinha e ergueu o copo. – Um brinde a nós, exceções executivas!

Huck riu de novo e brindou com ele. Agora que Clark era pai, além de casado, ele havia desenvolvido um charme maduro. Era óbvio que parte daquela sensação boa era devida ao almoço luxuoso, mas será que um ex-namorado não podia mesmo amadurecer e ser perdoado? Em mais alguns anos, eles poderiam até mesmo ser amigos. Afinal, ela já tinha amado aquele homem. Mas havia sido um amor raso e egoísta, do tipo que apenas a fez se sentir bem a respeito dela mesma.

Depois da sopa veio um coquetel de camarão, um prato com vários tipos deliciosos de frutos do mar, crème brûlée, café, conhaque aromático. Enquanto eles comiam e bebiam, a conversa girou em torno de seus anos crescendo juntos e pequenas amostras de fofocas de sua cidade natal. Antes que o conhaque acabasse, Clark havia se desculpado de novo por suas ações nada honoráveis do passado, agradecendo a Huck por não tê-lo denunciado à polícia e dito que estava envergonhado pelos falsos boatos que havia espalhado.

– Não tem problema – Huck disse. – Minha mãe ainda acha que eu estava bêbada naquela noite.

Clark riu agradecidamente.

– A sua gentileza me permitiu conhecer e me casar com a garota perfeita para mim – ele sussurrou.
– Obrigado.

– Estou tão feliz por este dia ter acontecido. – Huck enxugou uma lágrima.

– Eu também. – Clark terminou seu conhaque. – Então, quando Gabe volta?

– Amanhã. Espero que um dia vocês possam passar um tempo juntos. Aposto que você gostaria dele.

– Eu sei que sim, mas negócios são negócios. – Clark fez uma pausa. – Espere aí. Por que você não vem de carro comigo para Kilgore hoje à tarde? Nós poderíamos encontrar Gabe e sair para jantar.

– Ah, Clark. Não. Eu já perdoei você, mas o Gabe....

– Escute. – Ele se inclinou em direção a Huck, pousando a mão sobre a dela. – Como eu disse no banco, pode levar anos antes que eu volte para estas bandas de novo, e quero deixar tudo certo. Se o seu marido for o homem que acredito que seja, ele irá me perdoar. – Clark apertou a mão dela de leve. – Além disso, você poderia testemunhar a animação do boom do petróleo, e então voltar com Gabe para Houston pela manhã. O que você acha? – Clark tirou a mão da mão dela e se aconchegou de novo à cadeira.

A cena da recusa de Gabe cruzou a memória de Huck de novo. Porém, mais importante que uma tarde de compras para pacificar seus próprios sentimentos era a necessidade de Clark de ser perdoado. Ela *tinha* conhecido a família dele a sua vida inteira. E o que havia acontecido na varanda da pensão da Senhora Thompson tinha ficado no passado. Talvez levar Clark para ver Gabe fosse a coisa mais honrosa a fazer. Talvez Gabe ficasse bravo a princípio. Na verdade, ele ficaria furioso. Mas ela já estava casada com ele havia cinco anos e conhecia seu coração. Gabe não demoraria a enxergar o mérito nas ações dela.

– Preciso ir para casa arrumar uma malinha.

– E se eu buscar você em uma hora?

– Tudo bem. Aqui está o nosso endereço.

A viagem para o norte foi uma delícia, e, como o verão vinha sendo seco, eles não tiveram que enfrentar estradas enlameadas nem esburacadas. Estava quente, então Huck colocou um vestido leve e sem mangas com a barra pouco abaixo dos joelhos.

– Eu adoro esta parte do Texas – ela disse enquanto eles seguiam sobre uma fita de areia avermelhada sob o balanço de grandes pinheiros esmeralda. Havia acabado de parar em um posto

de gasolina rural. Ela tomava um refrigerante de uva, permitindo que o gás doce esfriasse sua garganta poeirenta. O dono do posto morava nos fundos, e sua esposa vendia refrigerantes da geladeira da cozinha. – Você acha que um dia vai se mudar para o leste do Texas?

– É quente e úmido demais. – Clark jogou sua garrafa vazia pela janela.

– Clark Richards. Um carro pode passar por cima daquela garrafa e furar o pneu.

– Difícil. Algum caipirão vai achá-la antes disso e trocá-la por um centavo. Pense nisso como uma ajuda aos pobres ignorantes.

Huck ignorou o comentário.

– Do que eu sinto mais falta é dos cornizos em flor na primavera.

– Do que eu sinto mais falta... é de você. – Ele esticou o braço para o banco do passageiro e passou a mão no joelho dela.

Surpresa, Huck empurrou a mão dele.

– Pare com isso.

– Só um carinho inocente entre amigos. – Ele levou a mão de volta ao volante. – Acho que é difícil se livrar de certos hábitos.

– Mas é bom você se livrar desse para sempre.

Até então Clark havia sido um perfeito cavalheiro. Ele ficou esperando em seu carro luxuoso enquanto ela arrumava a mala, depois de dizer que, se ele a esperasse dentro de casa, talvez os vizinhos pudessem ter uma impressão errada. Ela se aproximou mais da porta. Se ele a tocasse daquele jeito de novo, ela exigiria que ele parasse o carro e sairia andando.

Clark sorriu.

– Enquanto você estava comprando nossos refrigerantes, o menino que colocou a gasolina no carro me disse que estamos a uns trinta e dois quilômetros de Kilgore. E falou que, quando o vento sopra na direção certa, dá até para sentir o cheiro dos campos de petróleo.

– Que beleza – Huck ficou olhando diretamente para a frente. Por que um homem de família colocaria a mão onde não devia? O que havia sido íntimo quando eles namoravam agora lhe provocava repulsa. Ela olhou de relance para ele. Com sorte, aquela seria a única gracinha.

– Eu acho que um campo de petróleo tem cheiro de dinheiro. E não existe aroma mais agradável. – Ele respirou fundo. – A não ser... o seu perfume.

– É melhor você deixar o seu nariz no banco do motorista. – Ela cruzou os braços.

– Eu estava brincando. – Ele levantou as mãos como quem diz “sou inocente”. – O casamento acabou com o seu senso de humor?

– Eu não acho que a sua esposa julgaria isso engraçado também. – Ela olhou para ele. – E, pensando bem, você nunca me contou o nome dela.

– O nome de solteira era Michaels. Eleanor Katrina Michaels. A família a chama de Elli. Eu a conheci no trem de Dallas para Chicago. Ela nasceu e foi criada lá, em uma família tradicional e cheia de dinheiro. O pai dela é um grande corretor de ações.

– E a mãe dela? – Huck perguntou, tentando manter os pensamentos de Clark apontados em uma direção mais adequada.

– Que bom que você perguntou. A mãe da Elli é louca por cestas.

– Cestas?

– Ela coleciona cestas do mundo todo. Ela ouviu falar de uma caipira que mora perto de Kilgore que tece cestas com milhares de agulhas de pinheiro. Ela quer que eu ache a mulher e compre uma cesta para ela.

– A minha mãe tem uma cestinha de agulhas de pinheiro, mas eu acho que foi tecida pelos índios Coushatta do Alabama. – Huck relaxou. Seria fácil manter Clark falando sobre seus sogros endinheirados pelos próximos trinta quilômetros. – O seu sogro coleciona alguma coisa?

– Pilhas de dólares de prata. – Ele riu. – Mas veja só: o menino do posto disse que a mulher da cesta mora aqui perto. Que sorte, hein? Vamos ver a rua dela a qualquer minuto.

– A rua dela? Estamos no meio do nada.

Clark fez que sim com a cabeça.

– Ela deve ser uma dessas pessoas isoladas que preferem morar afastadas de tudo. – Ele diminuiu a marcha. – Está vendo aquele ancoradouro ali à frente?

Huck fez que sim com a cabeça.

– Tem um túnel desse lado da ponte. Vamos virar ali.

Eles entraram no que parecia uma estrada usada para transportar madeira, mas já tomada pela mata, a entrada parcialmente escondia por uma barreira espessa de moitas de amoras pretas selvagens. Após uns cem metros, a estrada se estreitou para uma trilha arenosa e quase desapareceu, o chão da floresta coberto por pinhas, galhos mortos e trepadeiras.

– Acho que viramos na estrada errada. – Huck olhou através da janela para a sombra escura e sem brisa. Se Clark não tivesse parado o carro, eles teriam atropelado um toco de árvore ou ficado presos entre aquelas árvores impenetráveis. – Vire o carro. Viemos longe demais.

– Concordo plenamente. – Clark breiou com tudo, deslizando até parar ao lado de um pinheiro gigante, a centímetros da porta do passageiro. Ele desligou o motor.

– O que você está fazendo? – Huck disse. Ela tentou abrir a porta. – Não consigo sair. – A floresta escura de repente parecia estar se aproximando dela. – Engate a ré. Ligue o motor e dê a ré!

– Não posso voltar. Como você disse, viemos longe demais. Demais mesmo. – Ele a encarou, e seus olhos agora tinham um brilho selvagem e louco.

– Clark, por favor. Eu não gosto deste lugar. – Gabe estava a apenas meia hora dela, e ela nunca precisara dele tão desesperadamente.

– Você não se sente bem longe da civilização? – Ele começou a desabotoar a camisa. – Por que você não pede ajuda? Ou grita do jeito que fez naquela noite em que me expulsou da sua vida? – Ele jogou a camisa no banco de trás. – Me expulsou como um lixo inútil.

– Não! Por favor, não!

– Ah, por favor digo eu. A sua voz é muito mais forte que isso. – Ele colocou a mão em posição de concha próxima ao ouvido. – Dê aquele grito terrível, mesmo que ninguém te ouça.

– Você é louco. – Huck se agarrou à estrutura da porta, empurrando a parte superior do corpo pela janela do passageiro. Clark avançou sobre o banco, suas mãos enormes segurando as costelas dela como ganchos de açougueiro, fazendo que ela perdesse o ar.

Ela gritou.

– Estou decepcionado. Não foi um grito tão bom quanto da última vez. – Ele a apertou com ainda mais força.

– Alguém me ajude! Gabe!

– É isso mesmo. Tente gritar para aquela desculpa ridícula de homem com quem você se casou. Ele não conseguiu salvar você naquela noite. E não pode te salvar agora.

– Você está me machucando. Me solte.

– Não até eu conseguir o que é meu por direito.

– Você ficou maluco. – Huck se virou e ficou de costas, se apoiou na porta e começou a dar chutes, atingindo o rosto dele.

Pegando as pernas dela, Clark as abriu como tesouras. Ele falava em frases cortadas, com a respiração pesada.

– Durante as nossas vidas todas. Você... me... rejeitou. – Ele avançou sobre ela, pressionando

Huck para baixo sob o peso de seu corpo. – Agora... não pode mais... me rejeitar. – Com uma mão, ele segurou os dois pulsos dela. Com a outra, rasgou o vestido e o *slip* de Huck, expondo a sua pele nua.

– Não. – Huck soluçou. – Ai, meu Deus, me ajude!

Clark lançou a boca contra a dela.

Huck mordeu com força, encontrando um pedaço do lábio inferior dele. Ela sentiu gosto de sangue.

PAF!

O som do tapa dele ecoou nos ouvidos de Huck antes que ela pudesse sentir a dor vertiginosa. Por uma fração de segundo, ela viu uma faca. Uma faca exatamente como aquela que ele tinha usado contra Gabe. E, então, escuridão.

– Ah, não, assim não. – Ela recuperou parte da consciência em meio a outra série de tapas. Ela podia ouvir a voz de Clark, mas o rosto dele não passava de um borrão. – Assim não! – Ele berrou. Huck sentiu Clark soltar seus pulsos. – Acorde. Quero que você se lembre disto! – Clark a agarrou pelos ombros, chacoalhando o corpo inteiro dela.

Quando a mão direita dela caiu sobre o piso do carro, ela sentiu algo liso. Algo pesado. Agarrando a sua garrafa vazia de refrigerante pelo gargalo, ela a bateu na cabeça de Clark com toda a força.

Uma explosão de vidro choveu sobre o banco do carro enquanto o corpo de Clark caiu inerte.

Preso debaixo dele, Huck tentou movê-lo, mas não tinha mais forças. Ela tentou gritar para pedir ajuda, mas não tinha mais ar.

Os pulmões vazios demais para berrar.

O corpo fraco demais para chorar.

Algo úmido e morno se acumulava na base do pescoço dela, e então escorreu para seu peito e seus ombros.

Tontura. Sono. Se ela pudesse tirar uma soneca só por um momento. Só por um...

Imagens de Gabe inundaram seus pensamentos grogues. Seus olhos azuis do céu e do mar. O sorriso torto dele.

O sorriso aumentou, se transformando em uma risada explosiva. Uma risada que não era de Gabe, e mesmo assim era familiar. Uma vibração poderosa que viajou pelos lugares secretos ocupados por seus sonhos. De repente ela estava livre, leve, flutuando para cima, mal podendo esperar para planar em meio àquela imensidão azul, úmida e gelada.

E então ela ouviu uma voz.

Sentiu o líquido em sua testa.

Abriu os olhos. Tentou enfocar algo.

– Senhora? Tudo bem? – Um homem alto usando um chapéu de caubói limpava o rosto dela com um lenço molhado.

– O quê? Onde está Gabe? – Ela precisava dos braços dele. Do conforto dele. E não de um estranho.

– Eu sou o ranger Gonzauillas. A senhora desmaiou. Nós tiramos a senhora do carro e está tudo bem.

– Quem?

– Não tente falar. Fique deitada aqui debaixo desta árvore. O homem que a atacou está morto.

– Atacou? Que me atacou? – E então, tão repentinamente quanto havia perdido os sentidos, sua mente se clareou de novo. Ela estava viajando para Kilgore com Clark. Eles tinham saído da estrada principal e ele havia enlouquecido. Havia uma faca. Uma garrafa vazia. Sangue morno.

– Não! Clark! Mas por que ele me...? – Lágrimas escorriam por seu rosto. Ela tinha matado Clark com uma garrafa vazia de refrigerante.

– Clark Richards está morto – Gonzauillas repetiu. – Com um tiro na cabeça.

Horas depois, Huck e Gabe entraram no café que ficava ligado ao hotel.

– Por favor, podem se sentar em qualquer lugar – disse uma garçonete.

– Estamos aqui para falar com o ranger Gonzauillas – Gabe disse. – Ele deve chegar a qualquer momento, e pediu que nos sentássemos à mesa dele.

Ela fez que sim com a cabeça e os levou a uma mesa afastada dos outros clientes.

– Vocês gostariam de ver o cardápio?

– Só dois cafés – Gabe respondeu, sem graça.

Depois que a garçonete trouxe as duas xícaras, eles ficaram sentados em silêncio. Gabe acendeu um cigarro e Huck olhou lá fora. O sol se poria logo mais, mas a rua estava cheia de gente.

– Você quer conversar? – Huck perguntou.

– Já conversamos. Não há nada mais a dizer.

– Então vamos voltar para o quarto.

Gabe fez que não com a cabeça.

– Temos que falar com o ranger.

– Será que ele matou Clark?

– Não sei. – Gabe soprou uma nuvem de fumaça. – Ele está morto e você está viva. É só isso que importa.

Ela não podia acreditar que Clark estava morto, e o choque das ações dele era mais forte que a tristeza pela sua morte, pelo menos por enquanto. Tudo parecia um pesadelo terrível, nada parecia real. Um Texas ranger tinha matado Clark, e depois tirado Huck do carro quando ela ainda estava inconsciente. Quando ela acordou, outro ranger a levou correndo para um médico gentil que declarou que ela era “uma moça machucada, porém muito sortuda”. E então Gabe tinha chegado ao consultório médico.

– E o doutor tem certeza de que Clark não... – Ela olhou do outro lado da mesa para Gabe. Uma lágrima rolava pelo rosto dele.

– Tenho certeza. Podemos agradecer aos rangers por isso.

– Como eles sabiam que eu era sua esposa?

– Havia um envelope na sua bolsa com dinheiro e um recibo de saque com os nossos nomes. Esses homens da lei sabiam que eu estava aqui trabalhando para a Gulf, então não demoraram muito para descobrir.

Ela olhou pela janela. Será que Clark achava que a polícia jamais descobriria? Ou que Gabe não iria atrás dele e o faria pagar? Ela sentiu pena da família dele e ficou pensando o que poderia levar um homem a um fim tão amargo e trágico.

E onde estava o Senhor Jack quando ela mais precisara dele?

– Tem certeza de que não está com fome? – Gabe perguntou.

– Só quero o café. – Os dois estavam nervosos demais para comer. Ela estendeu a mão por sobre a mesa para tocar a dele. Gabe segurou a mão dela sem muita força por um tempo, e então a soltou. Huck sentiu lágrimas quentes rolarem de seus olhos. Lágrimas de vergonha. O que havia acontecido era culpa dela? Se ela pudesse começar o dia de novo, começaria. Mas o que estava feito não podia ser desfeito. E, por ter sido tão infantil, tão impulsiva, Huck havia quase sido estuprada.

E Clark estava morto.

Gabe ofereceu seu lenço, e ela o pegou e enterrou o rosto em suas mãos. Era só o que ela

conseguia fazer ao olhar para ele; Huck jamais tinha visto raiva e mágoa ocuparem o rosto de um homem ao mesmo tempo.

No consultório médico, Gabe estivera visivelmente perturbado. Mas, depois de ouvir a história, ele se deixou dominar pela emoção, dizendo pelo menos uma dúzia de vezes o quanto se sentia abençoado por ela estar viva. Então ele a levou para o hotel, onde ela tomou banho e trocou de roupa. Depois eles ficaram deitados na cama, onde ele a abraçou por mais de uma hora. Sentindo-se culpada, ela confessou tudo sobre a carta de Clark, explicando entre soluços que ele não havia apenas se desculpado por suas ações no passado, mas também buscara o perdão dela. Por isso ela tinha viajado para Kilgore com ele.

– Eu queria ter te contado sobre... a carta... quando nós estávamos no... Cleópatra – Huck finalmente disse –, mas em vez disso eu queimei a carta. Eu... sinto... tanto.

– Se eu tivesse lido a carta, nada disso teria acontecido – Gabe respondeu, com raiva. – Eu saberia que não era um pedido sincero de desculpas. – Ele largou Huck sobre a cama e ficou de pé, e então foi até a janela e olhou lá para fora. Quando ela se deu conta, Gabe a estava encarando.

– Conte a verdade para mim – Gabe disse, sua voz um sussurro cheio de raiva. – Você esperava mesmo que eu o perdoasse? Eu preciso perdoar um homem morto?

Antes que Huck pudesse responder, Gabe saiu do quarto.

A porta do café se abriu com um rangido. Huck olhou para cima e enxugou os olhos enquanto o ranger Gonzauillas entrava. Ele ainda estava usando o chapéu de caubói, e seu uniforme parecia tão limpo e engomado como se tivesse acabado de sair do tintureiro. O famoso Lobo Solitário Gonzauillas tinha salvado a sua vida.

Gonzauillas se aproximou da mesa e tirou o chapéu.

– Pesquisei um pouco e há uma coisa que vocês precisam saber.

– Sente-se. Por favor. – Gabe ficou de pé, com o rosto sóbrio, e os dois homens apertaram as mãos, apesar de já terem se conhecido antes. – Cigarro?

– Só um café, por favor. – O ranger fez sinal para a garçonete, e então se sentou. – Vocês sabem que Richards estava metido com os gângsters em Chicago? E que ele estava planejando roubar o Kilgore National Bank?

– Como assim? Não. – Huck arregalou os olhos, mal podendo acreditar. – Eu pensei que ele fosse um auditor de bancos.

– Ele era. – O Lobo Solitário fez uma pausa enquanto a garçonete servia o café, e então se inclinou para a frente e baixou a voz. – Ele pegou uma fortuna emprestada da máfia. Não conseguiu fazer um pagamento e então eles ameaçaram encher os bolsos dele de pedras e levá-lo para um tour submarino no Lago Michigan. Foi aí que ele começou a roubar dos bancos onde fazia auditoria.

Gabe acendeu outro cigarro.

– Aposto que ele sabia tudo sobre qualquer conta.

– Certo. – Gonzauillas tomou um gole de café. – Tirava um pouco de pessoas que jamais perceberiam. Mas então ele ficou mais ganancioso. A máfia também. E eles fizeram um acordo para trabalhar juntos. Foi assim que nós o encontramos.

– Mas e a esposa dele? – Huck perguntou. – Ela sabia?

– Ela largou dele há três anos. Ele começou a pegar dinheiro emprestado para lutar contra uma das famílias mais ricas de Chicago pela guarda do filho. Seis meses atrás, o menino morreu de pneumonia.

– Ah, não! – Huck ficou boquiaberta. – Nós não fazíamos a menor ideia. – Pelo menos o que Clark havia feito não tinha a ver somente com ela.

Gabe bateu o cigarro na borda do cinzeiro.

– Então como vocês o encontraram?

– Meu parceiro e eu prendemos um dos dois gângsters que Richards planejava encontrar. Nós o reconhecemos de uma foto tirada na cadeia. Depois do interrogatório, esse vigarista aceitou fazer um acordo. Os meninos em Chicago sabiam que, depois desse trabalho, Richards estava planejando se mudar para a Riviera Mexicana com a maior parte do dinheiro. A máfia não gosta de ser traída, então eles ofereceram uma bala na cabeça de Richards.

– Então não foi... você? – Huck mal podia falar.

– Não, senhora. Pelo que pudemos entender, esses dois bandidos tinham planejado se encontrar com Richards na cidade, mas ele não apareceu. Então um deles ficou perto do banco, enquanto o outro patrulhava a estrada vinda de Houston. Quando Richards passou correndo com um passageiro, ele foi atrás. Ficou escondido e atirou em Richards pelo para-brisa traseiro. Ainda bem que eu e meu parceiro chegamos lá a tempo de prender o cara antes que ele pudesse acabar... – Ele parou. – Foi por um milagre que notei aquela estradinha. Eu pensei ter ouvido algo a distância, apesar de meu parceiro não ter escutado nada. Antes de cruzarmos a ponte, vimos marcas frescas de pneu. – Ele enrugou a testa. – Ainda bem que a senhora está bem.

– O que você ouviu? – Huck encarou o ranger. – Conte para mim, por favor.

– Não sei ao certo. – Ele coçou o queixo e pensou por um momento. – Um ronco baixo. Quase como o que a gente ouve antes de o petróleo brotar do chão. Mas diferente. O poço de petróleo mais próximo fica a uns vinte e cinco quilômetros dali. No oeste, eu juraria que era um terremoto. O mais estranho é que só ouvi até avistar o carro de Richards, e então o barulhou parou. Acho que esse lugar está me deixando louco.

– Jamais poderemos agradecer o suficiente – Gabe disse.

– Ah, aliás... – O Lobo Solitário se levantou e colocou o chapéu. – Eu falei ao telefone há um tempo com nosso escritório em Houston. Eles interrogaram um caixa no First National Bank que jura que uma bela mulher distraiu Richards esta manhã. Nós achamos que ele acabou se atrasando e não conseguiu ficar sozinho no cofre. E por isso não fugiu com milhares de dólares. – O ranger tocou a ponta do chapéu. – E dizem por aí que os homens são melhores para combater o crime.

Assim que Gonzauillas foi embora, Gabe chamou a garçonete e pediu dois queijos quentes para viagem.

– Que boa ideia – Huck disse. – Você pode ficar com fome mais tarde. – Ela não sabia até que horas o café ficava aberto, mas eles eram os últimos clientes.

– Não são para mim – Gabe respondeu.

– Eu não consigo comer...

– Eu telefonei para o Cutter. Apesar de a temporada de beisebol estar acontecendo a todo vapor, os Exporters têm alguns dias de folga. Ele vem de carro de Beaumont e vai levar você para a casa dos seus pais. Ele deve chegar em vinte minutos.

– O quê? – Huck começou a chorar de novo. – Nós não vamos para casa?

– Eu preciso ficar aqui por mais um tempo.

– Por quanto tempo?

Ele ignorou a pergunta.

– Vai ficar tudo bem. Cutter sabe o que aconteceu. Seus pais, não.

– Mas será que devo contar para eles?

– Não conte nada para eles. Você é boa nisso.

Eles estavam esperando na recepção do hotel quando Cutter chegou. Gabe pegou a mala de Huck e eles foram até o carro de seu irmão gêmeo. Gabe deu um abraço de despedida nela, e então abriu a porta. Nenhum dos dois disse nada.

– Obrigado pelo lanche. – Cutter deu a partida no carro. – Acho que vou levá-la para a minha casa em Beaumont. É capaz de as notícias sobre o que aconteceu chegarem a Huntsville.

– Boa ideia – Gabe disse. – Ligo para os seus pais?

– Pode deixar comigo.

– Obrigado.

– E você tem alguma ideia de quando irá buscá-la? – Cutter perguntou.

– Acho que mais para o final da semana. Ainda tenho que ficar alguns dias aqui.

– Na quinta vou viajar com o time. Podem ficar na minha casa por quanto tempo precisarem.

Gabe fez que sim com a cabeça.

– Tem um sanduíche no saco de papel para Huck, mas provavelmente ela não vai comer nada.

– Pode deixar que tomo conta disso também. – Cutter apertou a embreagem e engatou a marcha. –

Passei por uma lanchonete nos limites da cidade. Vamos parar lá para tomar uma vaca preta. Está muito calor.

Gabe ficou vendo o carro desaparecer naquela noite sem brisa. Quando ele abraçou Huck para se despedir, os dois tinham tentado agir como se não houvesse nada de errado entre eles.

Mas, pela primeira vez em seu casamento, estava tudo muito errado.

E Cutter *não era bobo*.

Nos três dias seguintes, Gabe trabalhou em seu escritório temporário no banco em Kilgore do amanhecer até o anoitecer. Ele falava apenas quando necessário e pedia todas as refeições para viagem, e só comia à sua mesa. Pensamentos sobre Huck ocupavam sua psique durante todos os momentos e dominavam até mesmo seus sonhos. Na mente dele, o perfume dela ainda se recusava a deixar seu quarto de hotel. Ele tinha tentado mudar de quarto, e até mesmo de hotel, mas estava tudo lotado. Então ele andava pelas calçadas de tábuas desniveladas até o toque de recolher da noite, encarando os olhos de estranhos com o olhar vidrado. Depois, andava pelas trilhas e becos escuros por horas.

Não era seguro, e ele seria preso e jogado na cadeia se o pegassem ali. Mas ele não se importava e, de certa maneira, até torcia para encontrar algum vagabundo louco para puxar uma briga. Mas tudo o que via eram cachorros e gatos de rua e alguns bêbados dorminhocos.

Na noite de quinta, ele terminou seu trabalho em Kilgore, mas não precisava voltar ao escritório em Houston até a segunda-feira seguinte. Ele sabia que deveria pelo menos ligar para Huck, e tinha tentado várias vezes depois que a raiva inicial tinha se transformado em apatia. Mas a apatia logo virou culpa, o que levou a mais uma rodada de raiva. E, como ela não havia tentado entrar em contato com ele, Gabe ficava pensando se tudo se acertaria entre eles de novo algum dia.

Então ele arrumou a pasta de trabalho e se arrastou para o restaurante que ficava ao lado do hotel pouco antes de escurecer. Ele não estava com fome, mas se lembrou dos sanduíches que tinha pedido para Cutter. Tudo que ele havia comido naqueles últimos quatro dias tinha gosto de serragem frita. Por alguma razão não explicável, o queijo quente parecia uma boa pedida, e ele poderia ficar com vontade de comer alguma coisa durante a noite. Ele não estava dormindo muito mesmo, e tinha que

arranjar forças para pensar no que faria em seguida.

Depois de pagar, Gabe pegou seu saco de papel com os sanduíches e foi para a rua, parando em frente ao hotel para fumar um cigarro. Ele olhou para a rua principal empoeirada, agora desaparecendo ao crepúsculo. Aquele tinha sido o último lugar onde ele vira Huck. Pensar nela doía tanto que ele tentara forçar esses pensamentos a sair de sua mente. Ele se lembrava do rosto dela e então via Clark agarrando sua esposa. Gabe começava a suar frio, e queria vomitar.

O cigarro tinha perdido o sabor, então ele o jogou em uma escarradeira próxima. Ainda bem que Richards já estava morto, porque Gabe poderia ter terminado o serviço. Aquele pensamento era tão gratificante quanto aterrorizante. Quando lutou nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, Gabe jurou que já tinha visto mortes suficientes para uma vida toda. Pelo jeito, o significado de “suficiente” para um homem poderia mudar.

– Você vai comer esses sanduíches? – resmungou uma voz vinda da escuridão.

Assustado, Gabe se virou. Um homem velho e de bigode, com uma perna de pau – provavelmente um bêbado –, estava sentado em um banco em frente ao hotel.

– Pode ficar com eles – Gabe disse, passando-lhe o saco de papel. O homem obviamente precisava mais de comida do que ele.

– Muito agradecido. Não é comum comer um queijo quente.

– Como você sabia o que tinha...

– O cheiro. – O velho cheirou o saco de papel e riu. – Eu posso andar por aí em uma perna de pau, mas meu nariz ainda funciona.

Gabe enfiou a mão no bolso e pegou algumas moedas.

– Para o senhor comprar um café.

– Meu filho, não perca o meu tempo, nem o seu. Você tem coisas mais importantes para pensar.

Não valia a pena perguntar o que ele queria dizer com aquilo, Gabe pensou, e então notou os olhos do velho – provavelmente os mais límpidos que ele já tinha visto. Então talvez ele não fosse um bêbado.

O homem cheirou o ar.

– Isso é o cheiro de um maço de Lucky?

Gabe enfiou a mão no bolso da camisa e tirou os cigarros de lá.

– Passe uns fósforos aí que eu dou um conselho para o seu problema.

– Pode ficar com o meu isqueiro – Gabe disse. – E com o seu conselho.

O sorriso do velho brilhava ao anoitecer.

– Um homem não consegue olhar para a frente antes de olhar para trás. E então ele pode olhar para cima.

– Você precisa de mais alguma coisa?

– Não sou quem precisa de alguma coisa. Agora é melhor você sair daqui. Como eu disse, você tem coisas mais importantes a considerar.

Gabe voltou para o hotel. Depois de quase uma semana naquela cidade, ele tinha visto uma variedade interessante da humanidade; agora, seu primeiro maluco. De uma certa maneira estranha, o velho estava certo. Mas não havia como um total estranho saber ou entender o que Gabe estava passando. O conselho do homem não tinha sido nada além de uma coincidência. De repente, Gabe ficou com medo e percebeu que deveria tomar mais cuidado. O homem poderia ter ficado doido e puxado uma arma. Então, em vez de seguir para os becos, ele voltou para o quarto.

No instante em que a porta se abriu, seus olhos enfocaram o lado da cama onde Huck tinha se deitado e o travesseiro que ela havia molhado com suas lágrimas. Ele ficou com um nó na garganta. Ele nunca tinha evitado a esposa de propósito antes e desejava poder tomar de volta aqueles quatro dias. Mas era impossível. Quanto mais ele pensava na maldita carta de Clark, mais Gabe percebia como tinha sido injusto.

Será que ele a teria lido, se Huck tivesse mostrado a carta para ele?

Provavelmente não.

Se tivesse lido, será que ele teria mantido a cabeça no lugar para enxergar tudo de maneira racional?

Ele sabia a resposta.

Os olhos de Gabe ficaram úmidos. Não apenas Huck quase tinha sido estuprada como um amigo de infância que ela já tinha amado havia sido assassinado.

Assassinado.

Mesmo que um homem merecesse a morte ou não, o resultado era sempre o mesmo para as pessoas próximas a ele.

Gabe esfregou os olhos. Por causa de seu orgulho idiota, ele quase tinha mandado Huck para o lugar onde os eventos trágicos ficariam em primeiro plano. Ainda bem que Cutter tinha levado a irmã para Beaumont em vez de Huntsville.

Gabe caiu de joelhos e chorou.

O que ele tinha feito?

A mulher que ele amava mais do que a própria vida precisava da proteção dele agora mais do que nunca.

– Ai, Deus, por favor, me perdoe – Gabe disse enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. – E, por favor, conforte a Huck.

Ele se levantou e jogou todas as suas coisas na mala. Beaumont ficava a quatro horas de distância em direção ao sul. Cutter não estaria lá, e Huck poderia ficar com medo do escuro. Se ele corresse, poderia acertar os ponteiros com a sua Garota Para Sempre antes da meia-noite.

Gabe estava deitada na cama do quarto de hóspedes de Cutter e ficou encarando a noite pela janela. Ela já tinha chorado mais nos últimos três dias do que pensava ser humanamente possível, mas as lágrimas ainda encontravam um jeito de se derramar por sob suas pálpebras inchadas. Naquela tarde, seu irmão tinha ido embora da cidade com os Beaumont Exporters e não voltaria por uma semana. Ele tinha sido doce e cuidado muito bem dela. Mas ele não era o marido dela. Então ela forçou um sorriso e disse que ficaria bem até Gabe chegar.

Gabe.

Será que ele viria buscá-la? Ela nunca sentira tanto medo na vida.

Como ele não tinha telefonado, ela meio que esperava uma carta. Quando ela foi andando até a caixa de correio de Cutter naquela noite, rezara a cada passo, mas suas esperanças foram frustradas. E, pior ainda, aquilo só serviu para lembrá-la de que o dia seguinte era sexta-feira e que não haveria postal naquela semana, ou talvez nunca mais. Então mais uma rodada de lágrimas veio queimar seus olhos.

Huck olhou de relance para o relógio ao lado da cama. Onze e meia. Três dias e três noites sem Gabe pareciam uma eternidade. E agora a noite número quatro estava quase acabando. Cutter havia sugerido que ela não entrasse em contato com Gabe, mas desse a ele a liberdade “para fazer aquilo que um homem tem que fazer”. Huck sabia que aquilo queria dizer que Gabe precisava de um tempo, mas não ligar para ele foi a coisa mais difícil que ela já tinha feito. Seus pensamentos voltavam para o Senhor Jack e como ele tinha ensinado a ela sobre a esperança. Mas, como seu anjo da guarda não tinha se dado ao luxo de aparecer em Kilgore, a única esperança que ela conseguia ter era a de que seu casamento não terminasse.

Ela se sentou e tomou um gole de água do copo sobre o criado-mudo. Cutter tinha ligado para os seus pais, que estavam realmente nervosos. Ele não tinha contado nada sobre a tentativa de estupro, só que Huck estava viajando com Clark para ver Gabe, que estava na cidade a trabalho. Cidades que crescem da noite para o dia, como todo mundo sabia, eram perigosas, e Clark tinha levado um tiro por uma fatalidade. Cutter então explicou que os detalhes mais específicos ainda estavam nebulosos, mas que Huck estava bem e ficaria com ele em Beaumont até que Gabe terminasse seu trabalho na cidade.

Huck estremeceu.

A família Richards manteria os detalhes sórdidos do que havia acontecido longe dos jornais, mas versões da verdade chegariam à cidade aos poucos, e os fofoqueiros teriam um prato cheio. Apesar de tudo ainda parecer surreal, a morte de Clark um dia se tornaria uma realidade. Então Huck rezou para que, quando o torpor passasse, ela pudesse lidar não somente com a perda trágica de um amigo da vida toda, mas também com a dor da traição dele.

De repente, ela escutou um carro familiar se aproximando.

O Azul do Norte.

Sem tempo de pegar seu roupão, ela saiu correndo da casa de camisola, direto para os braços de Gabe.

– Me desculpe – Gabe disse, os olhos rasos de lágrimas. – Eu jamais deveria ter ficado lá.

– Não. Fui eu. O que aconteceu foi que...

Antes que ela pudesse terminar a frase, Gabe a beijou profundamente. Huck não sabia quanto tempo eles ficaram no jardim em frente à casa de Cutter, mas poderia ter ficado nos braços de Gabe para sempre.

– Beijos salgados são os melhores – ele disse finalmente, enxugando os olhos dos dois com seu lenço. – Será que você tem uma xícara de café por aí a esta hora da noite?

– Para você – Huck respondeu –, eu faço um bule inteiro.

Enquanto a água fervia, Gabe foi tomar banho e então eles tomaram lentamente as canecas de café cheias de creme, conversando até as primeiras horas da manhã. As coisas não estavam perfeitas entre os dois, mas eles discutiram os perigos de se esquecerem da Divisão Longa e chegaram a um entendimento. Percebendo que haviam se distanciado por meio de atos basicamente egoístas, eles pediram perdão um ao outro, e então baixaram a cabeça e agradeceram a Deus por sua bondade sempre presente. Antes de apagar a luz do quarto, Huck recitou o primeiro poema de postal sobre “dois corações a comando da devoção”. Dali em diante, a frase seria o lema deles.

Quando o dia amanheceu, algumas horas depois, Huck ficou ali de olhos abertos, enroscada no abraço protetor de Gabe. Sobre o seu travesseiro estava um novo postal. Ela não sabia como ele tinha conseguido fazer aquilo, mas releu o postal e então o leu mais uma vez, suas costas aconchegadas ao ritmo reconfortante do coração dele. Ela se aproximou ainda mais enquanto uma lágrima de gratidão eterna rolou por sua bochecha. Era sexta-feira, sua alma gêmea tinha voltado, e ela se sentia segura.

Ela não havia sonhado desde o terrível incidente, mas em algum momento da noite uma ideia – como em um sonho – dançou pelos limites de seus pensamentos. O barulho que havia guiado o ranger Gonzauillas até o carro de Clark não era um poço de petróleo nem um terremoto. Era a mesma

vibração que ela tinha sentido em seu estado de semiconsciência. Mas, dessa vez, Gonzauillas tinha escutado primeiro.

Outra lágrima se juntou à primeira.

O barulho misterioso tinha sido o eco de uma risada efervescente que ela tinha ouvido pela primeira vez em seu vale secreto quando tinha dez anos.

Uma risada poderosa para desafiar o mal.

Uma risada que pertencia ao Senhor Jack.

Dezoito

*As risadas e as lágrimas do amor
São as cores que pintamos
Na tela da vida.
E, por mais que os anos tentem,
Jamais nos controlarão,
Pois não podemos pintar
Aquilo que não somos.*

*Para sempre,
Gabe*

*Outubro de 1940
Huntsville, Texas*

- *O* trânsito este ano está pior do que nunca — Huck disse enquanto eles seguiam pela Rodovia 75 em direção a Huntsville. — Vamos passar a tarde inteira procurando um lugar para estacionar.
- É porque o *Chronicle* retratou o rodeio da prisão deste ano como o show mais maluco em cativeiro. — Gabe olhou de relance para Huck. — Obrigado pela surpresa.
- Ela sorriu, se lembrando de como tinha sido divertido surpreender o marido de quase quinze anos com um par de ingressos para o rodeio mais famoso do Estado da Estrela Solitária. Apesar de acontecer todas as tardes de domingo durante o mês de outubro, havia sempre mais gente querendo ir que lugares disponíveis. Ela e Gabe tinham perdido a igreja naquele dia para sair de Houston e chegar lá às duas da tarde em ponto.
- Não consigo pensar em uma maneira melhor de passar a tarde do que ver um homem dominando um animal.
- Se o meu pai ainda estivesse vivo, eu teria ficado em casa corrigindo trabalhos.
- Será que ele perdeu um rodeio alguma vez na vida?
- Não que eu saiba.
- Você acha que a sua querida mãe, que Deus abençoe a alma dela, sabe que não fomos à igreja?
- Eu acho que a minha mãe ainda está ocupada demais ficando com o queixo caído ao encontrar certas pessoas no céu. — Huck sorriu. — Ou enchendo a paciência do meu pai sobre como ele deveria

passar a eternidade.

– Às vezes é difícil acreditar que eles partiram já há quatro anos. – Gabe fez um carinho na perna dela.

– Eu sei – Huck suspirou. – É ainda mais difícil acreditar que a casa deles foi vendida para a faculdade. Molly Beninna me contou que eles planejam demolir a casa e construir um dormitório masculino.

Eles seguiram em silêncio enquanto Huck se lembrava da morte tranquila dos pais. Tinha sido no verão de 1936. Cutter havia subido para a liga principal e estava jogando para os White Sox. Ela e Gabe tinham tirado duas semanas de férias, embarcaram em um trem para Chicago e passaram três dias gloriosos passeando pela cidade e vendo Cutter jogar no Comiskey Park. Huck tinha ficado meio nervosa porque Clark morara em Chicago antes de sua morte, mas tentou não pensar muito nisso.

Ao final das férias, eles foram de carro para Huntsville para ajudar a mãe dela a fazer pickles e geleia, como todo ano. Annise tinha aprendido a amar Gabe como um de seus próprios filhos. Na verdade, a família brincava dizendo que ele tinha se tornado o filho mais amado dos Huckabee. No meio da tarde do primeiro dia, eles tinham descascado e cozinhado um alqueire de tomates, tinham dois alqueires de pepinos fatiados de molho em água com limão e terminaram de enlatar três dúzias de quartos de pêssegos. Annise anunciou que estava “acabada” e que ia se deitar. Nunca mais se levantou.

Duas semanas depois, Ethan faleceu. Como era seu hábito, ele foi se sentar na varanda depois do café da manhã de domingo para ler um pouco da Bíblia, o que era seguido por uma porção fresca de tabaco Brown’s Mule. Ele tinha conseguido ler, mas partiu em sua cadeira de balanço favorita, o tabaco ainda no bolso da camisa, fechado.

O consenso familiar era o de que, como o pai e a mãe tinham passado dos oitenta anos, tinham vivido uma boa vida. E, depois de cinquenta e oito anos de casamento, além de cuidar de uma família numerosa, seus corpos físicos estavam simplesmente exaustos.

Além disso, sem Annise por perto para dizer a Ethan o que fazer, ele perdeu a direção para continuar vivendo.

Huck concordava com os irmãos até certo ponto. Para ela, Ethan vivia a vida de seu próprio jeito, satisfazendo os desejos de Annise simplesmente porque a amava. Em troca, ela atendia a todas as necessidades dele porque o amava. Os outros se dando conta ou não, seus pais de certa maneira também tinha sido almas gêmeas.

Quando eles chegaram a Huntsville, Gabe pegou uma série de estradinhas afastadas para evitar o trânsito. Não demorou muito para que chegassem à arena do rodeio e achassem um lugar para estacionar.

– Reservado para nós – ele disse. Eles saíram do Azul do Norte e foram para o portão principal. Gabe respirou fundo. – Parece o cheiro do nosso primeiro encontro no Dia do Mergulho.

– A não ser pelo ar salgado.

– E a espiga de milho assada.

Gabe apontou para uma longa fileira de barraquinhas.

– Vou te dizer uma coisa... No próximo ano, vamos largar nossos empregos e abrir uma barraquinha de milho aqui. A gente só teria que trabalhar um mês por ano.

– Mas que ideia atraente – Huck disse enquanto eles atravessavam o portão. – Mas também é atraente conseguir comer e pagar as contas nos outros onze meses do ano. Falando em comida, por que você não compra um lanchinho para nós enquanto pego os nossos lugares?

– Está bem. O que você quer?

– Qualquer coisa.

– Eu estava sonhando com um amendoim torrado e quentinho.

– Seção R – ela disse quando eles se dividiram. – Assentos 1207 e 1208. Eu aceno se você se perder.

Huck ficou vendo seu marido partir em direção àqueles cheiros deliciosos. De certa maneira, ela gostava do rodeio porque lembrava o seu pai. Em dia de rodeio, Ethan insistia em almoçar rápido. Então, antes de ir à igreja, Annise preparava sanduíches de rosbife com todos os acompanhamentos, incluindo cebolas. Mantendo a tradição, Huck tinha preparado a mesma refeição para ela e Gabe comerem no carro. A regra era a seguinte: se um deles comesse cebola, o outro também tinha que comer. Não era divertido ficar com bafô de cebola sozinho.

Pensar no pai naturalmente também a fez pensar na mãe, de quem ela sentia uma saudade imensa. Elas haviam tido suas diferenças, mas Annise a entendia de mulher para mulher. A morte da mãe tinha deixado um vazio irreparável no coração de Huck.

Enquanto passava por um grupo de presidiários que recolhia o lixo, Huck parou de repente. Um deles era a cara de Clark. Ela às vezes ainda tinha pesadelos sobre o ataque no carro.

– Pois não, senhora? – um guarda perguntou.

– Com licença? – ela respondeu.

– A senhora parece perdida.

– Não, *ahn*, obrigada. Tudo bem. – Ela olhou para o canhoto do ingresso. – Seção R.

O guarda apontou:

– É bem perto da entrada. Suba a rampa e alguém a ajudará a encontrar seu lugar. Espero que a senhora goste do show.

Huck ficou ali congelada até o guarda e sua equipe de presidiários sumirem de vista. Ela sabia sem nenhuma dúvida que Clark tinha morrido, e o presidiário parecia o Clark de dez anos atrás. Mesmo assim, a semelhança era perturbadora. Uma das razões pelas quais ela queria ter vindo a Huntsville era se atualizar a respeito das mudanças recentes na cidade, e talvez até passar de carro pelo lugar onde ficava a casa de seus pais. Não ver mais a casa antiga e espaçosa seria difícil, mas pensamentos de seu passado vinham assombrando seus sonhos.

– Senhoras e senhores! Sejam bem-vindos ao décimo Rodeio da Prisão do Texas. O show mais selvagem e maluco atrás das grades.

Recompondo-se, Huck subiu a rampa enquanto a voz do apresentador ecoava por sobre a multidão enlouquecida. Depois de encontrar a seção R, ela subiu os degraus da enorme arquibancada de madeira até a fileira 1200.

A voz explosiva do apresentador continuou:

– Cada detento competindo hoje deve ter um ano de ficha limpa e uma vida inteira de coragem.

Huck achou os lugares 1207 e 1208, e então ficou examinando os milhares de fãs animados do rodeio para ver se encontrava Gabe. Alguns minutos depois, ele se sentou ao lado dela.

– Foi difícil me achar?

– Não. Quer amendoim torrado fresquinho?

– Só se você abrir um para mim.

– Como um cofre?

– Bonitinho. Você deveria ser o apresentador.

– Um homem na barraca disse que o gado usado no show é capturado de rebanhos selvagens que vagam pelas planícies perto do Rio Trinity – Gabe gritou por sobre o barulho para Huck.

Naquele momento, um touro saiu girando e o detento não conseguiu se segurar, quase caindo debaixo de vários quilos de cascos que não paravam de chutar.

– Ai, Gabe, eu não consigo nem olhar! – Huck cobriu os olhos.

A tarde continuou com os eventos de sempre em rodeios, além de basquete jogado do lombo do cavalo, sem sela, tocar sinos de vaca, tirar leite de vacas selvagens e, o favorito da multidão, um jogo chamado “dinheiro difícil”. Quarenta detentos usando camisas vermelhas competiam contra o relógio e os outros para tentar recuperar um saco de tabaco Bull Durham cheio de dinheiro, preso bem no meio dos chifres de um boi zebu mal-humorado. O prisioneiro vencedor encontrou mais de

cem dólares no saco de tabaco, e grande parte do dinheiro havia sido doada pela multidão.

– Um dólar daquele dinheiro era nosso – Gabe disse mais tarde, enquanto entravam no Azul do Norte. – Espero que ele mande o dinheiro para a família.

– Se ele for sortudo o bastante para ter uma – Huck completou, feliz pelo rodeio ter chegado ao fim. Ela sabia que os detentos não viam a hora de esse dia chegar todo ano, mas sentia uma pena estranha deles. Mesmo que certos homens tivessem vindo de boas famílias, eles tinham feito escolhas ruins e sofrido por isso.

Como Clark.

Ela pensou no detento de novo e estremeceu.

Clark teria acabado cumprindo pena atrás das paredes de tijolos vermelhos se tivesse sobrevivido. Até onde ela sabia, a história real sobre a morte dele nunca havia sido amplamente divulgada. O jornal local, *O Item de Huntsville*, havia mencionado alguns detalhes nebulosos, afirmando que ele tinha sido assassinado em um incidente perto de Kilgore.

– Que tal tomarmos um sorvete? – Gabe sugeriu. – Você parece meio triste. Não vamos à farmácia do King desde... – Ele fez uma pausa.

– Desde que meu pai morreu? – Huck sorriu, se lembrando de que o seu pai adorava quando eles levavam uma casquinha para ele. Ela olhou para Gabe – Tudo bem. E que tal uma vaca preta? E então vamos passar de carro onde a casa ficava e nos sentar perto do lago no Sam Houston Park.

Não demorou muito para eles pararem em frente à farmácia do King e buzinar, pedindo serviço. Em meia hora eles tinham terminado as vacas pretas e estavam relaxando em um morrinho gramado perto do lago no formato do Estado do Texas. Perto do Museu Sam Houston e das casas históricas.

– Faz anos que não entramos naquele museu. – Gabe ficou de pé e se espreguiçou. – Vai ficar aberto por mais meia hora. Vamos dar uma olhada? Ver o que há de novo?

– Pode ir. – Huck esticou o braço e apertou a mão dele. O rodeio, pensar nos pais, a casa antiga, Clark. Tanta coisa tinha mudado. – Eu só queria ficar aqui por mais um tempo.

– Meia hora, querida. E então vamos para casa. Nós dois temos que trabalhar amanhã. – Gabe sorriu. – Volto logo.

Depois de pegar uma pedra lisa e chata, Huck a jogou nas águas plácidas do lago. A pedra quicou várias vezes e então afundou, mandando círculos para a margem. A vida também era assim, ela pensou. Nós quicamos de uma fase para a outra até finalmente não termos mais energia. Nossos corações param, mas as ondas de nossas ações voltam para aqueles que nos amam. Algumas ondas quebram em sua espuma gentil. Outras crescem e arrebentam na margem.

Huck se deitou e ficou olhando para cima. Um punhado de estrelas de outono salpicava a tela azul-escura da noite, um sinal de que os dias estavam ficando mais curtos.

Ela respirou fundo, e então esvaziou os pulmões lentamente. A mudança era inevitável, ela sabia disso.

A morte também.

Uma imagem do Senhor Jack passou correndo por sua mente. O que ele tinha dito no dia em que se conheceram? Ah, sim. “Não existe garantia nenhuma de a gente viver bastante.”

Ela sabia disso também.

Clark tinha morrido moço. Uma morte violenta que tinha sido mais difícil de aceitar do que ela tinha pensando a princípio. Na época, a tristeza dela não fazia sentido, não depois da maneira como ele tinha se comportado. Mas ela tinha costurado o Clark “bom” no tecido de sua memória.

O Clark aventureiro.

O Clark que adorava se divertir.

Então ela guardou sua tristeza enterrada, até finalmente chorar histericamente numa tarde de sábado, três meses depois, quando Gabe saiu para cortar o cabelo. Era um dos poucos segredos que ela guardava dele.

– Ah, meu querido Gabe – ela sussurrou. – Minha alma gêmea.

Ela sorriu. O termo tinha vindo da sabedoria misteriosa do Senhor Jack. Ele também tinha comparado a vida a um jogo de pôquer, aconselhando-a a olhar com cuidado para encontrar a melhor carta.

E ela tinha encontrado.

Ela olhou bem no fundo do ser de Gabe e descobriu um ás.

A possibilidade de perdê-lo um dia era... impensável. Ela deveria morrer primeiro... a não ser que... ele provavelmente sentia o mesmo em relação a ela. Talvez, se eles tivessem sorte, partiriam juntos.

– Já se passou meia hora – a voz de Gabe flutuou direto para o centro de seus pensamentos. – Pronta para ir?

Huck se levantou lentamente, olhando naqueles olhos azuis do mar e do céu.

– Só com você, querido... Só vou com você.

Dezenove

Verão de 2006
Adam Colby

*E*u tinha acabado de entrar no escritório depois de um dia exaustivo quando o telefone tocou. Olhei de relance para o identificador de chamadas.

– Oi, Yevette – eu disse, esperando que ela tivesse decidido me encontrar de novo. Nosso último encontro na Rédea Trançada havia terminado de maneira bem abrupta.

– Você já jantou?

– Hum... Peguei uma coisa no drive-thru, mas ainda está na sacola.

– Guarde para amanhã – ela respondeu. – Você pode me encontrar na Rua Backstretch, número 3315? Fica perto da Rua Jensen e da Rodovia 59.

– Backstreet Boys?

Ela riu.

– Backstretch. S-t-r-et...

– Beleza – eu disse, pegando uma caneta. – Parece uma pista de corrida.

– E era mesmo. Você já ouviu falar dos Epsom Downs?

– Na Inglaterra? Cavalos, certo?

– Acertou nos cavalos, mas esse hipódromo ficava em Houston. Só durou mais ou menos uma década, mas Huck e Gabe foram à inauguração, em 1933, no Dia de Ação de Graças.

Pensei por um momento e não consegui me lembrar de ter visto um postal sobre um hipódromo.

– Adam? Você ainda está aí?

– Estou – respondi, pensando se a pergunta tinha duplo significado. – Você disse 3315?

– O mesmo endereço que os Alexanders tinham na Glen View Lane.

– Que estranho. Como é a casa nesse lugar?

– Não tem casa, só uma caixa postal rural arrebitada com o endereço pintado na lateral.

– É sobre o último postal? – perguntei, sentindo um frio na barriga.

– É sobre o Senhor Jack. Fique de olho em uma caminhonete Chevrolet antiga dourada.

– Dele ou sua? – resmunguei, pensando no que estava prestes a acontecer.

– Como é? Está ventando um pouco aqui e não ouvi.

– Você já está aí?

– Estou. Fica em um morro e é o meu lugar favorito da cidade para ver o pôr do sol. Não há muitas luzes nas ruas aqui, então venha correndo antes que escureça.

Dessa vez eu desliguei primeiro. Yvette parecia diferente das outras ocasiões em que nos encontramos. Talvez eu tivesse finalmente me tornado real, como o bichinho de pelúcia nas histórias de criança.

A Rua Backstretch não era nada do que eu esperava, principalmente o número 3315. A velha picape estava lá, mas Yvette não tinha me contado que estacionaríamos a uns bons cem metros da caixa de correio. A propriedade era grande o bastante para um campo de futebol americano, talvez dois.

– Foi difícil me achar? – Yvette perguntou, sentada na tampa da caçamba da picape. Ao lado dela havia uma caixa térmica e um galão do que parecia chá.

– Acho que nunca imaginei que pudesse haver terra vazia numa cidade tão grande.

– Não é como Gabe imaginou também, pelo menos não depois de todo esse tempo que ele tinha comprado o terreno. Ele estava torcendo por um projeto mais residencial.

– Você quer dizer um loteamento mais chique.

– Exatamente. Mas nunca aconteceu, então ele nunca vendeu o terreno. Como você pode ver, há vários lotes ainda vazios.

Olhei de relance para o oeste. O sol tinha quase desaparecido.

– Por que será que o advogado deles nunca mencionou esta propriedade?

– Porque, antes de Gabe morrer, ele a deixou para mim no testamento – ela se levantou. – Chá gelado?

Fiz que sim com a cabeça, sem saber o que dizer em seguida. Ela estava usando o pendente de opala preta que eu tinha notado na primeira vez em que nos encontramos. E foi a primeira vez que a vi usando um short. Eu sempre tinha ouvido falar que as Amazonas tinham pernas torneadas, e não era mentira mesmo. Mas havia muito mais nela além da beleza; eu estava começando a notar uma beleza

interior, ao mesmo tempo simples e complexa.

Yevette pegou dois copos grandes de plástico e os encheu com gelo da caixa térmica.

– Não sei cozinhar muita coisa – ela disse –, principalmente porque fico tanto na estrada. Mas tenho talento para fazer um bom chá. – Ela serviu dois copos.

– Delicioso – elogiei, e então me sentei na porta da caçamba.

Ela se sentou ao meu lado.

– Quando eu era criança, adorava andar na caçamba de uma picape. – Dei outro gole.

– O que agora é contra a lei – ela completou.

– Acho que a gente não sabia como era perigoso.

– Acho que não.

Demos risada.

Eu queria perguntar mais sobre a infância dela, mas não me pareceu certo. A luz tinha quase desaparecido, e a brisa havia se acalmado. Com sorte, os pernilongos não perceberiam.

– Então... Você tem algo a me contar sobre o Senhor Jack?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Não tem a ver com um postal, pelo menos não de uma maneira muito óbvia. Então eu achei que você precisava saber. – Yevette olhou para mim. – Você está com fome?

Antes que eu pudesse responder, ela saiu da caçamba e abriu a porta do lado do passageiro. Voltou com um saco de supermercado e o maior candelabro prateado que eu já tinha visto fora de um filme dos anos 1930.

– Onde você arranjou isso?

– Na loja de comida saudável. Espero que você goste de pão integral, homus, cenoura e frutas.

– Com certeza é melhor do que eu venho comendo ultimamente. Mas não era disso que eu estava falando.

Ela riu:

– Por que você não acende as velas enquanto eu abro os pacotes? A gente pode comer enquanto te conto tudo sobre o Senhor Jack.

Eu acendi o candelabro e olhei de novo para aquela mulher tão diferente. Um jantar à luz de velas

do mercado natureba, comido na caçamba de uma velha picape, no meio do nada em uma cidade grande. Era exatamente o que Huck e Gabe teriam feito.

– Tá – ela disse. – E se abençoarmos a comida primeiro?

– O quê? Ah, você quer dizer agradecer.

Yvette compreendeu minha apreensão e disse uma oração simples de agradecimento. A única vez em que Haley e eu rezamos foi quando a loteria do Texas ultrapassou os treze milhões. E, mesmo daquela vez, nós nunca *rezamos* de verdade, mas só brincamos sobre isso.

– Esta propriedade é onde o Epsom Downs ficava – Yvette disse. – E estamos estacionados na parte dos fundos. – Ela mergulhou um pedaço de cenoura no homus. – Depois que apostar virou crime e a pista acabou, eles venderam a terra a preço de banana.

– E Huck e Gabe compararam um terreno como investimento.

– Gabe comprou como investimento. Huck só queria a terra por causa do que aconteceu aqui.

Eu dei risada.

– Uma inauguração no Dia de Ação de Graças?

– Era a maior pista de corrida do Texas, com lugar para mais dez mil pessoas. No entanto, vinte e cinco mil apareceram para a primeira corrida. – Yvette comeu sua cenoura.

– Você é historiadora? – Eu me servi do homus, mas com uma fatia de maçã.

– Uma historiadora da Huck. Mesmo com demência, ela raramente se esquecia de um detalhe importante. Huck disse que, fora dos portões, o pessoal vendia de tudo, de cachorros-quentes a móveis.

– Então... eles compraram o candelabro na pista de corrida?

Yvette pegou um pedaço de pão.

– Não se adiante tanto. Você vai acabar perdendo alguma coisa.

– Sim, senhora. Agora me passe o pão.

Ela continuou:

– Olha só: um grupo de marinheiros que se chamava Sais de Epsom animou a multidão com o swing do Texas. Os arranjos intrincados para rabeca de Bob Wills.

– Então o famoso Bob vendeu o candelabro para eles?

– Até parece. Um velho caubói vendeu. Enquanto Huck ficou sentada ouvindo a música, Gabe foi até uma barraquinha próxima. O proprietário fabricava selas e era ferreiro também. Eu me lembro de Gabe rindo e imitando o sotaque caipira dele. Eu era pequena e não entendia, mas me sentava no colo dele e implorava para que ele falasse daquele jeito.

– Então, moça – eu disse, na minha melhor imitação de John Wayne –, quanto eles pagaram?

– Essa é a parte mais estranha. Foi durante a Grande Depressão, então Gabe só queria gastar cinco dólares.

– Cinco dólares? – Quase engasguei com o pão. – Mesmo naquela época, um candelabro de prata desse tamanho deveria valer muito mais.

– O caubói mandou Gabe tirar o Senhor Abraham Lincoln do bolso e apostar no melhor cavalo na quarta corrida.

– E Gabe ganhou?

– “A vida é curta demais para não se arriscar”, o caubói tinha dito a ele, “principalmente quando se está apaixonado”. O dinheiro que Gabe ganhou com o cavalo ele trocou pelo candelabro, centavo por centavo.

– E Huck acha que o caubói era o Senhor Jack?

– Ela suspeitava, mas não disse nada. Então, pouco antes de os dois irem embora, Huck viu um velho caubói a distância que mancava de um jeito muito familiar.

– Muitos velhos andam mancando por aí – eu disse.

– Ela largou Gabe aqui e saiu correndo atrás dele, mas perdeu o caubói na multidão. E, ao se lembrar da barraquinha onde Gabe tinha ido, ela voltou correndo para lá. O velho caubói não estava lá, mas apoiada no canto estava uma bengala de pinho amarelo talhada a mão. – Yvette olhou para mim. –Vai, pode dizer.

– O quê?

– Que milhares de bengalas nesta parte do Texas eram feitas a mão, a maioria de pinho amarelo. – Yvette viu meu sorriso, e então olhou para as velas. – Essa bengala em particular tinha naipes do baralho entalhados no cabo.

Mais uma vez, eu não sabia o que dizer.

Yvette enfiou a mão na sacola e me deu um envelope.

– O que é isso? – perguntei.

– O último postal de Gabe. Mas não leia agora.

– Por que não? – Fiquei olhando para o envelope.

– Porque você vai precisar de um tempo para pensar sobre isso.

Senti que era hora de ir embora.

– E depois que eu pensar sobre isso?

Ela estendeu a mão e apertou a minha, aquela que estava segurando o envelope.

– Ligue para mim. Vamos nos encontrar de novo para eu terminar de contar a história deles.

– Que tal aqui?

O sorriso de Yvette brilhou mais que o candelabro.

– Se tudo bem por você, eu preferiria encontrar você em Texas City.

Vinte

*Vinte e um?
Sorte para alguns.
É a idade em que um homem consegue
Jogar como moleque
Na mesa de blackjack.
Mas, para você e para mim,
O número é mais que lei ou magia,
É paixão que não tem fim.
E acabamos com a covardia.*

*Para sempre,
Gabe*

*Abril de 1947
Galveston, Texas*

Huck e Gabe estavam sob o pórtico de mármore do elegante Hotel Galvez enquanto um valet entregava sua terceira versão do Azul do Norte, um novo Oldsmobile 98 conversível. Sua capota brilhante de lona branca e o interior azul da cor do céu faziam dele o carro mais lindo e luxuoso que já tiveram na vida. Os dois carros anteriores, que não eram conversíveis e tinham uma cor mais escura, tinham sido mais que adequados, fornecendo transporte confiável do começo de seu casamento até o final da Segunda Guerra Mundial. Mas Gabe tinha sido promovido a contador sênior na Gulf, então eles decidiram fazer uma extravagância.

Depois de abrir a porta de Huck, Gabe deu uma gorjeta ao valet e foi para o lado do motorista. Ele se sentou atrás do volante, engatou a primeira e acelerou pela rua ladeada por palmeiras até o Seawall Boulevard.

– Você deveria ter deixado o valet abrir a minha porta – Huck disse casualmente. – Faz parte do trabalho dele.

– Eu dei uma gorjeta para ele. – Gabe sorriu. – Por que dar a ele também o prazer de abrir a porta para você?

Huck sorriu de volta e se aconchegou a ele. Depois de vinte e um anos de casamento, ele ainda adorava surpreendê-la.

– Então aonde você vai me levar hoje à noite? Para jantar? Dançar?

– Como estamos em Galveston, pensei que seria divertido ir a algum lugar relacionado ao nosso primeiro encontro.

– O Concurso Internacional da Pulcritude?

– Não. Aquelas mulheres não são nada comparadas a você. Além disso, o concurso acabou durante a Depressão. – Ele olhou de relance para a praia. – Vamos ver. Em algum lugar à beira-mar há um restaurantezinho romântico que serve champanhe cor-de-rosa. Fiz reserva para as sete.

– Sereias? – Huck apertou a perna dele. –Não seja bobo. Aquele restaurante foi destruído por um furacão.

– E foi exatamente por isso que nunca voltamos. – Ele olhou de relance para ela, erguendo as sobrancelhas. – Mas, quando eu liguei para os donos, no mês passado, e expliquei que só ficaríamos três dias na ilha, eles reconstruíram o restaurante especialmente para nós.

– Está bem, querido. – Ela deu um beijo na bochecha dele. Havia uma matéria no jornal sobre a reconstrução dos negócios mais famosos da praia de Galveston, mas ela não tinha prestado muita atenção.

– O quê? Você não acredita na minha história? – Gabe deu aquele sorriso torto.

– Não mesmo. Mas digo que é difícil duvidar de um rosto tão pouco sincero.

– Exatamente o que eu estava pensando... pense nisso.

Huck deu uma risada baixinha, animadíssima por não estar em Houston no meio da semana. A escola estava de férias de primavera, e, como Gabe tinha negócios a resolver por dois dias do outro lado da baía de Texas City a partir do dia seguinte, ela corrigiria provas enquanto ele trabalhava, mas à tarde eles relaxariam juntos.

Ela estudou o perfil forte do marido, o cabelo recuando um pouco mais de quando eles tinham se conhecido, e começando a ficar grisalho nas têmporas. Há mais ou menos um ano ela tinha notado fios brancos no próprio cabelo, então ela tinha um horário marcado mensalmente no Salão de Beleza A Dama Texana, um estabelecimento chique no centro onde uma placa dizia: “Um lugar onde os homens ficam malpassados ao ver as mulheres bem passadas”.

Minutos depois, Gabe parou no estacionamento recém-asfaltado do Sereias. O restaurante era muito maior do que Huck se lembrava, e a maior parte dele tinha sido reformada, oferecendo mesas ao ar livre. No centro, uma bela loira usando uma fantasia de sereia nadava em uma taça gigante de champanhe. Um grupo de marinheiros tomava coquetéis em uma mesa próxima, competindo pela atenção dela.

– Ela está quase pelada – Huck sussurrou depois de o garçom levá-los à mesa deles. – Os maiôs não são mais os mesmos desde o Concurso da Pulcritude.

– É uma fantasia de sereia – Gabe respondeu, e então deu uma risadinha. – E é por isso que

aqueles marinheiros estão sentados ali.

Huck torceu o nariz, fingindo indignação.

– Todos os homens têm mentes nojentas, até você.

– Nós tentamos não desapontar ninguém.

Depois de pedir uma garrafa de champanhe rosa, eles decidiram experimentar a especialidade da casa: pargo vermelho grelhado, servido com molho picante de pimenta com limão.

– Nossa – Huck disse, pegando a taça depois da primeira garfada. – Eu nunca comi um peixe tão... grelhado.

– Uma inovação picante dos nossos vizinhos mexicanos – Gabe disse. – É bem diferente das frituras às quais estamos acostumados.

Huck só conseguiu comer metade do prato e passou o restante para ele terminar. Ela bebeu o champanhe enquanto observava o vasto Golfo do México. Havia uma certa majestade no pôr do sol no mar. A bola brilhante de luz, transformando-se em cada cor do arco-íris antes de mergulhar no mar que escurecia. No primeiro encontro dos dois, havia sido naquela hora do dia que eles encontraram o balanço na varanda, que Gabe copiou depois para a lua de mel.

– Que belos pensamentos estão por trás desses olhos de café? – ele perguntou depois de acender um cigarro.

– Ah, só estou me lembrando de quando descobrimos aquela casa na praia.

– E você teve que ir ao banheiro? – Ele riu.

– Só você mesmo para se lembrar dessa parte. – Ela estendeu a mão para pegar na dele. – Você se lembra do balanço na varanda?

– Vagamente.

– Gabe Alexander!

Ele soltou a fumaça, e a brisa leve do mar a levou para terra firme.

– Eu acho que, a não ser que uma tempestade tenha coberto aquela parte da praia, nosso balanço especial ainda está lá.

– Vamos lá ver.

– Hoje à noite? Mas tenho que trabalhar amanhã cedo.

Huck se inclinou por sobre a mesa e sussurrou:

– Lembra como ficamos juntinhos no balanço?

– Eu nunca vou me esquecer.

– E como você se comportou como um perfeito cavalheiro?

Gabe fez que sim com a cabeça.

Virando a cabeça, Huck olhou para a sereia, e então se voltou para ele novamente.

– Você não precisa ser um cavalheiro hoje à noite... marinheiro.

Gabe engasgou com a fumaça.

– Garçom – ele chamou. – A conta, por favor.

– Eu acho que comi demais – Gabe disse enquanto eles dirigiam rumo ao oeste da ilha. – Isso ou a minha calça encolheu.

– No dia em que nos casamos nós prometemos que ficaríamos de olho na silhueta – Huck disse, e então riu.

– Meu estômago devia estar dormindo durante aquela conversa.

Como ele havia previsto, o balanço ainda estava lá, pendurado sob um bangalô rústico. Apesar de uma fileira de casas modernas ter sido construída na praia, eles não tiveram dificuldade para encontrar o lugar secreto onde tinham exposto suas almas pela primeira vez.

– Não é emocionante invadir uma propriedade alheia? – Sem esperar pela resposta de Gabe, Huck saiu do carro e chutou longe os sapatos antes de dar um rodopio. – Acho que este lugar nunca foi usado.

– O mundo é nosso. – Gabe saiu do carro e foi até o balanço. – Isto aqui ainda está em boas condições. Só um pouco mais castigado pelo tempo e mais cheio de areia.

– Vamos anotar o endereço e mandar um cartão de agradecimento anônimo para o dono – Huck disse, voltando correndo para o carro. Ela baixou a capota e ligou o rádio, deixando o volume baixinho para que eles ainda pudessem ouvir o quebrar suave das ondas na praia.

Gabe limpou a areia do balanço, e então deu risada.

– A quem interessar possa: obrigado pelo uso de seu balanço arenoso e de seu banheiro à moda antiga. – Ele fez uma pausa. – Mas olha só isso: o banheiro não está mais aqui. O que a minha querida esposa vai fazer depois de todo aquele champanhe?

– Fique quieto e tire os sapatos para a gente dançar – ela ordenou. – O DJ disse que tocaria

“Moonlight Serenade”.

– Tudo bem, mas primeiro me deixe afrouxar o cinto. Você não vai querer dançar com um homem que está passando mal.

Enquanto as estrelas começavam a brilhar no céu, eles dançaram descalços ao som de uma seleção romântica de baladas de big bands. E, como tantos anos antes, Huck se sentiu indefesa sob o feitiço encantado das almas gêmeas. Mas dessa vez não importava o quanto ela demonstrava a sua afeição.

Dessa vez ela não estava noiva de outro homem.

Dessa vez ela estava com seu marido.

Olhando em seus olhos azuis de céu e mar, ela o beijou. Desde que tinham se casado, ela achava adequado que ele tomasse a iniciativa, mas não agora.

Não naquela noite. Enquanto outros casais da idade deles tinham se afastado de maneira egoísta, Huck e Gabe haviam se aproximado ainda mais ao longo dos anos, trabalhando duro para evitar os efeitos da Divisão Longa. Graças ao perdão e seu desejo infinito por romance, eles ainda valorizavam o tempo que passavam a sós.

– Dois corações comandados pela devoção – ela sussurrou, e então o beijou de novo.

– Uau – Gabe disse. – Eu não sabia que você podia ser tão...

– Corajosa? – Huck riu. – Quer ver como eu sou corajosa?

A voz melódica do DJ se espalhou de mansinho pela noite.

– E agora, para todos os casados, aqui está uma música que vai tocar seus corações. Uma nova canção na lista de sucessos desta semana, na voz do Senhor Al Jolson, “The Anniversary Song”.

– É “Waves of Danube” – Huck gritou. – Da nossa noite de núpcias. Mas agora tem letra.

– Esse Jolson é um danado. – Gabe se sentou. – Espero que tenha feito jus à música.

– Shhh! Não consigo ouvir. – Ela correu para o Azul do Norte e aumentou o volume enquanto Al Jolson cantava. Quando a música acabou, Huck desligou o rádio e voltou para o balanço. – Não posso acreditar que a nossa música agora tem letra. – Ela o beijou pela terceira vez, um beijo profundo como nunca.

– Minha própria bela serenata ao luar – Gabe sussurrou enquanto ela se entregou nos braços dele.

Com um barulhão, o balanço caiu no chão.

Eles se mataram de rir.

– Ah, não! – Huck gritou. – Não estamos sozinhos.

– Quem está aí? – uma voz grosseira soou como se estivesse diretamente acima deles, seguida por uma série de passos duros e barulhentos.

– Rápido, vou pegar meu casaco e os sapatos. Corra para o carro! – No instante em que Gabe ficou de pé, o botão da calça estourou e a calça escorregou para os tornozelos dele.

– Meu sapato! Gabe, perdi meu outro sapato!

– Isto não é hora de brincar de Cinderela! Deixe o sapato para o Príncipe Encantado ali!

Huck chegou à segurança do carro primeiro, enquanto a luz de uma lanterna cortava a escuridão. Ela olhou de novo para Gabe. Com os braços cheios de coisas e a calça ainda nas canelas, ele estava correndo como um pinguim em pânico. Ela ria histericamente.

– Vá para trás do volante e dirija – Gabe comandou, ainda a uns três metros do carro. – Ligue o motor!

Sem parar, ele entrou de cabeça no banco do passageiro. Ele se dobrou ao meio bem na moldura de borracha da janela, e sua bunda apontava para o céu como um farol branco.

– Loucos por sacanagem! – a voz rude disse. – Vou encher a bunda de vocês de tiros de sal!

O motor ressuscitou e Huck pisou fundo no acelerador, deixando o “Príncipe Encantado” com nada além de seu sapato perdido.

Na manhã seguinte, Huck e Gabe se despediram com um beijo no elevador da recepção do hotel.

– Vejo você hoje à noite – ele disse, e então deu uma piscadinha, antes de sair pela pesada porta da frente para sua reunião das nove da manhã em Texas City.

– Subindo? – o operador do elevador perguntou.

– A cobertura, por favor.

O elevador subiu lentamente, e Huck ficou pensando nos acontecimentos da noite passada, agora um pouco chocada com a própria ousadia. Ao revisitar os locais de seu primeiro encontro com Gabe, ela percebeu de novo o quanto o amava. Às vezes, ela sentia como se não fosse capaz de amá-lo mais do que já amava. A cada dia que passava, seu amor continuava a crescer.

Quando a porta do elevador se abriu, Huck teve uma ideia. Em vez de corrigir provas, ela sairia para fazer umas compras. Perto do cais havia uma área chamada “Ponta de Areia”, onde ela havia notado uma boutique que vendia roupões de seda de Paris. Como a noite anterior tinha acabado de uma maneira diferente daquela que tinha planejado, ela surpreenderia Gabe naquela noite no quarto do hotel.

Uma hora depois, Huck saiu do táxi e se juntou à multidão animada do centro comercial histórico de Galveston. Ela checkou seu relógio. Nove horas em ponto. Em vez de seguirem para o trabalho, as pessoas estavam paradas ao longo da calçada, atraídas pela visão de uma grande coluna de fumaça alaranjada se erguendo por sobre a baía de Texas City.

Huck estava ficando curiosa sobre aquela cor tão bonita quando a coluna explodiu, se transformando em um cogumelo de nuvens densas e pretas. A calçada oscilou sob seus pés, jogando-a contra o concreto duro. As pessoas gritaram enquanto as vitrines das lojas se espatifavam. Huck tentou se levantar, mas caiu de novo quando uma onda de choque chacoalhou o chão.

Tonta, ela se sentou enquanto uma chuva de mais vidro e entulho caía. A escuridão esvoaçante cobriu o céu, sufocando a luz do sol. O sangue pingava de sua testa.

– Texas City sumiu! – alguém berrou. – Explodiu e sumiu do mapa!

Sirenes tocavam enquanto um batalhão de veículos de emergência passou correndo, vindo do nada.

– Ah, Gabe! Não! – Huck gritou. Ela finalmente conseguiu se levantar, mas sua cabeça girava, a tontura fazendo com que ela perdesse o equilíbrio. Ela amorteceu a queda com as mãos, ambas as palmas aterrissaram contra cacos de vidro, mas ela não sentiu dor nenhuma.

Uma série de explosões menores se espalhou pela baía como uma fileira de fogos de artifício, a escuridão cada vez maior agora alimentada por chamas.

– Gabe! – Huck gritou de novo. – Ah, não, Deus, por favor. Ajude-me. Preciso encontrá-lo.

Esforçando-se para se levantar, ela passou cambaleando por várias pessoas de expressão vazia.

– Por favor, me ajude – Huck implorou, mas era como se ela tivesse entrado em um mundo de zumbis.

Outra sirene berrou e uma ambulância apareceu a meio quarteirão de distância. Huck saiu correndo pela rua e abanou os braços enquanto o sangue pingava das palmas das suas mãos machucadas. A ambulância tentou contorná-la, mas ela bloqueou o caminho com o corpo inteiro. A ambulância cantou pneu e brecou com tudo.

– A senhora está louca? – o motorista perguntou, com a cabeça para fora da janela. – Saia do caminho.

– É o meu marido. Por favor, me ajude.

– Eu disse para sair do caminho! – O motor roncou e a ambulância avançou alguns centímetros.

– Não. Você não pode me deixar aqui. – Huck pressionou as mãos ensanguentadas sobre o capô. – Meu marido precisa de mim.

Ela se agachou, e então pegou um caco de vidro pontudo, apontando-o como se fosse uma faca.

Depois de subir no capô, ela foi engatinhando até o para-brisa e encarou o motorista.

– Desça daí – ele mandou.

– Não até você me levar até o meu marido. – Ela ergueu o caco de vidro. – Leve-me agora mesmo ou vou usar isto contra a minha vida.

– Mas que mulher louca.

Huck pressionou a ponta do caco de vidro contra o pulso.

– Senhora, não faça isso. Por favor.

Com foco em seu objetivo, ela apontou o caco de vidro de novo e fechou os olhos.

– Está bem! – o motorista berrou. – Cadê ele?

– Em Texas City. – Huck jogou o caco de vidro na rua. – Na Companhia Química Monsanto.

– Era para lá que estávamos indo. – O motorista fez que não com a cabeça. – Eu não deveria fazer isso, mas a senhora... a senhora tem coragem. Entre.

Um enfermeiro saiu pelas portas de trás e ajudou Huck a entrar.

– Dê um jeito nela – o motorista disse. – Ela vai com a gente.

Por sorte, os ferimentos de Huck não eram sérios e ela não precisou levar nenhum ponto. Mas, com tantos veículos de emergência tomando as ruas, a viagem demorou mais que o esperado. A distância, ela podia ver uma barcaça enorme de aço que agora estava em terra firme.

– Por favor, me conte o que aconteceu – Huck pediu ao motorista depois de se sentar no banco da frente. – Pode me ajudar a encontrar o meu marido?

– Tudo o que sabemos, dona, é que um navio ancorou no porto e explodiu, junto com outros tanques de petróleo que estavam por perto. As ondas de choque derrubaram dois aviões do céu. Antes de sairmos de Galveston, estavam dizendo que uma parede de água de quatro metros e meio de altura atingiu a cidade.

– Mas e a Monsanto? Meu marido trabalha para outra empresa, mas tinha uma reunião às nove horas.

– Não ouvi dizer nada ainda, dona – a voz dele tremeu. – A verdade é que a minha irmã mais velha trabalha lá, e ela se parece com a senhora e... não sei de mais nada.

Quando eles chegaram aos limites de Texas City, Huck podia ver incêndios por toda parte. Grupos de pessoas cobertas por uma camada grossa de fuligem oleosa andavam a esmo. Depois que eles passaram por uma barricada da polícia, a destruição piorou. Algumas casas tinham sido literalmente

partidas ao meio pela força das explosões. Outras pareciam ter sido reduzidas a nada sob a chuva de entulho.

Um pouco mais adiante, um xerife do condado estava à entrada do distrito comercial. Ele ergueu a mão, pedindo que parassem.

– Todas as ambulâncias para o auditório municipal – ele disse. – É lá que estão os seriamente feridos.

– E a Monsanto? – o motorista perguntou.

– Sumiu. As tropas estaduais e os militares ainda estão tirando os corpos de lá. Mas vocês não podem entrar lá. Ainda é perigoso demais.

O motorista fez que sim com a cabeça, e então fez um sinal para Huck e o enfermeiro:

– Segurem firme! – Cantando os pneus, ele passou correndo pelo xerife e acelerou em direção à Monsanto. – Vamos encontrar o seu marido, dona. E a minha irmã.

Nervosa demais para responder, Huck só conseguiu fazer que sim com a cabeça.

A maior parte do distrito comercial tinha sido reduzida a entulho. Até onde ela podia ver, o local da explosão estava a alguns quilômetros de distância, ainda submerso em chamas. Quando eles chegaram aos estacionamentos gigantescos da área industrial, viram centenas de carros transformados em pilhas de borracha e aço. Uma caminhonete do exército passou por ali, com uma pilha de corpos, e Huck quase não podia suportar o fedor de carne queimada. Ela ficou com ânsia de vômito.

O motorista tossiu.

– O complexo da Monsanto está aí à frente, à direita, ainda queimando. Qual é o carro do seu marido?

– Um Oldsmobile azul conversível. Novo.

– Eu sei que a senhora disse que ele estava em reunião, mas talvez ele tenha chegado atrasado.

– Ele nunca se atrasa.

– Bom, vou ficar de olho mesmo assim. – Ele pôs a mão para fora do carro. – Está bem quente aqui fora. Não sei se poderemos nos aproximar mais sem trajes de segurança.

Eles passaram pela carcaça de um carro azul grande.

Ao vê-lo, Huck ficou ainda mais tonta. Será que era o Azul do Norte? Será que Gabe estava por perto?

– Eu acho que é o nosso carro! – Huck gritou. Ela tentou abrir a porta, mas o motorista agarrou seu braço. – O que você está fazendo? Solte-me!

A ambulância parou de repente.

– Você vai se matar e a nós também! – ele gritou, e então a soltou. – A não ser que seu marido dirigisse um caminhão de entregas, não é ele.

Os próximos duzentos e cinquenta metros passaram devagar. Pedacos enormes de aço estavam enfiados no chão como meteoros. Alguns carros ainda estavam queimando. Outros ferviam em poças enormes de água do mar oleosa, como maços de papel alumínio amassados. Um suor gelado escorria pelas escápulas de Huck e depois por suas costas, gelando seu corpo inteiro. Ela estava quase dominada pelo desespero. Começou a tremer descontroladamente.

À frente, um jipe do exército tinha parado no meio da destruição. Um soldado de farda verde estava na traseira do carro com um rádio. O motorista da ambulância parou ao lado dele.

– Você sabe alguma coisa sobre a Monsanto?

– Está vendo aquela caçamba vazia? – ele disse secamente, e então fez um gesto para a direita. A uns trinta metros estava um caminhão como o que eles tinham visto passar cheio de corpos. – Os cadáveres que estão prestes a ser carregados ali são das pessoas que estavam na Monsanto. É tarde demais para a ambulância. – Sem dizer outra palavra, ele entrou no jipe e foi embora.

Aquela notícia terrível era mais do que Huck podia aguentar. Se Gabe tivesse morrido, ela tinha que saber como! Depois de abrir a porta com tudo, ela saiu correndo na direção do caminho. O calor intenso deixou sua mente ainda mais confusa, fazendo que ela perdesse a direção. Depois de tropeçar no que parecia uma bota de homem, ela viu que a perna ainda estava presa a ela... só uma perna. Ela imediatamente caiu de joelhos e vomitou.

– Ai, meus Deus, me ajude! – ela soluçou. – Senhor Jack, cadê você?

Recuperando a compostura, ela continuou naquela que achava ser a direção certa. Rodeando uma pilha de metal retorcido, ela encontrou o motorista da ambulância. Atrás dele estava o caminhão. Vários corpos cobertos por uma grande lona estavam lado a lado.

– Gabe! – ela berrou. Sem poder encarar a verdade possível, ela enterrou o rosto nas mãos.

– Ele não está ali – o motorista disse. – Todos esses homens foram identificados como estivadores pela empresa.

Depois de ajudar Huck a voltar para a ambulância, ele passou um cantil para ela.

– Beba um pouco de água.

Huck se apoiou no capô da ambulância e tentou tomar um gole daquele líquido morno e sem gosto. A distância, ela podia ver parte da Monsanto ainda em chamas. Vários bombeiros usando trajes de

amianto jogavam grandes quantidades de água nas chamas infernais. Lá perto, uma placa destruída dizia: “Estacionamento apenas para a Monsanto”. A outra extremidade do estacionamento estava submersa em lama oleosa e cheia de entulho. No centro da área seca, um grande iate a vela chamado Blackjack Betty tinha sido trazido pelas ondas para terra firme. Um soldado apareceu por detrás do casco lascado. Ele veio correndo para a ambulância.

– Rápido! – ele gritou. – Encontrei um homem dentro de um carro atrás daquele barco. Quase não o vi porque ele estava preso debaixo do painel.

– Onde ele está agora? – o motorista gritou de volta.

– Eu o tirei de lá e ele está deitado no chão. Pensei que estivesse morto, mas então ele abriu os olhos.

– Podemos trazer a ambulância mais para perto?

– Tem entulho demais por ali. Pegue a sua maca e venha comigo.

Em um instante, Huck estava atravessando o labirinto de destruição mais uma vez, agora seguindo três homens. Ela sentiu os joelhos bambos, mas não tinha mais lágrimas. Havia uma pequena chance de o sobrevivente ser Gabe, apesar de sua reunião ter sido na mesma hora da explosão. Se por algum milagre ele estivesse vivo, provavelmente ainda estava preso dentro da fábrica.

Quando eles passaram pela proa do iate, ela viu o Azul do Norte!

Todo o vidro tinha se espatifado, a capota de lona havia desaparecido, mas o carro estava inteiro. E o homem deitado no chão ao lado dele era... Gabe!

Ela saiu correndo em direção a ele e se ajoelhou.

– Ah, Gabe, eu pensei que tivesse perdido você!

Ele abriu os olhos, e ela quase não pôde ouvir a voz dele.

– Eu sabia que você me encontraria. Você nunca perdeu nada, a não ser um sapato.

– Dona – o enfermeiro disse –, precisamos cuidar dos ferimentos dele e colocá-lo na ambulância.

Huck deu um passo para trás, sem conseguir tirar os olhos do marido. O cabelo e o rosto dele estavam cobertos por uma mistura de sangue, graxa e fuligem. O que tinha sobrado de seu terno estava cheio de buracos enormes.

– O pulso está forte – o enfermeiro disse. – Mas ele perdeu um pouco de sangue. A perna direita está quebrada. E há várias escoriações por causa de todo o vidro que voou por aí e algumas queimaduras, mas nada sério.

– Então, ele vai...? – Huck tentou terminar a frase, mas as palavras ficaram presas na garganta.

– Parece que ele vai ficar bem, dona – o enfermeiro respondeu. – Chegamos aqui a tempo.

– Ele teve sorte que o Blackjack Betty veio parar aqui – o soldado completou. – Apesar de eu não entender por que é que um iate estaria ancorado em um cais industrial. Provavelmente o barco serviu de barreira, protegendo essa pequena área do estacionamento daquela onda enorme. Mas, com todos aqueles projéteis voadores, foi o carro azul que salvou a vida do seu marido.

Em menos de dez minutos, Gabe estava enfaixado, tinha tomado remédio para a dor e estava a bordo da ambulância. Huck ficou ao lado dele, segurando sua mão.

O motorista deu a partida no motor.

– Alguma mulher sobrevivente da Monsanto? – ele perguntou ao soldado.

– Algumas. Mas o incêndio ainda está bloqueando muitas saídas.

O motorista fez que sim com a cabeça, e então engatou a marcha.

Huck esticou a mão livre e apertou o ombro do motorista.

– Um homem que certa vez previu o meu futuro me disse para agarrar a esperança e nunca mais soltar – ela sussurrou.

– E a senhora agarrou?

Ela olhou para o marido, acabado, mas vivo.

– Desta vez eu agarrei – Huck disse. – Desta vez.

Vinte e um

*Como seu marido, meu coração me diz
Para comprar para você coisas de Paris.
Um negligée? Um bustiê?
Isso com certeza.
Mas por que a minha esposa
Cobrir-se-ia do preto da tristeza?*

*Para sempre,
Gabe*

*Novembro de 1960
Dallas, Texas*

A sexta-feira após o Dia de Ação de Graças era um dos dias mais cheios do ano para as compras de Natal, mas Huck não se importava com as multidões. O tempo chuvoso e frio, com todos os aromas de especiarias do final de ano, dava a ela uma sensação de aconchego feliz. Ela e Gabe tinham acordado antes de o dia amanhecer e dirigido até Dallas para fazer compras na loja de departamentos mais chique do Texas, a Neiman Marcus.

– Um amigo do escritório me disse que a loja foi fundada por engano – Gabe disse, e então tossiu forte enquanto eles cruzavam o Rio Trinity ao chegar em Dallas. – É difícil acreditar.

À frente, Huck podia ver o cavalo vermelho voador no topo do prédio da Magnolia Oil, um ponto de referência proeminente na linha do horizonte que se erguia por sobre a pradaria de Blackland. Ela puxou para baixo o espelho do quebra-sol do lado do passageiro para checar a maquiagem. Apesar de ter cinquenta e cinco anos, e Gabe sessenta, eles ainda pareciam jovens para a sua idade. Gabe tinha alguns fios brancos muito distintos nas têmporas, e apenas algumas rugas. Graças ao seu salão de cabelereiro, ela ainda podia passar por uma mulher de quarenta e poucos anos.

– O rapaz jura que é verdade – Gabe continuou. – Ele diz que, quando os donos decidiram abrir a loja, em 1907, tinham acabado de recusar a oportunidade de investir em uma nova empresa de refrigerantes: a Coca-Cola.

– Ainda bem que eles disseram não à Coca. – Huck fechou a viseira e sorriu. – Eu adoro nossas viagens anuais para a Neiman, e você também.

A conversa dos dois a fez se lembrar da tragédia de Texas City, treze anos atrás. Quando Gabe se recuperou o bastante para conseguir fazer perguntas, quis saber como é que ela tinha comandando uma ambulância. O fato de tudo ter começado em uma excursão para comprar lingerie sexy o

deliciava. Então, a cada novembro, ele insistia em levá-la para a Neiman e comprar o que ele chamava de “artigos femininos finos”, principalmente porque a lingerie tinha salvado a sua vida.

Huck argumentou que vários fatores adicionais em Texas City tinham contribuído para que ele não morresse – um barco protetor chamado Blackjack Betty, seu belo carro e um atraso no trânsito que fez com que ele ainda estivesse no estacionamento na hora da explosão. Ela tinha até uma teoria de que o Senhor Jack tinha alguma coisa a ver com um iate de férias atracado em um cais industrial... um barco com o nome “jack”, ou “valete”, o que era muito conveniente. Mas Gabe só deu risada. No entanto, ele não riu quando ela disse que jamais queria vender o Azul do Norte. Eles reformaram o carro e agora era quase um clássico.

Gabe tossiu de novo.

– Chegamos – ele disse, parando em frente à entrada decorada da loja. – Não vamos conseguir fazer o check-in no Adolphus Hotel até à tarde. – A tosse dele continuou. – Desculpe. Deve ser o tempo úmido. – Ele tirou um lenço do bolso do paletó. – Por que você não desce aqui e eu vou procurar um lugar para estacionar?

– Mas, Gabe. Eu acho que você está pegando um resfriado.

Um *concierge* veio até a calçada para abrir a porta de Huck.

– Eu estou bem, querida. Se eu não chegar até a hora do almoço, é porque fugi com a moça do estacionamento.

– Tudo bem, mas deixe o carro. Ela jamais vai gostar dele como eu.

– Volto já – Gabe disse, e foi embora.

Huck correu para dentro da loja. Ela ficou preocupada com o fato de a tosse dele ter voltado, uma tosse seca que ia e voltava. Ele tinha desenvolvido essa tosse dias depois da explosão, durante as três semanas que passou no hospital. Os médicos disseram que era devido às grandes quantidades de partículas químicas e de pó que ele tinha inalado. Eles também recomendaram que Gabe parasse de fumar. E ele tinha parado, a não ser por um cigarro ocasional quando estava entediado ou estressado.

– Bem-vinda à Neiman Marcus – um funcionário com cabelo penteado para trás e um terno caro de três peças ofereceu uma medida. – Posso guardar o casaco da senhora?

– Por favor – Huck respondeu, permitindo que ele tirasse o casaco dos ombros dela. Ele estalou os dedos e uma moça apareceu para pegar o casaco e lhe deu um número.

– Posso levá-la a algum departamento específico?

– Não, obrigada – ela sorriu. – Estou esperando o meu marido.

– Pois não. – Ele entregou o número para Huck. – A senhora gostaria de ver alguns itens da nossa liquidação de Ação de Graças enquanto espera? Eles estão convenientemente localizados aqui

mesmo. – Ele fez um gesto para uma vitrine bem iluminada perto dos elevadores. – Há uma bela bandeja de prata, perfeita para servir o peru do ano que vem.

– Mas e o meu marido?

– Só se ele não se importar em ser recheado e regado com molho. – O funcionário deu uma risadinha breve da própria tentativa de humor, e então pigarreou. – Quando eu vir um homem procurando uma bela mulher, eu o encaminharei na sua direção.

A bandeja de prata era tão autêntica quanto os elogios do funcionário. Huck passou os dedos pelo acabamento liso e brilhante. Ela riu baixinho. Seria o complemento perfeito para o candelabro de prata que tinham comprado no dia de Ação de Graças em 1933, na inauguração da Epsom Downs.

Huck sorriu com a lembrança daquele dia maravilhoso. O amor dos dois só tinha se fortalecido com o passar dos anos. E então a voz de Gabe a trouxe de volta para a Neiman. Ela deu um pulo.

– Achei que nunca fosse encontrar um lugar para estacionar nesse trânsito – Gabe disse.

– Você me assustou – Huck respondeu. – Estava me lembrando de quando você comprou o nosso candelabro.

Gabe deu uma risadinha e então falou com um sotaque acaipirado do Texas:

– E quem diria que o azarão ia vencê?

Huck sorriu, imitando a voz dele.

– O caubói véio acertô.

Eles já tinham tido essa conversa várias vezes e agora era uma brincadeira, apesar de ela ainda acreditar que o caubói era o Senhor Jack.

– E quem é que sabia que a dinheirama que nós ganhô era o preço direitinho do candelabro, sô?

– O caubói véio sabia – Huck respondeu. – Chega de lembrar. É hora de comprar!

Depois de levar Huck até o departamento de lingerie, Gabe se sentou em uma área de espera confortável e ficou lendo o catálogo da loja. Como era meio-dia, os fregueses tinham desaparecido.

Ele riu. Não havia como prever que tipo de lingerie cheia de frufus sua esposa compraria. Ela ainda era tão bonita que, às vezes, quando olhava para ela, seu estômago doía.

Ele folheou mais algumas páginas e parou. Uma modelo o fez se lembrar de sua adorável faxineira, Priscilla, que trabalhava para eles duas vezes por semana. Ela tinha crescido sem as vantagens de uma vida estável em casa, mas havia se formado entre os melhores alunos de sua classe no ensino médio na primavera. Seus planos eram trabalhar duro e economizar dinheiro suficiente para ir para a faculdade. Eles tinham se oferecido para pagar por parte de suas despesas com a educação, mas ela

havia negado educadamente. Apesar de estar com eles há apenas seis meses, de certa forma Priscilla era a filha que nunca tiveram.

Gabe desviou os olhos do catálogo ao ouvir passos.

– Você não pode ver até hoje à noite, mas adivinhe o que eu comprei. – Huck segurava uma caixa prateada e decorada com flocos de neve.

– O presente de Natal da Priscilla?

– Neste departamento? Não seja bobo. As mulheres não se presenteiam com lingerie, a não ser que seja um chá de noiva. – Ela deu uma batidinha na caixa. – Quer adivinhar?

– Uma ceroula vermelha e que faz coçar com uma abertura na bunda?

– Vou usar isto aqui só para você. – Ela colocou a caixa no sofá e se sentou ao lado dele. – Viu alguma coisa interessante?

– Você não acha que esta menina é parecida com a Priscilla? – Ele apontou para a modelo.

– Se ela emagrecesse um pouquinho. A Priscilla é mais cheinha.

– Em algum lugar deste catálogo, você pode até comprar seu próprio avião particular.

– Eu gosto do nosso veleirinho. – Huck se aconchegou. – Estou cansada. Vamos almoçar e ver se nosso quarto do hotel está pronto.

Gabe abriu o catálogo em uma página que tinha marcado com o dedo.

– Você está cansada demais para experimentar este vestido? – Depois de comprar roupas para ela por trinta e quatro anos, ele tinha virado especialista em escolher cores e estilos que valorizavam a beleza natural de Huck.

– Ah, Gabe. Eu adoro o cor-de-rosa, tão alegre, e a saia rodada. Vai ser perfeito para dançar na véspera de Ano-Novo. E o corpete de veludo preto vai me deixar magrinha.

– E as bolinhas na saia? Elas também são magrinhas, ou só redondinhas? – Ele sorriu. – Quer ir lá experimentar?

Em um instante, uma vendedora tinha encontrado o vestido no tamanho de Huck e a levado para os provadores. Mais uma vez, Gabe ficou esperando por perto em outro “lounge de maridos”. Ele queria ler o jornal, já que tinha visto o catálogo.

– Volto em dez minutos, querida – Gabe ouviu a vendedora dizer. Ela saiu de detrás das cortinas enquanto ele procurava um maço de cigarros nos bolsos do paletó. – Sua esposa está linda naquele vestido. Mas ela disse que você não pode ver até a véspera do Ano-Novo.

Gabe ficou olhando enquanto a vendedora desapareceu ao virar uma esquina, e então ficou de pé e observou o departamento feminino. Não havia ninguém à vista. E ninguém tinha saído nem entrado nos provadores. Obviamente, Huck estava sozinha. Ele deu uma risadinha.

Ela podia não querer que ele a visse usando o vestido, mas por que ele tinha que esperar? Toda essa coisa do corpete de veludo preto e das bolinhas tinha sido ideia dele. Que mal faria ele a surpreender com uma olhadela rápida? Ela talvez ficasse meio brava, mas mais tarde acharia tudo muito ousado. E até engraçado.

Gabe passou pela cortina e ficou olhando para o corredor dos provadores. Não era muito diferente do departamento masculino, a não ser pelo fato de haver espelhos por toda parte e araras cheias de vestidos esperando serem levadas de volta para a loja.

Ele checkou o relógio. Oito minutos até a vendedora voltar. Era bobagem um homem da idade e da posição dele agir como um moleque, mas ser casado com Huck tinha ensinado Gabe a aproveitar a vida. Arriscar-se. Se fosse pego no pulo, ele simplesmente... Bem, ele pensaria em alguma coisa.

Ao ouvir um movimento por trás de uma porta, ele foi de fininho até lá e a abriu.

Uma senhora matrona berrou! Ainda bem que ela estava vestida.

Gabe pegou um dos vestidos das araras.

– Eu sou o Senhor Marcus – ele disse, numa voz sofisticada. – Este aqui vai ficar lindo em você! – Ele jogou o vestido para a mulher e fechou a porta.

– Ah, obrigada – disse uma voz delicada.

– O que acha que está fazendo? – Huck colocou a cabeça para fora da cabine seguinte. O rosto de Gabe estava mais vermelho do que o cavalo no topo do prédio da Magnolia.

Ele pousou o dedo sobre os lábios.

– Tentando encontrar você – ele sussurrou, e então entregou a ela sua sacola.

– Você achou que eu estivesse naquele provador? – Um grande sorriso se espalhou pelo rosto dela. – Eu vi uma mulher entrando ali de que você não ia gostar... – Huck cobriu a boca e se sacudiu de tanto rir. – Então, ela vai te matar ou gritar por socorro?

– Nenhuma das opções, se gostar do meu gosto para roupas – ele respondeu, sem ar. – Vou esperar lá no carro... fumando um cigarro.

Huck entrou no provador de novo. O vestido serviu perfeitamente. Ela trocou de roupa de novo mas, em vez de ir embora, se largou sobre uma poltrona. Os olhos dela ficaram úmidos. O que ela tinha feito para merecer um homem que ficava mais feliz ao comprar um vestido para ela do que a maioria dos homens ficava ao comprar um carro novo? Ela tirou um lenço de papel da bolsa. A tosse de Gabe a preocupava. Ela já soava diferente de um mês atrás.

Mais profunda.

Mais grave.

– Quantas vésperas de Ano-Novo nós ainda temos? – ela sussurrou.

Ela achava que o Senhor Jack sabia. Mas será que ele entraria no provador e revelaria quantos anos ela ainda tinha com sua alma gêmea? Não, não era do feitio dele. Como apenas Deus sabia de tudo, talvez o Senhor Jack estivesse fazendo o melhor que podia.

– Senhora? – a vendedora chamou. – Tudo bem?

– Por enquanto – Huck respondeu.

Vinte e dois

*A cada ano que passa,
Envelhecemos lado a lado.
Moeda e candelabro de prata
Ainda são tesouros estimados,
De valor inestimável, desejados.
Mas a vida ainda guarda
Muito mais para os amantes,
E aventuras com a minha amada
São o que vejo adiante.
Pois, assim como o Azul do Norte,
O aposentado aqui ainda está forte!*

*Para sempre,
Gabe*

*Janeiro de 1974
Houston, Texas*

*H*uck olhou pela janela da cozinha, esperando ver os flocos de neve caindo das nuvens da tarde, cinza como aço. O homem da previsão do tempo no canal 13 tinha dito que havia 50% de chance, mas qualquer tipo de precipitação congelada em Houston, mesmo no meio do inverno, era tão provável quanto uma onda de calor no Polo Norte.

Depois de colocar folhas de chá em um bule de porcelana azul, ela colocou a água fervente. Quando a mistura ficou forte, ela encheu duas xícaras, colocando mel e limão a mais para Gabe. Tinha sido um bom dia, ele estava respirando bem. Além disso, o chá também parecia ajudá-lo a respirar mais livremente.

Ela suspirou.

Não havia como prever que tipo de dia ele teria. O enfisema era assim. Se Gabe soubesse na época do perigo, jamais teria fumado, principalmente depois da tosse que ele tinha desenvolvido em Texas City. Desde o diagnóstico, havia três anos, ele só tinha sofrido um ataque terrível. No entanto, a não ser que encontrassem uma cura, com o tempo os pulmões dele perderiam a elasticidade e a capacidade.

Mas, graças ao bom Deus, eles haviam tido sorte até agora. A progressão tinha sido lenta. As únicas coisas que haviam mudado significativamente eram que eles não podiam mais viajar tanto

quanto antes e a limitação em qualquer tipo de atividade mais cansativa.

– É muito frustrante ficar sem ar – ele disse certa vez, enquanto tomavam o café da manhã. – E não estou nem falando de quando corto a grama do quintal!

Depois de colocar o chá em uma bandeja, ela foi até o escritório de Gabe. O som de sua antiga máquina de escrever encontrou os ouvidos dela. O enfisema podia ter desacelerado o corpo, mas não a mente de Gabe. Não se passava um dia em que ele não estivesse datilografando alguma coisa. Uma lista de compras. Uma carta. Um poema.

Ela sorriu. Ele havia escrito centenas de lindos poemas nos postais ao longo dos anos. E, assim que algumas das obrigações dela com a Associação dos Professores Aposentados do Texas terminassem, ela separaria os postais por ano e os colocaria em álbuns. Eles sempre mantiveram os postais escondidos. Secretos. Até mesmo de Priscilla. Então, se ela camuflasse os álbuns no meio da coleção de fotografias, ninguém saberia, ou pelo menos ninguém se importaria até que os dois tivessem partido.

– Pronto para tomar seu chá? – Huck entrou no escritório.

Gabe fez que sim com a cabeça, perdido em seus pensamentos.

Sorrindo, ela colocou a xícara e o pires sobre a escrivaninha, ficou atrás dele e passou os dedos pelos seus cabelos. Ele ainda tinha muitos cachos, todos brancos, e seus olhos azuis do céu e do mar continuavam tão verdadeiros como quando no dia em que tinham se conhecido.

– Ah... que gostoso. – Gabe parou de datilografar. – Depois de uma semana você pode parar, tá?

– Isso é o que você diz agora, mas até lá vai ter que pensar em um motivo para eu continuar. – Ela começou a massagear os ombros dele. – O que você está escrevendo?

– Só estou respondendo a carta do Charlie. Eu não falo com ele desde aquela vez em que fomos tomar café com ele e a Chloe no Benny, antes de eles se mudarem para aquela comunidade de aposentados. Ele quer saber todos os detalhes do que aconteceu no ano passado em La Grande com o infame Chicken Ranch. Acho que não existem estabelecimentos para criticar lá na Flórida.

– Gabe Alexander! – Ela deu um cutucão na cabeça dele. – Esse não é um assunto muito educado.

– Nem de gente educada.

Ela o cutucou de novo.

– E se a Chloe ou algum dos netos deles ler a sua carta?

– Eles vão achar que estou escrevendo sobre galinhas. – ele riu. – Lembra do filho mais velho do Charlie, que lutou no Dia D na invasão da Normandia?

Huck fez que sim com a cabeça.

– Bom – ele continuou –, eu tinha me esquecido de que ele tinha servido no navio de guerra Texas. Ele disse ao Charlie que havia planos de reformar o navio. Foi construído em 1914.

– Então provavelmente precisa de uma plástica – Huck disse.

Eles deram risada.

– Em uma semana, mais ou menos – Gabe continuou –, o tempo deve esquentar. E se nós levarmos o Azul do Norte para uma viagem de um dia até onde o barco está ancorado e fizermos a nossa homenagem?

– Gostei da ideia. – Huck parou de massageá-lo e deu um beijo na bochecha dele. – Mas só não se anime demais e queira entrar para a Marinha!

– Até parece. Eles me recusaram depois que Pearl Harbor foi atingido, e ainda estou magoado.

– O exército todo recusou, meu querido. A Gulf precisava mais de você. – Ela pegou a bandeja e foi para a sala íntima dos dois. Sentada na namoradeira, ficou tomando chá e olhando pela janela.

Ela ouviu a máquina de escrever de Gabe de novo. Tinha sido difícil para ele quando tentou se realistar e não pôde. Apesar de ter servido na Primeira Guerra Mundial, o Departamento de Guerra achou que, aos quarenta e três anos de idade, ele serviria melhor o País ficando na Gulf.

Huck tomou seu chá enquanto um vazio familiar a socou no estômago. Cutter era cinco anos mais novo que Gabe e extremamente atlético, então tinha conseguido se realistar. Depois do treinamento básico, ele tinha se dado bem como navegador de voos, e foi enviado para se juntar à oitava divisão da Força Aérea, que estava no sul da Inglaterra. Em 1943, o esquadrão B-17 pereceu, atingido ao cruzar as linhas alemãs. Como Cutter era seu irmão gêmeo, Huck sentiu como se parte dela tivesse morrido. Ela e Gabe ficaram de luto por meses. A cada noite daquela guerra sem fim, eles se abraçavam com força, e ela sabia que, na maioria daquelas noites, Gabe se sentia culpado por estar vivo. Assim como o restante do País, eles rezaram pela segurança das tropas e por um final próximo para toda aquela loucura. Mas Huck rezava especialmente para Gabe, que reviveu os horrores que tinha sofrido nas trincheiras. Ele acordava molhado de suor, e então tremia descontroladamente por horas. Ela colocava os braços ao redor dele e recitava alguns de seus salmos favoritos. Salmos sobre a proteção, o conforto e a força de Deus.

Olhando pela janela, Huck escolheu concentrar seus pensamentos em tempos mais felizes.

Ainda nada de neve.

Quando era criança, ela tinha sonhado andar de trenó, voando baixo em um morro branquinho. A única vez que havia nevado o suficiente para aquilo acontecer tinha sido no inverno em que ela descobrira seu vale secreto.

Seu pai havia arrendado parte das terras para um agricultor chamado Coronel Blue. Ele não era um coronel de verdade, e Blue era só um apelido, mas ele tinha sido um daqueles meninos que tocavam

tambor na Guerra Civil. Huck adorava ouvir suas emocionantes histórias cheias de aventura, e então passou várias tardes de sua infância ao lado de um fogão a lenha gordinho, bebendo chá quente com Blue e a esposa dele, Stella. Como as crianças não podiam beber café, Stella misturava creme e açúcar na água quente e colocava só um pouquinho de café para dar uma cor.

Numa tarde gelada pouco antes do Natal, ela se sentou ali, encantada por uma das histórias de Blue. Quando ele terminou, grandes flocos fofinhos estavam caindo do céu. Rapidamente, havia vários centímetros de neve no chão. Com um brilho nos olhos, Blue instruiu Huck e Stella e a colocarem seus casacos e seguiu-o lá para fora. Na varanda de trás da casa havia um pequeno trenó feito a mão. Pelo resto do dia, eles ficaram descendo um morro próximo a bordo do trenó. Depois do Ano-Novo, Blue e Stella se mudaram. Mas Huck jamais se esqueceu do casal que, bem depois de aposentado, brincou na neve como crianças, livres.

Era por isso que ela adorava a neve. Lembrar-se de Blue e Stella tornava envelhecer mais palatável. Huck tomou lentamente um gole de seu chá, provando o sabor azedinho e doce. Tanta coisa havia mudado desde a sua infância. Beisebol profissional podia ser jogado em locais fechados, e um homem tinha caminhado na Lua. Na verdade, o Astrodome e a NASA não ficavam muito longe da casa deles. E ela nunca se esqueceria de ter ouvido uma das amigas de Priscilla dizer que, se um homem tivesse realmente pisado sobre a superfície lunar, então, numa noite de céu limpo, nós poderíamos olhar para cima e ver as pegadas dele sem um telescópio.

Priscilla.

Que mulher complicada.

E, havia dois meses, uma mãe.

Huck chacoalhou a cabeça ao se lembrar disso. Priscilla fazia várias coisas erradas, mas eles a amavam como a uma filha. A filha dela seria como uma neta para eles.

Yvette Galloway.

O bebê mais lindo que Huck já tinha visto.

Acabando de beber seu chá, Huck ainda podia ouvir a máquina de escrever de Gabe. Ao longo de seu casamento, principalmente quando eram jovens, eles tinham falado sobre adotar uma criança, mas nunca o fizeram. E agora, especialmente desde a doença de Gabe, eles desejavam que tivessem corrido atrás daquela ideia com mais afinco. O pior medo de Huck, é claro, era perdê-lo. Depois disso vinha o pesadelo de acabar sozinha em um asilo qualquer.

Huck podia sentir suas emoções seguindo em uma espiral para baixo.

– Eu me recuso a perder a minha coragem – ela disse em voz alta. – Hoje não.

O Senhor Jack tinha falado sobre uma pessoa jogar com a mão que tinha recebido. E ela sabia que ele sempre tinha escondido algumas cartas na manga, passando uma por baixo da mesa quando ela

mais precisava. Talvez, com o enfisema de Gabe, ele também lhe entregasse mais um ás.

– Querida? – Gabe entrou na sala íntima. – Acabei de ouvir uma notícia sobre o tempo. A semana inteira ficará em torno de vinte e um graus, então podemos planejar a nossa viagem. – Ele voltou a sua atenção para a janela. – Mas olhe só isso... Neve!

Vinte e três

Março de 1986
Houston, Texas

Uma televisão na sala de espera da UTI no Hospital Hermann mostrava o jornal das seis da tarde. Huck checkou seu relógio de pulso. Em quinze minutos estaria na hora de visitar Gabe mais uma vez. Olhando de relance para a tela, ela queria que alguém mais alto que ela viesse para baixar o volume. Em algum ponto de seus setenta anos, ela tinha começado a encolher.

Huck bocejou.

Apesar de o horário de visita da UTI terminar às dez e meia, ela achava importante ficar por ali o tempo todo. É claro que Priscilla tinha se oferecido para revezar com ela algumas horas do dia, mas, para Huck, passar as noites cochilando na sala de espera gelada de um hospital era melhor do que não dormir sozinha na cama deles. Às vezes as enfermeiras deixavam que ela ficasse com ele por uma hora durante a madrugada, se tudo estivesse calmo. Ficar ao lado de Gabe era a única coisa que importava.

A voz educada de barítono do âncora do jornal chamou a sua atenção:

– Esta tarde, uma celebração diferente do Dia de Saint Patrick aconteceu no Hotel Shamrock, de Houston. Os participantes comemoravam o 40º aniversário do hotel com uma demonstração. Em vez dos adereços verdes tradicionais, eles carregavam placas de protesto contra a demolição do hotel.

– Demolição – Huck perguntou, mas sua voz não saiu. – Isso nunca vai acontecer. – Ela tinha ficado tão ocupada com a saúde de Gabe nos últimos meses que não queria nem ler os jornais. Só lia os postais semanais mandados por ele. Carinhosos e inteligentes como sempre, os postais eram seus pertences mais importantes.

Ela sentiu um nó no estômago.

Tinha sido triste, quase devastador, não ter recebido um postal na semana anterior. A primeira sexta-feira em que ele não tinha mandado um postal em sessenta anos de casamento. Mas o homem estava na UTI! Ela não poderia esperar que ele fizesse o impossível.

Ela suspirou. As vidas deles estavam mudando, quer ela gostasse ou não.

A maior mudança tinha acontecido havia pouco mais de um ano, quando o enfisema forçou Gabe a precisar de mais oxigênio o tempo todo. Por causa dos tanques enormes, eles tinham parado de viajar, a não ser uma viagem curta aqui ou ali, quando ele levava unidades portáteis para ajudá-lo a respirar. E agora a maior parte dos dias de Gabe era passada tentando fazer com que seus pulmões tivessem oxigênio suficiente para que ele pudesse andar da mesa de jantar para seu escritório. Até

mesmo datilografar requeria mais energia do que ele podia gastar.

Huck olhou para a TV enquanto o âncora passava a vez para um repórter no Hotel Shamrock.

– Este é um ponto histórico – o repórter disse –, inaugurado no Dia de Saint Patrick em 1949, comprovando a velha máxima: tudo é maior no Estado da Estrela Solitária.

“Gabe ria de dessa matéria”, Huck pensou. Quando o Shamrock foi construído, foi o sucesso de Bayou City por meses, então eles compareceram às festividades da grande inauguração. Milhares de pessoas foram espiar a opulência quase espalhafatosa demais do edifício. Com os jardins meticulosamente mantidos, havia uma piscina grande o bastante para esqui na água. Dezenas de estrelas de Hollywood tinham vindo para o evento com executivos do cinema de Los Angeles e um exército de jornalistas. A atriz Dorothy Lamour teve que cancelar uma transmissão ao vivo pelo rádio por causa da confusão.

A matéria acabou e Huck checou o relógio.

Mais dez minutos.

Ela sentia saudade daquela época maravilhosa quando eles eram jovens e Gabe era saudável. Mas talvez a matéria na TV fosse um sinal de que ainda havia bons momentos à frente. Afinal, os *shamrocks*, ou trevos-de-quatro-folhas, davam sorte, certo? E, de qualquer forma, o médico tinha dito que a UTI era simplesmente uma medida de precaução por uma noite.

Mas, durante aquela “uma noite”, ele havia desenvolvido pneumonia e seu prognóstico piorou. Agora as noites tinham se multiplicado para sete.

– Senhora Alexander? – Um médico que Huck não reconheceu entrou na sala de espera. – Posso conversar com a senhora sobre o seu marido antes da visita?

– Onde está o Doutor Sloan?

– Ele teve uma emergência e eu estou aqui no lugar dele. Sou o Doutor Lariffee.

– Ah. – Ela nunca tinha visto um médico que parecesse tão moço. Mal parecia ter idade o bastante para ter se formado, quanto mais ter terminado a residência.

– Podemos conversar?

– É claro. – Ela tinha pedido para ser mantida informada sobre a situação de Gabe.

– Por favor, vamos aqui para os fundos. – O Doutor Lariffee levou Huck por portas automáticas para a UTI, e então ofereceu a ela uma cadeira em um espaço reservado perto da estação dos enfermeiros.

– Obrigada – Huck disse. – Mas estou cansada de ficar sentada.

– O Senhor Alexander acabou de piorar – o doutor disse, e então fez uma pausa e pigarreou. – Isso acontece às vezes com a pneumonia.

– Como assim?

– Ele está enfrentando uma tremenda dificuldade para respirar, e os sinais vitais dele estão cada vez mais baixos.

– Mas esta tarde...? – De repente, o medo intenso que Huck tinha sentido em Texas City havia retornado. A tontura. Os joelhos moles. Ela se sentou.

– A senhora está bem?

– Fale logo para mim – Huck conseguiu dizer. – Quero saber a verdade.

– Senhora, o seu marido está morrendo. Ele já está inconsciente e provavelmente não vai passar desta noite. Não há nada mais que possamos fazer.

– Então eu preciso vê-lo. – Huck se levantou. Depois de sessenta anos com Gabe, se ela tinha menos de uma noite, então não tinha um momento precioso sequer a perder.

– A senhora tem certeza de que está bem?

“Mas que pergunta boba”, Huck pensou, e então reuniu todas as suas forças.

– Faça o seu trabalho, rapaz, que eu faço o meu.

Ao entrar no quarto de Gabe, ela pôde ver imediatamente que a pele dele agora era de um azul acinzentado. Apesar de ele estar ligado ao tubo de oxigênio, sua respiração estava acelerada e rasa.

– Estou aqui, querido – Huck disse, sentando-se na cama e segurando a mão dele. Ela podia sentir as lágrimas se acumulando sobre as pálpebras e ouvir a tremedeira na própria voz, mas continuou forte. – Eu vi uma matéria maravilhosa na TV sobre o Shamrock há alguns minutos. Lembra como a gente se divertiu naquela inauguração? Você se lembra daquele repórter de San Antonio que achou que fôssemos artistas de cinema? – Ela sabia que estava falando bobagem e que ele provavelmente não podia ouvi-la, mas continuou. Uma única lágrima escapou de seu olho.

Ela choramingou.

– Lembra, querido? Nós inventamos nomes chiques de Hollywood e posamos ao lado daquela piscina ridícula para ele tirar a nossa foto. – Ela esticou a mão livre e acariciou o queixo dele, fino e com a barba por fazer, e passou os dedos por cada cacho de cabelo branco prateado. – E no dia seguinte nós compramos o jornal de San Antonio. E lemos cada página até encontrarmos nossa foto, e quase morremos de rir.

O corpo de Gabe pareceu se tensionar um pouco, e então relaxar.

– Estou aqui – Huck disse de novo, segurando as lágrimas. – Bem aqui ao seu lado, como sempre.

Uma enfermeira entrou no quarto.

– A senhora precisa de alguma coisa?

Recusando-se a desviar o olhar, Huck deu uma batidinha no braço de Gabe.

– Tudo de que mais precisei na vida está bem aqui.

Sem outra palavra, a enfermeira saiu.

Huck continuou:

– Será que falei para você ultimamente, meu querido... – Ela parou para engolir em seco. – Que você era exatamente quem eu estava procurando desde menina? E que eu não sabia ao certo até a nossa noite maravilhosa no balanço da varanda? – Sentindo a emoção tomar conta, ela fez outra pausa, dessa vez por tempo suficiente para se recuperar. – Bem, para falar a verdade – ela disse, finalmente –, eu sabia que você era a minha alma gêmea mesmo antes daquela noite. Eu acho que soube quando você fez aquele comentário bobo sobre as ostras no dia em que nos conhecemos.

De repente, Gabe abriu os olhos e olhou diretamente para Huck, e então os fechou de novo. A boca dele se mexeu, mas não produziu nenhum som.

Levando o ouvido até os lábios dele, Huck tentou ouvir. Nada.

– O que foi? Por favor, me diga.

Ela sentiu a mão de Gabe se mexer bem de leve.

– Eu vou... – a voz dele era quase um sussurro.

– Continue – Huck disse, suas lágrimas caindo sobre o peito dele.

– Eu... vou... voltar.

– Eu sei – ela sussurrou –, e eu vou estar esperando. Então não pense que você precisa se demorar por aqui.

Ela virou a cabeça e beijou os lábios dele, e então sentiu um sopro leve tocar os dela.

Respirando fundo, ela capturou o último sopro de vida de sua alma gêmea.

No dia após o velório discreto de Gabe em Houston, Huck colocou um vestido que tinha sido o favorito dele, entrou no Azul do Norte e seguiu para Huntsville. Aos oitenta e um anos, ela ainda estava com boa saúde, mas não gostava de pegar a estrada. A maioria dos motoristas na I-45 não seguia o limite de velocidade, então ela preferiu seguir por uma estrada menor, onde a lei ainda

existia. Levaria mais tempo para chegar lá, mas era uma viagem que ela se sentia destinada a fazer.

Quando o trânsito melhorou, Huck começou a se lembrar dos acontecimentos horríveis dos últimos dias. Sentindo-se ainda chocada demais para chorar, ela não tinha derramado uma lágrima desde a noite em que Gabe morrera. Dar permissão para ele ir havia sido a coisa mais difícil que ela já tinha feito. Mas ela estava exausta e cansada de vê-lo sofrer. Por que fazer um homem se demorar à porta da morte por uma noite inteira quando a mão dele já estava na maçaneta?

É claro que os amigos e a família não demoraram a chegar, pairando sobre ela como moscas. E, como era de esperar, ela tinha se esforçado ao máximo para mostrar uma cara agradável, e engoliu alguns pedaços de carne ensopada, pensando o tempo todo em como ela poderia viver mais outro momento vazio sem Gabe.

Chegando aos limites de Huntsville, Huck concentrou seus pensamentos na tarefa à frente. Como Gabe sempre dirigia, ela nunca prestava muita atenção no caminho, e tudo tinha mudado tanto desde a sua infância. Depois de percorrer várias ruas escondidas por causa de construções, ela encontrou uma entrada lateral para o museu e as casas históricas de Sam Houston.

Era um dia de semana, e havia lugar à vontade para estacionar, então ela escolheu um lugar afastado sob um pé enorme de noz-pecã. Desligou o motor. Para sorte dela, não havia nenhum visitante passeando por ali. Gabe tinha sempre mantido o Azul do Norte impecável, tanto que admiradores paravam para olhar o velho carro e fazer perguntas aonde quer que eles fossem.

Havia uma brisa no ar e fazia calor, com pequenas nuvens salpicando o céu. Huck saiu do carro e foi dar uma olhada no local que um dia havia sido seu vale secreto. Depois de ver o terreno ser destruído mais de sessenta e cinco anos atrás, quando o parque foi fundado, ela nunca tinha tentado encontrar o local de novo.

No entanto, hoje era diferente.

Hoje ela precisava voltar.

Andando naquela direção, Huck caminhou cuidadosamente por uma estrada de pedregulhos, calculando cada passo. Na idade dela, as pessoas viviam caindo por falta de cuidado, e ela não queria ser mais uma vítima. Ao sair da estradinha, ela seguiu uma trilha arenosa que levava a algumas mesas para piquenique em uma área cheia de árvores. Depois de dirigir por duas horas, suas pernas e suas costas doíam mais que o normal, então ela se sentou e descansou por um momento, e então se levantou de novo. Atrás das mesas ficava um paredão de pinheiros e trepadeiras.

“É lá que eu preciso ir”, ela pensou, ainda confiando em seu senso de direção. Mas, depois de várias tentativas, não conseguia achar um jeito de entrar naquela vegetação tão densa. Determinada a não desistir, Huck observou a área novamente e notou uma trilha quase totalmente encoberta que não tinha visto antes. Continuando em sua missão, ela seguiu pela trilha até que esta desapareceu.

– Faz tempo demais – ela disse em voz alta. – Eu fui boba de tentar. Boba de ainda acreditar.

Ao se virar, ela começou a andar na direção oposta, mas tropeçou em uma raiz e caiu sentada. Um galho morto prendeu a barra do seu vestido, abrindo um buraco enorme.

– Era o vestido favorito de Gabe – ela berrou. – Eu não vim até aqui para destruir o que ele adorava.

E, então, como uma tempestade de verão, ela não conseguiu mais conter as lágrimas.

– Eu não estava pronta para perdê-lo – ela chorou. – Eu não sou forte o bastante. Nem quero ser.

Pegando um punhado de agulhas de pinheiro, ela as jogou para cima.

– Eu sabia que você não estaria aqui – ela disse, com raiva. – E o que você poderia fazer, de qualquer jeito? Anjos não são Deus.

Ela enxugou o rosto com a barra do vestido.

– Caso você ainda não saiba, o Gabe morreu! Eu joguei com a sua carta idiota e perdi.

Com mais nada a dizer no momento, Huck ficou sentada no chão. De uma maneira estranha, a crise a tinha feito se sentir melhor. Gabe acharia a coisa toda engraçada: uma mulher da idade dela largada no chão no meio da floresta, falando sozinha com uma lembrança da infância. Uma lembrança que talvez não fosse mais que um prisioneiro fugitivo.

Uma brisa repentina remexeu o ar. De canto de olho, Huck notou o movimento de uma planta mais delicada. Apertando os olhos, ela viu algo cor-de-rosa. Uma única orquídea anacacho. A flor mais perfeita que já tinha visto.

Olhando de perto, ela notou que inicialmente havia duas orquídeas ali. Dois pequenos botões se alimentando da mesma planta, e então se transformando em uma só. Uma orquídea tão maravilhosa só poderia mesmo ser formada por duas.

– Dois corações comandados pela devoção – Huck disse enquanto chorava. Naquele momento, ela compreendeu a profundidade do amor deles. Um amor puro, refinado por uma vida inteira compartilhada. O casamento os havia juntado em uma única planta. E, a cada ano, assim como a planta amadurecia, o mesmo acontecia com o relacionamento deles, com as raízes firmes na esperança que produziram duas belas flores. Quando Gabe morreu, sua flor não tinha murchado, pois o florescer de seu amor continuava no coração de Huck.

Criando uma única e maravilhosa flor.

Vinte e quatro

Asilo de Bayshore, 2004

Senhora Alexander

*E*sforçando-se para abrir os olhos, Huck sentiu uma batidinha leve em seu ombro direito.

– Ah, Gabe, meu querido, é você? – ela murmurou. – Fiquei a noite inteira esperando, agitada demais para dormir.

– Desculpe acordar você, Huck. – Yvette fez carinho no braço dela. – Mas tenho outra pergunta sobre a minha mãe. E preciso que você leia uma coisa. – Ela fez uma pausa. – Você estava sonhando com o Gabe?

– Ah, Yvette. – Huck puxou as cobertas até o pescoço, e então apertou um botão, levantando a cabeça levemente. – Que horas são, querida?

– Nove da manhã. Você já tomou café?

– Comi alguma coisa, e devo ter cochilado de novo. – Ela sorriu. – Não gosto de sair de estômago vazio.

– Sair? Eu pensei que a cabeleireira viesse até aqui.

Huck fez cara feia.

– Eu não sei por que as pessoas deste lugar horrível acham que eu preferiria fazer o meu penteado aqui na cama. Uma senhora precisa sair de tempos em tempos.

Yvette pegou uma cadeira e se sentou ao lado de Huck.

– Talvez eles estejam querendo fornecer um bom serviço.

– Humph. Depois de hoje, eles não vão mais ter que se preocupar comigo. – Ela sorriu. – Eu te contei que o Gabe vem me buscar?

– Quando eu vim aqui há algumas semanas, você disse que talvez ele viesse.

– É verdade, você estava fora. Como foi a sua viagem? Você ganhou?

– Eu peguei uma boa colocação em algumas corridas, especialmente em Ruidoso. Pelo menos pagou os meus gastos.

– Gabe e eu adorávamos aquela parte do Novo México. Ele gostava de dirigir pelas montanhas. Mas sempre ficávamos felizes ao voltar para casa em Houston. – Huck virou o pescoço para ver o relógio sobre o criado-mudo. – Hoje é sexta, sabe?

– Eu sei – Yvette disse.

– Obviamente – Huck suspirou. – Às vezes aquele homem me irrita tanto. Mas estou vestida e pronta. – Ela tirou a coberta, mostrando um vestido de um cor-de-rosa leve e sapatos combinando. – Aquela mulher do turno da noite não foi nada solícita hoje às cinco da manhã.

– Você quer dizer a enfermeira?

Huck ignorou o comentário.

– Eu ameacei ligar para a polícia se ela não me ajudasse a me vestir. – Huck fez um gesto para Yvette se aproximar. – Eu já liguei para eles uma vez – ela sussurrou.

– Duas vezes – Yvette respondeu.

Huck ofereceu um sorriso discreto.

– Antes de você ler, há algo que eu queria lhe dar há muito tempo. Está na primeira gaveta da minha cômoda, em uma caixa de veludo. Você poderia pegá-la para mim, por favor?

Yvette trouxe a caixa para ela.

– Não a abra – Huck instruiu. – Ainda não.

– Sim, senhora.

– Você se lembra do poema que Gabe escreveu sobre as duas conchinhas?

– Um dos meus favoritos.

– E o colar sobre o qual eu falei no dia em que lemos aquele poema?

– Você disse que mandou um joalheiro polir as conchas e colocá-las em um colar de ouro. – Yvette olhou para a caixa.

– Não fazia muito tempo que estávamos casados quando fomos, em um final de semana, para a praia, e ele colocou as conchas no bolso do calção de banho sem que eu percebesse. – Huck suspirou. – Eu nunca sabia o que aquele homem romântico estava aprontando. – Ela sorriu. – Agora você pode abrir.

– É tão lindo. – Yvette pegou o colar e o segurou contra a luz. – Mas eu nunca vi você usá-lo.

– Eu só usava esse colar para a minha alma gêmea – Huck disse, e então ficou quieta até Yvette

olhar para ela. – E, um dia, você vai usar para a sua.

– Obrigada, eu.... – Yevette enxugou uma lágrima, e então se aproximou e abraçou Huck. – Eu vou usar, sim – ela sussurrou –, um dia.

Huck bocejou.

– Estou me sentindo um pouco cansada. Acho que vou tirar uma soneca. Podemos ler depois?

Yevette fez que sim com a cabeça.

– Quer que eu baixe a cabeceira da cama e feche a cortina?

– Seria ótimo. Mas não me deixe dormir demais.

Enquanto Huck dormia, imagens agradáveis de sua infância invadiram a sua mente. Não apenas rostos específicos, mas eventos com várias pessoas, como reuniões de família, festas na igreja, Natais. A certo ponto, ela estava de volta ao vale secreto, conversando com o Senhor Jack.

– Huck? – a voz de Yevette interrompeu os sonhos dela.

– O que foi, querida?

– Não queria que você perdesse o almoço. Eles vão trazer daqui a pouquinho. Quer que eu levante a cabeceira e abra a cortina?

– Não, assim está bom. – Huck ainda se sentia meio sonolenta, quase como se estivesse flutuando. – Acabei de ter um sonho maravilhoso. Eu era uma menininha de novo e todos os meus amigos e a minha família estavam lá. Até vi o Senhor Jack. – Ela fez uma pausa. – Mas você não queria perguntar uma coisa?

– Queria.

– Então é melhor perguntar logo, querida. Gabe vai entrar por aquela porta a qualquer minuto.

– Quando ele passou aquela semana na UTI, minha mãe foi visitá-lo?

– Gabe era como um pai para Priscilla. – Huck estava meio sem ar. – Ela morreu. Priscilla.

– Você sabe sobre o que eles conversaram naquela visita?

– Eu não tenho a menor ideia, querida. Mas me lembro que Gabe me disse que ela leu o jornal para ele. Gabe adorava quando ela lia para ele.

– Será que ela leu alguma coisa da Bíblia dela?

Huck sorriu.

– Ah, como aquele homem adorava os Salmos.

– Como é? – Yvette perguntou. – Não consegui ouvir. Você deve estar caindo no sono de novo. O que você disse sobre os Salmos?

– Gabe acredita que a poesia naquele livro guarda o segredo da vida – Huck disse, suas palavras quase inaudíveis. – Quando ele vier hoje, vai trazer um postal com um poema novo.

– Eu encontrei um postal endereçado a você na Bíblia da mamãe, Huck. Na frente está a foto de uma orquídea muito linda, que eu nunca vi. No verso está um poema com a letra de Gabe. Eu nunca pensei em dar uma olhada na Bíblia da mamãe até ontem à noite. Ele deve ter escrito o poema quando estava na UTI, mas a minha mãe morreu antes que pudesse entregar o postal – a voz de Yvette tremeu. – Quer que eu leia para você?

– Seria maravilhoso, querida.

No instante em que Yvette começou a ler, Huck viu Gabe. Seus olhos azuis do céu e do mar iluminaram o quarto inteiro.

*Nesta última sexta do rimar,
Seu marido nem pode contar
Quantos abraços te daria
Sob mais um céu estrelado.
Mas a vida é curta para amar,
E nos portões do céu vou te esperar,
Pois, sem você, eu jamais seria
E para sempre serei seu amado.*

*Para sempre,
Gabe.*

– Ah, meu querido Gabe – Huck disse. – Você voltou brilhando como o sol. E este poema é o mais belo de todos.

E então, fechando os olhos, Huck Alexander partiu para a luz brilhante da eternidade.

Vinte e cinco

Verão de 2006
Adam Colby

Depois de ler o último postal de Gabe e ficar pensando nele, como Yvette tinha pedido, liguei para ela. Ela estava na cidade, então nos encontramos na tarde seguinte no Centro de Convenções Doyle, em Texas City, perto de uma grande fonte.

– Lindo, não é? – Yvette disse, com os olhos grudados na fonte. A estátua de uma fênix gigante emerge da água. – Você sabe por que estamos aqui?

– Não faço a menor ideia – respondi, quebrando a cabeça para tentar lembrar se Gabe tinha escrito algum poema sobre uma fênix.

– Gabe quase morreu aqui – ela disse, chateada.

– Afogado na fonte? – Dei uma risadinha leve.

– Não tem graça. Você não sabe o que aconteceu?

– Você está falando da grande explosão? – Eu me senti como se tivesse feito um comentário besta.

– Eu me lembro das pessoas falando sobre um desastre industrial nos anos 1940, mas só sabia disso.

– Vamos andar – ela disse. – Vou continuar a história dos Alexanders de onde parei da última vez. E então vamos voltar para cá.

Ela estava usando um short de novo, mas dessa vez seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo. E, em vez do pendente de opala que eu já conhecia, ela usava um colar simples de ouro, com duas conchinhas polidas. As conchinhas pareciam refletir a luz nos olhos dela.

Enquanto caminhávamos pelo centro de convenções, falamos sobre Kilgore e a morte de Clark Richards. Ela riu ao me contar sobre o rodeio na prisão, antes de explicar detalhadamente o que tinha acontecido ali em Texas City. Ainda bem que a pequena aventura na Neiman Marcus nos fez dar risada. Mas então ela me contou sobre o enfisema de Gabe, o enterro dele, a última visita de Huck ao seu vale secreto. E, então, com uma expressão sóbria, Yvette explicou que Huck tinha morrido ao ler o último postal de Gabe.

– Estou chocado – foi tudo que consegui dizer, quando notei que tínhamos voltado à fonte.

Yvette parou de andar.

– Você falou mais alguma vez com a Haley?

– *Ahn*, não – respondi, sem esperar aquela pergunta. – Ela se casou de novo e não quer mais manter contato.

– Eu sinto muito.

– Não sinta. A culpa foi de nós dois.

Por vários momentos, ninguém falou nada.

– Você está vendo como a fênix está voando para fora da fonte? – Yvette finalmente perguntou.

Eu observei aquele pássaro incrível e fiz que sim com a cabeça.

– Ela simboliza a maneira como esta cidade renasceu das cinzas naquele desastre. Esse pássaro é você.

E, com um aceno leve de cabeça, Yvette se virou e começou a se afastar.

– Você vai embora? – Eu queria que ela ficasse.

Virando-se, ela olhou para mim:

– Esse é o fim da história dos Alexander. Agora você sabe de tudo.

– E posso ligar os últimos pontos – respondi, olhando nos olhos dela. – Mas eu não sei tudo sobre... você.

– Depois que você se encontrar, ligue para mim. – Ela sorriu. – Ou talvez eu ligue para você. – Ela se virou de novo, caminhou até o centro de convenções e desapareceu lá dentro.

– Estou presa na Buffalo Speedway! – Yvette gritou.

– O quê? – perguntei, e então chacoalhei meu celular, como se adiantasse alguma coisa. A ligação estava ruim ou ela estava dirigindo com o vidro abaixado.

– Alô! Adam, você está me ouvindo?

– Mais ou menos. Você está na picape?

– Você está no Bering?

– Aqui fora. Eu pensei que você tivesse dito que era uma loja de ferragens.

– E é. Mas eles vendem mais do que martelos. Então peça dois cafés para viagem.

– Café?

– Não me pergunte por quê. Daqui a pouco eu chego aí. Tchau.

Ela tinha me ligado primeiro.

Desliguei e entrei. A loja chique era tradicional, mas estilosa, e cheia de ferragens, produtos e presentes diferentes. E não é que também vendiam café? Pedi e paguei por duas xícaras, dizendo para a moça atrás do balcão que poderia esperar alguns minutos. Sentado em um banco, pensei em Yvette e dei uma risadinha.

O único motivo pelo qual uma pessoa dirigiria por Houston no meio do verão sem ar-condicionado seria porque queria morrer de insolação. Mas ela era uma mulher diferente.

Depois que nos encontramos em Texas City, consegui juntar as últimas peças da história notável de Gabe e Huck. E, de repente, me peguei pensando cada vez menos em Haley e cada vez mais em Yvette. Eu tinha ficado tão acostumado a sentir pena de mim mesmo, e ao conforto paradoxal da dor, que nem sabia mais como levar uma vida normal. Será que eu estava mesmo começando a aceitar o que tinha acontecido ou me forçando a deixar aquilo para trás? De qualquer maneira, graças a Huck e Gabe, eu sabia que encontraria coragem para seguir em frente.

Quando descobri os postais e comecei minha jornada para encontrar o segredo de um casamento duradouro, eu estava buscando algum tipo de fórmula, o cálice sagrado da felicidade conjugal. Depois de conhecer Yvette, comecei a colocar no lugar as peças da vida de Huck e Gabe na história deles. Apesar de terem sido almas gêmeas, eles eram simplesmente duas pessoas apaixonadas, um homem e uma mulher que, por mais que tentassem, nem sempre conseguiam evitar a Divisão Longa ao lutar contra o egoísmo e serem comandados totalmente por sua devoção. Então o segredo não era propriamente uma fórmula, mas uma combinação de coisas que fez o casamento deles durar. Confiança absoluta. Uma ligação inquebrável. Plenitude. Mesmo assim, eu senti que ainda estava faltando uma peça nesse quebra-cabeça.

E então, a noite passada, eu a encontrei. Apesar de ter lido o último postal de Gabe várias vezes, percebi que ele apontava para aquilo que eu estava procurando.

O poema falava que seu amor por Huck duraria para sempre. Como Huck sabia da profundidade da ligação entre os dois – o amor de Gabe, que permanecia em seu coração –, ela conseguiu viver sem ele por mais dezoito anos. Mas a última percepção de Huck tinha se tornado crucial para mim. Algo que eu já tinha considerado, mas só compreendia agora.

Quando era criança, Huck conheceu o Senhor Jack e ele a havia aconselhado a agarrar a esperança e não soltar nunca mais. Eu ainda não estava convencido de que o homem era mais que um andarilho. Mas, depois de ligar a corrente de acontecimentos sobrenaturais que seguiram, decidi que a sabedoria do Senhor Jack era estelar. Talvez eu estivesse começando a acreditar em anjos também. O sem-teto que Gabe encontrou em Kilgore poderia ter sido o anjo da guarda *dele*. Ou talvez anjos da guarda trabalhassem em turnos duplos com almas gêmeas.

Desde o começo, a *esperança* de Huck era encontrar uma alma gêmea. E então esse sentimento evoluiu para manter a alma gêmea a salvo dos perigos, com o Azul do Norte se tornando um símbolo

da segurança de Gabe. Mas, quando ele morreu e a vida dela também poderia ter chegado ao fim, ela descobriu um novo tipo de esperança.

Como seres humanos, temos a esperança de ter uma série de coisas. Felicidade. Saúde. Emprego. Filhos. Um parceiro. A eternidade. À medida que amadurecemos, começamos a reconhecer uma força misteriosa que é parte de cada um de nós, algo muito mais poderoso que nós mesmos.

Aquela força é a esperança, a base de nossas almas.

A esperança já venceu guerras, erradicou doenças. No espírito humano insaciável, a esperança é o fogo.

É diferente, porém igual para cada um de nós. Para Huck, foi sua fé em Deus e a crença de que veria Gabe de novo. Para mim – e eu teria que ponderar mais na parte sobre Deus –, a esperança é uma segunda chance, um novo começo. Mas a beleza em tudo isso é a seguinte: quaisquer que sejam os erros que eu tenha cometido no meu relacionamento no passado, a esperança é onde uma nova estrada começa.

A peça final do quebra-cabeça? O poder do amor através da esperança.

Dei uma risadinha. Na verdade, era um conceito simples. Mas que fez um casamento durar sessenta anos.

– Senhor? – A atendente deu uma batidinha no meu ombro. – Os dois cafés.

Voltei minha atenção para a loja de novo.

– Obrigado – respondi, e Yvette entrou pela porta.

– Então por que você pediu essa reunião? – perguntei, olhando ao redor. – Nós vamos construir alguma coisa?

– Talvez. Pegue o seu café e venha comigo. Você sabe que marca de café é esta? – ela perguntou, enquanto saíamos para o estacionamento ensolarado.

– Qual?

– Admiration – ela disse. – Na verdade, é Houstonian Blend, torrado pela empresa original do Admiration, a Duncan Coffee.

– Você quer dizer que me admira?

Ela parou de andar e me olhou nos olhos. Os dela eram verdes como esmeraldas. Ela continuou:

– Depende de você querer dar uma volta comigo ou não.

– Para onde?

– Galveston. Bem que a gente podia comer uns frutos do mar.

– Sereias? Champanhe cor-de-rosa?

– A resposta para a sua primeira pergunta é não, pois não gosto desse tipo de lugar. A resposta para a sua segunda pergunta é: só se tiver gosto de uma cerveja muito boa.

Depois de passar por uma SUV gigante, quase derramei meu café. A uns seis metros estava um Oldsmobile 1947 conversível azul-celeste. O Azul do Norte.

– Eu não acredito – eu disse, rodeando o carro e passando a mão sobre a tinta brilhante. – Nunca pensei em perguntar sobre o carro deles.

Yvette abriu a porta do lado do motorista e entrou.

– Se você está esperando um valet para abrir a sua porta, vai esperar um tempão.

Eu me sentei no banco do passageiro. O carro inteiro, por dentro e por fora, parecia ter acabado de sair do showroom.

– Você acha que este carro de aluguel velho aqui vai nos levar aonde queremos ir? – Yvette sorriu, e ligou o motor.

– Espero que sim – respondi, e então sorri para ela. – Espero mesmo.

Agradecimentos

O sonho de alguém que quer escrever ficção pode ser uma longa jornada. Portanto, sou eternamente grato às pessoas que ajudaram a transformar meu sonho em realidade.

Jodi Thomas – que me convenceu de que eu tinha um dom, e depois me ajudou a dar os primeiros passos na escrita. Muito obrigado pela amizade, pelo conhecimento e por sua gentileza. Você me desafiou a voar muito mais alto do que eu imaginava.

Helen Bass – que sabia que eu estava destinado a escrever mesmo antes de eu ter qualquer ideia. Obrigado pelas orações constantes e pelo encorajamento.

DeWanna Pace – cujas habilidades magistrais de crítica me ajudaram a descobrir a minha voz. Obrigado, Dee, por sua paciência tão gentil.

Roger Otwell e David Otwell – que me convenceram de que eu poderia escrever qualquer coisa, e então me ensinaram a sorrir para a câmera. Obrigado, *pards*, por me acolherem como um terceiro irmão.

Cori Deyoe – minha agente tão habilidosa e cheia de ideias, que reconheceu o potencial deste livro, e depois continuou acreditando nele. Obrigado por seus conselhos sólidos, e por me fazer desviar com alegria de todos os buracos na estrada.

Shannon Marchese – minha editora extraordinária, que acreditou na minha voz, no meu manuscrito e na minha carreira. Obrigado, Shannon, por seu insight excepcional, por sua orientação profissional e por me escutar com o coração.

A equipe da Waterbrook – Ken Peterson, Pamela Shoup, Amy Haddock, Beverly Rykerd, Mark Ford, Kendall Davis e Heather Brown. Estou maravilhado com as suas habilidades incríveis, sua criatividade e conhecimento incansáveis.

Nicci Jordan Hubert e Caleb Rexius – vocês são mestres naquilo que fazem.

Meus incríveis primeiros leitores – Ginger Porter, Lisa Rutledge, Rebecca Holmes-Smart, Susie e Rick Culver, Mike e Debi Nichols, Jen Gursky, Joan Gursky, Debbie e Carroll Marriott, Harold Hurry, Suzanne Adams, Millie Otwell, Carmen Terrell, Lyn Dickerson, Bonnie Thorne, Jane Wagner, Terry Beasley, Jan Fulton, Marsha Bigham, Steve Vandiver, Brenda Alcala, Jean Pray, Sandra Dixon, Sara Dixon, Cindy Lewis, John e Susan Clark, Heather Fuller-Jones, Mary Sue Rix, George Rix, Laquitta Doak, Amy Gardner, Cathy Michael, Judy Kelln, Laura Smith, Chandler Shaw, Joleen Walsh, Nancy Sales, Nick e Becky Nichols, Paul e Rose Ferris, Lindsey Moss, Lisa French, Melissa Burns, Marty Farris, Melinda Conway, Michelle Sherrod, Linda Claytor e Fred Blalock.

Um agradecimento especial ao Doutor Darrell Bledsoe, que conhece todo mundo a leste e a oeste do Mississippi.

Meu amor e meu obrigado à minha família. Não há espaço para colocar os nomes de todo mundo aqui, mas vocês sabem quem são.

Meus pais, Davis e Mary, que me encorajaram a seguir livremente qualquer carreira. Minha mãe não só instilou a alegria da ficção na minha alma como alimentou a minha imaginação com centenas de ótimos livros.

Nossa filha, Lana, por aguentar um pai que trabalhava em casa e que sempre tinha que escrever, e então se esforçava ao máximo para fazer o melhor rabo de cavalo possível.

E, finalmente, à minha esposa maravilhosa, Dinah, que me deu o maior presente: a liberdade para vencer ou falhar. Sem o seu encorajamento infinito, a força da sua fé, seu amor incondicional e nossas orações diárias, este livro jamais teria acontecido.

E, acima de tudo, sou grato a Deus, o Autor de todos nós!



(Nota do Autor)

O Álbum é inspirado na vida do meus tios-avós. Na venda do patrimônio deles, descobri uma coleção de cartões-postais antigos quando literalmente tirei os álbuns do lixo (as pessoas achavam que se tratava de fotos de familiares que ninguém conhecia). Parecia que minha tia-avó havia recebido um postal com um poema inédito de amor toda sexta-feira por sessenta anos, e a coleção tinha sido mantida em segredo. Eu sabia que tinha descoberto uma história de amor potencialmente poderosa, mas não havia nenhum tipo de conflito, nenhuma narrativa intrigante por trás deles. Então, guardei os álbuns em uma prateleira no meu escritório e esperei pelo apelo da musa das histórias de amor enquanto escrevia outras coisas. Cerca de cinco anos depois, recebi uma ligação de um amigo cuja esposa tinha ido embora sem aviso nenhum. Ele disse: “Não acredito mais no amor”. Eu me lembro de olhar para aquela prateleira com os álbuns e pensar: “Ali estão sessenta anos de amor. Amor no casamento”. E, de repente, eu tinha encontrado a minha história.

Apesar de os poemas do meu tio-avô serem cheios de significado, eles não tinham o estilo que eu queria para o livro. Então, escrevi meus próprios poemas, adaptando alguns que já tinha escrito. O poema no prólogo, “Duas conchinhas”, eu escrevi para a minha esposa, Dinah, logo depois do nosso primeiro encontro, em Galveston. E o poema no começo do capítulo 13, “A manhã do nosso amor”, na verdade foi uma música que compus para a cerimônia do nosso casamento.

“Então, depois”, você pode me perguntar, “vocês tiveram uma lua de mel com balanço na varanda?”. Hummm. Só Dinah pode responder.